



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

HENRY JAMES

Pelos olhos de Maisie

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



PELOS OLHOS DE MAISIE

HENRY JAMES nasceu em 1843 em Washington Place, Nova York, descendente de ancestrais escoceses e irlandeses. Seu pai era um eminente teólogo e filósofo, e seu irmão mais velho, William, também se tornou famoso como filósofo. James estudou em escolas em Nova York e, mais tarde, em Londres, Paris e Genebra; em 1862, cursou a faculdade de direito de Harvard por um curto período. Em 1865 começou a publicar resenhas e contos em periódicos norte-americanos. Já adulto, fez duas viagens à Europa, e em 1875 mudou-se para Paris, onde conheceu Flaubert, Turguêniev e outras figuras do mundo literário. Um ano depois, porém, mudou-se para Londres, onde foi tamanho seu sucesso na sociedade que confessou ter aceitado 107 convites apenas no inverno de 1878-9. Em 1898 mudou-se de Londres e foi morar na Lamb House, em Rye, Sussex. Henry James naturalizou-se britânico em 1915, e foi agraciado com a Ordem do Mérito em 1916, pouco antes de morrer, em fevereiro do mesmo ano.

Além de inúmeros contos, peças teatrais, livros de crítica literária, textos biográficos e autobiográficos e muitos escritos de viagens, James escreveu cerca de vinte romances, dos quais o primeiro, *Watch and ward*, foi lançado como folhetim na *Atlantic Monthly* em 1871. Sua novela *Daisy Miller* (1878) tornou-o um escritor conhecido em ambas as margens do Atlântico. Entre outros romances, publicou *Roderick Hudson* (1875), *The American* (1877), *The Europeans* (1878), *Washington Square* (1880), *The portrait of a lady* (1881), *The Bostonians* (1886), *The Princess Casamassima* (1886), *The tragic muse* (1890), *The spoils of Poynton* (1897), *What Maisie knew* [Pelos olhos de Maisie] (1897), *The awkward age* (1899), *The wings of the dove* (1902), *The ambassadors* (1903) e *The golden bowl* (1904).

CHRISTOPHER RICKS é professor de humanidades e codiretor do Editorial Institute da Boston University. Anteriormente, foi professor de inglês nas universidades de Bristol e Cambridge, e professor de poesia na University of Oxford (2004-9). Organizou edições da poesia de Tennyson (1989), da poesia juvenil inédita de T. S. Eliot (1996) e *The Oxford book of English verse* (1999). É autor de *Milton's grand style* (1963), *Keats and embarrassment* (1974), *T. S. Eliot and prejudice* (1988), *Allusion to the poets* (2002), *Dylan's visions of sin* (2004) e *True friendship: Geoffrey Hill, Anthony Hecht, and Robert Lowell under the sign of Eliot and Pound* (2010).

PAULO HENRIQUES BRITTO nasceu no Rio de Janeiro em 1951. Poeta, contista, ensaísta, professor e um dos principais tradutores brasileiros da língua inglesa, formou-se em português

e inglês pela PUC-Rio. É professor de tradução, criação literária e literatura brasileira na PUC-Rio, onde também defendeu mestrado em língua portuguesa. Em 2002, recebeu o título de Notório Saber na mesma instituição.

Morou nos Estados Unidos em dois períodos, no começo dos anos 1960, ainda menino, e no começo dos anos 1970, quando estudou cinema em San Francisco. Como poeta, estreou em 1982, com *Liturgia da matéria*. Depois, vieram os volumes de poesia *Mínima lírica* (1989), *Trovar claro* (Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Fundação Biblioteca Nacional, 1997), *Macau* (Prêmio Portugal Telecom, 2004) e *Tarde* (2007). Publicou também os contos de *Paraísos artificiais* (2004) e *Eu quero é botar meu bloco na rua* (2009), sobre a música de Sérgio Sampaio.

Já traduziu cerca de cem livros, entre eles volumes de poesia de Byron, Elizabeth Bishop e Wallace Stevens, e romances de William Faulkner (*O som e a fúria*), Ian McEwan (*Reparação*), Philip Roth (*O animal agonizante*), V. S. Naipaul (*Uma casa para o Sr. Biswas*), Thomas Pynchon (*O arco-íris da gravidade*) e Don DeLillo (*Submundo*). Recebeu o Prêmio Paulo Rónai da Fundação Biblioteca Nacional (1995) pela tradução de *A mecânica das águas* (Companhia das Letras), de E. L. Doctorow. Também verteu para o inglês obras de autores brasileiros como Luiz Costa Lima e Flora Süssekind.

A tradução de *Pelos olhos de Maisie*, publicada em 1984, foi revista para esta edição. Para Britto, traduzir James é um desafio: é preciso reproduzir a sintaxe do original mantendo um grau equivalente de complexidade no português, atentando também para os valores poéticos do texto.

PHILIP HORNE é professor no University College de Londres. É autor de *Henry James and revision: The New York edition* (1990), editor de *Henry James: A life in letters* (1999) e coeditor de *Thorold Dickinson: A world of film* (2008). De Henry James, também editou *A London life and the reverberator* e *The tragic muse*, este último para a Penguin Classics, onde coordena toda a obra do autor.

HENRY JAMES

Pelos olhos de Maisie

Introdução e comentários

CHRISTOPHER RICKS

Tradução

PAULO HENRIQUES BRITTO



Sumário

[*Introdução*](#)

[PELOS OLHOS DE MAISIE](#)

[Cronologia](#)

[Cinco resenhas \(1897\) de *Pelos olhos de Maisie*](#)

[Henry James comenta *Pelos olhos de Maisie*](#)

[Prefácio à edição nova-iorquina, volume IX, 1908](#)

[Comentários](#)

Nota do editor: Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução.

Introdução

De todos os romances de Henry James, *Pelos olhos de Maisie* é talvez o que “lança raízes mais fundo no coração humano”. Esta expressão empolgada foi extraída de *Characters of Shakespear’s plays* (1817) de William Hazlitt, e ela se refere a *Rei Lear*, a tragédia dramática que, tal como o romance tragicômico de James, aborda sem meias palavras o egoísmo, o autoengano e a autodestruição atuantes numa família que, por outro lado, conta com a bondade de uma filha.

“O casamento tem muitas dores, porém o celibato não tem prazeres”: era o que afirmava Samuel Johnson, ou melhor, a princesa de seu romance-fábula *Rasselas* (1759). O divórcio tem muitas dores, porém tem um único prazer, o da vingança. A guarda da filha? A respeito dos pais de Maisie, ficamos sabendo que eles a queriam “não pelo bem que pudessem fazer a ela, mas pelo mal que, com a ajuda inconsciente dela, cada um poderia fazer ao outro”. Pais verdadeiros e posições haveriam de mudar a linha de ataque, mas não a sede doentia de vingança. “Continuaria sendo, em sua essência, um conflito, só que seu objetivo agora seria o de *não* ficar com ela”.

O *Tribune* de Chicago (22 de novembro de 1897) elogiou o romance, recém-lançado por uma editora de Chicago e Nova York, e concluiu: “O sr. James obteve um sucesso; e seu livro, editado por Herbert S. Stone & Co., é corretamente qualificado de ‘importante’. Enquanto houver pais que se divorciam, será sempre um problema determinar o que as Maisies devem saber”. É verdade. Nem tanto a manchete, mais tendenciosa, que o jornal deu à resenha: “Henry James analisa efeitos morais do divórcio”.

Pelos olhos de Maisie é um tipo especial de romance de família, o necrológio de uma família, pois boa parte do livro consiste em comunicações trocadas por mortos-vivos. Mas o que salva o livro, o que o salva de ser uma tragédia apenas — não meramente — é o fato

de que Maisie se salva. Ou, para ser mais prudente (já que ao final do livro a vida adulta da personagem é apenas uma perspectiva para o futuro), tem uma boa chance de salvar-se, de continuar a ser boa. Ela mesma é em grande parte responsável por sua própria salvação. No entanto, o mérito é também do que há de incorruptível em duas pessoas nada perfeitas que, no entanto, a respeitam: seu padrasto, sir Claude, e sua velha governanta, a sra. Wix. O que faz com que Maisie se livre das piores ameaças de corrupção, as quais pareciam praticamente fadadas a deixar nela danos irreversíveis, é seu amor à vida. Tudo indica (mas quem pode ter certeza quanto ao que a espera, ou ao que espera qualquer um de nós?) que ela sobreviverá aos efeitos de dois pais rancorosos, Beale e Ida, e dois pais substitutos desastrados, um dos quais, sir Claude, é simpático mas fraco, e a outra, a sra. Beale, é forte mas vazia.

Ezra Pound, ao comentar que “os artistas são as antenas da raça”, chegara a essa ideia num elogio a Henry James, que havia previsto e antecipado o Armagedão, trinta anos antes da Grande Guerra.¹ *Pelos olhos de Maisie* prevê os danos colaterais da grande guerra entre os sexos, o fracionamento crescente da família nuclear e a dissolução da família extensa. O agente de destruição não seria mais a morte no parto, e sim a morte no divórcio. Na primeira página do romance, ficamos conhecendo a decisão do tribunal a respeito do sr. Farange: “ele deveria reembolsar à ex-esposa as duas mil e seiscentas libras por ela entregues, cerca de três anos antes, para o sustento da criança”. *His late wife* [*] permanece bem viva e implacavelmente hostil. O casamento durava até que uma forma de morte os separasse. Quanto ao termo nada cavalheiresco *ex-wife* [“ex-esposa”], ele foi usado pela primeira vez na *Gentleman’s Magazine* em 1876, o primeiro registro da expressão que consta no *Oxford English dictionary*. No texto de James, no decorrer de umas poucas páginas passamos de “*his late wife*” para “*her ex-husband*” [“seu ex-marido”].

Como outras crianças, Maisie estava destinada a ter quatro pais, um destino que se revelaria tão terrível quanto o de não ter nenhum. A família monoparental tem lá seus problemas, mas a família quadriparental também tem os seus. Maisie é filha única, mas uma de

suas irmãs na ficção é Jane Eyre, uma menina irrefreável, cuja trajetória rumo à idade adulta não pode ser desviada nem detida por nada. Assim tem início o capítulo 13 do Eclesiástico: “Quem toca no pez ficará manchado”. Maisie não tem opção senão tocar no pez. Ela permanece, e permanece uma criança sem mácula. Até o final, é o que ela é. Na conclusão do livro, Maisie pode ter uma oportunidade de deixar para trás sua antiga vida de menina. Todo o mundo está à sua frente, para nele ela escolher um lugar de descanso, e a providência (encarnada na figura improvável da sra. Wix, que não é um agente do divino e sim apenas uma governanta humana, demasiado humana) é sua guia.

COMPOSIÇÃO E PUBLICAÇÃO

Em 12 de novembro de 1892, Henry James anotou em seus cadernos uma conversa numa situação social que mais uma vez despertou seu lado escritor:

— Dois dias atrás, num jantar na casa de James Bryce e sua esposa, a sra. Ashton, irmã da sra. Bryce, falou-me sobre uma situação de que ela ficara sabendo, a qual imediatamente me pareceu poder ser utilizada numa narrativa. Uma criança (tanto pode ser um menino quanto uma menina, porém eu vejo uma menina, o que tornaria a situação diferente de *The pupil*) foi *dividida* por seus pais como consequência do divórcio. O tribunal, por algum motivo, não deixou a criança, como poderia ter feito, exclusivamente com um dos dois, porém decidiu que ela deveria dividir seu tempo em partes iguais entre eles — ou seja, alternadamente. Pai e mãe contraíram segundas núpcias, e a criança ficava com cada um deles um mês, ou três meses — encontrando com o pai uma nova mãe, e com a mãe um novo pai.

A anotação, que se estende por vinte linhas, em seguida desenvolve a situação resultante.²

Nove meses depois (26 de agosto de 1893), James redigiu mais doze linhas a respeito “da ideia da historinha sobre o tema da criança dividida — dos pais divorciados — a respeito da qual já fiz uma anotação aqui”. Após um intervalo de quatro meses (22 de dezembro de 1893), a promessa artística levou-o a esboçar em meia dúzia de páginas o enredo, os personagens e o mistério; foi também incentivado por uma promessa comercial, pois a anotação começa com o nome de um editor: “Prometendo a H. Harland 10 000 [palavras] (*10 000 mesmo*) para a *Yellow Book* de abril”, isto em “8 ou 10 pequenos capítulos”. Foi quase três anos depois, em 22 de setembro de 1896, que anotou em seu caderno umas poucas linhas (“consegui desenvolver minha historinha sobre ‘Maisie’ a tal ponto que de agora em diante devo poder seguir em frente com ela de modo bem direto”), e no mês seguinte, em 26 de outubro, observou com entusiasmo e sobriedade que “um roteiro bem detalhado do resto é indispensável para que seja possível avançar de modo direto e confiante até o fim”. Conforme o previsto, o roteiro foi imediatamente concluído: com seis ou oito páginas de extensão, é um documento extraordinário e uma demonstração fascinante do poder criativo de James. Dois meses depois, em 21 de dezembro de 1896, apossou-se de uma verdade: “Dou-me conta — e já não era sem tempo — de que o método *cênico* é minha salvação absoluta, imperativa, *única*”. Somente recorrendo a este método ele haveria de “conseguir sair desta selva, desta interminável pequena *Maisie*; da qual ainda me falta fazer *mais 10 000 palavras*”.

O livro agora lhe parecia interminável. James trabalhava incansavelmente. As 10 mil palavras estimadas haviam se transformado em 90 mil. Mas suas estimativas quanto ao número de palavras que haveria de despejar, ou que se despejariam, ficavam sempre muito aquém da realidade.^{>3}

Pelos olhos de Maisie foi publicado pela primeira vez em 1897 nos Estados Unidos e na Inglaterra, primeiro em forma de folhetim e depois como livro, editado pela William Heinemann (Londres) e pela Herbert Stone & Co. (Chicago e Nova York) em setembro e outubro.

CRIANÇAS EM ROMANCES

Foi uma conversa num jantar que deu origem a *Pelos olhos de Maisie*, mas James reconhecera há muito tempo que tinha um dever e uma responsabilidade. Como resenhista, ele repetidamente escrevera sobre um erro grosseiro dos romances de sua época, quando se tratava de situar crianças no mundo de suas convicções artificiais. O grande romance de James sobre a degradação é uma crítica criativa de todos esses romances que, com sua santimônia ilusória, constituíam, no seu entender, uma tremenda imoralidade. Neste sentido, James (como nós) lhes deve muito, muitíssimo mais do que eles merecem.

Na *North American Review*, em outubro de 1865, James havia feito a seguinte avaliação do romance *The Gayworthys*, de Adeline Dutton Whitney:

Seu defeito radical é degradar o sentimento por tornar as crianças responsável por ele. Esta prática está se tornando uma verdadeira praga em nossos romances. Pouco importa onde ela teve início, ou que autoridade se arroga: a nosso ver, ela é tão fatal para a dignidade do sentimento sério e para a grandeza das paixões fortes quanto as mais flagrantes imoralidades da ficção francesa. Que os céus nos protejam da puerilidade!⁴

Os termos são precisamente os mesmos que reapareceriam nas resenhas hostis recebidas por *Pelos olhos de Maisie* em 1897, resenhas a que o autor, uma década depois, resolveu responder em seu prefácio de 1908.⁵

A ojeriza que James sentia pela puerilidade transparece em outros de seus ensaios-resenhas.⁶ O dedicado a *Winifred Bertram and the world she lived in* de Elizabeth Rundle Charles⁷ afirma que a pequena heroína do livro é “boa demais para ser verdadeira”. “Esta competência no que diz respeito às diversas responsabilidades e dificuldades de sua posição, sobre as quais a autora se debruça tão amorosamente, é para nós um espetáculo de todo desagradável”, e mais: “Não podemos conceber nada mais pernicioso para uma criança

do que uma consciência prematura da seriedade da vida.” Foi na criação passional de *Pelos olhos de Maisie*, trinta anos depois, que James soube utilizar positivamente, e com base numa apreensão diferente, sua insistência, expressa nessa resenha rigorosa, no fato de que “as crianças só se tornam positivamente boas à medida que se tornam sábias, e tornam-se sábias apenas à medida que crescem e deixam a infância para trás”. O final de *Pelos olhos de Maisie*, James diria numa carta, era “a badalada que marcou a hora do fim daquela infância”. E o que fora para ele o “espetáculo de todo desagradável” de uma criança sábia demais viria a ser, para o crítico que resenhou seu livro, “o espetáculo nada edificante” de “o que Maisie sabia”.^[**] É a consciência do desperdício que leva James, em 1884, a condenar o romance *Chérie* de Edmond de Goncourt, “que no meu entender fracassa fragorosamente em sua tentativa — a saber, de levantar o desenvolvimento da consciência moral de uma criança”.⁸

Assim, em 1865 James lamentava uma degradação moral que lhe parecia tão fatal quanto as mais flagrantes imoralidades da ficção francesa. Que o céu nos proteja! Os críticos que atacaram *Pelos olhos de Maisie* utilizaram os mesmos termos: “No que ele afirma, e mais ainda no que dá a entender, o livro se situaria, não fosse fundamentalmente maçante ao extremo, no nível das piores escolas da ficção francesa”.⁹ Ele apresenta um “espetáculo nada edificante”, ao “retratar de modo detalhado meia dúzia de almas as mais repugnantes e esquálidas [...] que já tivemos a infelicidade de encontrar em toda a ficção moderna”.¹⁰ O veredicto e a sentença negam a existência de qualquer circunstância atenuante. “O autor não manifesta a menor piedade ou desânimo diante do espetáculo dessa criança, que tem a corrente pura de sua vida envenenada na fonte”, e “os leitores dessa história — espera-se que venham a ser poucos — provavelmente jamais compreenderão com certeza o que os personagens envolvidos disseram, fizeram ou pretenderam. O que é até bom, pois o pouco que é possível entender repugna igualmente ao bom gosto e ao sentimento, à lei e ao evangelho.”¹¹ Por outro lado, com palavras que parecem

reconhecer que as resenhas hostis captaram a coisa certa pelo ângulo errado, uma crítica favorável afirma que o esquálido e o repugnante são ativos e vivos no livro, insistindo ao mesmo tempo que *Pelos olhos de Maisie* representa a derrota desses horrores, e que a corrente pura da vida de Maisie *não* é envenenada. Apesar de todos os pesares.

Li este livro atônito e deliciado: atônito diante de sua suprema delicadeza; deliciado ao constatar que o autor, apesar do pouco estímulo que lhe deve advir da falta de aclamação popular, preserva um compromisso inflexível com uma consciência literária que o impede de produzir uma única frase desleixada, ou omitir uma única palavra de seu devido lugar.¹²

Reconhecendo como nada menos que o propósito de *Pelos olhos de Maisie* (e não o admitindo em tom de concessão) “todo o drama sórdido das emoções mesquinhas — ciúme, rancor, malícia e vacilação”, o resenhista concorda quanto ao campo de batalha, porém insiste que a vitória é de James: “Com certeza, não há nenhum escritor vivo que tenha realizado o feito que o sr. James realiza aqui, analisando e purificando as paixões mais vis de nossa natureza ao fazê-las passar pela mente pura de uma criancinha”.

O que James considera vil é santimônia vazia que se faz passar por pureza e depois a vende barato. *Pelos olhos de Maisie* é uma versão inteligente de *What Katy did* [“O que Katy fez”]. Em 1872, Susan M. Coolidge deu ao mundo este título memorável; concluiu a exposição introdutória das duas primeiras páginas com a frase “Eis aqui — a história d’O que Katy fez”; e as palavras finais do livro eram “que Katy o fez”. O parágrafo consistia em doze palavras:

Porém, embora ela dissesse que não merecera aquilo, creio que Katy o fez.

A página de abertura do livro de James, muito mais do que uma resposta a *What Katy did*, apresenta o título, seguido de imediato por

algumas palavras que constituem uma maneira espirituosa de *iniciar* um empreendimento:

PELOS OLHOS DE MAISIE

O litígio parecera interminável, e fora de fato complicado;

E como termina o livro? Com um parágrafo de dezesseis palavras:

A sra. Wix olhou-a de esguelha. Ainda conseguia se surpreender com o que Maisie sabia.

Podemos voltar à última anotação do caderno de James e “esta interminável pequena *Maisie*”.

What Katy did devia tudo a seu sentimentalismo santimonial. Katy é uma menina que confessa suas más ações, o que permite à romancista tranquilizar os pais (e as crianças menos obedientes): “Há um mérito compensador na verdade, o qual ajuda as pessoas que dizem a verdade em seus piores apuros, o que Katy constatou agora” (Capítulo 3). Maisie, porém, não constata nada parecido; ela sabe que, sendo o mundo como é, as coisas não são tão simples assim. A verdade não salva necessariamente, em particular quando ela tem a imprudência de optar por mostrar-se nua e crua.

Katy é punida pela mão de Deus, que não lhe dá um empurrão no balanço.

Ao passar pelo galpão, seu olhar foi atraído pelo novo balanço.

“É bem da tia Izzie”, ela pensou, “proibir as crianças de usar o balanço enquanto ela não lhes der permissão. Creio que ela acha que está quente demais, ou coisa parecida. Mas *eu* é que não vou ligar para ela.” (Capítulo 8)

O balanço cai, Katy sofre uma lesão séria na coluna, e toda a segunda metade do livro diz respeito à sua dor — explorada como A Escola Da Dor — e seu esforço prolongado e lento no sentido de voltar a andar.

“Minhas pernas estão muito esquisitas”, ela disse certa manhã, “estão iguaizinhas às pernas do príncipe que se transformaram em mármore negro nas Mil e uma noites. O que o senhor acha que é, papai? Será que elas vão ficar boas em breve?”

“Não vai ser em breve”, respondeu o dr. Carr. Em seguida, disse a si próprio: “Pobre criança! É melhor que ela saiba a verdade”. Assim, prosseguiu, em voz alta: “Infelizmente, minha querida, você precisa aceitar que vai ter de ficar acamada por um bom tempo”.

“Ah, papai!”, exclamou Katy, entre soluços, “o senhor não acha terrível que ficar no balanço uns poucos minutos possa fazer tanto mal? Uma coisa tão pequena!”

“Sim, uma coisa tão pequena!”, repetiu o dr. Carr, com tristeza. “E também foi uma coisa muito pequena esquecer-se da ordem da tia Izzie a respeito do balanço. Apenas por falta do ‘prego da ferradura’ da obediência, Katy.” (Capítulo 9)¹³

Essa atitude moralizante, e o que ela tem de imoral, seria o bastante para transformar qualquer criança dotada de amor próprio num psicopata. Para Susan M. Coolidge, ela proporcionou-lhe um grande sucesso. Isso confirmou a convicção de James de que um grande romance ainda estava por ser escrito.

A ARTE DO ROMANCE

A sra. Wix encontrava segurança em romances de um certo tipo.

Refugiava-se no terreno mais sólido da ficção, por onde de fato serpenteava o rio azul da verdade. Conhecia histórias aos montes, principalmente as dos romances que lera, e contava-as com uma memória que jamais vacilava, e com uma riqueza de detalhes que deliciava Maisie. Todas elas versavam sobre amor, beleza, condessas e perversidades.

Por outro lado, *Pelos olhos de Maisie* não tem outros temas que não amor e beleza, condessas e perversidades. Sua arte reside no fato de que as coisas são realizadas em palavras que nada fingem. Não se trata tanto de “palavras complexas”, de modo geral, para utilizar a expressão de William Empson em *The structure of complex words* (1951), e sim de uma apreensão de complexidades específicas que dizem respeito à vulnerabilidade. Pois a verdade não é necessariamente, ou exclusivamente, um rio azul. Pode ser também um esgoto. “Muita água debaixo da ponte, e muitas outras coisas também”, como canta Bob Dylan.

Temos a vulnerabilidade da *inocência*, palavra cuja repetição ao longo do romance seria enlouquecedora se James não nos ajudasse a conservar a sanidade — e a ver como Maisie preserva sua sanidade — com a ajuda do mundo. O segundo parágrafo do livro reconhece que “nem o pai nem a mãe pareciam em absoluto um bom exemplo para uma criança inocente”; todo o livro diz respeito a esses quatro substantivos. Temos não apenas o conflito entre inocência e experiência (uma antítese óbvia e indispensável), mas também a visão de James de que *innocence* [“inocência”] é a palavra claramente positiva do idioma que contém um prefixo de negação. “*Not nocent yet*” [“Ainda não nociva”], escreve Milton a respeito da serpente antes de ser possuída por Satanás. Inocente, não nocivo.

Temos os paradoxos por meio dos quais a inocência torna-se algo que é necessário se esforçar para ter, paradoxos que se tornam palpáveis na discreta palavra “tentou”, quando Maisie se dá conta do que *ela* está lhe pedindo:

“O que você sabe sobre lorde Eric?”

Maisie tentou, inocentemente, intrigá-lo também. “Ah, mais do que o senhor pensa! É lorde Eric?”, repetiu ela.

O destino de Maisie é complexo, uma inocência “tão saturada de conhecimentos e tão voltada para a diplomacia”, sendo que a inocência desta criança permanece surpreendentemente imune ao conhecimento e à diplomacia. T. S. Eliot fez um comentário famoso

sobre o criador de Maisie: “Ele possuía uma mente tão magnífica que nenhuma ideia podia violá-la”.¹⁴ A respeito de Maisie, pode-se dizer que sua índole era tão magnífica que nenhum conhecimento podia violá-la.

Temos a vulnerabilidade de uma criança em relação ao tempo. “‘Ela o ama — o adora. Eu que sou mulher o percebo.’ A sra. Wix falava como se Maisie não apenas ainda não fosse mulher, mas também jamais viesse a sê-lo” . E mais a vulnerabilidade da própria armadura de Maisie, o disfarce, “o efeito que praticava, o efeito de vacuidade inofensiva”, através do qual Maisie, para proteger a si própria (ela tem um *eu* que merece ser protegido), se faz passar por obtusa, embora não seja nem ingênua nem sonsa. Georg Cristoph Lichtenberg observou: “Muitas pessoas manifestam o dom de fingir serem estúpidas antes de serem sábias; as meninas muitas vezes possuem esse dom”.¹⁵

Temos a vulnerabilidade do *pequeno*, que com tanta facilidade desperta a condescendência, ou o sentimentalismo, ou a esperteza. James recorre ao termo um número incontável de vezes, porém sem jamais baixar a guarda, e exhibe uma destreza magnífica ao estabelecer diferentes tipos de cordão sanitário em torno da palavra quando ela corre o risco de se tornar excessivamente sedutora.

Temos a vulnerabilidade da condição de *cavalheiro*. Sir Claude é chamado, vez após vez, de “um cavalheiro perfeito” ou “o cavalheiro perfeito”. “Que diabo, a gente tem que ser cavalheiro, minha cara senhora Wix”. No entanto, é uma privação, ainda que não pareça sê-lo, estar-se na condição de não precisar *trabalhar*. A sra. Wix e suas subordinadas são as únicas pessoas no livro que são obrigadas a trabalhar (a srta. Overmore escapa de seu trabalho de governanta quando se casa com o patrão e passa a ser a sra. Beale), e a agradável vida de sir Claude é um constante borboleteio como resultado direto de ele não ter nada para fazer. Há o salário do pecado, e há também os trocados da indolência. Além disso, não apenas ser uma pessoa “independente” não quer dizer necessariamente que se seja independente sob todos os aspectos (pois no mais das vezes quem tem uma *renda independente* quase sempre a recebe de outra pessoa),

como também a renda de sir Claude é insuficiente para lhe garantir a independência. É bem verdade que ele não se vende como o fazem Beale Farange, Ida e a sra. Beale, cada um à sua maneira, formas mais elevadas de prostituição; porém ele está sempre a perigo, tanto no sentido financeiro quanto no físico. Carlyle, o defensor da ética do trabalho, afirma, com uma gravidade convincente: “A insensatez daquele preceito impossível, ‘Conhece-te a ti próprio’, enquanto ele não for traduzido para este outro, possível em parte: ‘Descobre em que podes trabalhar’”.¹⁶ Maisie ainda não está em idade de trabalhar, e de qualquer modo já lhe dá muito trabalho permanecer intacta. Todos os outros personagens (com exceção da sra. Wix?) são impedidos de se conhecer por não saberem em que podem trabalhar.

Em vez de trabalhar, eles se valem do encantamento. “Sem dúvida, sua mãe tinha um encanto que, quando se fazia sentir, tornava-se uma grande explicação”. E no entanto Henry James é cavalheiro o suficiente para deliciar-se com um dos grandes momentos de Ida, quando de repente ela volta a enternecer-se por sir Claude: “‘Não seja pateta’, disse ela, encantadora. ‘Deixe-nos a sós’”.

Temos também a vulnerabilidade do conceito cognato, *decência*, o qual às vezes, por fraqueza, se expõe às agressões da indecência, e às vezes se satisfaz com o que James identifica como a “concepção de ‘decência’” de sir Claude, contrapondo-a ao heroísmo e à aspiração.¹⁷ Temos a vulnerabilidade do medo, que Maisie identifica em sua visão de sir Claude.

O que inspiraria medo a um homem como aquele com tanta frequência? Decerto foi nesse momento que Maisie começou a entender que só poderia haver uma coisa capaz de inspirar tanto medo a um tal homem: ele devia estar com medo de si próprio. Fosse como fosse, o medo estava presente; seu medo era doce e belo para ela, era carinhoso com ela, ia tomar café e comer pãezinhos com ela, e conversava e ria com ela, sem conversar nem rir de verdade; seu medo manifestava-se na voz irônica, procrastinadora, pervertedora [...]

e esta frase severamente amorosa se estende, implacável, por mais meia dúzia de linhas, terminando com “a sra. Beale surgiu de súbito a sua frente”. “Quando, por fim, começaram a afastar-se, foi como se o medo dele, o medo de sua própria fraqueza, se apoiasse pesadamente nela enquanto seguiam ao longo do cais”. O medo perfeito expulsa o amor. Pois temos também a vulnerabilidade do amor, *passim*.

Todo leitor sabe que o significado de *saber* é matéria de incessantes especulações responsáveis em *Pelos olhos de Maisie*. Praticamente toda a panóplia de acepções de *know* que constam no *Oxford English dictionary* pede para ser levada em consideração, e examiná-los um por um é um jogo a que vale a pena se dedicar. Menos óbvia é a presença de uma palavrinha discreta como *charge*. [***] James começa com a repetição carinhosa da caracterização de Maisie como “*her little charge*” [“sua [dela] pequena tutelada”], “*his little charge*” [“sua [dele] pequena tutelada”], “*his little accepted charge*” [“sua [dele] pequena tutelada aceita”] (ah), “*his intelligent little charge*” [“sua [dele] inteligente pequena tutelada”] (ah, mais uma vez), “*a little charge*” [“uma pequena tutelada”]. Este é o tema, em torno do qual as variações exploram uma dezena de acepções da palavra: carga material; aquilo que pode ser portado, levado ou recebido; passando pelas possibilidades exclusivas da pólvora e do tiro (muitas das explosões do livro envolvem *her little charge*); a acumulação de eletricidade; o acúmulo de problemas, gastos, responsabilidades, culpas etc.; o ônus financeiro, gastos, custos; ou a condição de arcar com responsabilidades, com as tarefas ou deveres impostos; e o dever ou responsabilidade de cuidar (de uma pessoa ou coisa); guarda, custódia, supervisão. E, atuando em todos esses sentidos, as acusações dirigidas a todos: de negligenciar a injunção, mandado ou ordem, de tal modo que, de várias maneiras, todos se expõem a uma acusação [*charge*], um indiciamento, que coloca todos no banco dos réus.

O que não sabemos neste livro não é menos intrigante do que aquilo que sabemos. Isso talvez seja uma questão de contexto amplo e crucial. Com relação à posição legal precisa (guarda de menor etc.), o leitor fica tão perdido e perplexo quanto os personagens do livro que regularmente dizem coisas como “A lei está do nosso lado” sem

realmente saber qual é a lei: “por obra de uma regra natural ou — que sabia ela? — legal”. Temos também aquelas palavras-chave que constituem um outro tipo de palavra: um nome. A primeira frase do livro fala em “guarda da criança”, e a última frase desse prólogo começa assim: “O futuro da menina estava garantido...”. A criança ou menina em particular só recebe nome no segundo parágrafo do livro, onde ele aparece num contexto inquietante: “a de enviar Maisie para um orfanato”. Temos muitas brincadeiras não apenas com o nome de Maisie, e com as maneiras como as pessoas resolvem chamá-la, mas também com outros nomes que nunca nos são apresentados. Ficamos sem saber qual o sobrenome de “sir Claude”.

“Ela lhe manda todo o seu amor e comunica que vai se casar com sir Claude.”

“Sir Claude?”, repetiu Maisie, curiosa.

Maisie está curiosa para saber quem é esta pessoa; e nós ficamos até o fim sem saber seu sobrenome. Assim, quando Ida o desposa, ela passa a ser simplesmente “milady”, para que não fiquemos sabendo mais nada. (É como se sir Claude não fosse outra coisa senão seu título de cavaleiro.) E, complementando este jogo suspeito, jamais ficamos sabendo qual é o primeiro nome da sra. Beale. Ao contrário da sra. Wix, a sra. Beale ostenta o nome de batismo de seu marido (mesmo quando o casamento já está em pandarecos). No tempo em que se chamava srta. Overmore, só a conhecíamos por esse nome. “E a diferença começava, é claro, pelo fato de que dali em diante todos, inclusive Maisie, passariam a chamá-la, atendendo a seu pedido expresso, de sra. Beale”. Se não sabemos o primeiro nome de Moddle, é porque estamos no andar de cima e ela no de baixo. O fato de não sabermos o nome do capitão nem o da condessa terá implicações bem diferentes. Tudo isso num livro que joga tanto com os nomes, que os evoca e os chama com tanta frequência. O nome supremo é Maisie.

Susan M. Coolidge deu-se bem ao passar imediatamente de *What Katy did* (1872) para *What Katy did at school* [“O que Katy fez na escola”] (1873). Maisie, porém, jamais foi à escola, embora de vez em

quando penetremos a melancólica sala de estudos de sua casa. (*Sua casa?* O segundo parágrafo do livro havia cogitado a hipótese “de enviar Maisie para um orfanato”.) O que Coolidge fez em seguida foi *What Katy did next* [“O que Katy fez em seguida”] (1885). No entanto, o autor de *Pelos olhos de Maisie* [tradução literal: “O que Maisie sabia”] (1897) tinha consciência de que não sabia — de que não estava em posição de poder nos dizer — *What Maisie knew next* [“O que Maisie soube em seguida”]. Um ano após a publicação do livro, escreveu para uma leitora interessada a carta abaixo, datilografada — circunstância essa que lhe motivou um pedido de desculpas:

Cara sra. Bancroft:

Perdoe-me este modo brutal de exprimir reconhecimento por um interesse manifestado de modo tão mais pessoal. Porém é meu destino inexorável, atualmente, ser obrigado a ditar praticamente tudo; pois toda vez que volto a usar minha própria mão, o que aliás detesto, pago um preço alto, sofro uma recaída e tenho de voltar a usar a Remington. Diante de sua letra, desperta-me a lembrança das tardes de outono e da pequena esquina aconchegante perto de Piccadilly. Se a senhora ainda estivesse nessa esquina aconchegante e eu do outro lado da lareira, quiçá me seria possível fazê-la acreditar um pouco que é grande minha ignorância quanto àquilo que Maisie “se tornou”. Creio já ter dito tudo o que posso dizer — pelo que fui pago! Mande-me mais cinco dólares. Falando sério, este caso a meu ver ilustra a diferença nítida entre aquilo que tradicionalmente se chamava uma “história” e aquilo que ostenta as características distintivas do que *eu* denomino um Tema. A história, no sentido tradicional, não é, eu diria, contada — contada até o final, bem entendido — no livro. Mas o que é o fim — *onde* fica o fim, nesse tipo de coisa, é algo que sinto jamais saber: o lugar, o ponto, o limite, me parecem tão arbitrários! Por outro lado, quanto ao Tema da pobre menininha, de algum modo — não é verdade? — *isso* está resolvido. Sem dúvida, haveria um outro Tema depois — mas minha mente, por ora, recusa-se a

enfrentá-lo; pelo motivo, no final das contas, creio eu, de que há de ser algo essencialmente menos interessante. A situação sem dúvida não ficou onde eu a deixei — os edificantes padraço e madraça provavelmente não conseguiram fazer nada de muito bom juntos por muito tempo. Sir Claude e a criança solitária esbarraram um no outro mais uma vez — e só Deus sabe o que *pode* ter acontecido. Mas, seja lá o que for, o melhor da coisa, para a Arte — perdoe-me a expressão vulgar —, já havia terminado. O melhor da coisa era, em outras palavras, o *pior* — certamente terá sido, ainda que sem dúvida curioso e estranho, menos interessante depois. O tema era a infância da menina — era esse fato que constituía toda a nota da situação; e meu clímax, a que chegamos, foi assinalado *por*, e consistia *em*, a badalada que marcou a hora do fim daquela infância. Voilà. Temo não lhe ter dito muito — mas tudo isso foi graças ao interesse manifestado na sua indagação.¹⁸

Nessa sua circunspecção imaginativa quanto ao que o futuro de Maisie guardava para ela, e ao que ela aguardava para seu futuro, o romancista Henry James se irmana com um grande exemplar, francês ainda por cima. (“As mais flagrantes imoralidades da ficção francesa”, James; “as piores escolas da ficção francesa”, um de seus resenhistas.) Voilà. O resenhista de *Pelos olhos de Maisie* da *Pall Mall Gazette* (11 de outubro de 1897) afirmou que James “havia selecionado uma estranha mistura de intriga sórdida, em que alguns personagens vívidos e curiosos executam as momices daquela comédia humana sobre a qual o sr. James se debruça com tanto amor quanto seu grande contemporâneo”. Em relação a Honoré de Balzac, autor de *La comédie humaine*, James escreveria em 1905: “Não é possível, de qualquer modo, escapar dele; ele está atrás de nós, na pior das hipóteses, quando não a nossa frente; e tenho a impressão de que, qualquer que seja o nosso percurso nesta terra que exploramos, sempre é bom mantê-lo à vista, por entre as árvores da floresta”.¹⁹ Para Balzac, talvez não fosse apenas o futuro de seus personagens que lhe era negado, mas também seu passado. James Fitzjames Stephen

(um contemporâneo de James, que aliás escrevia para a *Pall Mall Gazette*) gostava deste fato a respeito de Balzac: “Um dos personagens de *Ursule Mirouët*, um certo capitão de Jordy, despertou a curiosidade dos amigos de Balzac. M. de Jordy é apresentado como alguém que mora em Nemours e vive sob o ônus de algum sofrimento secreto, e madame Surville estava ansiosa para saber a causa desse sofrimento. ‘Eu não conhecia M. de Jordy antes de ele se mudar para Nemours’, foi a resposta que seu irmão lhe deu”.²⁰ Henry James não conhecia mais Maisie Farange depois que ela voltou de Boulogne.

[*] Literalmente, “sua recente esposa”, mas late nesse contexto costuma ser mais utilizado no sentido de “falecido”. (N. T.)

[**] “O que Maisie sabia” é a tradução literal do título original de *Pelos olhos de Maisie*. (N. T.)

[***] “Pessoa ou coisa entregue aos cuidados de alguém; pupilo; tutelado” (*Dicionário inglês-português* de Antônio Houaiss). Na presente tradução, esta palavra, por não ter correspondente exata em português, nem sempre foi traduzida de modo coerente. Além disso, como fica claro no que se segue, o termo tem outras acepções, muito diferentes. (N. T.)

Pelos olhos de Maisie

O litígio parecera interminável, e fora de fato complicado; mas com o recurso, a decisão da vara de família quanto à guarda da criança foi confirmada. O pai, o qual, embora respingado de lama da cabeça aos pés, havia conseguido se impor, conquistou, em consequência dessa vitória, o direito de ficar com ela: não que o caráter da mãe tivesse sido atingido de modo mais absoluto, mas o brilho de uma tez feminina (e a desta senhora em particular foi, durante o julgamento, alvo de todas as atenções) talvez tivesse o efeito de tornar as nódoas mais visíveis. Porém a sentença final continha uma cláusula que a tornava menos agradável para Beale Farange: ele deveria reembolsar à ex-esposa as duas mil e seiscentas libras por ela entregues, cerca de três anos antes, para o sustento da criança, tendo ficado expressamente estabelecido que o sr. Farange não poderia usufruir da referida quantia, a qual seria administrada por ele, e da qual o sr. Farange não conseguiu em absoluto prestar contas. Essa obrigação imposta a seu adversário foi um bálsamo considerável para o ressentimento de Ida; atenuou em parte o amargor da derrota e levou o sr. Farange a baixar a crista visivelmente. Ele não tinha como devolver a quantia nem dispunha de meios para levantá-la; assim, após uma altercação quase tão pública e tão indecorosa quanto a batalha original, a única saída por ele encontrada foi uma solução conciliatória proposta por seus advogados e por fim aceita pelos dela.

Nos termos do acordo, a dívida do sr. Farange foi perdoada e a questão da guarda da menina recebeu uma solução digna de Salomão. A criança foi dividida em duas, e as porções foram entregues aos querelantes de modo imparcial. Cada um ficaria com a filha, alternadamente, por períodos de seis meses; assim, ela passaria metade do ano com o pai, metade com a mãe. Uma solução questionável aos olhos que ainda ardiam da luz feroz projetada pelo tribunal — uma

luz à qual nem o pai nem a mãe pareciam em absoluto um bom exemplo para uma criança inocente. Com base nos testemunhos prestados, era de se esperar que fosse nomeada, *in loco parentis*, alguma terceira pessoa, algum amigo respeitável, ou ao menos apresentável. Ao que parecia, porém, não fora possível encontrar tal prodígio no círculo em que transitavam os Farange; assim, a única solução capaz de contornar todas as dificuldades, que não a de enviar Maisie para um orfanato, foi dividir a guarda tal como expliquei acima. Havia mais motivos para que os pais concordassem com essa solução do que jamais houvera para que concordassem com qualquer outra coisa; e agora preparavam-se para desfrutar, com a ajuda da criança, a distinção da vulgaridade devidamente atestada. A separação fora ruidosa, e tendo eles sido de uma insignificância absoluta quando juntos, separados haveriam de ser notáveis. Pois não haviam causado tamanha impressão que alguns chegaram a publicar nos jornais apelos em prol da pobrezinha — ditados, em meio a um público vociferante, pela ideia de que se deveria dar início a uma campanha, ou que alguma boa alma deveria oferecer-se? De fato, uma senhora bondosa chegou a manifestar-se: parenta distante da sra. Farange, propôs que, tendo em casa filhos e todas as instalações necessárias, lhe fosse entregue o pomo da discórdia, para que, inserindo-o em seu sistema doméstico, ela aliviasse ao menos um dos pais. Nesse caso, para Maisie, a mudança, após seus seis meses com Beale, seria bem maior.

“Maior?”, exclamou Ida. “Já não será uma mudança e tanto ela vir das mãos daquele brutamontes para as da pessoa que mais o odeia no mundo?”

“Não, porque você o detesta tanto que há de viver falando dele para ela. E de tanto xingá-lo, ele estará sempre presente para a menina.”

Os olhos da sra. Farange arregalaram-se. “Então devo deixar que ele diga o diabo de mim sem fazer *nada*?”

A boa senhora, por um momento, não deu resposta: seu silêncio constituía um juízo severo de todo o ponto de vista de sua interlocutora. “Pobre criatura!”, exclamou por fim; e estas palavras foram um epitáfio para o túmulo da infância de Maisie. Ela foi abandonada a seu destino. Estava claro para qualquer observador que

o único vínculo que a unia a cada um de seus pais era o fato lamentável de ser ela um veículo fácil para o rancor deles, uma xícara de porcelana, pequena mas funda, boa para misturar ácidos cortantes. Queriam-na não pelo bem que pudessem fazer a ela, mas pelo mal que, com a ajuda inconsciente dela, cada um poderia fazer ao outro. Ela serviria a seus ódios e selaria suas vinganças, pois tanto o marido quanto a mulher haviam sido golpeados pela pesada mão da justiça, a qual terminara por não atender a nenhuma das duas partes, ambas as quais afirmavam, indignadas, querer a vitória total. Se cada um levaria apenas a metade, isso parecia querer dizer que nenhum dos dois era tão ruim quanto o outro afirmava — ou, encarando-se a situação de outra maneira, que ambos eram ruins de fato, pois um não era melhor que o outro. A intenção original da mãe era, como ela própria dissera, impedir que o pai “sequer olhasse” para a filha; o pai contra-argumentava que qualquer contato com a mãe, por mais leve que fosse, era “nada menos que contaminação”. Eram esses os princípios opostos em que se fundaria a educação de Maisie — ela que encaixasse um no outro como bem entendesse. Nada mais tocante do que a constatação de que, no início ao menos, a menina nem ao menos imaginava a provação que aguardava sua pequena alma impoluta. Alguns horrorizavam-se ao pensar no que os dois poderiam fazer em conjunto: a ninguém ocorreu a possibilidade de que eles não conseguiriam fazer nada de mau.

Tratava-se de uma sociedade em que as pessoas dedicavam a maior parte de seu tempo à conversa-fiada; porém o casal separado agora tinha ao menos motivos para esperar uma temporada de muita atividade. Arregaçaram as mangas; parecia-lhes que a briga estava apenas começando. Sentiam-se mais casados do que nunca, já que para eles o casamento fora acima de tudo uma oportunidade constante para brigar. Antes havia os que tomavam partido, e agora também; também para os partidários as perspectivas abriam-se, sob a forma agradável de uma superabundância de assunto para conversações aleatórias. Os inúmeros amigos dos Farange reuniam-se para discordar sobre eles; as contradições renovavam-se mais uma vez, regadas a chá e charutos. Todos estavam sempre afirmando, com absoluta certeza, coisas muito chocantes, e ninguém se divertiria se

ninguém dissesse coisas escandalosas. Aqueles dois pareciam ter um atrativo social que só não surtia efeito no que se referia a um e outro: de fato, se havia algo de bom a dizer-se de Ida era que apenas Beale queria seu sangue; e, de Beale, que a única pessoa capaz de arrancar-lhes os olhos era sua esposa. Para começar, no consenso de todos, eram os dois belíssimos — na verdade, jamais tinham sido analisados a ponto de chegar-se a um resíduo mais profundo que este. Assim, por exemplo, os dois juntos somavam cerca de três metros e setenta de altura, e nenhuma questão era mais discutida do que o modo como essa estatura era dividida. A única imperfeição na beleza de Ida era o comprimento excessivo dos braços, graças ao qual, talvez, ela derrotara o ex-marido tantas vezes na mesa de bilhar, jogo em que ela manifestava uma superioridade que era, em sua opinião, uma das causas do ressentimento manifestado por Beale através de atos de violência física. O bilhar era a maior realização de Ida e a primeira distinção mencionada sempre que seu nome vinha à baila. Fora algumas linhas muito alongadas, tudo que poderia ser grande, e que embelezava muitas mulheres por sê-lo, nela era, com uma única exceção, mencionado e admirado por sua pequenez. Esta exceção eram os olhos, que, embora medíocres de tamanho, conseguiam extravasar as modestas medidas naturais; sua boca, por outro lado, era quase imperceptível, e com frequência era comum que se fizessem apostas referentes à medida de sua cintura. Era uma pessoa que, quando saía — e saía sempre —, causava, aonde quer que fosse, a impressão de ser vista com frequência, ou mesmo de abusar do direito de ser vista, de modo que, nos lugares habituais, seria um tanto vulgar admirá-la abertamente. Apenas os estranhos o faziam; porém estes, para o deleite dos habituados, faziam-no com ênfase: era uma manifestação inevitável da condição de forasteiro. Tal como seu marido, fazia mais que exhibir as roupas que usava: transportava-as, como um trem transporta passageiros; havia quem comparasse o gosto dos dois e discutisse a respeito do modo como esses artigos se acomodavam neles, se bem que, em geral, todos tendessem a achar Ida menos apinhada que Beale, especialmente no que dizia respeito a joias e flores. Beale Farange dispunha de adornos naturais, uma espécie de fantasia composta de uma barba loura e abundante, brunida como um

peitoral dourado, e dentes sempre reluzentes, que os longos bigodes eram penteados de modo a não ocultar e que lhe davam, em todas as situações possíveis, um ar de alegria de viver. Na juventude, fora encaminhado para a diplomacia e estivera temporariamente vinculado, sem salário, a uma missão diplomática, circunstância esta que lhe permitia dizer com frequência: “No tempo em que eu estive no Oriente...”. Porém a história contemporânea, ao que parecia, não precisara de seus préstimos, passara por ele célere e deixara-o perpetuamente em Piccadilly. Todos sabiam o quanto ele tinha — apenas duas mil e quinhentas libras. À pobre Ida, que já dera cabo de tudo que possuía, só restavam a carruagem e o tio paralítico. Este velho desgraçado, como costumava ser qualificado, era supostamente dono de uma fortuna considerável. O futuro da menina estava garantido, graças a uma herança deixada por uma madrinha astuta, uma falecida tia de Beale: os pais só tinham acesso aos rendimentos.

O futuro da menina estava garantido, mas o novo estado de coisas não poderia deixar de ser desconcertante para uma inteligência em formação, com plena consciência de que algo da maior importância havia ocorrido e ansiosa por encontrar os efeitos de uma causa tão momentosa. Esta menininha paciente estava destinada a presenciar muito mais do que lhe seria possível compreender de início, mas também a compreender, mesmo de início, talvez muito mais do que qualquer menininha, por mais paciente que fosse, jamais compreendera antes. Só mesmo os tamborzinhos de regimentos, personagens de baladas ou histórias de guerra, já teriam presenciado uma batalha tão de perto. Eram-lhe confienciadas paixões que ela contemplava com o mesmo olhar atento que teria fixado nas imagens projetadas na parede por uma lanterna mágica. Seu pequeno mundo era fantasmagórico — sombras estranhas dançando num lençol. Era como se todo aquele espetáculo fosse representado para ela — uma menininha meio assustada, num grande teatro à meia-luz. Em suma: foi-lhe apresentada a vida com uma prodigalidade em que o egoísmo dos outros se destacava, e nada havia para impedir o sacrifício que não a simplicidade de sua juventude.

O primeiro semestre foi passado com o pai, o qual só lhe poupou as cartas loucas que a mãe enviava à filha: limitou-se a exibí-las à menina e sacudi-las, mostrando os dentes, e depois fê-la rir atirando-as no fogo, do lado oposto da sala. Mesmo, porém, neste momento, Maisie pressentiu, assustada, um certo cansaço, uma sensação culposa de não corresponder ao que dela se esperava, sentindo o encantamento da violência com que os envelopes rígidos, ainda fechados, cujos monogramas graúdos — Ida era adepta dos monogramas — ela teria gostado de ver, riscavam o ar, zumbindo, como projéteis perigosos. O principal efeito da causa momentosa foi

aumentar a importância da menina, fato esse que se evidenciava em particular na maior frequência com que ela era manuseada, puxada para lá e para cá e beijada, e a educação proporcionalmente maior que a obrigavam a demonstrar. Seus traços fisionômicos acentuaram-se, de tanto que lhe beliscavam as faces os senhores que vinham visitar seu pai, com cigarros cuja fumaça ia direto para seu rosto. Alguns desses senhores faziam-na riscar fósforos e acender seus cigarros; outros, colocando-a sobre joelhos que se mexiam de modo violentamente abrupto, beliscavam-lhe as batatas das pernas até ela gritar — seu grito era muito admirado — e criticavam-nas por serem cambitos. Esta palavra ficou-lhe na cabeça, contribuindo para uma sensação geral de que lhe faltava algo, uma coisa que viesse ao encontro da vontade de todos. Maisie descobriu o que era: tratava-se de uma tendência congênita a produzir uma substância a que Moddle, sua ama, referia-se com uma palavra desagradável, associada, à mesa do jantar, com a parte da carne de que ela não gostava. Já ia longe o tempo em que ela não precisava se preocupar com a vontade dos outros, salvo a de Moddle, a qual, em Kensington Gardens, estava sempre sentada no banco quando Maisie voltava para ver se, enquanto brincava, havia se afastado demais. A vontade de Moddle era apenas a de que a menina não fizesse tal coisa, e era tão fácil atender a essa vontade que os únicos pontos de sombra naquele longo período ensolarado eram os momentos em que lhe ocorria pensar o que seria dela se, ao voltar para o banco, lá não encontrasse Moddle. Continuavam a ir ao mesmo parque, porém mesmo nisso havia uma diferença; Maisie sentia-se compelida a examinar constantemente as pernas das outras crianças e perguntar se também elas eram cambitos. Moddle era de uma sinceridade terrível; sempre dizia: “Ah, menina, dois iguais aos seus você nunca há de encontrar”. Isso parecia estar relacionado com uma outra coisa que Moddle costumava dizer: “Você sente a tensão — aí é que está; e vai sentir mais ainda”.

Assim, desde o início Maisie não apenas a sentia como também sabia que sentia. Em parte, isso era consequência do hábito de seu pai lhe dizer que a sentia também, e de dizer a Moddle, na presença da menina, que era importante deixar isso bem claro para ela. Aos seis anos de idade, Maisie tinha consciência de que tudo tivera que ser

modificado e reordenado por sua causa, para que seu pai pudesse dedicar-se a ela. Jamais esqueceria as palavras de Moddle quando esta lhe explicou que seu pai de fato estava dedicado a ela: “O papai quer que você não se esqueça jamais do transtorno terrível que isso foi para ele”. Se a pele do rosto de Moddle sempre parecia a Maisie demasiadamente — dolorosamente — esticada, essa impressão era mais forte do que nunca quando ela pronunciava essas palavras, coisa que com frequência tinha oportunidade de fazer. A criança ficava a imaginar se aquelas palavras não fariam a pele doer ainda mais; porém foi apenas depois de algum tempo que lhe foi possível associar à imagem dos sofrimentos do pai, e mais especificamente ao modo como sua mãe se referia, o significado que essas coisas até então aguardavam. Quando se tornou mais esperta, como diziam os senhores que antes criticavam suas pernas, encontrou em sua mente todo um repertório de imagens e ecos guardados para ela na penumbra da infância, no armário escuro, nas gavetas altas, como se fossem jogos que ela ainda não tivesse idade para jogar. Neste ínterim, a maior tensão era saber como manejar as coisas que seu pai dizia sobre sua mãe — coisas que, em sua maioria, Moddle, tão logo as via, como se fossem brinquedos complicados ou livros difíceis, tirava de suas mãos e guardava no armário. Mais tarde ela iria encontrar lá dentro um extraordinário sortimento de objetos dessa espécie, embaralhados com as coisas, enfiadas no mesmo compartimento, que sua mãe dissera sobre seu pai.

Maisie sabia que, numa certa ocasião que a cada dia tornava-se mais próxima, sua mãe apareceria à porta para levá-la consigo, e a consciência desse fato teria entristecido todos os seus dias se a engenhosa Moddle não tivesse escrito numa folha de papel, com palavras bem grandes e fáceis, os muitos prazeres que ela desfrutaria na outra casa. Essas promessas iam desde “o amor dedicado de uma mãe” até “um bom ovo escaldado com o chá”, passando pela expectativa de ficar acordada até tarde da noite para ver a senhora em questão vestir-se para sair, cobrindo-se de sedas, veludos, brilhantes e pérolas; assim, quando chegou a hora suprema, foi um grande conforto sentir que, segundo as instruções de Moddle, o papel foi enfiado em seu bolso, onde ela ficou a apertá-lo no punho cerrado.

Essa hora suprema forneceu-lhe uma lembrança vívida, a de uma explosão estranha, na sala de visitas, da parte de Moddle, a qual, em resposta a algo que seu pai acabara de dizer, exclamou bem alto: “O senhor não se envergonha — o senhor não fica vermelho de vergonha de dizer uma coisa dessas?”. À porta estava a carruagem, com sua mãe dentro; um senhor que também estava lá, que estava sempre lá, soltou uma gargalhada estrepitosa; seu pai, abraçando Maisie, disse a Moddle: “Minha cara, depois eu acerto as contas com você”. E, em seguida, repetiu, mostrando os dentes mais do que nunca para Maisie enquanto a apertava nos braços, as palavras que haviam provocado a repreensão da ama. Naquele momento, a menina deu menos importância a elas do que à atitude desrespeitosa e ao rosto enrubescido de Moddle, que a intrigavam; porém conseguiu lembrá-las cinco minutos depois, quando, na carruagem, sua mãe, toda beijos, fitas, olhos, braços, ruídos estranhos e cheiros gostosos, lhe perguntou: “E o biltre do seu pai, meu anjinho, mandou um recado para a sua mamãezinha querida?”. Só então ela constatou que as palavras pronunciadas pelo biltre do seu pai tinham, afinal, entrado em seus ouvidos atônitos, de onde, atendendo ao pedido da mãe, elas passaram direto para seus lábios cândidos, dos quais saíram numa voz límpida e estridente: “Ele pediu para eu dizer”, repetiu ela direitinho, “que a senhora é uma grandíssima vaca!”.

Com aquela viva consciência do imediato que é característica da mente infantil, o passado, em cada ocasião, tornava-se para Maisie tão indistinto quanto o futuro: ela entregava-se ao momento com uma boa-fé que poderia ter parecido tocante ao pai ou à mãe. Por mais grosseiro que fosse o cálculo inicial dos dois, de início ele revelou-se correto: de fato, a menina tornou-se uma pequena peteca emplumada que, impelida com ferocidade pelos pais, voava de um para o outro sem parar. O mal que cada um tinha o dom de pensar, ou de fingir pensar, a respeito do outro, era vertido dentro daquela alma tenra e atenta como se dentro de um recipiente sem fundo, e sem dúvida cada um deles estava perfeitamente em paz com sua consciência quanto ao dever de ensinar à filha a verdade, por mais dura que fosse, para protegê-la do outro. Maisie estava naquela idade em que todas as histórias são verdadeiras e todos os conceitos são histórias. O momento presente era absoluto; só ele tinha vida. Assim, por exemplo, a objurgação de sua mãe na carruagem depois que ela lhe transmitiu fielmente o recado do pai foi uma missiva que lhe caiu na memória com o mesmo baque seco de uma carta jogada dentro de uma caixa de correio. Tal como uma carta, parte do conteúdo de uma mala de correio bem recheada, ela terminou sendo entregue, no momento devido, no endereço correto. Tendo em vista esses transbordamentos, que já se prolongavam havia dois anos, os aliados das duas partes querelantes por vezes sentiam que algo deveria ser feito para o que denominavam “o bem da menina, não é?”. Porém, de modo geral, a única coisa que se fazia era comentar, entre suspiros, que felizmente a criança não ficava o ano inteiro onde estava no momento desagradável em questão, e que, além disso, ou por ser muito esperta ou por ser muito burra, ela parecia não entender nada.

A hipótese de que a menina era estúpida, que terminou sendo aceita por ambos os pais, correspondeu a uma grande data em sua pequena existência: o dia em que ela teve a visão completa, íntima porém definitiva, do estranho papel que lhe fora reservado. Foi literalmente uma revolução moral, transcorrida no mais profundo de sua natureza. As bonecas imóveis sobre as prateleiras escuras começaram a mexer braços e pernas; formas e palavras antigas passaram a ter um sentido novo, que a assustava. Experimentava uma sensação nova, uma sensação de perigo; e junto com ela um novo remédio surgiu para enfrentá-la, a ideia de um eu interior — em outras palavras, da dissimulação. A partir de sinais imperfeitos, mas com um ânimo prodigioso, Maisie concluiu que estava atuando como um polo de ódios e uma mensageira de insultos, e que tudo ia mal porque ela fora usada para esse fim. Seus lábios entreabertos apertaram-se com força, decididos a nunca mais serem utilizados de tal modo. Doravante ela esqueceria tudo, não repetiria nada, e quando, em reconhecimento à aplicação correta de seu sistema, começou a ser chamada de pateta, experimentou um prazer novo e intenso. Quando, portanto, à medida que ia crescendo seus pais lhe diziam, um de cada vez, sem maiores rodeios, que ela estava ficando extraordinariamente obtusa, não era por estar se estreitando o pequeno riacho de sua vida. Maisie tornou-se para os pais uma estraga prazeres, mas ao mesmo tempo divertia-se mais do que nunca. Via cada vez mais; via demais. Fora a srta. Overmore, sua primeira governanta, que, numa ocasião memorável, semeara as sementes da dissimulação, não por meio de palavras, e sim tão somente revirando os belos olhos que Maisie já admirava. A essa altura, após uma sucessão de mudanças de residência das quais a criança não guardara uma lembrança nítida, Moddle não passava de uma vaga imagem envolta na memória de ausências repentinas motivadas pela fome e por lamentáveis lapsos no conhecimento do alfabeto, constrangimentos desagradáveis, em particular quando lhe pediam que identificasse algo que, segundo sua ama, “é craro que é a letra *ele*”. A srta. Overmore, por maior que fosse sua fome, jamais desaparecia: isso parecia assinalar que ela tinha distinção superior, o que era confirmado por uma beleza que a Maisie parecia excepcional.

Segundo a sra. Farange, ela era bonita quase em excesso, ao que alguém comentara, em resposta, que, não estando Beale presente, isso não tinha importância. “Com o Beale ou sem o Beale”, Maisie ouviu a mãe retrucar, “contratei-a porque é uma pessoa distinta, apesar de paupérrima. Gente muito direita, mas são sete irmãs ao todo. O que as pessoas têm na cabeça?”

Maisie não sabia o que as pessoas tinham na cabeça, mas em pouco tempo já sabia o nome de todas as irmãs; sabia-os de cor melhor do que sabia a tabuada. Ademais, no íntimo intrigava-a a pobreza a que sua mãe aludira e da qual sua amiga também jamais falava. Fosse como fosse, a comida era coisa que surgia segundo leis misteriosas; a srta. Overmore, ao contrário de Moddle, jamais usava avental, e à mesa, quando levantava o garfo, dobrava o mindinho. A menina, que a observava em inúmeras ocasiões, fazia-o particularmente nestas. “A senhora é muito bonita”, dizia-lhe com frequência; nem mesmo a mamãe, que também era muito bonita, sabia segurar o garfo com tanta graça. Maisie associava a presença dessa figura mais vistosa com o fato de que agora ela já estava “crescida”, sabendo, é claro, que apenas as meninas que não eram mais — como ela dizia — “pequeninhas” tinham governantas. Sabia também, ainda que vagamente, que o futuro era ainda maior do que ela, e que uma das coisas que tornavam o futuro tão grande era o número de governantas que nele permaneciam ocultas, aguardando a hora de surgir. Tudo que acontecera quando ela era pequenininha estava perdido nas sombras — tudo, menos a certeza absoluta, adquirida em tempos longínquos através de Moddle, de que a maneira normal de uma criança ver os pais era separada e sucessivamente, tal como comer carneiro e pudim ou tomar banho e dormir.

“Ele sabe *mesmo* que mente?” Foi essa a pergunta vivaz que Maisie dirigiu à srta. Overmore na ocasião que causaria uma mudança tão súbita em sua vida.

“Se ele sabe...?” A srta. Overmore ficou com o olhar parado; tinha a mão dentro de uma meia e estava prestes a enfiar nela uma agulha, quando interrompeu o ato. A tarefa era singela, mas o gesto, como todos os seus gestos, era gracioso.

“O papai, ora.”

“Que ‘mente’?”

“É o que a mamãe quer que eu diga a ele — ‘que ele mente e sabe que mente’.” A srta. Overmore ficou escarlate, embora risse até jogar a cabeça para trás; então espetou a agulha na meia envolta na mão com tamanha força, que Maisie não entendeu como ela não se machucou. “Devo mesmo dizer isso a ele?”, prosseguiu a menina. Foi então que sua amiga dirigiu-se a ela através da linguagem inequívoca de dois olhos de um cinzento escuro. “Não posso responder que não”, disseram aqueles olhos, da maneira mais clara; “não posso responder que não, pois tenho medo de sua mãe, você entende? Por outro lado, como posso responder que sim, quando seu pai foi tão simpático comigo, conversando tanto comigo, sorrindo para mim, mostrando aqueles dentes tão lindos, no dia em que o encontramos no parque, quando, ao nos ver, ele abandonou a companhia dos amigos com quem estava e veio, exultante, passear conosco durante meia hora?” De algum modo, os belos olhos da srta. Overmore fizeram com que esse incidente voltasse à lembrança de Maisie e parecesse mais encantador do que no momento em que ocorrera, muito embora sua governanta desde então tivesse aludido a ele uma única vez. A caminho de casa, depois que o papai foi embora, a srta. Overmore manifestou a esperança de que a menina não mencionasse o ocorrido a sua mãe. Maisie gostava tanto dela, e de tal modo tinha consciência de que seus sentimentos eram retribuídos, que aceitou esse comentário como um pedido irrecusável. Agora voltava-lhe a sensação de maravilhamento, ao relembrar o que seu pai dissera à srta. Overmore: “Só de olhar para a senhorita vejo que é uma pessoa com quem posso contar para ajudar-me a salvar minha filha”. Ainda que não soubesse de que era necessário salvá-la, Maisie deliciava-se ao pensar que a srta. Overmore era sua salvadora. Essa ideia tinha o efeito de fazê-las agarrarem-se uma à outra, como se estivessem rodopiando loucamente.

Assim sendo, Maisie ficou atônita quando sua mãe lhe disse, com relação a algo que deveria ser feito antes de sua próxima migração: “Naturalmente, ela não vai com você”.

A menina sentiu faltarem-lhe as forças. “Ah, eu pensava que ela fosse.”

“O que você pensa não tem a menor importância”, retrucou a sra. Farange, falando bem alto, “e daqui para a frente, mocinha, é bom ir aprendendo a não dizer tudo o que pensa.” Isso Maisie já havia aprendido, e era justamente esse seu novo conhecimento que irritava sua mãe. Esta senhora estava desconfiada de que a menina tivesse desenvolvido um terrível sistema crítico, uma tendência a julgar os mais velhos em silêncio — e ela gostava de crianças simples e crédulas. Gostava também de ouvir relatos dos golpes que desferia contra o caráter do sr. Farange, contra suas pretensões de paz de espírito; a satisfação de desferi-los diminuía quando nada havia em retorno. Aproximava-se o dia, e disso tinha consciência, em que ela teria mais prazer em impingir Maisie ao ex-marido do que em negar-lhe sua presença; tanto que sua consciência doeu quando um amigo franco e perceptivo comentou que toda essa disputa pela criança terminaria numa situação em que um tentaria onerar o outro com ela — uma espécie de jogo em que uma mãe extremosa certamente não faria boa figura. A possibilidade de não fazer boa figura, algo em que Ida Farange considerava-se invicta, provocou nela um mau humor cujo efeito foi sentido por várias pessoas. Que Beale, ao menos, o sentisse era algo de que Ida fazia questão; ocorreu-lhe mais uma vez que, no empenho em agir de modo odioso para com ele, jamais deveria fraquejar. Nada poderia ser mais incômodo para Beale do que lhe ser negada a vantagem — para a menina, bem entendido — de um belo acessório feminino que claramente se apegara a ela. Uma das coisas

que Ida disse ao acessório em questão foi que a casa de Beale era um lugar onde nenhuma mulher decente podia ser vista. A própria srta. Overmore explicou a Maisie que antes tivera esperanças de que lhe fosse permitido ir com ela para a casa de seu pai, e que essas esperanças foram destruídas pela reação de sua mãe. “Ela disse que se eu tiver a audácia de trabalhar para ele, nunca mais vou poder voltar a pôr os pés nesta casa. Assim, prometi não tentar ir com você. Se eu esperar pacientemente a sua volta, um dia estaremos juntas de novo.”

Esperar pacientemente, e sobretudo esperar a hora de voltar, parecia a Maisie um caminho muito longo — trazia-lhe à mente todas as coisas, da primeira à última, que lhe haviam sido prometidas se ela se comportasse, e que, apesar de seu bom comportamento, jamais lhe foram dadas. “Então quem é que vai cuidar de mim lá na casa do papai?”

“Só Deus sabe, meu tesouro!”, respondeu a srta. Overmore, abraçando-a com ternura. Não havia dúvida de que ela era muito querida por esta sua bela amiga. Que melhor prova desse sentimento poderia haver do que o fato de que, menos de uma semana depois, apesar da separação dolorosa, da proibição de sua mãe, dos escrúpulos da srta. Overmore, da promessa da srta. Overmore, sua linda amiga apareceu na casa de seu pai? A pessoa que já havia sido contratada para trabalhar como horista, uma senhora morena, gorda, baixa, de nome estrangeiro e dedos sujos, que não tirava da cabeça uma touca que de início emprestara-lhe um ar de impermanência que logo revelou-se falso, além de dirigir à menina perguntas que nada tinham a ver com os estudos, perguntas que o próprio Beale Farange, quando duas ou três lhe foram repetidas, admitiu serem muito vulgares — essa estranha aparição esvaeceu-se diante daquela refulgente criatura que tanto ousara por amor a Maisie. A refulgente criatura contou à menina com franqueza o que havia ocorrido — ela simplesmente não havia conseguido conter seu impulso. Rompera a promessa feita à sra. Farange; havia se debatido por três dias e em seguida viera direto ter com o pai de Maisie e confessara-lhe a verdade pura e simples. Ela adorava sua filha; não conseguia abrir mão dela; por ela estava disposta a fazer qualquer sacrifício. Assim, ficara combinado que a srta. Overmore ficaria; sua coragem fora

recompensada; Maisie não tinha dúvida de quanta coragem lhe fora necessária para dar aquele passo. Algumas das coisas que a governanta lhe dissera a impressionaram em particular — por exemplo, a afirmativa de que, quando ficasse mais crescida, Maisie entenderia “a ousadia terrível” que uma jovem precisava ter para fazer o que ela havia feito.

“Felizmente, seu pai reconhece isso, e reconhece *muitíssimo*”, foi uma das coisas que a srta. Overmore também disse, com uma ênfase surpreendente no superlativo. E Maisie ficou não menos impressionada com os sofrimentos dessa mártir, em particular após ser informada da carta terrível que lhe enviara a sra. Farange. Sua mãe ficara de tal modo indignada que, para usar a expressão da própria srta. Overmore, cobrira-a de insultos — prova de que as duas jamais poderiam voltar a viver juntas na casa de mamãe. Porém, para a menina, naquele momento a casa de mamãe parecia uma contingência tão remota que, para tranquilizá-la, foi supérfluo o segredo que sua amiga lhe confidenciou: talvez Maisie não voltasse mais para a casa da mãe. A srta. Overmore estava intimamente convicta, e disso também não fez segredo, de que se a filha do sr. Farange demonstrasse uma predileção muito acentuada, a “opinião pública” a apoiaria em sua decisão de permanecer com ele. A pobre Maisie não entendeu muito bem esse incentivo, porém entregou-se ao momento. Havia concebido sua primeira paixão, e seu objeto era a governanta. Não lhe foi dito, nem poderia ela dizer a si própria — ou, se podia, não o fazia — que gostava mais da srta. Overmore que de papai; mas, se tal sentimento lhe fosse imputado, a menina teria o conforto de poder responder que também o papai gostava da srta. Overmore tanto quanto ela. Fora ele próprio quem lhe dissera isso. Coisa que, aliás, Maisie podia ela mesma constatar.

Tudo isso era muito bom, porém haveria de terminar no dia fatal em que sua mãe apareceria à porta, na carruagem na qual Maisie agora só andava nessas ocasiões. No momento, não havia qualquer possibilidade de que a srta. Overmore a acompanhasse: era universalmente reconhecido que a briga com a sra. Farange fora séria demais. A menina deu-se conta do fato desde o início; não houve abraços nem exclamações enquanto a carruagem seguia caminho — apenas um silêncio assustador, sem sequer as perguntas odiosas dos anos anteriores, que culminou, em conformidade com sua natureza severa, na figura de uma velha ainda mais assustadora, a sua espera à porta da casa. “Esta senhora vai tomar conta de você”, disse sua mãe. “Ela é toda sua, senhora Wix”, acrescentou, dirigindo-se com impaciência à figura e empurrando Maisie de tal modo que a menina concluiu que sua mãe queria dar à sra. Wix um exemplo de energia a ser seguido. A velha apossou-se de Maisie — para nunca mais soltá-la, pensou ela no dia seguinte. Sua primeira impressão da sra. Wix, vindo do convívio com a srta. Overmore, foi a pior possível; porém, após uma hora algo em sua voz tocou a criança num ponto onde ela jamais fora tocada. Mais tarde Maisie entendeu o que era, ainda que sem dúvida não fosse capaz de dizê-lo com palavras: coisas que ficaram claras após alguns dias de conversas com a sra. Wix. A principal delas era uma questão que a própria sra. Wix sempre mencionava de saída: ela tivera uma filhinha, e esta menina morrera de repente. Nunca mais ela tivera nada no mundo, e esta dor havia partido seu coração. Assim, ficou combinado entre elas desde o início que a sra. Wix era uma mulher de coração partido. O que Maisie percebeu era que ela, com paixão e angústia, havia sido mãe, coisa que a srta. Overmore não era, e que (por mais estranho e confuso que fosse) sua mãe era menos ainda.

Foi assim que, em pouquíssimo tempo, Maisie viu-se profundamente absorta na contemplação da imagem da pobre Clara Matilda, que um dia, atravessando a Harrow Road, fora atropelada e esmagada pelo mais cruel dos fiacres, tal como antes se vira em meio à família de sete irmãs descrita com cores tão vivas por uma delas. “Ela é sua irmãzinha morta”, disse, encerrando a narrativa a sra. Wix, e Maisie, num arrebatamento trêmulo de curiosidade e compaixão, dali em diante passou a dedicar uma devoção toda especial àquela pequena aquisição. Não era bem uma irmã de verdade, mas esse fato tinha o efeito de torná-la uma figura ainda mais romântica. Esse aspecto era ressaltado pelo fato de que Maisie prometera jamais falar sobre ela nesses termos com qualquer outra pessoa — sobretudo para a sra. Farange, que não gostaria daquele parentesco e tampouco o reconheceria: seria um pequeno segredo, inexprimível e inesgotável, entre ela e a sra. Wix. Maisie sabia tudo a seu respeito que era possível saber, tudo que ela dissera e fizera em sua vida mutilada; sabia o quanto era bela, exatamente como eram os cachos de seus cabelos, os enfeites de suas saias. Os cabelos vinham-lhe até bem abaixo da cintura — eram de um maravilhoso tom dourado, como os da própria sra. Wix muitos anos antes. Aliás, até hoje seus cabelos chamavam a atenção, e de início Maisie achava que jamais haveria de acostumar-se com eles. Foram em grande parte responsáveis pela figura triste e estranha, grisalha e engordurada, que a sra. Wix apresentara à menina de início. Outrora louros, sua elegância fora reduzida a cinzas, a um tom amarelado de branco, turvo, nem um pouco venerável. Ainda abundantes em excesso, eram penteados de um modo que a pobre senhora não percebera ainda o quanto era antiquado, com uma trança reluzente, tal qual um diadema grande, no alto da cabeça, e atrás, na nuca, uma triste roseta que mais parecia um grande botão. Usava óculos, os quais ela chamava, numa humilde referência a um estrabismo divergente, de “corretivos”, e um vestidinho feio, cor de rapé, enfeitado com fitas de cetim em forma de conchas e brilhosos de antiguidade. Os corretivos, explicou a Maisie, ela os usava para as outras pessoas, pois ajudavam-nas, imaginava ela, a perceber a direção de seu olhar; o restante de sua melancólica indumentária só podia ser para si própria. Com o detalhe daquelas

cangalhas, o efeito geral desse traje lembrava, pensou a menina, a carapaça de um horrendo besouro. De início, a velha lhe parecera zangada, quase cruel; porém essa impressão se apagou à medida que a menina foi percebendo, de modo cada vez mais claro, que o mundo via nela uma figura acima de tudo cômica. Era engraçada como uma charada ou um animal nas últimas páginas de uma “história natural” — uma personagem que as pessoas descreviam e imitavam para animar a conversa. Todos sabiam dos corretivos; todos sabiam do diadema e do botão, das conchas e das fitas de cetim; todos sabiam até, embora Maisie jamais a tivesse traído, de Clara Matilda.

Foi por causa dessas coisas que sua mãe conseguira contratá-la por tão pouco, quase de graça: foi o que Maisie ouviu, um dia em que a sra. Wix a acompanhou até a sala de visitas e deixou-a lá, uma das senhoras que lá estava — uma mulher de sobrancelhas arqueadas como cordas de pular e pespontos negros e espessos como a pauta de um caderno de música nas belas luvas brancas — dizer à outra. Maisie sabia que as governantas eram pobres; a pobreza da srta. Overmore não se comentava e a da sra. Wix era comentada por todos. Porém nem esse fato, nem o velho vestido marrom, nem o diadema, nem o botão, nada disso diminuía para Maisie o encanto que apesar de tudo se manifestava, o encanto que residia no fato de que junto à sra. Wix, com toda sua feiúra e sua pobreza, ela experimentava uma sensação única e tranquilizadora de segurança que nenhuma outra pessoa no mundo lhe proporcionava — nem o papai, nem a mamãe, nem a mulher das sobrancelhas arqueadas, nem mesmo, por mais linda que fosse, a srta. Overmore, em cuja beleza a menina tinha a vaga consciência de que não era possível refestelar-se com igual sensação de aconchego e ternura. Era a mesma sensação de segurança que lhe inspirava Clara Matilda, a qual estava no céu e, no entanto — coisa constringedora —, também estava em Kensal Green, onde elas duas foram ver sua pequena e tímida sepultura. Foi algo no tom da sra. Wix, que apesar das caricaturas permanecia indescritível e inimitável, que proporcionou em Maisie, antes que terminasse sua estada com sua mãe, a sensação de algo que a sustentava, uma balaustrada à altura do peito diante de um abismo, a qual jamais haveria de ceder. Se sabia que sua preceptora era pobre e esquisita, Maisie sabia também que ela

era bem menos “qualificada” que a srta. Overmore, a qual sabia dizer um monte de datas (enquanto a menina segurava o livro para conferir), sabia onde ficava Malabar, sabia tocar seis peças sem olhar a partitura e, quando fazia um desenho, sabia como ninguém esboçar as árvores, as casas e todos os detalhes difíceis. Até Maisie tocava mais peças que a sra. Wix, a qual, ademais, claramente tinha vergonha das casas e árvores que desenhava, e só sabia fazer, com a ajuda de um indicador sujo de fuligem, método de duvidosa legitimidade no campo das belas-artes, a fumaça que saía das chaminés.

Estudavam, a governanta e sua aluna, várias “matérias”, porém muitas delas eram adiadas de uma semana para a outra, de modo que jamais se chegava a elas; a sra. Wix limitava-se a dizer: “Isto vamos ver no momento apropriado”. A ordem por ela seguida era um círculo tão vasto quanto o globo inexplorado. Faltava-lhe o espírito de aventura — a criança percebia quantas matérias ela temia. Refugiava-se no terreno mais sólido da ficção, por onde de fato serpenteava o rio azul da verdade. Conhecia histórias aos montes, principalmente as dos romances que lera, e contava-as com uma memória que jamais vacilava, e com uma riqueza de detalhes que deliciava Maisie. Todas elas versavam sobre amor, beleza, condessas e perversidades. Ouvi-la era ouvir uma narrativa quase infinita, um imenso jardim de fantasia, com súbitas vistas de sua própria vida e fontes abundantes de prosaísmo. Eram esses os trechos onde mais se demoravam; a governanta levava a criança a refazer, em sua companhia, passo a passo, o longo e desgracioso caminho de sua existência, e considerá-lo algo mais extraordinário que qualquer história de magia e monstros. Sua aluna formou imagens vívidas de todos aqueles que haviam, como ela própria dizia, esbarrado nela — alguns com tanta força! —, todos menos o sr. Wix, seu marido, a respeito do qual a única coisa que se limitou a dizer foi que ele tinha morrido havia séculos. Fora uma presença curiosamente ausente na vida de sua esposa, a qual jamais levou Maisie para ver sua sepultura.

A segunda vez que Maisie separou-se da srta. Overmore fora dolorosa, mas esta primeira separação da sra. Wix foi muito pior. A menina fora pouco antes ao dentista, de modo que tinha um termo de comparação para a intensidade exacerbada da cena. Foi terrivelmente silenciosa; foi como o momento em que lhe arrancaram um dente, quando a sra. Wix agarrou sua mão e as duas se apegaram uma à outra, unidas pela determinação frenética de não gritar. No consultório do dentista, Maisie permaneceu num silêncio heróico, mas no exato momento em que a angústia atingiu o auge deu-se conta de um grito agudo que partia de sua amiga, um espasmo de comiseração sufocada. Um eco desse grito foi o único som que acompanhou o derradeiro abraço, quando, um mês depois, o “acordo” entre os ex-cônjuges — era esse o nome dado àqueles desarraigamentos periódicos — representou o papel do horrível boticão. Estando a menina tão incrustada na natureza da sra. Wix quanto um dente na gengiva, a operação de extraí-la daquele abraço a rigor exigiria o uso de clorofórmio. Era um abraço que, felizmente, nada deixava por dizer, pois naquele momento a pobre mulher parecia tão carente de palavras quanto o era de tudo o mais. O pai de Maisie, no vestíbulo externo — ele gozava a impertinência de transpor o limiar da casa de sua ex-esposa —, contemplava-as com o relógio aberto e um sorriso escancarado, enquanto a menina, no único canto de sua visão não ocupado pela forma da sra. Wix, via à porta uma berlinda, dentro da qual a srta. Overmore aguardava. Maisie lembrou, sentindo a diferença, o momento em que, seis meses antes, fora arrancada do seio daquela outra protetora, mais aguerrida. A srta. Overmore, que naquela dia também estava no vestíbulo externo — da outra casa, é claro —, manifestara-se em alto e bom som; seu protesto ressoara com nitidez, e ela afirmara que alguma coisa — sua aluna não sabia

exatamente o quê — era um absurdo, uma vergonha. Isso trouxe à mente de Maisie a lembrança remota da grande explosão de Moddle: sempre havia algo de “vergonhoso” associado a suas migrações periódicas. Agora, enquanto a sra. Wix estreitava seu abraço e o cheiro de seus cabelos intensificava-se, a menina lembrou também que, ao acalmar a srta. Overmore, papai usara a expressão “pobre da minha candonga!” — expressão esta que, por inusitada, fixou-se de modo indelével em sua mente infantil, onde, ademais, já havia um lugar à sua espera, preparado pelo que ela sabia da governanta a que agora ela sempre se referia, em seus pensamentos, como “a bonita”. Estava curiosa para verificar se esse afeto continuava tão forte quanto antes: certamente permanecia a beleza, que Maisie via no rosto alegre à janela da berlinda.

A berlinda já era um sinal de harmonia, das delícias que seu pai desta vez lhe ofereceria: antes ele costumava vir buscá-la num cabriolé, seguido de um coche de quatro rodas para as bagagens. O coche das bagagens também estava lá, mas sua mãe era a única mulher com quem ela já andara numa “carruagem particular”, como dizia Moddle outrora. A carruagem do papai, agora que ele tinha uma, era de algum modo ainda mais particular que a da mamãe; e quando, por fim, Maisie viu-se, por assim dizer, em cima dos dois ocupantes do veículo, que agora pusera-se em movimento, em toda sua glória, ela dirigiu à srta. Overmore, depois de mais um abraço imenso e loquaz, uma pergunta motivada pelo desejo de informar-se a respeito da permanência de um certo sentimento. “O papai continuou gostando de você como antes depois que eu fui embora?”, indagou a menina, lembrando bem o quanto seu pai manifestara seu apreço pela governanta em sua presença. Ocorrera-lhe que esse apreço, tal como sua presença, do qual ele dependeria, talvez fosse uma coisa intermitente, sazonal. O pai, que a pegara no colo, soltou uma daquelas suas gargalhadas estrepitosas que, por mais preparada que ela estivesse, sempre lhe parecia, como um desses brinquedos feitos para pregar sustos, pular sobre ela, sobressaltando-a. Antes que a srta. Overmore pudesse falar, ele respondeu: “Ora, sua burrinha, quando você não está comigo eu só tenho a ela para amar!”. No mesmo instante, a srta. Overmore tirou-lhe a menina e os dois ficaram a

disputar sua posse alegremente, provocando a estupefação, que Maisie percebeu, de uma senhora de idade que passou numa vitória. Então sua linda amiga dirigiu-se a ela muito séria: “Vou dizer a seu pai que da próxima vez que ele disser uma coisa feia como essa de novo eu levo você comigo e vamos nós duas viver quietinhas como boas meninas longe daqui”. A criança não entendeu bem o que havia de feio na fala de seu pai, a qual apenas exprimia o reconhecimento que tinha ele do valor da srta. Overmore, reconhecimento este que ela própria qualificara outrora com um superlativo. Tentando entender melhor a questão, Maisie mais uma vez dirigiu-se ao pai, perguntando-lhe se durante todos aqueles meses a srta. Overmore estivera na casa dele, tal como antes, e tal como voltaria a estar agora. “Claro que sim, minha filha — onde que a pobrezinha poderia estar?”, exclamou Beale Farange, escandalizando a governanta ainda mais, levando-a a afirmar, indignada, que se ele não “retirasse” aquela mentira monstruosa, ela não apenas o deixaria como também abandonaria sua filha e sua casa, com todos os seus problemas — todas as dores de cabeça que ele lhe havia proporcionado. Beale, diante dessa ameaça jocosa, não retirou coisa alguma; parecia mesmo prestes a repetir a extravagância, porém a srta. Overmore instruiu sua amiguinha a não dar ouvidos àqueles gracejos de mau gosto: ela haveria de compreender que uma moça de respeito não podia morar com um cavalheiro a menos que houvesse um motivo perfeitamente respeitável para isso.

Maisie olhava ora para um, ora para o outro; nunca uma estada sua começara de maneira tão nova e tão alegre; porém a menina, tímida, ainda temia não conseguir acreditar neles de todo. “E o que seria um motivo respeitável?”, perguntou ela, razoável.

“Ah, uma meninota de pernas compridas; é o melhor motivo do mundo.” Seu pai ria tanto dela quanto de suas próprias pilhérias; mais uma vez tentou apossar-se da filha — uma tentativa contrariada pela srta. Overmore que levou de novo a uma espécie de escaramuça pública. A governanta disse à criança que havia passado aqueles meses com uns amigos; a que Beale Farange retrucou: “Quer dizer, amigos meus, sabe — grandes amigos meus. Está aí uma coisa que não tem faltado a ela; isso não vou negar!”. Maisie ficou intrigada, e durante

algum tempo permaneceu presa de uma certa perplexidade, levemente constrangedora; não sabia o motivo de tanta jocosidade, nem onde sua governanta de fato passara aquela temporada. Tinha a impressão de que nada do que lhe fora dito era sério, e tampouco nada que ocorreu depois lhe pareceu digno de crédito. Seu constrangimento, de natureza precoce e instintiva, aferrou-se à ideia de que aquele era mais um dos assuntos em que ela, como dizia sua mãe, não devia se meter. Assim sendo, durante a estada que se seguiu na casa de seu pai, Maisie não fez qualquer tentativa de agir de modo insinuante para com as criadas a fim de esclarecer sua dúvida; e a verdade, por estranha que fosse, era que essa dúvida em nada diminuía o prazer que lhe proporcionava o contato renovado com a srta. Overmore. A confiança que esta jovem pedia era daquela espécie mais fina que não há explicação capaz de aperfeiçoar; ela própria, fosse como fosse, era uma pessoa acima de qualquer constrangimento. Ademais, para Maisie dissimulação nunca fora necessariamente o mesmo que logro; ela fora criada em meio a coisas a respeito das quais o que mais sabia era que jamais deveria fazer perguntas sobre elas. Não era, em absoluto, novidade para Maisie que as perguntas feitas pelos pequenos constituem uma curiosa fonte de divertimento para os grandes: com exceção dos assuntos referentes a sua boneca, Lisette, não havia quase nenhuma questão na casa de sua mãe que fosse esclarecida com uma expressão séria no rosto. Nada lhe era tão fácil quanto arrancar uma explosão de gargalhadas das senhoras que lá costumavam reunir-se, e Maisie poderia ter explorado à grande esta sua faculdade se tivesse uma natureza calculista. Por trás de tudo sempre havia algo oculto: a vida era como um corredor compridíssimo com uma sequência de portas fechadas. A menina aprendera que não era uma boa ideia bater a essas portas — se o fazia, vinham detrás delas ruídos zombeteiros. Pouco a pouco, porém, foi entendendo mais e mais, pois aprendia muito com as perguntas de Lisette, que reproduziam o efeito das perguntas que ela própria fazia sobre as senhoras por ela representadas perante a opacidade de Lisette. Pois não era impagável a inocência da boneca? Diante dela, Maisie muitas vezes imitava as senhoras deliciadas. De qualquer modo, havia certas coisas que ela não podia contar nem mesmo a uma boneca francesa. Tudo que lhe

era possível fazer era passar adiante suas lições e tentar produzir em Lisette a impressão de que sua vida continha mistérios, ao mesmo tempo que se perguntava se estava mesmo conseguindo dar a impressão, como sua mãe, de esvaecer-se nas brumas do incognoscível. Quando o reinado da srta. Overmore seguiu-se ao da sra. Wix, Maisie viu-se diante de um novo modelo; imitou sua governanta e recorreu à simples expectativa de confiança para atravessar a fase de transição. Sim, havia assuntos que não podiam ser discutidos com uma aluna. Havia dias, por exemplo, em que, após uma ausência prolongada, Lisette, ao ver Maisie despir-se, tentava de todos os modos descobrir por onde ela tinha andado. Algumas coisas ela chegava a descobrir, mas não todas. Numa ocasião, tendo a boneca agido de forma mais indiscreta que de costume, Maisie respondeu-lhe — e o assunto em questão era precisamente uma dessas ausências — o mesmo que a sra. Farange uma vez lhe respondera: “Então descubra você mesma!”. Imitou o tom de irritação de sua mãe, porém ficou um tanto envergonhada depois, embora não soubesse direito se o que a envergonhava era a irritação ou a imitação.

Com o tempo, Maisie percebeu que essa fase não se destacaria pela ênfase aos estudos, pois cuidar de sua instrução era agora apenas uma das muitas funções da srta. Overmore; com referência a essa delegação de poderes, a menina testemunhou diversas conversações entre sua governanta e o pai — conversações que incluíam manifestações de discordância, e mesmo de irritação, de ambas as partes. Maisie concluiu, com base em tais ocasiões, que havia algo na situação capaz de proporcionar à sua mãe ensejo para “pegar” todos eles, ainda que essa observação, feita sempre por seu pai, era em seguida contestada pela srta. Overmore. Tais cenas costumavam chegar ao clímax quando a jovem perguntava, com mais aspereza do que exibia com relação a qualquer outro assunto, se uma pessoa como a sra. Farange seria capaz de se colocar na situação de “pegá-los”. À medida que os meses passavam, as interpretações da menina multiplicavam-se, mais ainda por ser aquela estada a mais longa que já vivera sem interrupção. Maisie habituou-se à ideia de que sua mãe, por algum motivo, não tinha pressa em reavê-la: essa ideia era enfaticamente expressa por seu pai sempre que a srta. Overmore dele discordava com veemência quanto à questão, por ele lembrada vez após vez, de que urgia matricular a menina na escola. Era surpreendente como a srta. Overmore, embora fosse apenas uma governanta, discordava de seu pai; insistia com uma convicção que jamais entraria, por exemplo, na cabeça abaixada da sra. Wix. Ela dizia a Maisie muitas vezes que tinha plena consciência de não estar lhe dando a atenção necessária e que o sr. Farange também reconhecia essa deficiência e também a lamentava. O motivo era que ela tinha responsabilidades misteriosas que a ocupavam — responsabilidades, a srta. Overmore dava a entender, para com o próprio sr. Farange, com aquela casinha ruidosa e alegre e com todos que a frequentavam. Para o sr. Farange, a

solução de todos os problemas era pôr a menina na escola — havia muitas escolas excelentes, como todos sabiam, em Brighton e em tantos outros lugares. Porém isso, Maisie ficou sabendo, era justamente o que permitiria à sua mãe pegá-los: a partir do momento em que entregasse a outros os cuidados de sua filha, seu pai perderia toda a razão diante dos olhos da Justiça. Pois ele não a mantinha afastada da mãe precisamente porque a sra. Farange era um desses outros?

Havia também a possibilidade de arranjar uma segunda governanta, uma jovem que viesse todos os dias para fazer o que havia de ser feito; mas essa hipótese a srta. Overmore recusava-se a sequer ouvir, refutando-a com muito fervor e escarcéu, perguntando a todas as pessoas que estivessem próximas — inclusive à própria Maisie — se elas não percebiam que tal solução equivaleria a uma verdadeira confissão de culpa. “Porque nesse caso, veja bem, por que eu estaria aqui, se não fosse para cuidar da menina?” Sua situação era melindrosa, e a srta. Overmore a proclamava de modo tão público e estrepitoso que quase chegava a transformá-la em motivo de glória. A solução era, é claro, ela assumir suas responsabilidades; mas isso ele, com suas exigências excessivas e exorbitantes, que aliás todos sem dúvida reconheciam, isso ele tornava, com seu egoísmo, praticamente impossível. Agora a srta. Overmore só se referia a Beale Farange como “ele”, e a casa vivia, como sempre, cheia de cavalheiros animados, com os quais ela conversava, em tom jocoso, a respeito “dele”. Entrementes, Maisie, como tema de discussões familiares sobre o que se haveria de fazer com ela, passava tantas horas sozinha que por vezes sentia saudades da disciplina ampla e frouxa da sra. Wix; não obstante, considerava um sinal da superioridade da casa de seu pai o fato de nenhuma de suas visitas ser do sexo feminino. Aumentava-lhe essa curiosa sensação de segurança o comentário que ouviu uma vez um dos amigos de seu pai dirigir a ele, no tom de quem faz uma pilhéria impagável, referindo-se claramente à srta. Overmore: “Duvido que ela deixe outra mulher chegar perto de você — macacos me mordam se ela o fizer! Ela a atacaria a pauladas, como quem enxota uma gata vadia!”. Maisie gostava muito mais da companhia de cavalheiros, muito embora também eles gostassem de rir dela — mais

alto, porém por menos tempo. Puxavam-na e beliscavam-na, troçavam dela e faziam-lhe cócegas; alguns chegavam mesmo a tentar atingi-la com projéteis, e todos achavam graça em chamá-la por nomes que nenhuma semelhança tinham com o seu. Já as senhoras costumavam chamá-la de “pobrezinha” e quase nunca a tocavam, nem mesmo para beijá-la. Mas eram as mulheres quem ela mais temia.

Maisie já tinha idade suficiente para compreender que sua estada na casa do pai estava se prolongando de modo desproporcional; tinha também idade suficiente para compreender em parte a ambiguidade associada a esse excesso, que a oprimia em particular quando ela tocava no assunto em conversas com sua governanta. “Ah, não se preocupe: ela não se importa!” Era essa a resposta da srta. Overmore sempre que Maisie manifestava temores de que sua mãe se ressentisse daquela detenção demorada. “Ela está muito mais ocupada com outras pessoas do que com você, e viajou para o estrangeiro com elas; assim, não há por que temer que ela resolva exigir seus direitos.” Maisie sabia que a sra. Farange tinha viajado, pois recebera havia muitas semanas uma carta sua iniciada por “Meu pequeno tesouro”, em que sua mãe se despedia por um período indeterminado; porém não vira na carta nenhum sinal de que ela renunciara a seu ódio nem que abrisse mão da determinação de afirmar-se; pois a coisa de que a menina mais tinha certeza era que nada absorvia sua mãe tanto quanto o propósito de atormentar o sr. Farange. O que finalmente, porém, tornou-a perplexa e um pouco assustada com relação a esse assunto foi a suspeita, ainda incipiente, de que sua mãe encontrara um meio mais eficaz de atormentar o sr. Farange do que privá-lo de seu ônus periódico. Era essa a questão que preocupava a menina e que as confidências da srta. Overmore e as observações frequentes do patrão de sua governanta tornavam cada vez mais desconcertante. Havia uma contradição no fato de que, se Ida agora resolvia abrir mão dos direitos pelos quais antes brigara tanto, seu ex-marido não se apressava a conquistar o monopólio pelo qual antes também lutara com tamanha ferocidade; mas quando Maisie, com uma sutileza precoce, sondava esse novo terreno, tudo que conseguia era desencadear uma nova saraivada de insultos dirigidos à mãe. Até então, a srta. Overmore quase nunca se afastava de sua reserva

decorosa, porém um dia manifestou-se com uma veemência à altura da de Beale com relação à mulher que fugira para o continente a fim de esquivar-se de suas obrigações. Seria bem feito para essa mulher — foi o que Maisie entendeu — se o objeto dessas obrigações, uma filha crescida demais para as roupas que usava, fosse enviada direto a ela e depositada a seus pés, numa cena escandalosa.

Era em imagens tais que se refugiava a srta. Overmore quando a criança tentava timidamente descobrir se seu pai começava a se cansar dela. A governanta, em vez de dar uma resposta direta, limitava-se a levantar a poeira da insensibilidade e irresponsabilidade de Ida, cuja prova cabal, ao que parecia, era o fato de que, nessa viagem, sua mãe fora acompanhada de um senhor que, para ser de uma franqueza rude, ela... bem, ela “arranjara” em algum lugar. As únicas circunstâncias em que, se não estivessem casados, um homem e uma mulher podiam — para usar a expressão empregada pela srta. Overmore — andar por aí juntos eram aquelas em que ela e o sr. Farange estavam se expondo a mal-entendidos. Conforme vimos, ela explicara isso muitas vezes a Maisie: “Não sei o que eu e seu pai faríamos sem você, minha querida, pois é graças à sua presença, como já lhe expliquei, que nossa situação é perfeitamente respeitável”. A menina compreendeu tão bem o papel cuja conveniência lhe fora explicada de modo tão carinhoso que se sentiu mais segura até mesmo diante da possibilidade de que sua mãe dela abrisse mão. Por mais que desde pequena tivesse travado conhecimento com a grande alternativa à respeitabilidade sentia que sua governanta e seu pai davam-lhe um forte motivo para que ela não os imitasse nesta sua indiferença. Ao mesmo tempo, porém, sabia que havia meninas — de elevadíssima condição social, era bem verdade — cuja instrução era ministrada por preceptores do sexo oposto, e sabia também que, se estivesse estudando em Brighton, seria considerado vantajoso para ela estar mais ou menos nas mãos de professores. Maisie ruminou essas ideias e disse à srta. Overmore que, se ela fosse ficar com a mãe, talvez o cavalheiro se tornasse seu professor.

“O cavalheiro?” De tão complexa, a proposição fez a srta. Overmore arregalar os olhos.

“O que está com a mamãe. Nesse caso não ficaria tudo certo — tão certo como a senhora ficar com o papai por ser minha governanta?”

A srta. Overmore pensou; corou um pouco; depois abraçou sua engenhosa amiga. “Você é mesmo um amor! Mas *eu* sou uma governanta de verdade.”

“E ele não poderia ser um professor de verdade?”

“Claro que não. Ele é ignorante e mau.”

“Mau...?”, repetiu Maisie, intrigada.

Sua amiga riu, um risinho estranho, do tom da menina. “Ele é muito mais moço...” Porém não disse mais.

“Mais moço que a senhora?”

A srta. Overmore riu de novo; era a primeira vez que Maisie a ouvia dar um risinho infantil como aquele. “Mais moço que... não interessa quem. Não sei nada sobre ele, nem quero saber”, acrescentou, um tanto incoerente. “Decerto não é uma pessoa do meu tipo, nem, estou certa, minha querida, do seu.” E repetiu as carícias abundantes em que seus colóquios com Maisie quase sempre terminavam e as quais davam à criança a sensação de que ao menos *aquele* afeto era seguro. Os pais haviam se transformado em figuras nebulosas, mas as governantas eram sem dúvida confiáveis. Assim, por exemplo, sua confiança na sra. Wix não diminuía em nada, muito embora todos os contatos com ela tivessem sido suspensos. Nas primeiras semanas da separação, a mãe de Clara Matilda lhe havia escrito numerosas cartas melancólicas, e Maisie lhe respondera com um entusiasmo contido apenas pelas dúvidas ortográficas; mas a correspondência fora devidamente submetida à apreciação da srta. Overmore, a qual terminou por reprová-la. Ela afirmou julgar que o sr. Farange não gostaria nem um pouco, e por fim confessou — pressionada por sua aluna — que ela própria não gostava. Era terrivelmente ciumenta, disse; e essa fraqueza não era senão mais uma prova de seu afeto verdadeiro. Ademais, qualificou as efusões da sra. Wix de ignorantes e pouco didáticas; não teve escrúpulos em afirmar que lhe parecia monstruoso uma mulher em pleno gozo de seu juízo colocar a formação da própria filha em mãos tão ridículas. Maisie tinha plena consciência de que a mulher do velho vestido marrom e do

penteados antiquados situavam-se, dentro da escala social, num ponto inferior ao da srta. Overmore; porém agora foi-lhe revelado o fato doloroso de que, do ponto de vista educacional, ela era simplesmente impensável. E, ao menos por ora, a sra. Wix foi enterrada pelo comentário final da outra: “Ela é abaixo da crítica!”. Esse comentário foi feito quando a mulher encantadora tinha na mão a derradeira carta que Maisie viria a receber da sra. Wix; e foi fortalecido por um decreto que proibia aquele vínculo absurdo. “Então vou ter que escrever para dizer isso a ela?”, perguntou a criança, perplexa: ficou pálida só de pensar nas coisas terríveis que, ao que parecia, seria obrigada a dizer. “Nem pensar, minha querida — deixe que *eu* escrevo: pode confiar em mim!”, exclamou a srta. Overmore; e de fato escreveu uma carta tão eficaz que um silêncio desses em que se pode ouvir um alfinete caindo instaurou-se sobre a pobre sra. Wix. Durante muitas semanas, ela não deu o menor sinal de vida: era como se o efeito da missiva da srta. Overmore tivesse sido tão fatal sobre ela quanto fora o do terrível fiacre sobre sua filhinha, em Harrow Road. O silêncio da velha governanta passou a ser, a partir daí, uma das ideias mais vivas na consciência de Maisie; transformou-se numa atmosfera morna e aconchegante, na qual a menina penetrava mais fundo do que jamais ousou confessar a seus dois companheiros. Em algum lugar daquele silêncio, os “corretivos” pálidos estavam voltados para ela; em algum lugar fora daquela corrente tormentosa, a sra. Wix, atenta, a esperava.

Esta sua impressão foi confirmada quando um dia, ao voltar de um passeio com a criada, Maisie encontrou-a no saguão, sentada no banco normalmente ocupado pelos moços do telégrafo que frequentavam a porta de Beale Farange, onde ficavam matando tempo enquanto lá dentro as respostas às mensagens por eles trazidas eram redigidas, com a ajuda de baforadas de fumaça e resmungos. No dia da despedida, a menina pensara que a sra. Wix havia atingido os limites extremos do amplexo, porém parecia-lhe agora que esses limites foram transcendidos e que a duração daquele abraço era uma resposta direta ao veto da srta. Overmore. De imediato, compreendeu o que tornara possível aquela visita — que a sra. Wix, aguardando sua oportunidade, certamente teria se aproveitado do fato de que o sr. Farange, sempre atormentado, apesar de todos os argumentos em contrário, pela ideia de pôr a filha na escola, havia exigido de modo categórico que a sra. Overmore o acompanhasse numa viagem de três dias a Brighton. Era bem verdade que a sra. Wix, quando Maisie explicou-lhe a ausência dos dois e o motivo importante que os levava a ausentar-se, exibiu uma expressão tão estranha que não poderia ter sido causada senão pela surpresa. De fato, essa contradição mal havia se esboçado quando desapareceu, pois no exato momento em que, entusiasmada, a sra. Wix voltou a abraçar sua amiguinha, uma berlinda coberta de malas elegantes parou diante da porta, e a srta. Overmore dela saltou. O choque de seu encontro com a sra. Wix foi menos violento do que Maisie temera ao vê-la, e em nada afetou o tom agradável com que, sob os olhos da rival, ela explicou a sua aluna que havia voltado, por um motivo especial, um dia antes do pretendido. Havia deixado o papai — muito bem instalado — em Brighton; porém ele voltaria para sua querida casinha no dia seguinte. Quanto à sra. Wix, a amiga de seu pai forneceu a Maisie, numa

conversa posterior, a palavra exata para sua atitude: ela “enfrentou de pé” sua rival de um modo que a própria Maisie achou surpreendente. Isso, de fato, se deu depois que a srta. Overmore suspendeu sua proibição a ponto de passar para a sala de jantar, onde, não tendo sido convidada a sentar-se, era mais do que natural que a pobre sra. Wix permanecesse de pé. Maisie foi logo perguntando se em Brighton, desta vez, havia sido decidido algo com relação à escola; e então, para grande surpresa da menina, a srta. Overmore, que sempre repudiara essa possibilidade de maneira decidida, respondeu após um momento, porém como se a sra. Wix não estivesse presente:

“Pode ser, querida, que *alguma* coisa seja resolvida. A objeção, devo dizer-lhe, foi suspensa.”

Nesse momento, mais surpreendente ainda foi ouvir a sra. Wix dizer, com muita firmeza: “A meu ver, se me permite a observação, não há nenhum acordo que possa permitir a ‘suspensão’ da objeção. O que me trouxe aqui hoje foi uma mensagem para Maisie da minha querida senhora Farange”.

O coração da menina bateu com força. “Ah, então a mamãe voltou?”

“Ainda não, meu anjo, mas está vindo”, respondeu a sra. Wix, “e ela pediu-me — e foi uma lembrança muito oportuna da parte dela, não foi? — que eu viesse aqui prepará-la.”

“Prepará-la para quê, diga-me?”, indagou a srta. Overmore, cuja tranquilidade inicial, diante dessa notícia, começava a abalar-se.

Lentamente, a sra. Wix voltou seus corretivos para o belo rosto enrubescido da srta. Overmore. “Ora, senhorita, para uma comunicação muito importante.”

“Será que a sua querida senhora Farange, para usar a sua curiosa expressão, não pode fazer essa comunicação diretamente? Será que não pode se dar ao trabalho de escrever para sua única filha?”, perguntou a jovem. “A própria Maisie pode lhe dizer que há muitos e muitos meses não recebe uma linha dela.”

“Ah, mas eu escrevi à mamãe!”, exclamou a criança.

“O que torna ainda mais vergonhoso o comportamento dela em relação a você”, respondeu a governanta ora no poder.

“A senhora Farange sabe muito bem”, disse a sra. Wix, sem perder o ânimo, “o que acontece com suas cartas nesta casa.”

Por uma questão de justiça, Maisie viu-se na obrigação de defender sua visitante, dizendo à srta. Overmore: “A senhora bem sabe que o papai não gosta de tudo que vem da mamãe”.

“Ninguém gosta, minha querida, de ser atacado nos termos em que sua mãe o ataca em suas cartas. Não eram coisas que se pudessem mostrar a uma criança inocente”, observou a srta. Overmore para a sra. Wix.

“Então não entendo de que a senhora se queixa, e é melhor que a mãe não lhe escreva. Ainda bem que a senhora Farange me conta tudo.”

A srta. Overmore riu com escárnio. “Então a senhora deve estar envolvida em coisas extraordinárias!”

“Nada tão extraordinário”, exclamou a sra. Wix, empalidecendo de súbito, “como dizer coisas horríveis sobre uma mãe diante de sua filha indefesa!”

“Coisas nem um pouco mais horríveis, creio eu”, devolveu a srta. Overmore, “do que aquelas que a senhora, ao que parece, veio aqui para dizer a respeito do pai!”

Por um momento, a sra. Wix olhou fixamente para Maisie, e então, voltando-se de novo para aquela testemunha, disse, com voz trêmula: “Não vim aqui para dizer nada sobre ele, e a senhora há de perdoar a senhora Farange e a mim se nosso comportamento não é tão impecável quanto o daquela que o acompanha em suas viagens”.

A jovem a que essa expressão se referia se pôs a considerar o alcance daquela descrição — precisou de um momento para assimilá-la. Maisie, porém, olhando muito séria ora para uma, ora para a outra das adversárias, notou que a resposta, quando veio, partiu de lábios que sorriam. “Sem dúvida, não difere em nada da conduta do companheiro de viagem da senhora Farange!”

A sra. Wix deu uma gargalhada estranha, que a Maisie mais pareceu a imitação ruim de um relincho. “É justamente isso que vim aqui dizer — o quanto é impecável a conduta da pobre senhora.” Levantou a cabeça e olhou para a menina. “Ouça a mensagem de sua mãe, Maisie, e entenda que, ao pedir-me que viesse aqui entregá-la

deste modo, ela dá grande prova de seu interesse e sua afeição. Ela lhe manda todo o seu amor e comunica que vai se casar com sir Claude.”

“Sir Claude?”, repetiu Maisie, curiosa. Mas enquanto a sra. Wix explicava que o cavalheiro em questão era um grande amigo da sra. Farange, que muito a havia ajudado em sua viagem a Florença, tendo até encontrado boas acomodações para ela lá passar o inverno, a menina não estava tão abalada a ponto de não perceber o prazer que proporcionava à sua idosa amiga o efeito dessa notícia sobre a srta. Overmore. A jovem arregalou os olhos e foi logo dizendo que o casamento da sra. Farange sem dúvida daria fim a qualquer pretensão sua de reaver a filha. A sra. Wix indagou, perplexa, por que motivo ele teria tal consequência, e a srta. Overmore retrucou que aquilo era claramente mais uma artimanha entre tantas outras. Ela queria fugir a suas responsabilidades: senão, por que teria deixado Maisie com o pai tantas semanas após o fim do prazo, a respeito do qual fizera tantas exigências antes? Em vão a sra. Wix tentou retrucar — de modo especioso — que essa demora seria compensada tão logo a sra. Farange voltasse: ela, a srta. Overmore, nada sabia, graças a Deus, a respeito do cavalheiro em questão, mas não tinha dúvida de que qualquer pessoa capaz de estabelecer tais relações com aquela senhora em Florença haveria de manifestar-se contra a presença, em sua casa, do fruto de uma união que sua dignidade o obrigaria a ignorar. Era apenas mais um jogo, e a visita da sra. Wix era claramente o primeiro lance dele. Maisie viu, nessa troca de acusações, mais uma comprovação do fatalismo tácito em que a visão que tinha de sua experiência de vida havia muito a levava a encontrar refúgio; e foi então que passou a pensar que, apesar da magnificência da srta. Overmore e da paixão da sra. Wix, ela ainda haveria de ver uma mudança na natureza do conflito que, ao que tudo indicava, ela viera ao mundo para produzir. Continuaria sendo, em sua essência, um conflito, só que seu objetivo agora seria o de *não* ficar com ela.

A sra. Wix, a partir da última intervenção da srta. Overmore, passou a dirigir-se apenas à menina; e, tirando do bolso de sua velha e surrada peliça um embrulho pequeno e fino, retirou-lhe o papel e perguntou se *aquela* cavalheiro parecia capaz de tratar mal alguém — quanto mais uma pessoa de quem ele sem dúvida haveria de gostar

muito. A sra. Farange, num arroubo de felicidade recém-conquistada, havia enviado uma fotografia de sir Claude, e Maisie ficou a admirar a tez lisa e clara, os traços belos, os olhos benévolos, o ar simpático, tudo que havia de brilho e elegância em seu futuro padrao — sentindo apenas uma vaga perplexidade diante da perspectiva de ter dois pais ao mesmo tempo. Até então, suas pesquisas a levaram a concluir que, para ganhar um segundo pai, normalmente era necessário perder o primeiro. “Não é bondoso?”, perguntou a sra. Wix, a qual sem dúvida havia, com base naquele retrato encantador, se convencido de que sir Claude lhe prometia um futuro. “Você vê, espero eu”, acrescentou com muita ênfase, “que *ele* é um perfeito cavalheiro!” Maisie jamais ouvira antes alguém usar a palavra “bondoso” com referência a um rosto; ouvia-a agora com prazer, e nunca mais se esqueceu dela. Além disso, manifestou a força de seu sentimento com um pequeno suspiro, provocado pelos olhos simpáticos que pareciam tentar conhecê-la, falar-lhe diretamente. “Ele é lindo!”, afirmou ela para a sra. Wix. Então, ansiosa, irreprimível, como ainda tinha a foto na mão e sir Claude continuava a conquistá-la, não se conteve: “Ah, posso ficar com ele?”. Tão logo disse essas palavras, olhou para a srta. Overmore, movida pelo súbito instinto de apelar para a autoridade que muito tempo antes lhe havia ensinado que ela não deveria pedir coisas. Para sua surpresa, a srta. Overmore parecia distante, um tanto estranha; hesitou e deu-lhe tempo para voltar-se de novo para a sra. Wix. Então Maisie viu que o rosto comprido daquela senhora alongou-se mais ainda; ela estava atônita, quase assustada, como se sua amiguinha esperasse dela mais do que lhe era possível dar. Aquela fotografia era um pertence a que, cruelmente desnudado, ela se apegava, e houve por um momento um conflito entre seu apego amoroso ao retrato e sua capacidade de expor-se a qualquer sacrifício em prol de sua aluna distante. Porém a argúcia de sua idade fez Maisie ver que sua avidez terminaria por triunfar e ela exibiu a fotografia à srta. Overmore como se sentisse muito orgulho da mãe. “Ele não é lindo?”, perguntou, enquanto a pobre sra. Wix hesitava; os corretivos disfarçavam-lhe a ansiedade, e ela esticava a peiça que a cobria quase a ponto de romperem-se as costuras antigas.

“Foi para *mim*, meu amor”, disse a visita, “que sua mãe teve a generosidade de enviá-lo; mas é claro que, se lhe dá tanto prazer...” A voz faltou-lhe; e foi com um arquejo que abriu mão de sua posse.

A srta. Overmore permanecia muito distante. “Se a fotografia pertence a você, minha querida, de bom grado vou lhe fazer a vontade e olhar para ela em algum momento futuro. Mas você há de me desculpar se eu me recusar a pôr as mãos num objeto que pertence à senhora Wix.”

A esta altura, a senhora em questão estava muito vermelha. “Pois é bom vê-lo no retrato, senhorita”, retorquiu ela, “porque aposto que nunca vai poder vê-lo de outro modo! Fique com o retrato, sim, meu tesouro”, prosseguiu, “que sir Claude certamente há de me dar outro, com dedicatória e tudo.” Maisie, percebendo que sua voz tremulava ao proferir tamanha bravata, jogou-se com tanta gratidão no pescoço da sra. Wix que, quando terminaram o abraço, uma exibição pública de afeto que a menina julgou compensar o sacrifício imposto, sua outra governanta já tivera tempo de pôr as mãos em sir Claude e, tendo ou não olhado para sua efígie, de colocá-lo em algum lugar fora das vistas. Livre dos braços da criança, a sra. Wix olhou em volta à procura da fotografia; então fixou na srta. Overmore um olhar duro e calado; por fim, voltando a vista para a menina, conseguiu esboçar o mais melancólico dos sorrisos. “Mas nada disso importa, Maisie, porque sua mamãe disse outra coisa na carta. Ela se assegurou de mim.” Mesmo depois daquele abraço tão leal, Maisie sentiu-se um pouco traidora ao olhar de relance para a srta. Overmore, pedindo-lhe permissão para entender essa frase. Mas a sra. Wix não deixou que restasse nenhuma dúvida a respeito de seu sentido: “Ela me contratou em caráter definitivo — para quando ela voltar, e você voltar. Então você mesma há de ver”. Imediatamente Maisie acreditou nela; porém essa perspectiva foi de súbito posta em questão por uma afirmação extraordinária da srta. Overmore.

“A senhora Wix”, disse a jovem, “tem algum motivo misterioso para julgar que os direitos de sua mãe sobre você são fortalecidos pelo fato de que ela vai se casar. Gostaria de saber, portanto, com base nesse mesmo motivo, o que nossa visita haverá de dizer a respeito do casamento de seu pai.”

As palavras da srta. Overmore eram dirigidas a sua aluna, mas seu rosto, iluminado por uma ironia que o tornava ainda mais belo do que antes, estava voltado para a figura esquelética que se retesava em preparação para sua partida. A disciplina a que a criança fora submetida era desconcertante — variava livremente entre a prescrição de responder a tudo que lhe fosse perguntado e a experiência de repreensões ruidosas resultantes da obediência àquela prescrição. Dessa vez, porém, Maisie sentiu-se corajosa o bastante para correr riscos, em particular porque algo de portentoso parecia ter surgido em sua visão das relações entre as coisas. Olhou para a srta. Overmore com o olhar que costumava dirigir aos adultos que lhe ofereciam pilhérias de “gente grande”. “Quer dizer que os direitos do papai sobre mim... quer dizer que *ele* vai se casar?”

“O papai não vai se casar — ele *já* se casou, minha querida. Papai se casou anteontem em Brighton.” A srta. Overmore estava mais alegre que nunca; enquanto isso, Maisie começou a se dar conta, deslumbrada, de que sua governanta “chique” era uma mulher casada. “Ele é meu marido e eu sou a esposa querida dele. Então agora vamos ver quem é a sua mãezinha!” E apertou sua aluna contra o peito com uma ênfase que nem mesmo a emissária de sua predecessora seria capaz de sobrepujar; e logo depois, quando as coisas já tinham voltado a seus devidos lugares, aquela pobre senhora, a quem fora roubada a oportunidade de dizer a última palavra, havia ido embora em silêncio.

Após a retirada da sra. Wix, a srta. Overmore pareceu admitir que não estava exatamente numa posição que a permitisse denunciar a segunda união de Ida Farange; porém retirou de uma gaveta a fotografia de sir Claude, e diante de Maisie ficou a examiná-la por algum tempo.

“Ele não é lindo?”, perguntou a criança, ingênua.

Sua amiga hesitou. “Não. É horrível”, respondeu de forma áspera, para surpresa da menina. Porém ainda vacilou por um instante, e depois devolveu o retrato. Para Maisie, ele parecia ter ganho um novo atrativo; e estava perturbada, pois nunca antes discordara de sua linda amiga. Assim, só lhe restou perguntar o que, nesse caso, deveria fazer com o retrato: escondê-lo em algum lugar onde não causasse nenhuma ofensa? Mais uma vez, a srta. Overmore pareceu hesitar; em seguida deu uma resposta inesperada: “Ponha no console da sala de estudos”.

Ocorreu um temor a Maisie. “O papai não vai ficar contrariado?”

“Vai, e muito; mas isso não importa mais *agora*.” A srta.

Overmore deu a suas palavras uma ênfase peculiar, que encheu de perplexidade sua aluna.

“Por causa do casamento?”, arriscou Maisie.

A srta. Overmore riu, e Maisie percebeu que, apesar da irritação causada pela sra. Wix, ela estava de ótimo humor. “A qual casamento você se refere?”

Agora que a pergunta lhe fora dirigida, a menina deu-se conta de que não sabia, e sentiu que fazia papel de boba. Assim, refugiou-se na pergunta: “*Você* vai ficar diferente...?”. O que implicava, de maneira visível, que a esposa de sir Claude ficaria.

“Como esposa de seu pai? MUITÍSSIMO diferente!”, respondeu a srta. Overmore. E a diferença começava, é claro, pelo fato de que dali em diante todos, inclusive Maisie, passariam a chamá-la, atendendo a

seu pedido expresso, de sra. Beale. Começava e terminava ali, pois, à parte o fato de que, em pouco tempo, a menina teria quatro pais, e também o de que, dentro de três meses, viriam da escada, para uma menininha debruçada no corrimão, os ruídos de aproximações cada vez mais elaboradas, tudo parecia continuar tal como antes. Os vestidos da sra. Beale eram magníficos, mas os da srta. Overmore também haviam sido muito belos; e se o papai gostava muito mais de sua segunda esposa do que da primeira, Maisie antevira aquele amor, acompanhara seu desenvolvimento quase tão de perto quanto a pessoa diretamente envolvida. Havia, de fato, muito pouco nas relações entre os dois que sua precoce experiência não fosse capaz de explicar, pois se eles lhe pareciam um tanto deficientes quanto à atmosfera de lua de mel da qual tanto lhe haviam falado — a sra. Wix, por exemplo, abordara o assunto com todos os detalhes —, era natural que julgasse as circunstâncias à luz da disposição comprovada de seu pai de contestar o império do vínculo matrimonial. Sua lua de mel, quando ele voltou de Brighton — não no dia seguinte ao da visita da sra. Wix, e sim, curiosamente, vários dias depois —, sua lua de mel estava, talvez, bastante impregnada de prenúncios de uma etapa posterior do casamento. Havia coisas que, a criança sabia, agora pouco importava à sra. Beale que causassem contrariedade, e o número delas de tal modo aumentou que uma insignificância como a hostilidade de seu pai para com a fotografia de sir Claude tornou-se simplesmente invisível. Esse agradável objeto foi colocado em lugar de destaque na sala de estudos, na qual, era bem verdade, o sr. Farange quase nunca entrava, e onde, no período em questão, a admiração silenciosa constituía praticamente a única atividade educacional com que se ocupava a aluna da sra. Beale.

Maisie não demorou a entender a que se referia sua madrasta quando falara na diferença que havia em sua nova situação. Se ela era a esposa do sr. Farange, não poderia ser governanta, e se outrora sua presença era justificada pela humilde função teoricamente por ela exercida, agora sua condição dispensava todas as teorias e era incompatível com qualquer atitude servil. Era a isso que a jovem aludira ao dizer que a objeção à escola fora suspensa; a presença de sua amiguinha não era mais exigida em casa para exercer o papel de

— como dizia a própria sra. Beale, com humor — dama de companhia. A objeção contra a presença de uma sucessora da srta. Overmore permanecia de pé: sua substância consistia, reconhecidamente, no fato, que a própria sra. Beale admitia ser absurdo, de que ela gostava demais de sua enteada para colocá-la em mãos vulgares e mercenárias. O teor dessa preocupação específica deu a Maisie coragem suficiente para propor a sra. Wix, de cuja ausência de avidez pecuniária ela fora testemunha; porém a sra. Beale vetou de modo categórico uma candidata que haveria de agir, através de manobras horrendas e insidiosas, em prol dos desígnios de Ida, e que ademais era uma pessoa hedionda e ignorante como uma mula. Além disso, a sra. Beale não fez mais segredo do fato constrangedor de que uma boa escola era caríssima, nem de uma outra circunstância que parecia ser o argumento definitivo: quanto a questões de dinheiro, o papai, apesar de tudo o que dissera antes a respeito de escolas, era terrivelmente sovina. “Você acredita”, confidenciou ela à menina, “que ele chega a dizer que agora eu estou lhe dando ainda mais despesas do que antes, que uma filha e uma esposa é demais para ele?” Assim foi que a esplêndida escola em Brighton se perdeu nas brumas das perguntas maiores por cuja resposta Maisie ansiava, embora o medo de que a iniciativa de matriculá-la levasse Ida a reivindicar seus direitos foi morrendo à medida que sua ausência, realmente indesculpável, prolongava-se mais e mais. Assim sendo, tudo que sua filha e sua sucessora podiam fazer era admirar-se, impotentes, do muito que Maisie estava deixando de aprender.

Essa quantidade era tão imensa que os dias da menina eram permeados de uma sensação de eterno recreio, à qual nem mesmo a francesinha Lisette emprestava um ar de novidade — de jogos terminados e perguntas não respondidas e provas temidas; mais que tudo, do hábito de debruçar-se, em sua ânsia de coisas novas, sobre as balaustradas cada vez que a campainha soava. Era esse o grande refúgio de sua impaciência, mas o que ela ouvia nessas ocasiões eram os ruídos da alegria na sala de visitas, impressão esta que, desde a mais tenra infância, inspirara nela a convicção de que era na vida adulta que a gente se divertia de fato e tinha intimidade de verdade com os outros. Nem mesmo Lisette, nem mesmo a sra. Wix, pensava a

menina, com todos os seus abraços e lágrimas, jamais fora tão íntima sua quanto tantas pessoas o eram no momento com a sra. Beale, tal como outras haviam sido antes com a sra. Farange. A hilaridade aproximava as pessoas ainda mais do que a melancolia, que era o único sentimento de que era capaz, por exemplo, a pobre sra. Wix. Não obstante, nessa época Maisie preferia ver aquelas comemorações domésticas de uma certa distância: sentia-se demasiadamente desprotegida para enfrentar a inquisição da sala de visitas. Era mais um motivo para aproximar-se de Susan Ash, cuja condição de criada a restringia a um nível muito diferente, mas que, apesar disso, era pessoa da maior importância nas suas saídas de casa. Susan era sua guia em peregrinações que pouco tinham em comum com aqueles passeios muito rígidos que haviam deixado na memória da criança uma lembrança tão vívida da mente disciplinada de Moddle. O sistema de Moddle não permitia contemplações de vitrines nem cutucadas em Oxford Street, acompanhadas da observação: “Olha só aquela ali!”. Outrora os cruzamentos eram encarados de modo inexorável, sem o temor que — principalmente nas esquinas, pelas quais, no entanto, ela tinha um fraco — atormentava a criada: o medo, Susan explicava, misteriosa, de que alguém a abordasse na rua. Os perigos da cidade, tanto quanto suas diversões, contribuíam para a sensação que Maisie tinha de não ter quem a ensinasse nem a reivindicasse.

A situação, porém, foi alterada quando, ao voltar com Susan, exausta, de uma caminhada interrompida diversas vezes, ela conheceu outra emoção. Nessa ocasião, foi informada, à porta, de que sua presença era requisitada na sala de visitas imediatamente. Atravessando a soleira numa névoa de vergonha, Maisie divisou a figura da sra. Beale sentada com um cavalheiro que fez com que a situação perdesse o que tinha de desagradável tão logo ela o reconheceu como o original do retrato de sir Claude. Assim que o viu, teve a impressão de estar diante da presença mais radiante que jamais a deixara boquiaberta, e o prazer que sentiu ao vê-lo, ao ser tocada e beijada por ele, de imediato transformou-se numa estranha e tímida sensação de orgulho, na consciência de que ele compensava seu estado de abandono, as cutucadas que Susan lhe dava em público, e que a

machucavam, e as aulas cuja ausência, na sala de estudos morta, onde por vezes ela chegava a quase sentir medo de ficar sozinha, lhe inspiravam tédio. Era como se sir Claude lhe tivesse dito que era seu, que Maisie já podia exibi-lo e ver o impacto que ele causava. Não, nem mesmo as coisas mais belas que lhe pertenciam eram capazes de despertar nela aquela sensação de felicidade — nem a sra. Beale naquele exato momento, nem o papai quando estava alegre, nem a mamãe quando se vestia para sair, nem Lisette quando era nova. A felicidade quase transbordou em lágrimas quando ele a puxou para junto de si, dizendo-lhe, com um sorriso tão cheio de promessas luminosas quanto uma árvore de Natal, que já a conhecia muito bem através de sua mãe, mas que viera para conhecê-la em pessoa. Maisie entendeu que sua intenção era levá-la consigo, e que era justamente por isso que ele estava ali, aliás já havia algum tempo, combinando tudo com a sra. Beale e entendendo-se muito bem com ela, não obstante ter esta senhora se manifestado de modo tão hostil ao ver seu retrato pela primeira vez. Haviam se tornado quase íntimos — ou ao menos assim pareciam — no decorrer das negociações; e Maisie percebeu também que a sra. Beale não fizera segredo algum do quanto lhe custava abrir mão dela. “Você parece tão ansiosa para ir”, disse ela à menina, “que espero que ao menos compreenda direito qual a relação entre sir Claude e você. Pelo visto, ele não julga necessário esclarecer esse ponto para você.”

Maisie, um pouco perplexa, mais que depressa virou-se para seu novo amigo. “Ora, mas é claro que o senhor se casou com ela, não é?”

Aquela ênfase ansiosa os fez desatar a rir; era essa a reação que sempre produzia, e que agora encarava com resignação; ademais, o riso de sir Claude era parte integrante do prazer de sua presença. “Estamos casados, minha querida, há três meses, e meu interesse por você é consequência, naturalmente, de meu grande afeto por sua mãe. Ao vir aqui, é claro, estou agindo por ela.”

“Ah, eu sei”, disse Maisie, com toda a franqueza de que era capaz. “Ela não pode vir; só até a porta.” Então pensou mais um pouco e acrescentou: “Será que agora ela não pode mais nem vir até a porta?”.

“Está vendo?”, perguntou a sra. Beale a sir Claude, num tom que parecia indicar que o dilema dele era ridículo.

O rosto simpático do homem, hesitando, pareceu reconhecer esse fato; porém virou-se para a criança com um sorriso sincero ao responder: “Não, não pode”.

“Porque ela casou com o senhor?”

Ele aceitou prontamente essa razão. “É, é mais ou menos por isso.”

Era tão delicioso conversar com ele que Maisie resolveu insistir na questão. “Mas o papai casou com a senhorita Overmore.”

“Ah, você vai ver que ele não vai mais pegá-la na casa da sua mãe”, interveio a pessoa mencionada.

“É, mas isso vai ser só daqui a muito tempo”, Maisie apressou-se a observar.

“Não vamos falar sobre isso agora; você ainda tem muitos meses pela frente.” E sir Claude puxou-a para mais perto.

“Ah, é por isso que é tão difícil abrir mão dela!”, disse a sra. Beale, estendendo os braços para sua enteada. Maisie afastou-se de sir Claude, entregou-se àqueles braços e, apertada com ainda mais ternura, sentiu, fascinada, que se estendia o campo de sua felicidade. “*Eu* venho buscar você”, disse sua madrasta, “se sir Claude demorar demais a devolvê-la: isso deve ficar bem claro para ele! E não me fale sobre milady!”, prosseguiu, dirigindo-se à visita com tamanha familiaridade que era quase como se os dois já se conhecessem. “Conheço milady tal como se a tivesse criado. Que belo par de pais!”, exclamou a sra. Beale.

Maisie já ouvira tantas referências como essa sobre seus pais que foi apenas por um instante que o comentário perturbou o agradável impacto daquela nova e grandiosa maneira de aludir a sua mãe; a apreensão desse fato, por sua vez, foi logo seguida pela percepção da deliciosa possibilidade, no que dizia respeito à sua própria pessoa, de uma relação muito mais feliz entre a sra. Beale e sir Claude do que a que havia entre a mamãe e o papai. Não obstante, seu interesse nessa relação teve o efeito de fazer brotar de seus lábios, no momento seguinte, uma nova pergunta, dirigida a sir Claude: “O senhor já esteve com o papai?”.

Aquilo foi a senha para que os dois mais uma vez desatassem a rir, tal como seu pequeno estoicismo previra à perfeição. Tudo que a sra. Beale pôde acrescentar, assim mesmo, foi uma interjeição aparentemente algo sarcástica: “Ah, o papai!”.

“Garantiram-me que ele não está em casa”, respondeu sir Claude à criança, “mas se estivesse, eu gostaria de ter o prazer de conhecê-lo.”

“Será que ele não vai se incomodar de ver o senhor aqui?”, Maisie perguntou, como se tivesse necessidade dessa informação.

“Ah, sua pestinha!”, protestou a sra. Beale, bem-humorada.

A menina percebeu que, diante de sua pergunta, sir Claude, embora ainda achando muita graça, enrubesceu um pouco; porém falou com ela de modo simpático. “É justamente isso que vim verificar — se seu pai se incomodaria. Mas ao que parece a sra. Beale está convencida que não.”

A senhora em questão pôs-se de imediato a justificar sua opinião para sua enteada. “Será muito interessante, minha querida, descobrir se ainda há alguma coisa capaz de incomodar seu pai hoje em dia. Eu, por mim, não faço ideia!” E pareceu repetir, ainda que com um toque perceptível de resignação, a queixa feita ainda havia pouco. “Seu pai, meu amor, é uma pessoa deveras estranha.” Feito o comentário, virou-se, sorridente, para sir Claude. “Mas talvez seja indelicadeza de minha parte dizer isso com relação à atitude dele de *não* se importar de o senhor vir aqui. Se o senhor conhecesse certas pessoas que ele recebe!”

Maisie conhecia todas elas, e de fato nenhuma chegava aos pés de sir Claude. Esse cavalheiro riu da observação da sra. Beale; em momentos como esse era igualzinho aos amados das jovens em apuros das longas narrativas que lhe contava a sra. Wix — “um perfeito cavalheiro, de uma beleza extraordinária”. Ele levantou-se, para a tristeza da menina, como se estivesse de saída. “Ah, creio que nos daremos bem!”

A sra. Beale mais uma vez envolveu a criança num abraço estreito e olhou para o visitante, com olhar pensativo, por cima de sua cabecinha. “É encantador, um homem de seu tipo desejá-la tanto!”

“O que a senhora sabe sobre meu tipo?”, perguntou sir Claude, rindo. “Seja lá qual for, creio que se enganou quanto a ele. A verdade é que, embora ninguém me reconheça como tal, não passo de um... como é mesmo que se diz? ‘Homem de família’. Isso, sou um homem de família; palavra de honra!”

“Então por que motivo”, exclamou a sra. Beale, “o senhor não se casou com uma mulher de família?”

Sir Claude dirigiu-lhe um olhar duro. “A senhora sabe muito bem, creio eu, com quem a gente acaba se casando. Além do quê, não existem mulheres de família — pois sim que existem! Nenhuma delas quer filhos — pois sim que querem!”

Sua abordagem da questão era interessantíssima, e Maisie, como se essas palavras fossem de mau agouro para ela, ficou a contemplar esse quadro com certo desânimo. Ao mesmo tempo sentia, através dos braços que a envolviam, que sua protetora hesitava. “O senhor me sai com cada uma! Quer dizer então que milady não quer? É mesmo?”

“Nem quer ouvir falar nisso. Porém não pode fazer nada a respeito da que já tem.” E, assim falando, sir Claude pousou os olhos na menina de tal modo que parecia mascarar a atitude de sua mãe com a consciência que tinha de sua própria atitude. “Ela tem que fazer o melhor que pode por essa aí, entende? Mesmo que seja apenas para manter as aparências, entende? Quer dizer, a gente quer que a mulher com quem a gente se casou aja da maneira correta para com a filha.”

“Ah, entendo perfeitamente!”, exclamou a sra. Beale, com uma habilidade que sem dúvida causou boa impressão em seu interlocutor.

“Bem, se a senhora conseguiu segurá-lo — e sei quantas preocupações a senhora já teve — então por que não terei eu de conseguir o mesmo com Ida? Afinal, se deu certo com um homem, pode muito bem dar certo com uma mulher — ou será o contrário? Estou disposto a ir até o fim.”

Por um minuto, a sra. Beale, ainda com o olhar fixo no visitante, que estava apoiado na cornija da lareira, ficou a refletir. “O senhor é um portento de bondade — é o que o senhor é!”, disse por fim. “De uma mulher se esperam sentimentos naturais. Mas de um homem... como é horrível o sexo masculino! Não é verdade, amorzinho?”, indagou, com o rosto colado no da enteada.

“Ah, eu gosto mais dos homens”, respondeu Maisie, sensata.

Essas palavras foram recebidas com hilaridade. “Bem feito para a senhora!”, exclamou sir Claude.

“Não”, disse a sra. Beale, “basta pensar nas mulheres que ela vê na casa da mãe.”

“Ah, mas agora são todas muito distintas”, retrucou sir Claude.

“O que o senhor quer dizer com ‘distintas’?”

“São pessoas de respeito.”

“Isso não responde minha pergunta”, disse a sra. Beale. “Mas devo reconhecer que o senhor sabe cuidar bem delas. Mais um motivo para eu considerá-lo um anjo por querer assumir esse cargo.” E deu uma palmada jocosa em sua amiguinha.

“Não sou um anjo; sou uma avozinha”, afirmou sir Claude.

“Gosto de bebês; sempre gostei. Se dermos com os burros n’água, vou procurar emprego como ama de confiança.”

Maisie, no êxtase em que se encontrava, ouviu sem se importar uma alusão a sua idade que, em circunstâncias outras, lhe teria doído; mas o encantamento foi quebrado pela intervenção prosaica da sra. Beale, a qual virou a menina para si e, olhando amorosamente em seus olhos, perguntou-lhe: “Você está disposta a abandonar-me, sua tratante?”.

A menina pensou; até mesmo aquele vínculo consagrado havia se tornado uma corda que ela teria que cortar de repente. Porém ela o fez de modo muito delicado. “Não é a vez da mamãe?”

“Tão pequenina e tão hipócrita! Acho melhor doravante pararmos de falar de quem é a ‘vez’”, respondeu a sra. Beale. “*Eu* sei de quem é a vez. Você não tem tanta paixão assim por sua mãe!”

“Olhe lá, olhe lá, cuidado!”, protestou sir Claude, porém com bom humor.

“Não há nada que ela ainda não tenha ouvido. Mas não importa; nada disso a estragou. Se você soubesse como é duro para mim separar-me de você!”, disse ela a Maisie.

Sir Claude ficou a vê-la, apegando-se à menina, numa atitude encantadora. “É bom saber que a senhora gosta dela de verdade. Isso é muito bom.”

A sra. Beale levantou-se devagar, ainda com as mãos em Maisie, porém emitindo um suave suspiro. “Bem, se o senhor acha bom, isso talvez nos ajude; pois eu lhe asseguro que jamais abrirei mão dos direitos sobre ela que julgo ter conquistado à força de sacrifícios. Hei de apegar-me a eles com unhas e dentes. Pelo visto, ela aproximou-nos, a mim e ao senhor.”

“Ela aproximou-nos, a mim e à senhora”, disse sir Claude.

Aquele eco alegre prolongou a feliz verdade, e Maisie exclamou, quase entusiástica: “Eu aproximei vocês dois!”.

Os dois adultos, naturalmente, riram mais uma vez, e a sra. Beale sacudiu a menina com afeto. “Sua diabinha, veja já o que você vai fazer! Mas é isso que ela faz”, disse ela a sir Claude. “Foi o que fez comigo e Beale.”

“Nesse caso”, disse ele a Maisie, “tente repetir o feito lá em casa.” Estendeu-lhe a mão de novo. “Você vem agora?”

“Agora — assim mesmo como eu estou?” Virou-se, com um apelo imenso, para a madrasta, dando um salto sobre a montanha de despedidas, o abismo de arrumação de malas, que antes se estendiam a sua frente. “Ah, *posso?*”

A sra. Beale dirigiu seu consentimento a sir Claude. “E por que não? Eu despacho as coisas dela amanhã.” Então puxou o casaco da menina, olhando-a de alto a baixo com um pouco de pesar. “Ela não está como eu gostaria que estivesse — sua mãe vai deixá-la em farrapos. Mas o que se há de fazer — quando não se tem um tostão? E ela está melhor do que estava ao chegar — pode dizer isso à mãe dela. Lamento ter que lhe dizer, mas quando chegou, ela parecia um espantalho.”

“Ah, eu me encarrego de vesti-la!”, disse sir Claude, cordial.

“Quero ver!” A sra. Beale pareceu achar muita graça. “O senhor há de trazê-la para eu vê-la; podemos combinar. Até logo, pavorzinho!” E a última coisa que disse a sua visita foi que ela haveria de mantê-lo na linha.

A ideia de que Maisie teria que compensar e o montante prodigioso a que essa grandeza chegava eram com frequência mencionados na casa de sua mãe. Tais coisas constituíam a ocupação constante da sra. Wix, que lá chegou pela escada dos fundos, porém chorando de alegria, um dia após a chegada da menina. O processo de compensação, sobre o qual a boa senhora tinha muitíssimo a dizer, ocupou, numa sucessão de fases, uma extensão de tempo de tal modo prolongada que parecia aproximar-se da duração da última estada da menina com seu pai. Esse período, porém, era mais cheio e mais rico: marcava-lhe o ritmo a insistência constante da sra. Wix na energia que ambas deveriam empenhar. Com veemência notável, Maisie concordou com sua afirmação de que, com a sra. Beale e Susan Ash, ela não aprendera coisa alguma; o estado selvagem da naufraga resgatada era uma das forças que exigiria, doravante, um empreendimento de conquista. Assim, o ano configurou-se como um receptáculo de conhecimentos retardados — uma taça a transbordar da consciência de que agora, ao menos, Maisie estava aprendendo. A sra. Wix alimentava essa consciência com as reservas de sua conversação e com a ênfase imensa na ideia de que urgia colher a hora efêmera. Viam-se cercadas de matérias que precisavam tomar de supetão e constantemente assumiam a postura do ataque triunfal. Sem dúvida, jamais se entregavam ao ócio, e todas as noites a criança ia deitar-se tão cansada quanto estaria se tivesse passado o dia todo brincando. Isso começou no momento em que as duas se reencontraram, quando a sra. Wix explicou-lhe os motivos que levavam milady a comportar-se de modo tão extraordinário no início.

Tal comportamento consistia no fato de que, durante três dias, sua mãe recusou-se a vê-la — três dias durante os quais sir Claude vinha a toda hora à sala de estudos, alegre e afobado, tentar contornar a

estranha situação, para dizer: “Ela vai mudar de ideia, sim; garanto que vai”, e também um pouco para compensar a afronta que ele fizera Maisie sofrer. Jamais, em época alguma de sua vida, a menina recebera tantas compensações tão deliciosas. Sir Claude terminou admitindo que sua esposa não ficara sabendo daquela visita feita por ele à casa de seu ex-marido, nem soubera que, a pretexto de ver sua filha, ele travara conhecimento com a horrorosa criatura que lá se instalara. Sem dúvida, ela queria reaver a filha e traçara toda sorte de planos para obtê-la; o que não podia perdoar, ao menos por ora, a nenhum dos envolvidos, foi o modo oficioso e clandestino como fora realizada a transferência. Maisie arcou com uma parcela tão pesada desse ressentimento que nem mesmo a sra. Wix, com todas as suas confidências engenhosas, pôde aliviar seu peso, ainda mais porque sir Claude nada tinha de engenhoso, se bem que, por outro lado, não estava nem um pouco constrangido. Pelo contrário, achava graça; aparecia de modo intermitente, e por vezes suas aparições eram desconcertantes; deixou claro para sua amiguinha, com uma franqueza que a preocupou muito mais do que ele parecia imaginar, que contava com ela para que não dissesse a sua mãe, quando por fim as duas se encontrassem, nada do que a sra. Beale havia dito a ele. Sir Claude ia e vinha; afirmava, em tom de galhofa, tomar tremendas precauções; mostrava uma tendência acentuada ao ludismo. Troçava com a sra. Wix até deixá-la roxa de prazer; e insistia com Maisie a respeito da importância de sua reticência até fazê-la trincar os dentes como um índio prisioneiro. Nesses primeiros dias, e por muito tempo subsequente o tema das aulas era, na verdade, sir Claude, e no entanto a menina jamais disse à sra. Wix que estava disposta, para atender-lhe o pedido, a suportar torturas. Porém esta senhora expressara em palavras o estado das coisas com uma acuidade que mostrava o quanto era desnecessário esclarecer-lhe a situação. A explicação que a governanta apresentava para tudo que parecia não ser muito agradável — e se sua própria posição era periclitante, também ela corria este risco — era que milady estava totalmente apaixonada. Maisie aceitou essa hipótese com uma admiração tremenda, e dela se valeu quando por fim foi chamada para apresentar-se à mãe.

Lá encontrou um estado de coisas a que tal hipótese parecia de fato servir como uma pista — uma estranheza quase apavorante, porém plena, não obstante, depois de algum tempo, de laivos das ferozes demonstrações de possessividade que marcavam os reencontros de outrora. Já estavam juntas na mesma casa havia algum tempo, e essa demonstração vinha bem tarde. Tendo em mente, no entanto, a ideia do sentimento que teria sido despertado por sir Claude, e consciência, graças às narrativas da sra. Wix, dos estragos que tal sentimento é capaz de produzir, Maisie pôde aceitar a extraordinária aparência de sua mãe, seu violento esplendor, a cor surpreendente de seus lábios, até mesmo o olhar duro e fixo, semelhante ao de um ídolo vistoso descrito em algum livro de aventuras, que surgira em seus olhos como consequência de um curioso aumento de sua circunferência, normalmente já pronunciada. Suas afirmações e explicações vinham entremeadas de desafios enfáticos e súbitos silêncios, no meio dos quais Maisie reconhecia, como lembrança de anos passados, o tilintar de seus adornos e a aspereza de suas carícias, o odor de suas roupas e as guinadas de seu discurso. Ela preservava o velho hábito — que a sra. Wix dizia ser “aristocrático” — de mudar de assunto como quem bate uma porta na cara de alguém. O que nela mais mudara fora o tom dos cabelos dourados, que agora estavam ruivos, da cor do cobre, e à criança pareciam, coroando a cabeça com fartura, elevar-se ainda mais que antes. Essa mãe pitoresca exibia literalmente uma estatura maior, uma presença mais nobre, coisas que, ao lado de outras que poderiam parecer desconcertantes, eram mais do que justificadas pelo estado romântico de seus sentimentos. Eram eles, Maisie percebia com clareza, que levavam Ida a irromper em perguntas referentes ao que havia se passado na outra casa entre aquela mulher horrorosa e sir Claude; mas foi também nesse ponto que a menininha lembrou-se do efeito que tivera, em tempos idos, suas incursões práticas na pacífica arte da estupidez. Mais uma vez essa arte lhe valeu; sua mãe, ao despachá-la após uma entrevista em que a menina exibiu uma vacuidade muito acima do que lhe permitiria sua tenra idade, deixou bem claro que a seu ver ela não se tornara nem um pouco mais interessante.

Isso Maisie achava suportável; teria suportado qualquer coisa que a ajudasse a pensar que fizera algo por sir Claude. Se não dissera à sra. Wix o quanto a sra. Beale parecera gostar dele, decerto não poderia dizê-lo a milady. O passado redespertou para ela de modo um tanto perturbador. Era porque detestava o papai que outrora a mamãe queria saber de coisas ruins a respeito dele; mas se agora queria saber o mesmo a respeito de sir Claude era pelo motivo oposto. Maisie abismava-se de ver a que ponto uma mulher podia ser afetada pela paixão mencionada pela sra. Wix; prendia o fôlego ao pensar que estava caminhando, cautelosa, por entre as coisas tremendas da vida. Porém o que fez após a entrevista com a mãe foi dizer à sra. Wix que, apesar de ter conseguido um bom efeito, como ela própria disse — o efeito que praticava, o efeito de vacuidade inofensiva —, a última coisa que milady dissera fora que cumpriria todas as suas obrigações de mãe. Diante dessa afirmação, governanta e aluna entreolharam-se, imersas em profundezas silenciosas; mas com o passar das semanas não surgiram quaisquer consequências que interferissem muito com o ritmo alegre do processo de compensação. As obrigações de milady por vezes levavam-na a passar três dias sucessivos sem ver a filha, e Maisie prosperava entre a sra. Wix e o simpático sir Claude. A sra. Wix ganhou um vestido novo e, como ela própria foi a primeira a anunciar, uma situação melhor; assim, a menina sentia que levava uma vida animada e alegre, sendo que, por ora, a sra. Beale e Susan Ash simplesmente estavam “de fora”, como crianças que não foram convidadas para uma festa de Natal. A sra. Wix tinha um terror secreto, o qual, como a maioria de seus sentimentos secretos, ela comentava com sua amiguinha, da maneira mais solene, com regularidade: a possibilidade de que milady inventasse de uma hora para outra, com aqueles seus novos modos aristocráticos, de mandar a menina para a escola. Porém o que a tranquilizava era a certeza de que sir Claude dominava a situação. Ele estava deliciado — pois não vivia dizendo que estava? — com a boa impressão que os sacrifícios de Ida estavam causando num amplo círculo social; e vinha com frequência à sala de estudos para dizer-lhes que as coisas tinham andado muito bem até então e assim continuariam.

Às vezes desaparecia por dias, e suas pacientes amigas pensavam, compreensivas, que milady certamente o estaria absorvendo; porém sempre voltava com as histórias mais engraçadas a respeito dos lugares onde estivera, apresentando um panorama maravilhoso da sociedade e trazendo até presentes bonitos, demonstrando que, mesmo quando saía, sempre pensava em sua casa. Além de dar à sra. Wix, através de suas narrativas, quase a impressão de que elas também saíam com ele, deu-lhe uma nota de cinco libras, a história da França e uma sombrinha com cabo de malaquita; para Maisie trazia chocolates e livros de histórias, além de uma linda capa de chuva (para comprá-la, ele saiu sozinho com ela uma vez) e um montão de jogos, que vinham em caixas com as regras em folhetos impressos, e uma moldura de um vermelho muito vivo para proteger sua famosa fotografia. Os jogos, explicou ele, eram para passar o tempo à noite; e de fato houve muitas noites que a sra. Wix passou tentando, sem sucesso, entender o que diziam os tais folhetos. Quando sir Claude perguntava se elas haviam gostado dos jogos, as duas sempre respondiam que haviam adorado; porém discutiam a sério se não seria melhor pedir-lhe, com toda a franqueza, que as ajudasse a decifrar as regras. Por delicadeza, rejeitavam essa solução; não saberiam explicar por quê, mas a ternura que ele lhes inspirava levava-as a não lhe falar dos problemas que tinham. O que mais as deslumbrava era sua bondade para com a sra. Wix, não apenas a nota de cinco libras e seu hábito de “nunca esquecê-la”, mas também sua absoluta consideração — como dizia ela, com uma expressão que aquelas palavras revestiam de grandeza, os únicos momentos em que Maisie jamais veria nela qualquer sinal de tal atributo, salvo numa certa ocasião, a ser narrada oportunamente, na qual a pobre senhora revelou mais grandeza do que todos os outros juntos. Sir Claude apertava-lhe a mão, reconhecia-a, como ela dizia, e mais de uma vez levou-a, juntamente com sua enteada, à pantomima, e ao sair, em meio à multidão, em público, ofereceu-lhe o braço. Quando as encontrava a pegar sol em Piccadilly, alegrava-se, virava-se e caminhava com elas, heroicamente reprimindo sua consciência das distâncias sociais, um heroísmo de que — e a sra. Wix nem precisava colocar esta ideia em palavras — milady, apesar dos laços de sangue presentes, de forma alguma seria

capaz. Até mesmo o coração insensível de uma criança era capaz de perceber o que havia de trágico no êxtase provocado por tais atenções: Maisie deu-se conta de que sua humilde amiga passara a vida a esconder-se e apequenar-se. Porém ficava não menos claro o quanto sir Claude era cavalheiro: ninguém no mundo inteiro o era mais do que ele — “ninguém”, costumava dizer a sra. Wix, “que você possa vir a conhecer nas altas rodas, nem mesmo ninguém com quem você venha a se casar”. Havia perguntas que Maisie jamais fazia; assim sendo, sua governanta nunca enfrentou o constrangimento de ter que lhe dizer se sir Claude era mais cavalheiro que o papai. Não que lhe faltassem oportunidades de fazer tal pergunta, pois não havia momentos entre as duas em que o assunto pudesse ser considerado irrelevante — qualquer que fosse a matéria sendo estudada, mesmo as datas mais importantes, mesmo os verbos auxiliares —, em que o tema estivesse mais distante do que a página seguinte do livro. Quando, em noites de inverno, as cartas, tabelas e folhetos de regras as reduziam à perplexidade, a solução era aproximar-se da lareira e conversar sobre ele; e, para dizer a verdade, esses edificantes colóquios constituíam, no período, a maior parte da instrução ministrada à criança.

Também é necessário reconhecer que ele as levava longe, mais longe, talvez, do que podia ser justificado pela consciência antiquada e a moralidade surrada daquela governanta simplória. Momentos havia em que a sra. Wix admitia, entre suspiros, quantos escrúpulos tivera que vencer, e parecia perguntar que outra conduta poderia ser adotada para com uma menina cuja experiência tinha sido, por assim dizer, tão singular. “Não há por que fazer de conta que você não sabe de tudo, não é, meu amor?” e “Não seria possível corrompê-la mais do que você já está corrompida, não é mesmo, minha queridinha?” — era nesses termos que a boa senhora justificava para si própria e para sua aluna a agradável franqueza de suas dissertações. O que a aluna já sabia era na verdade mais reconhecido tacitamente do que expresso em palavras, porém desempenhava a função útil de transcender todos os livros didáticos e suplantava todos os estudos. Se não era possível corrompê-la mais, a própria menina tranquilizava-se de saber-se corrompida — pois isso substanciava de modo concreto o fato básico

da crise do momento: o fato de que a mamãe estava morta de ciúmes. Esse era outro aspecto da paixão de sua mãe, e as duas argutas estudiosas não demoraram a chegar a essa conclusão. Ficaram a considerar as inconveniências que resultavam para toda aquela que se casava com um cavalheiro capaz de exercer sobre outras mulheres o encanto que exercia sir Claude. Era natural que sua esposa se irritasse ao constatar a inevitabilidade de que as outras se apaixonassem por ele. Um dia em que algum acidente — uma porta a fechar-se com estrépito ou uma criada assustada a bater em retirada às pressas — evidenciara esse fato de maneira mais nítida, Maisie, receptiva e séria, de repente perguntou à amiga: “E a senhora, também está apaixonada por ele?”.

Com toda a sua seriedade, Maisie deixara espaço para uma gargalhada; assim, foi um pouco surpresa que ela ouviu a sra. Wix responder, muito séria e sem maiores rodeios: “Completamente apaixonada. Mais, *muito* mais — já que você perguntou — do que jamais estive”.

Essa franqueza, entretanto, não impediu que sua governanta, alguns dias depois — talvez por estar sir Claude sumido há vários dias —, contra-atacasse. “Posso lhe perguntar, minha cara, se *você* também está?”, indagou a sra. Wix, hesitante. Maisie percebeu claramente, porém, o tom de pilhéria. “E como!”, respondeu a criança, como se surpresa por não ter deixado bem claros seus sentimentos havia muito; e sua amiga suspirou, um suspiro que parecia exprimir satisfação — talvez até alívio. Tudo estava tal como devia estar.

No entanto, não era com elas, disso não tinham qualquer dúvida, que milady estava furiosa, nem era por nenhuma proibição que partisse dela que por fim chegou um período — ao completarem-se seis meses — em que ele ficava dias e mais dias sem dar as caras. Ele “saía”, e Ida “saía”; ora saíam juntos, ora separados; havia épocas em que as duas estudiosas tinham a casa inteira para si, em que até os criados pareciam ter saído e o jantar reduzia-se a uma expedição ousada pelas despensas e aparadores. A sra. Wix lembrava sua discípula nessas ocasiões — momentos de fome, em que a lembrança era mais oportuna do que nunca — que a “verdadeira vida” do casal, a sociedade magnífica que eles não podiam deixar de frequentar e os

prazeres complicados que seria até presunção tentar conceber haveriam de conter características que só poderiam ser imaginadas se já tivessem sido vistas antes. Numa dessas ocasiões, ela confidenciou a Maisie que, embora as dificuldades fossem muitas, a principal delas agora era a sra. Beale. Então, de algum modo, veio à luz que sua madrasta havia tentado vê-la, sua mãe ficara indignada, seu padrasto dera razão à sua madrasta, esta fingira estar agindo em nome de seu pai, e a reação de sua mãe a tudo isso fora, para falar às claras, péssima. A situação, afirmou a sra. Wix, era uma barafunda completa. O relato que ela fizera trouxe à mente de Maisie a visão feliz das circunstâncias em que sir Claude e a sra. Beale se conheceram — um incidente que, embora a menina pouco dissesse a seu respeito à sra. Wix, durante as primeiras semanas daquela temporada na casa de sua mãe, em conversas com seu padrasto ela relembrou mais de uma vez. Quanto ao que acontecera no dia em que sir Claude foi buscá-la, ela sentia uma vaga gratidão para com a sra. Wix por não haver, ao contrário de sua mãe, tentado sondá-la. Foi esse o termo que sir Claude usou para designar o processo quando a alertou para essa possibilidade, e novamente depois, quando lhe disse que ela fora um “camaradão” por conseguir se esquivar. Foi então que, plenamente cônica de não ter a sra. Beale de modo algum aberto mão dela, Maisie perguntou a sir Claude se continuava a comunicar-se com ela ou se por ora era de fato inevitável que cessassem todos os contatos com sua madrasta. Essa conversa se deu num dia em que ele apareceu na sala de estudos e encontrou Maisie sozinha.

Fumando um cigarro, parado diante da lareira, ele contemplava a pobreza do mobiliário de um modo que fez Maisie sentir-se envergonhada. Então, antes de deixar que a menina (ao puxar o assunto sra. Beale) o “fisgasse” — mais uma expressão dele; era extraordinário o número de termos seus que ela estava assimilando —, sir Claude comentou que sua mãe era mesmo muito parcimoniosa quanto à decoração da sala de estudos. A sra. Wix havia colocado nas paredes um leque japonês e dois textos um tanto severos; lamentava não ter outros mais alegres para pôr em seu lugar. Sem a fotografia de sir Claude, porém, a sala estaria, como ele próprio disse, mais desenhada que um jantar frio. Disse também que elas precisavam de muitas coisas; porém governanta e aluna, era bem verdade, ainda estavam divididas entre discutir sobre os lugares onde ficariam melhor as coisas que porventura viessem a ganhar e reconhecer que a mutabilidade dos estudos da menina era naturalmente desfavorável ao acúmulo do saber. Maisie permanecia apenas tempo suficiente para sentir falta das coisas, mas não o bastante para fazer jus a elas. O modo como sir Claude olhava para a sala de estudos incutiu na criança uma sensação de humildade tal que era quase como se estivessem no sótão miserável onde dormia Susan Ash. Então ele disse, numa súbita referência à sra. Beale: “Ela gosta mesmo de você?”.

“Ah, muito, muito!”, respondeu Maisie.

“Mas ela gosta de você por você mesma? Do mesmo modo que a senhora Wix?”

A criança pensou um pouco. “Ah, eu não sou tudo que a senhora Beale tem!”

Sir Claude achou muita graça nessa observação. “Não; você não é tudo que ela tem!”

Riu por alguns momentos, mas isso para Maisie já era de se esperar, de modo que não se sentiu desconcertada a ponto de não poder prosseguir: “Mas ela nunca vai abrir mão de mim”.

“Bem, eu também não, minha cara: até aí nada há de excepcional; e ela não é a única. Mas se gosta de você tanto assim, porque não lhe escreve?”

“Ah, por causa da mamãe.” Isso era óbvio, e Maisie quase se surpreendeu com a ingenuidade da pergunta de sir Claude.

“Sei... é claro”, respondeu ele. “Ela poderia contra-atacar, de mil maneiras diferentes. Mas além disso há que pensar na senhora Wix.”

“É, a senhora Wix”, concordou Maisie, sensata. “A senhora Wix não a suporta.”

Isso pareceu interessá-lo. “Não a suporta? E o que diz sobre ela?”

“Nada — porque sabe que eu não ia gostar. Ela não é um amor?”, perguntou a criança.

“Sem dúvida. Já a senhora Beale não seria capaz de calar-se por um motivo como esse, não é?”

Maisie reconheceu a justiça daquela observação; mas queria proteger também a sra. Beale. Porém a única maneira que encontrou de protegê-la foi exclamar: “Ah, lá na casa do papai ninguém liga para isso!”.

A reação de sir Claude foi apenas sorrir. “É, lá isto é. Mas aqui é diferente, não é verdade? Aqui nós evitamos dizer certas coisas. Creio que eu não devia tomar partido nesses assuntos diante de você”, prosseguiu ele, “mas a meu ver, de modo geral, aqui a situação há de ser bem melhor do que na casa de seu pai. Mas não insisto nesse ponto; é um assunto muito delicado para você. Seja como for, não se preocupe: prometo-lhe apoiá-la.” Então, após fumar por um momento, voltou à questão da sra. Beale e à pergunta inicial da menina. “Creio que não podemos fazer muito por ela no momento. Não a vejo desde aquele dia — palavra de honra que não.” No instante seguinte, com uma risada um pouco envergonhada, o jovem corou ligeiramente: sem dúvida sentiu que tal profissão de inocência era excessiva dirigida a Maisie. Não havia como não lhe dizer, porém, que sua mãe sem dúvida odiava a mulher da outra casa. Não lhe seria possível voltar lá com o consentimento de sua esposa, e ele não seria

capaz — insistiu, mais uma vez caindo, sem querer, no escrúpulo de garantir à menina que sua conduta era irreprochável — de ir lá sem tal permissão. Quando falava com ela, tendia a assumir o tom de um homem vivido dirigindo-se a outro. Era bem verdade que ele fora à casa da sra. Beale para buscar Maisie, mas tratava-se de uma situação bem diversa. Agora que a menina estava com sua mãe, sob que pretexto sir Claude poderia visitar a esposa de seu pai? E era evidente que a sra. Beale não podia vir à casa de Ida — esta haveria de estraçalhá-la. Ao ouvir falar em pretextos, Maisie lembrou-se que fora nesses termos que a sra. Beale se referira a ela de modo enfático, e refletiu que era sua sina ser encarada como tal, estando presente, quando se dependia dela, ou ausente, quando sua falta era lamentada. Sir Claude, ademais, reconheceu, nessa ocasião, que talvez as coisas mudassem no futuro; e terminou dizendo: “Estou certo de que ela gosta mesmo de você; e como poderia não gostar? Ela é muito jovem, muito bonita e muito inteligente: acho-a encantadora. Mas temos que agir com toda a propriedade. Se você me ajudar, eu ajudo você”, concluiu, naquele tom agradável, de igual para igual, sem qualquer condescendência, que deixava a menina disposta a sofrer qualquer coisa por ele, e cuja beleza, ela percebia vagamente, não era a pretensão fingida de descer a seu nível, e sim uma genuína indiferença ao desnível de idade.

Isso lhe proporcionava momentos de êxtase secreto — momentos em que ela julgava poder ajudá-lo de veras. A única coisa que a intrigava era a faixa etária avançada a que os adultos a sua volta se referiam como “juventude”. Então para sir Claude a sra. Beale era “jovem”, tal como ele próprio era para a sra. Wix: na verdade, a juventude era uma das virtudes que a governanta mais louvava nele. Nesse caso, o que seria Maisie, e, em mais um desdobramento da questão, o que seria sua mãe? Após algum tempo, e um ou dois experimentos, concluiu que a juventude de sua mãe não era coisa que pudesse ser comentada. Numa ocasião, chegou mesmo a perguntar-se, diante da tez turva e das rugas acentuadas da senhora em questão, se não seria ela a única pessoa a quem ocorreriam tais pensamentos. Se, porém, sua mãe não era jovem, então haveria de ser velha, o que tornava mais curioso o fato de seu marido ser de outra geração. O sr.

Farange era mais velho ainda — disse Maisie sabia muito bem; e essa constatação terminou por levá-la a dar-se conta do quanto deveria ser maior, já que a sra. Beale era mais jovem do que sir Claude, a diferença de idade entre seu pai e a sra. Beale. Tais descobertas eram desconcertantes, até mesmo um pouco perturbadoras: parecia-lhe que aquelas pessoas não tinham a idade que deveriam ter. Isso se aplicava em particular à sua mãe, fato que a levou a refletir, com certo alívio, que felizmente nunca discutira com a sra. Wix a questão do apego de sir Claude a sua esposa. Tinha consciência de que, ao restringir suas atenções aos sentimentos de milady, elas haviam sido contidas — a sra. Wix, talvez, em particular — pela delicadeza, até mesmo pelo constrangimento. Ao final do colóquio com seu padasto na sala de estudos, Maisie observou: “Então, se não vamos nunca ter contato com a senhora Beale, não é verdade o que ela pensou no dia em que o senhor foi me buscar”.

Ele pareceu não entender. “O que foi que ela pensou?”

“Ora, que eu aproximei o senhor e ela.”

“Ela pensou isso?”, indagou sir Claude.

Maisie surpreendeu-se de constatar que ele já havia esquecido. “Tal como aproximei o papai e ela. Não se lembra de ouvi-la dizer isso?”

A lembrança voltou-lhe à mente junto com uma gargalhada. “Ah, foi, sim... é verdade!”

“E o *senhor* também disse isso”, prosseguiu Maisie, sensata.

Ele recordou-se, achando cada vez mais graça de toda a cena. “E *você* também disse!”, retorquiu, como se estivessem jogando um jogo.

“Então todos nós nos enganamos?”

Sir Claude pensou um pouco. “Não, absolutamente. Na verdade foi isso mesmo que você fez. Nós nos aproximamos, sim — por estranho que pareça. Ela está pensando em nós — em mim e em você — ainda que a distância. E não tenho dúvida que você vai constatar que está tudo bem quando voltar para ela.”

“Quer dizer que eu vou voltar para ela?”, perguntou Maisie, arfando um pouco, como se agarrasse de súbito a felicidade presente.

A reação de sir Claude foi parecer ficar sério por um instante; talvez estivesse refletindo sobre o ônus do compromisso que acabara

de assumir. “Ah, algum dia, com certeza! Temos muito tempo.”

“Tenho tanto tempo para compensar”, disse Maisie, sentindo-se muito ousada.

“Decerto, e você deve aproveitar cada momento para isso. Eu mesmo vou exigí-lo de você!”

A afirmação era estimulante; e para demonstrar que seu efeito a tinha tranquilizado, Maisie replicou: “É o que a senhora Wix também pensa”.

“Mas claro”, disse sir Claude; “eu e a senhora Wix marchamos ombro a ombro.”

Maisie ficou um instante a ruminar essa imagem forte; em seguida exclamou: “Então fiz a mesma coisa com vocês também — eu aproximei os dois!”.

“E como!”, riu sir Claude. “Mais — palavra de honra — do que qualquer outro par. Ah, você nos aproximou, sim! Agora só falta, como lhe disse naquele dia, fazer o mesmo por mim e sua mãe!”

A menina ficou intrigada. “Aproximar o senhor e *ela*?”

“Sim, porque não estamos próximos — nem um pouco. Mas eu não lhe devia dizer essas coisas; ainda mais porque nesse caso você nada pode fazer. Não, minha velha”, prosseguiu o jovem, “nesse caso você não vai conseguir. Mas não há de ser nada; dá-se um jeito. O importante é que eu e você estamos bem.”

“Se estamos!”, exclamou a menina com devoção. Mas na mesma hora, à luz do que ele acabara de dizer, perguntou: “Como vou poder me separar do senhor?”. Era como se ela tivesse que tomar conta dele.

O sorriso de sir Claude fez justiça à ansiedade de Maisie. “Ora, separar-se de mim por quê? Não vai ser preciso.”

“Quer dizer que quando eu for embora o senhor vai comigo?”

Sir Claude hesitou. “Não exatamente; mas nunca vou me afastar muito.”

“Mas como o senhor pode saber aonde mamãe vai levá-lo?”

Ele riu outra vez. “Não sei, confesso!” Então ocorreu-lhe uma ideia, embora jocosa demais. “Você é que vai precisar dar um jeito de não deixá-la levar-me para muito longe.”

“O que eu posso fazer?”, perguntou Maisie, perplexa. “Mamãe não liga para mim”, disse, com toda simplicidade. “Não liga muito,

não.” Por mais criança que fosse, toda a longa história de sua curta existência estava contida nessas palavras; e era impossível contradizê-la, tal como se ela fosse uma anciã venerável.

O silêncio de sir Claude era um reconhecimento desse fato; era-o mais ainda o tom em que ele respondeu, pouco depois: “Isso não há de impedir que ela, algum dia, deixe você comigo”.

“Então vamos morar juntos?”, indagou ela, ávida.

“Creio”, disse sir Claude, sorrindo, “que esta será a oportunidade da senhora Beale.”

Essa observação teve o efeito de diminuir um pouco seu entusiasmo; Maisie lembrou que a sra. Wix qualificara a situação como uma barafunda completa. “De voltar a ficar comigo? Então o senhor não pode me visitar lá?”

“E por que não?”

Embora tivesse saltado algumas etapas da infância, como toda criança Maisie tinha predileção por promessas concretas. “Então o senhor vai me visitar — e vai sempre, não vai?”, insistiu; neste momento a porta abriu-se e entrou a sra. Wix. Em vez de responder, sir Claude dirigiu-lhe um olhar que a fez calar-se, constrangida.

Quando, porém, ele teve nova ocasião de falar com Maisie em particular — e demorou muito para tal oportunidade surgir —, sir Claude retomou a conversa exatamente no ponto em que fora interrompida. “Minha cara, mesmo que eu possa visitá-la na casa de seu pai, é coisa muito diferente a senhora Beale vir vê-la aqui.” Maisie concordou com essa afirmação, pensativa, embora cônica de que não saberia explicar com clareza onde residia a diferença. Deu-se conta de que seu padrasto poupava-lhe — como ele dizia, com a jocosidade habitual — esse trabalho. “É provável que eu consiga ir à casa da senhora Beale sem que sua mãe fique sabendo.”

Maisie sentiu um certo *frisson* diante do que havia de dramático nesta ideia. “E ela não poderia vir aqui sem que mamãe...?” Não conseguiu articular a palavra que designasse o que sua mãe faria.

“Minha cara, a senhora Wix contaria a ela.”

“Mas eu pensei”, objetou Maisie, “que a senhora Wix e o senhor...”

“Marchamos ombro a ombro?”, completou sir Claude. “É verdade, com relação a tudo, menos à senhora Beale. E se você sugerir”, prosseguiu, “que poderíamos tentar dar um jeito de esconder da senhora Wix...”

“Ah, não estou sugerindo isso, não!” Foi a vez de Maisie interrompê-lo.

A expressão de sir Claude indicava que ele entendia muito bem por quê. “Não; seria mesmo impossível.” Essa visão do que eles dois poderiam esconder permitiu à menina vislumbrar nele, pela primeira vez, algo que ela jamais imaginara encontrar. Já houvera situações em que fora obrigada a aceitar a ideia de estar sendo dissimulada; porém nunca escondera nada maior do que um pensamento. Naturalmente, naquele exato instante ocultou a ideia do quanto seria estranho vê-lo esconder algo; e enquanto tais considerações a ocupavam, sir Claude prosseguiu: “Além do quê, não tenho medo do seu pai”.

“E da minha mãe, o senhor tem?”

“E muito, rapaz!”, retrucou sir Claude.

Não se deve imaginar que as ausências de milady não fossem compensadas por manifestações de outra ordem — entradas triunfais e pausas ofegantes, durante as quais ela parecia submeter tudo que havia na sala, desde o estado do teto até o das botas de sua filha, a um exame rico em intenções. Às vezes sentava-se, às vezes ficava a zanzar de um lado para o outro, mas em ambos os casos ostentava um ar de grandiosa eficiência. Encontrava tantas imperfeições que despertava muitas expectativas, e de tal modo disparava cálculos que parecia distribuir soluções e promessas. Suas visitas valiam um traje completo; seus modos, como a sra. Wix observou uma vez, valiam um par de cortinas; porém ela era uma pessoa dada a extremos: ora mal falava com a filha, ora apertava a criaturinha contra o peito, o qual, como também observara a sra. Wix, ficava quase exposto pelo decote. Estava sempre apressadíssima, e quanto maior o decote, concluía-se, mais sua presença era requisitada algures. Costumava irromper sozinha, mas por vezes vinha acompanhada de sir Claude, e no decorrer de todo o período inicial o melhor dessas aparições era ver o quanto milady estava — como dizia a sra. Wix — enfeitada. “*E como!*”, comentava Maisie, de modo perceptivo, ainda que informal, depois que sir Claude arrastava sua mãe numa onda de hilaridade espontânea. Nem mesmo nos tempos de outrora, em meio às senhoras deliciadas, sua mãe ria de modo tão escancarado quanto nesses momentos de descontração conjugal, uma alegria a que ela, como até mesmo uma menininha podia ver, por fim tinha direito — uma menininha cujos pensamentos agora resumiam-se a alegres e egoístas meditações acerca de bons presságios e prazeres futuros.

Desacompanhada, em ocasiões subsequentes, e dando a impressão de estar mudando para corresponder a uma mudança, Ida passou a adotar um tom superficialmente desconcertante e abrupto — como se

tivesse, a um custo imenso, entregado tudo a sir Claude e quisesse deixar bem claro a todos que, se tudo não ia bem, a responsabilidade era dele. “Desde o começo ele fez tamanho rebuliço em torno de você”, afirmou ela, de certa feita a Maisie, “que eu lhe disse que nesse caso ele devia assumir a responsabilidade por você para ver no que dava — entende? Lavo minhas mãos; você está entregue a ele; e se tem do que se queixar, é favor dirigir suas reclamações a quem de direito. Portanto não me venha com sarabandas; já tenho muitas preocupações.” Uma delas, sem dúvida, era o fato de que o clima de encantamento que tanta hilaridade lhe proporcionara junto à lareira da sala de estudos já ameaçava dissipar-se; outra era o de que por fim ela via-se obrigada a proclamar publicamente que seu marido era incapaz de assumir responsabilidades. Houve mesmo um dia em que suas duas ouvintes, atônitas, foram informadas de que o problema dele era nada mais que falta de seriedade. Maisie chorou no colo da sra. Wix depois de ouvir que sir Claude não passava de um peralvilho; e tiveram pouco efeito as tentativas de consertar a situação empreendidas pela sra. Wix, a qual afirmou, nos dias subsequentes, em diversas ocasiões, que a seu ver era apropriado a um homem de sua “condição” viver uma vida livre de cuidados. Uma tal existência lhe parecia apropriada à condição de todas as pessoas que já conhecera, menos ela própria, e o mérito específico de sir Claude era justamente o fato de ele ser diferente de todos os outros. Não obstante, com o tempo Maisie passou a falar com seu padrasto sem qualquer constrangimento a respeito de sua mãe, pois que em relação a ele não tinha em absoluto o medo que a fizera calar-se diante do pai — o medo de dizer o que não devia e piorar ainda mais a situação. Ao que parecia, sir Claude concordava que assumira o controle da menina, fazendo dela — era o termo que empregava — um brinquedo todo seu; concordava também que era um embusteiro, um vadio, um paspalhão. E nunca fez diante da menina nenhuma crítica a sua mãe — limitava-se a permanecer mudo e desanimado diante do zelo superior de milady. Havia ocasiões em que chegava a falar como se tivesse arrancado sua enteada dos braços de uma mãe que a ela se agarrava com unhas e dentes.

Foi bem essa a moral de uma cena marcante que ocorreu num dia em que os quatro se encontraram, sem nenhuma outra presença, na sala de estar, e Maisie viu-se apertada contra o seio da mãe, que entre soluços e gritos passionais fê-la objeto de uma demonstração que sem dúvida fora motivada por alguma cena desagradável. Esse antecedente levou Ida a dizer, enquanto envolvia a criança nos braços, que o amor de sua filha fora fatalmente alienado do modo mais brutal, e a atacar sir Claude como o cruel perpetrador desse feito indigno. “Ele arrancou você de mim”, chorava; “ele colocou-a contra mim, e agora não há solução, você já está envenenada, sua monstrelha! Você agora está do lado dele, contra mim, e me odeia. Você nunca fala comigo — não negue, você sabe que é verdade; mas com ele você fala pelos cotovelos. Não minta — ouço a sua voz o dia inteiro. Você vive grudada nele, quase chega a ser indecente — com você ele faz o que quer. Pois então, bom proveito! Ele fez muita questão de conquistá-la; vamos ver se vai querer ficar com você agora. De que adianta eu sofrer, se comigo você é mais fria que um peixe!” De repente desvencilhou-se da criança e, como se admitindo, desgostosa, seu fracasso, lançou-a longe, nos braços da sra. Wix, que nesse momento, Maisie percebeu, embora em movimento, trocou, muito vermelha, um olhar rápido e estranho com sir Claude.

A impressão desse olhar não lhe saía da cabeça, proporcionando-lhe uma visão tão crítica da explosão de sua mãe que diminuía a sensação de vergonha por ter feito jus às acusações que acompanharam o gesto de sua mãe de lançá-la longe. Seu pai chamara-a uma vez de monstrelha desprovido de sentimentos, e agora, apesar de assustada, ela estava dura e fria, como se aquela caracterização fosse justa. Não estava sequer assustada o bastante para chorar, o que teria sido apenas um tributo às queixas de sua mãe: sentia-se apenas, mais do que qualquer outra coisa, curiosa a respeito da opinião que seus dois amigos haviam manifestado sem palavras. Quando teve a primeira oportunidade de dirigir à sra. Wix uma pergunta a esse respeito, ouviu uma resposta extraordinária: “Bem, minha querida, é milady quem está com a faca e o queijo na mão, e só nos resta trincar os dentes e aguentar firme”. Maisie teve bastante tempo para tentar interpretar essas palavras sinistras. De fato, nesse

momento suas reflexões intensificaram-se muito, sendo que uma delas levou-a à convicção de que sua governanta tinha conversas em particular, calorosas e frequentes, com seu padrasto. Percebeu, à luz de um segundo incidente, que alguma coisa fora de seu conhecimento havia acontecido na casa. As coisas fora de seu conhecimento — que na verdade eram inúmeras — até então, julgava ela, não lhe diziam respeito: outrora chegara mesmo a acreditar, com certa presunção, que no labirinto daquela casa sempre soubera guiar-se. Também dessa vez, porém, terminou por descobrir — com a discreta ajuda, havia que admitir, da sra. Wix. O apoio de sir Claude foi-lhe retirado abruptamente, pois se milady tinha a faca e o queijo na mão, a reação dele a esse estado de coisas foi partir de imediato, e a sós, para Paris, sem dúvida para demonstrar que tinha brio quando o acusavam de mau comportamento. Por mais que gostasse da enteada, pensou Maisie, não gostava que ela lhe fosse impingida desse modo; sua ausência, portanto, estava claro, era um protesto contra a imposição. Foi durante essa ausência que a menina por fim descobriu o que havia acontecido na casa: sua mãe não estava mais apaixonada.

O limite de sua paixão por sir Claude, imaginava Maisie, sem dúvida teria sido atingido algum tempo antes do dia em que milady surgiu de repente na sala de estudos para apresentar o sr. Perriam, o qual, ela disse a Maisie ao entrar, não acreditava que ela tivesse uma filhota já taluda. O sr. Perriam era baixo e volumoso — a sra. Wix observou depois que ele era “gordo demais para aguentar o ritmo”; e não seria fácil dizer o que nele era mais pronunciado, a calvície ou a barba negra. Além disso, dava a impressão de ter bigodes no lugar das sobrancelhas, o que, porém, não impedia de modo algum que os olhos brancos e reluzentes rodopiassem de um lado para o outro como bolas de bilhar impelidas pelo célebre taco de Ida. O sr. Perriam ostentava, na mão com que cofiava o bigode, um brilhante que chegava a ofuscar a vista, o qual, juntamente com sua corpulência e o mistério que o envolvia, levou nossa amiguinha a observar, depois de sua partida, que se estivesse de turbante, corresponderia com exatidão à imagem que ela sempre fizera de um turco.

“Pois corresponde bem à imagem que eu faço”, respondeu a sra. Wix, “de um judeu pagão.”

“Quero dizer”, explicou Maisie, “de uma pessoa do Oriente.”

“Pois aposto”, disse a governanta, “que ele é da City.” Em seguida acrescentou, como se soubesse de tudo a respeito dele: “É uma dessas pessoas que estão começando a pôr as manguinhas de fora. Deve ser podre de rico”.

“Porque o pai dele morreu?”, indagou a criança, interessada.

“Não, não, nada de hereditário. Ele juntou uma fortuna.”

“Quanto a senhora imagina que seja?”, perguntou Maisie.

A sra. Wix pensou e arriscou: “Ah, muitos milhões”.

“Cem?”

A sra. Wix não tinha certeza de quantos, mas seriam suficientes para dar a impressão de aquecer por algum tempo a penúria da sala de estudos — de perdurar no ar como um arrebol, depois que o sr. Perriam levou embora sua luz quente e pesada. Era também, sem dúvida, da parte do senhor em questão, um efeito daquela alegria de viver com que, entre adultos, Maisie estivera em contato desde a mais tenra idade — o sinal de uma maturidade feliz, o velho tom familiar de alegria transbordante. “Como vai, minha senhora? Como vai, mocinha?” Ele ria e balançava a cabeça para as duas figuras boquiabertas. “Ela me trouxe aqui para dar uma olhadela — é verdade, eu lhe disse que só acreditava vendo. Ela vive falando em você, mas nunca me mostra; por isso hoje eu a desafiei. Pois bem, então você não é uma invenção, mocinha; entrego os pontos”, disse o visitante a Maisie, “mas bem que podia ser!”

“Falei tanto de você que cheguei a aborrecê-lo, querida — eu aborreço todo mundo”, disse Ida. “E para provar que você é mesmo uma teteia, e além disso uma garota já bem crescida, eu lhe disse que ele veria com seus próprios olhos. E agora ele está vendo que você já está praticamente uma moça e que sua pobre mamãe deve ter no mínimo sessenta anos!” E milady sorriu para o sr. Perriam com todo o charme que a menina ouvira ser atribuído a ela na casa do papai pelos cavalheiros risonhos, quando estes queriam “mangar” dele, como diziam. Os modos de sua mãe naquele momento proporcionaram à filha a visão mais nítida que jamais tivera daquele atrativo que seu pai, em termos veementes, sempre afirmava inexistir nela.

O sr. Perriam, porém, claramente o identificou, tal o bom humor com que reagiu a ela. “Eu nunca disse que você não é maravilhosa — eu já disse isso, já?” E recorreu, com uma confiança satisfeita, ao testemunho das ocupantes da sala de estudo, em relação à qual sem dúvida julgava que alguma reação sua haveria de ser esperada. “Então é aqui a salinha delas, não é? Encantadora, encantadora!”, repetiu, enquanto olhava à volta, distraído. As estudiosas interrompidas apegavam-se uma à outra, como se tivessem sido expostas aos olhares do público; porém Ida atenuou o constrangimento levantando os ombros altos. Desta vez o sorriso que dirigiu ao sr. Perriam tinha a beleza de uma súbita melancolia. “O que há de fazer uma pobre mulher?”

A careta do visitante foi se intensificando à medida que se prolongava sua inspeção, e as ocupantes da saleta sentiam-se cada vez mais como animais exibidos numa jaula. “Encantadora, encantadora!”, insistia o sr. Perriam; mas o parêntese fechou-se com um estalo súbito. “Pois bem!”, disse milady. “Até logo!”, acrescentou, seca. E depressa os dois já desciam a escada, enquanto à sra. Wix e sua amiga, entreolhando-se mudas à porta aberta, chegavam os ruídos da grande corrente social que os levava de volta à vida.

É talvez curioso que, após esse episódio, Maisie jamais fizesse qualquer pergunta a respeito do sr. Perriam, e mais curioso ainda que uma semana depois já soubesse tudo que não havia perguntado. O mais importante do que a menina sabia — e essa informação lhe veio, sem que ela a pedisse, diretamente da sra. Wix — era que sir Claude com certeza não gostaria das visitas daquele milionário, que entrava e saía dos cômodos do andar de cima. A reprovação de sir Claude era comprovada pelo fato de que a mera possibilidade de tal coisa bastara para derrubar a discrição da sra. Wix; a governanta foi capaz de transferir sua lealdade, de sacrificar no altar do decoro, em desespero, sua patroa. Contra a sra. Beale, ela dera a entender mais de uma vez, estava disposta a fazer o melhor que podia por milady; mas contra sir Claude não podia fazer absolutamente nada. Era extraordinário o número de coisas que, ainda sem ter perguntado nada, Maisie já sabia quando seu padrasto voltou de Paris — trazendo um esplêndido aparelho para pintar aquarelas para ela e, para a sra. Wix, com um

lapso de memória que teria sido engraçado se não fosse um pouco desconcertante, um segundo guarda-chuva, ainda mais elegante. Sir Claude havia se esquecido por completo do primeiro, o qual, envolto em mais camadas do que uma múmia de faraó, a sra. Wix jamais cometeria o sacrilégio de usar. Mas o que Maisie mais sabia era que, embora estivesse agora, por acordo tácito, do “lado” de sir Claude, sua amiga ainda nada lhe havia dito a respeito do sr. Perriam. Este cavalheiro tornou-se, portanto, uma espécie de segredo de polichinelo, das profundezas do qual governanta e pupila entreolhavam-se, graves, de vez em quando, desde que recuperaram seu amigo. A recuperação foi copiosa, e observou-se que, embora tudo indicasse que ele sentira necessidade de defender-se do risco de parecer que lhe haviam imposto de modo categórico demais uma filha que não era sua, nesse período ele expôs-se mais do que nunca ao perigo de criar expectativas.

Se agora tornara-se necessário tomar partido, havia ao menos certos dados concretos que indicavam de que lado estava cada um. Maisie, é claro, na posição delicada em que se encontrava, não estava do lado de ninguém; porém sir Claude, ao que tudo indicava, estava do lado dela. Se, portanto, a sra. Wix estava do lado de sir Claude, milady do lado do sr. Perriam e o sr. Perriam, ao que parecia, do de milady, restava apenas decidir de que lado estavam a sra. Beale e o sr. Farange. A sra. Beale, sem dúvida, estava, tal como sir Claude, do lado de Maisie, e o papai, era de se imaginar, do lado da sra. Beale. Neste ponto havia uma pequena ambiguidade, uma vez que seu pai, embora estivesse do lado da sra. Beale, não parecia pertencer exatamente ao de sua filha. Quanto mais pensava na situação, mais a menina se convencia de que era uma espécie de jogo das cadeiras, e ficava a perguntar-se se a distribuição de lados não levaria a uma grande correria e a uma troca de lugares. Estava diante de uma mudança constante: pois se até sua mãe e seu padrasto já não estavam do mesmo lado! Era esse o grande acontecimento que ocorrera na casa. Além disso, a sra. Wix estava exibindo uma outra face: nunca fora uma pessoa muito alegre, mas sua gravidade agora tornara-se uma atitude tão pública quanto um cartaz. Vivia sentada nos cantos, com seu vestido novo, a remoer a delicadeza perdida, que se tornara uma lembrança quase tão dolorosa quanto a da pobre Clara Matilda.

“É muito duro para ele”, dizia com frequência à sua amiguinha; e era surpreendente o quanto Maisie se julgava informada a respeito da situação para poder concordar com ela. Por mais duro que fosse, porém, sir Claude jamais se comportara de modo mais digno do que agora, reagindo à situação com uma atitude galante, generosa e sociável: a sra. Wix manifestava de mil modos o alívio que sentia de ver que ele não permitira que aquele estado de coisas o tornasse rancoroso. Passou a frequentar cada vez mais a sala de estudos, onde claramente se dera conta de que, já que seria de qualquer modo acusado de corromper aquela criança inocente, então podia ao menos divertir-se um pouco. Jamais entrava na sala sem dizer a suas ocupantes que elas eram as pessoas mais simpáticas da casa — comentário esse que sempre as levava a exclamar “O senhor Perriam!” uma para a outra, do modo mais explícito de que lábios cerrados e olhos arregalados são capazes de fazê-lo. Seu comportamento trouxe à lembrança de Maisie a conversa com a sra. Beale em que ele se atribuía a vocação de ama, e a menina, quase revelando o segredo à sra. Wix, chegou a comentar com ele uma vez que nenhuma das amas que tivera jamais fumara tanto no serviço. O efeito desse comentário sobre seu hábito de fumar foi nulo — nem, aliás, tivera qualquer intenção de coibi-lo: sir Claude fumava o tempo todo, porém sempre afirmando que não conseguia viver longe da atmosfera do lar.

E era isso, afinal, que ele encontrava na sala de estudos; às vezes, tarde da noite, na cama, Maisie tinha certeza de que sir Claude estava lá, discutindo seus problemas com a sra. Wix. A consideração que manifestava pela pobre mulher, mesmo na situação em que ele estava, continuava a revelá-lo como o perfeito cavalheiro e a elevar sua cortesia a uma esfera excelsa de beatitude onde até o orgulho da governanta era tocado pelo silêncio da ansiedade. “Ele se apoia em mim... ele se apoia em mim!” — era tudo que ela dizia por vezes; e sentiu mais surpresa do que achou graça quando, mais tarde, descobriu por acaso que dera a sua aluna a impressão de que o apoio em questão era físico. Ao dar-se conta desse mal-entendido, a sra. Wix foi obrigada a ser explícita, a explicar à menina, com um ar fúnebre de consternação por ter que se rebaixar de tal modo ao óbvio, que o

tema daquelas conversas noturnas era a questão de como seu padraço deveria aprumar-se na vida. A vida em que ela queria que sir Claude se aprumasse era a vida pública: “ela”, no caso, apresso-me a esclarecer, não era sua esposa, e sim apenas a sra. Wix. Esta senhora dizia a seu respeito frases cheias de compreensão, porém ao mesmo tempo plenas de moralidade. “Ele é uma pessoa esplêndida, mas não pode viver como os lírios do campo. É muito bom, é claro, mas precisa encontrar algum interesse sério.” Mais de uma vez comentou que a situação dele estava bastante complicada, mas que elas — parecia referir-se a si própria e Maisie — deviam dar um jeito de fazê-lo eleger-se parlamentar. A criança assimilou da governanta, com um toque de orgulho, a ideia de que o Parlamento era a esfera natural de sir Claude, e por isso dava menos importância aos obstáculos, ainda mais porque jamais ouvira falar de situações que não fossem complicadas. Uma vez, nos tempos de outrora, a sra. Beale lhe dissera que a situação dela, Maisie, estava complicada, e confortada por saber que também ela tinha uma situação, não deixou que aquela informação a assustasse nem um pouco. Era bem verdade, e talvez um pouco preocupante, que desde então jamais tivera ouvido falar de tais coisas. Fosse como fosse, encantava-a a possibilidade de algum dia conseguir que sir Claude fosse eleito; especialmente depois que a sra. Wix, após mais colóquios noturnos, chegou a afirmar que estava convicta de que bastaria isso para salvá-lo. Ao dizer essas palavras, a governanta passou à sua aluna a impressão de ter dado, tal como a mãe fazia quando falava, um salto considerável. A menina olhava-a como se para um canguru.

“Salvá-lo de quê?”

A sra. Wix refletiu, depois cobriu uma distância ainda maior.
“Ora, de uma terrível desgraça.”

A governanta não explicou na hora o significado daquelas palavras funestas, mas à luz dos eventos subsequentes sua amiga logo as compreendeu. De fato, nesse período muito se intensificaram as percepções diretas de Maisie, sua consciência da liberdade de apreender as coisas por conta própria. Esse processo foi acelerado por uma emoção que nada tinha de agradável — o aumento da preocupação que mais atormentava suas meditações. Nem foi preciso que lhe dissessem, como o fez a sra. Wix no dia seguinte à revelação do perigo que ameaçava sir Claude, que sua mãe estava cada vez mais intrigada pelo fato de que seu pai não vinha buscá-la: fazia muito tempo a menina esperava que se manifestasse com ênfase a curiosidade de sua mãe a respeito desse ponto. Maisie pôde enfrentar essa pressão uma vez que enfrentá-la era ser capaz de responder, com palavras diretamente inspiradas, que seu pai tinha mais o que fazer do que assumir tal estorvo. Assim, a menina percebeu que chegara a hora havia tanto tempo divisada em momentos de tensão: a hora em que — a expressão que lhe vinha à mente era da sra. Beale — com dois pais, duas mães e dois lares, seis proteções ao todo — ela não teria aonde ir. A apreensão que isso lhe causava não foi diminuída quando viu a própria sra. Wix ficar de súbito pálida de terror: uma circunstância que fez Maisie dar-se conta de que esta senhora temia mais o que aconteceria com ela própria do que o destino de sua aluna. Uma governanta que tinha um único vestido decerto não teria dois pais nem duas mães: assim sendo, se mesmo provida de tais recursos Maisie ia terminar na rua, o que haveria de ser da pobre sra. Wix? Esta, ao que parecia, tivera uma tremenda escaramuça com Ida, que começara e terminara com o pedido de que ela de imediato “fizesse sua trouxa”. Surgira de repente, porém com toda a força, essa manifestação que a enchera de medo. As amigas confessaram-se os

temores que uma havia tentando ocultar ao menos em parte da outra, mas a sra. Wix tinha uma vantagem sobre Maisie: havia esboçado um plano de defesa. Preferia não revelá-lo enquanto não o elaborasse por completo; neste ínterim, apressava-se a afirmar, seus pés estavam firmemente plantados na sala de estudos. Dali só sairia à força, se a polícia a obrigasse a fazê-lo, talvez, mas uma simples explosão de raiva não haveria de expulsá-la. Isso seria fazer o jogo de milady, e só mesmo com mais uma volta do parafuso ela abandonaria sua querida. Milady havia reagido com extrema violência: fora um de muitos sintomas de uma situação cheia de tensões — “entre todos”, disse a sra. Wix, “mas em especial entre os dois” — a tal ponto que só Deus sabia onde aquilo iria terminar.

A descrição da crise deixou a menina na dúvida. “Dois quem? O papai e a mamãe?”

“Não, não. Sua mãe e ele.”

Maisie reconheceu ali uma oportunidade de ser sutilíssima. “Ele quem? O senhor Perriam?”

O rosto assustado corou. “Minha filha, você sabe mesmo de tudo que vale a pena saber. Que com o senhor Perriam a coisa não vai ser para sempre — já que você tocou no assunto — ninguém duvida. Mas eu me referia ao querido sir Claude.”

Aquela correção não constrangeu Maisie. “Sei. Mas é por causa do senhor Perriam que ele está zangado?”

A sra. Wix esperou. “Diz ele que não.”

“Que não está zangado? Ele disse isso à senhora?”

A sra. Wix dirigiu-lhe um olhar duro. “Não está zangado por causa *dele*.”

“Então é por causa de outro?”

A sra. Wix endureceu o olhar mais ainda. “Por causa de outro.”

“Lorde Eric?”, foi logo dizendo a criança.

Nesse ponto a governanta ficou ainda mais nervosa. “Ah, minha pobrezinha, por que mencionar esses nomes horríveis?” E, pela milionésima vez, jogou-se no pescoço de Maisie. A aluna não levou mais que um instante para dar-se conta de que ela tremia de insegurança, e, com a ajuda de seu próprio medo, logo as duas estavam chorando uma nos braços da outra. Foi então que,

completamente relaxada, mais desmoralizada do que jamais se sentira, a sra. Wix permitiu que sua ferida sangrasse e seu ressentimento jorrasse. O que mais lhe doera fora Ida chamá-la de falsa, denunciar sua hipocrisia e duplicidade, acusá-la de espiar e bisbilhotar, mentir para sir Claude e aviltar-se diante dele. “Eu, *eu*”, gemeu a pobre mulher, “que vi o que vi e passei por tudo isso só para protegê-la e poupá-la? Se fui hipócrita foi pelo motivo contrário: por fingir, para ele e para ela, para mim mesma, para você e para todos, *não* estar vendo! Bem feito, quem mandou calar-me diante de tais horrores!” Sua amiga resolveu não inquirir de modo explícito que horrores seriam esses, dando até sinais, e não poucos, de que os encarava com naturalidade. Isso pôs as duas, mais do que nunca, em mar revolto, no mesmo barco, de modo que, cônica de que sua companheira de aventuras tinha algo em mente, Maisie podia simplesmente esperar. No dia seguinte, sir Claude foi tomar chá com elas, e as ideias foram então expostas. Era extraordinário: a presença da criança tinha o efeito de estimulá-las ao máximo. A principal era surpreendente, porém Maisie admirou a coragem com que sua governanta a abordou. Consistia na simples proposta de que sir Claude aceitasse partilhar com elas do mesmo teto onde e quando as duas porventura encontrassem refúgio. Quando ele protestou com toda a ênfase contra essa trama secessionista, a sra. Wix perguntou que alternativa lhes restaria se milady parasse de lhes dar mantimentos.

“Qual mantimento, qual nada, minha cara!”, exclamou seu amigo precioso. “Deixe isso por minha conta — eu cuido dos mantimentos.”

A sra. Wix reagiu à altura. “Pois é justamente por saber que o senhor estaria disposto a assumir essa responsabilidade que levantei a questão. Há uma maneira de cuidar de nós melhor do que qualquer outra. É sair daqui conosco.”

A proposta da sra. Wix pairava diante de Maisie como uma imagem dourada; a menina apertou as mãos, em êxtase. “Venha, sim! Venha, sim! Venha, sim!”

Sir Claude olhou para a enteada e depois voltou a vista para a governanta. “A senhora está dizendo que eu devo sair desta casa e ir morar com vocês?”

“É a solução correta, se o senhor de fato se sente tal como me disse.” A sra. Wix, fortalecida e estimulada, agora manifestava-se com total franqueza.

Sir Claude parecia tentar lembrar-se do que havia dito a ela; então seu rosto iluminou-se com a luz que sempre irrompia para tornar seu rosto mais agradável. “A senhora teve a feliz ideia de que eu devia alugar uma casa para vocês?”

“Para a pobre criança sem família e sem casa. Qualquer teto, para nós, há de servir; mas naturalmente para o senhor terá de ser uma coisa muito distinta.”

O olhar de sir Claude voltou-se para Maisie, um olhar um tanto duro, a menina pensou; e mesmo em seu sorriso havia uma sombra que lhe parecia mostrar — embora ela tivesse a impressão de que nada mostrava à sra. Wix — que a solução proposta soava um tanto pesada para ele. No momento seguinte, porém, ele riu com alegria. “Minha cara senhora, isso é exagerar demais as minhas modestas necessidades.” A sra. Wix uma vez dissera à amiguinha que, quando a chamava de “minha cara senhora”, sir Claude podia fazer o que quisesse com ela; e Maisie sentiu-se um pouco ansiosa a respeito do que ele faria agora. Tudo que fez, porém, foi dirigir-lhe uma afirmação de cuja importância até a menina deu-se conta. “Seu plano agrada-me muitíssimo; mas é claro — a senhora não vê? — que tenho de refletir na situação em que fico se largar minha mulher.”

“O senhor deve também levar em conta”, respondeu a sra. Wix, “que se não tomar cuidado sua mulher não lhe dará tempo de refletir. Milady é que vai largar o senhor.”

“Ah, minha amiga, mas eu tomo cuidado, sim!”, retrucou o jovem, enquanto Maisie servia-se de mais pão com manteiga. “É claro que, se tal vier a acontecer, terei de dar um jeito; mas espero do fundo do coração que tal não ocorra. Peço-lhe desculpas”, prosseguiu, dirigindo-se à enteada, “por discutir tais questões na sua frente. Mas é que a toda hora eu esqueço que a Ida é sua querida mãezinha.”

“Eu também!”, disse Maisie, com a boca cheia de pão com manteiga, para lhe dar mais razão.

Sua protetora, ao ouvir essas palavras, voltou à carga: “Pobre anjinho desamparado!”. Durante o resto da conversa, a menina

permaneceu nos braços da sra. Wix, enquanto sir Claude, diante das duas figuras entrelaçadas, com sua xícara de chá, contemplava-as com ar cada vez mais pensativo. Por mais que se encolhessem, pensou Maisie, elas duas formavam um vulto muito volumoso para impor a um homem tão esbelto e fino. A menina percebeu também que sua governanta em nada melhorou a solução ao acrescentar pouco depois: “É claro que *nós* nem sonhamos com uma casa inteira. Qualquer lugarzinho, por mais humilde que seja, seria maravilhoso”.

“Mas teria de ser um lugar onde coubéssemos os três”, disse sir Claude.

“Sim, claro”, concordou a sra. Wix; “pois se a ideia é justamente ficarmos juntos! Enquanto o senhor espera, antes de agir, que milady faça alguma coisa, nossa situação aqui vai ficar insuportável. O senhor não imagina o que suporrei ontem por sua causa — e por nossa pobrezinha; mas não posso prometer que vou conseguir aguentar esse tipo de coisa por muito tempo. Ela me expulsou nos termos mais horrorosos; mandou os criados não me servirem mais.”

“Ah, os criados não são maus, coitados!”, sir Claude apressou-se a exclamar.

“Sem dúvida são melhores que a patroa deles. É terrível eu dizer da sua esposa, sir Claude, e da mãe de Maisie, que ela está abaixo de uma criada; mas eu estar sendo levada a dizer essas coisas é mais um motivo para ir embora. Vou ficar até que me mandem embora à força mas isso pode acontecer a qualquer momento. O que também pode perfeitamente acontecer, o senhor há de permitir que eu repita, é ela ir embora para se livrar de nós.”

“Ah, se ela fizesse isso!”, disse sir Claude, rindo. “Seria o ideal para nós!”

“Não diga isso — não diga isso!”, implorou a sra. Wix. “Não diga uma coisa tão terrível. O senhor sabe o que quero dizer. Devemos nos apegar ao que é certo. O senhor não deve desejar o que é mau.”

Sir Claude baixou a xícara; estava mais sério, e enxugou o bigode com ar pensativo. “O que vão dizer de mim se eu sair de casa antes... antes dela? Vão dizer que foi por culpa minha que ela foi embora.”

Maisie apreendeu a força desse argumento, mas ele não foi suficiente para conter a sra. Wix. “Por que se importar com isso, se o

senhor fez o que fez por um motivo tão elevado? Pense na beleza do gesto”, insistiu a boa mulher.

“De fugir com *vocês?*”, exclamou sir Claude.

Ela sorriu de leve — chegou mesmo a corar um pouco. “Não só não lhe fará mal, como lhe fará muitíssimo bem. Se o senhor me ouvir, sir Claude, será a sua salvação.”

“De que preciso salvar-me?”

Ao ouvir essa pergunta, Maisie ficou a aguardar com ansiedade uma resposta que esclarecesse a questão melhor do que sua amiga o fizera antes. Mas a resposta da sra. Wix só fez aumentar sua perplexidade. “Ah, o senhor sabe!”

“De alguma outra mulher?!”

“Sim — de uma mulher que seja má de verdade.”

Sir Claude, ao menos, a criança percebeu, não estava perplexo; pelo contrário, um sorriso inteligente ressurgiu em seus olhos. Voltou-os, vagamente constrangido, para Maisie, e algo no olhar que ela lhe retribuiu o levou a acariciar-lhe o queixo. Foi só depois desse gesto que ele respondeu à sra. Wix, bem-humorado: “A senhora julga-me muito pior do que sou”.

“Se isso fosse verdade”, retrucou ela, “eu não dirigiria esse apelo ao senhor. Pois é o que faço, sir Claude, em nome de tudo que há de bom no senhor, e com toda a minha sinceridade! Podemos nos ajudar mutuamente. O que o senhor é capaz de fazer por nossa amiguinha, nem é preciso dizer. Mas não é nem disso que eu queria falar agora, e sim do que o *senhor* vai ganhar se aproveitar essa oportunidade. O senhor não vê? Assuma a responsabilidade por *nós* — por ela. Faça dela seu dever — sua vida: ela há de retribuir-lhe o favor abundantemente!”

Foi para a sra. Wix que, durante esse apelo, o olhar de Maisie transferiu-se: em parte porque, embora estivesse com o coração na boca de tanta ansiedade, sua delicadeza a impedisse de parecer que o estava pressionando também; em parte pelo impacto de ver a sra. Wix manifestar sua verdadeira natureza como jamais fizera antes — nem mesmo no dia em que foi à casa da sra. Beale dar a notícia do casamento de mamãe. Naquele dia a sra. Beale a sobrepujara em matéria de dignidade, mas ninguém poderia sobrepujá-la agora. E o

que mais fascinava a aluna era a insinuação, que as palavras de sua amiga pareciam conter, de que ainda havia mais surpresas por vir. Assim, a sensação intensificada de ser espectadora de tudo era para a criança o principal consolo, o hábito antigo, desde os primeiros tempos, de ver-se sempre discutida e encontrar na fúria da peleja — por vezes imaginava uma partida de futebol — uma espécie de compensação pela peculiar passividade que era seu destino. Isso dava-lhe com frequência um ar curioso de estar isolada de sua própria história, como se só pudesse atingir a experiência comprimindo o nariz contra uma vidraça. Era desse modo que seu nariz lhe parecia estar ocupado enquanto aguardava o efeito da eloquência da sra. Wix. Sir Claude, porém, não a obrigou a permanecer por muito tempo nessa posição desgraciosa: sentou-se e abriu os braços para ela tal como fizera no dia em que foi buscá-la na casa do pai, e enquanto a abraçava, contemplando-a com olhos bondosos, porém como se a governanta lhe tivesse feito o sangue aflorar às faces, disse:

“Nossa querida senhora Wix é eloquente, porém dramática demais. Afinal, a situação não é nem tão desesperadora nem tão simples. Mas você é testemunha de que dou a ela minha palavra, e ela é testemunha de que eu lhe prometo, que nunca, nunca vou abandoná-la. Ouviu, minha velha, e entendeu? Vou ficar do seu lado aconteça o que acontecer.”

Maisie entendeu muito bem, e todo seu pequeno ser estremeceu; e quando, como se para dar mais ênfase a suas palavras, ele puxou-a mais para perto de si, a menina apertou o rosto contra o ombro do padrasto e chorou em silêncio e sem dor. Enquanto chorava, deu-se conta de que também o peito do homem estava agitado, e concluiu, em êxtase, que as lágrimas dele fluíam tão silenciosamente quanto as suas. Pouco depois ouviu um soluço alto — a sra. Wix foi a única a fazer barulho.

Ela passou algum tempo sem emitir qualquer outro ruído, embora dias depois, numa conversa com sua aluna, viesse a comentar que em seu relacionamento com Ida sentia-se como se estivesse sendo espancada. Não obstante, por ora não houve qualquer tentativa de expulsá-la à força, e ela admitiu que sir Claude, assumindo uma posição com uma firmeza inaudita, havia conseguido intervir com

paixão e com sucesso. Como Maisie lembrava — e lembrava sem nenhum desdém — ele lhe haver dito que tinha medo de milady, a menininha encarou essa atitude decidida como prova do que, fiel ao compromisso que fora selado pelas lágrimas dos três, ele estava de fato disposto a fazer. A sra. Wix falou-lhe do sacrifício financeiro que lhe custava a parca segurança de que ela desfrutava e que, embora a protegesse da violência física, não obstante a expunha a uma grosseria inacreditável. Pois milady não encontrava a cada hora do dia algum meio engenhoso de humilhá-la e pisoteá-la? Devia-lhe três meses de salário — uma dívida que, até Maisie imaginava, em termos numéricos na verdade corresponderia a bem pouco; a sra. Wix jamais veria essa quantia em sua vida, mas ao não tocar no assunto ela conseguia, graças a Deus, exercer um pouco de poder sobre sua patroa. Agora que sir Claude estava fazendo tanto, a governanta jamais cometeria a indelicadeza de pedir-lhe esse dinheiro. Ele enviara para a sala de estudos um enorme bolo com glacê, uma montanha deliciosa com várias camadas geológicas de geleia, que poderia sustentá-las, se fossem econômicas, durante um sítio de vários dias; não obstante, a sra. Wix bem sabia que sua situação estava cada vez mais complicada, e sua comensal lembrava com ternura, à luz desses contratempos, a expressão no rosto dele quando lhe foi proposto manter outro lar. Caso o sustento delas ficasse por um fio, Maisie pensava, seriam ainda obrigadas a rebaixar-se com a mais elevada delicadeza. O que ele estava fazendo era simplesmente agir sem demora, até onde suas dificuldades lho permitiam, com base na inspiração de sua amiga mais velha. Era maio, e a primavera estava deliciosa — suave como o abrandamento do vento que antes nos impedia de dormir na tempestade — quando sir Claude saía com sua enteada, cheio de uma alegria renovada, e os dois perambulavam pela grande cidade em busca — como dizia a sra. Wix — de diversão combinada com instrução.

Viajavam no andar de cima dos ônibus; visitavam parques distantes; assistiam a partidas de críquete em que Maisie adormecia; experimentaram cem lugares até encontrar o melhor para se tomar chá. Era desse modo que ele atendia ao grandioso apelo da sra. Wix — no sentido de fazer de sua pequena tutelada seu dever e sua vida.

Entravam, movidos por impulsos incontroláveis, em lojas que lhes pareciam grandes demais, para examinar objetos que lhes pareciam pequenos demais; e era nessas horas que a sra. Wix, sozinha em casa, porém sempre objeto de melancólicas referências quando os dois paravam e descalçavam as luvas para fazer uma colação, dizia depois sentir-se menos protegida dos golpes que milady lhe aplicava de maneiras tão engenhosas. Com frequência a governanta dizia que pouco a incomodava que suas “realizações” fossem negadas e seu conhecimento de todos os assuntos fosse ridicularizado, porém doía-lhe ser caracterizada como “vulgar” quanto ao caráter e à expressão. A essa altura, já ninguém disfarçava o alívio quando milady partia de Londres todos os sábados e demorava cada vez mais para voltar. Era quase igualmente público que Ida considerava uma “afetação” ridícula e um insulto direto dirigido à sua pessoa a atitude de seu marido de permanecer na cidade com o fim de cuidar de uma criança cercada de desvelos. Se havia um tipo que sua mulher desprezava, sir Claude comunicou a Maisie, era o homem que passava os domingos zanzando pela cidade; ele contou também que Ida vivia lhe dizendo que, se ele tivesse um pingão de amor-próprio, teria vergonha de assumir uma posição servil à filha do sr. Farange. Milady era da opinião de que sir Claude era movido por um medo abjeto de seu predecessor — caso contrário, reconheceria ser de sua obrigação, até por uma questão de decência, proteger sua esposa das tentativas descaradas daquele indivíduo no sentido de passá-la para trás. A trapaça consistia em impor a ela a totalidade daquele ônus insuportável; “e mesmo quando eu gasto com você meu próprio dinheiro”, afirmou sir Claude para sua amiguinha, “ela me chama de submisso e covarde”. Julgava a sra. Wix — os dois sabiam — com base em fontes independentes, que as viagens semanais de Ida eram prelúdios de uma ausência mais prolongada. Se a cada semana milady voltava mais tarde, haveria de chegar o dia em que ela não voltaria mais. Era essa hipótese, sem dúvida, que explicava em grande parte a bravura da sra. Wix. Se conseguissem resistir mais um pouco, o projeto de morarem as duas confortavelmente com sir Claude se concretizaria de modo informal.

Talvez fosse esse, ademais, o sentido de um comentário feito por seu padrasto quando — num dia chuvoso em que as ruas estavam cheias de poças e era difícil conversar cada um sob seu guarda-chuva, e por isso os dois andarilhos buscaram refúgio na National Gallery — Maisie estava sentada a seu lado, olhando sem ver muita coisa para as paredes de uma sala cheia de quadros, aos quais ele se referira, para a perplexidade da menina, com um suspiro entediado, como “superstições tolas”. Esses quadros representavam, com manchas douradas e cataratas purpúreas, com santos rígidos e anjos angulosos, com madonas feias e bebês mais feios ainda, estranhas preces e prostrações; de modo que de início Maisie entendeu suas palavras como um protesto contra a idolatria — ainda mais porque recentemente ele passara a ir com ela e a sra. Wix à igreja, que fora escolhida pela governanta e na qual não havia nada semelhante àquilo — onde as cabeças ostentavam, em lugar de auréolas, durante os longos sermões, meros toucados, e, como a sra. Wix sempre observava depois, sir Claude prestava muita atenção. Logo em seguida, porém, Maisie compreendeu que ele se referia apenas à afetação dos que fingiam admirar obras tão ridículas — uma admoestação que ela recebeu com a mesma atitude submissa com que recebia tudo. O rumo que a conversa dos dois tomou em seguida não vale a pena registrar aqui: a transição para a sala de estudos, tão desprovida de cor, e a sra. Wix, que lá estaria sozinha, foi sem dúvida causada pela ausência de interesse pelo que havia à volta deles. Maisie confessou, à sua maneira, que jamais ia para casa agora sem a preocupação de talvez encontrar o templo de seus estudos vazio e a pobre sacerdotisa expulsa. Essa fala revelava o quanto a menina tinha consciência desse perigo, e foi em resposta a ela que sir Claude, reconhecendo a fonte daquele perigo, tranquilizou-a com o comentário a que aludi acima.

“Não tenha medo, minha querida: eu e ela estamos quites.” Sir Claude percebeu que um suplemento era necessário quando viu uma expressão momentânea de perplexidade no rosto da criança. “Isto é, sua mãe deixa-me fazer o que quero desde que eu a deixe fazer o que ela quer.”

“Então o senhor está fazendo o que quer?”, perguntou Maisie.

“E como, senhorita Farange!”

A srta. Farange pensou um pouco. “E ela também?”

“Até não poder mais!”

Mais uma vez a menina ficou a matutar. “Então me diga, por favor, o que ela faz?”

“Eu não lhe diria em hipótese alguma.”

Maisie contemplou uma madona emaciada; em seguida, um sorriso desenhou-se lentamente em seus lábios. “Pouco me importa o que é, desde que o senhor a deixe fazê-lo.”

“Ah, seu monstrinho!” E a veemência alegre de sir Claude o fez pôr-se de pé.

Noutro dia, noutro lugar — um lugar na Baker Street, onde num momento de fome ela sentou-se a seu lado para tomar chá com pãezinhos —, sir Claude fez-lhe uma pergunta que nada tinha a ver com o assunto de que vinham falando. “Diga-me uma coisa — o que você imagina que seu pai faria?”

Maisie não precisou ficar muito tempo pensando ou questionando os olhos agradáveis do padrasto. “Se o senhor viesse mesmo conosco? Ele ia reclamar muito.”

Sir Claude pareceu achar graça naquela palavra. “Ah, não vou me incomodar nem um pouco se ele ‘reclamar’!”

“Ele contaria para todo mundo”, disse Maisie.

“Bem, isso também não me incomodaria.”

“Claro que não”, a criança apressou-se a concordar. “O senhor já me disse que não tem medo dele.”

“A questão é: *você* tem?”

Maisie pensou, com honestidade; depois respondeu, decidida: “Não; do papai, não”.

“Mas sim de outra pessoa?”

“Claro, de muitas pessoas.”

“Principalmente da sua mãe, decerto.”

“Claro, claro; mais da mamãe do que de... de...”

“De quê?”, perguntou sir Claude, enquanto ela procurava um termo de comparação.

Maisie repassou em pensamento todas as coisas que lhe inspiravam pavor. “Que de um elefante selvagem!”, exclamou por fim. “E o senhor também tem”, advertiu, ao vê-lo rir.

“Ah, sim, eu também.”

Mais uma vez ela meditou. “Então por que o senhor casou-se com ela?”

“Justamente *porque* tinha medo.”

“Mesmo quando ela o amava?”

“Isso me fazia temê-la ainda mais.”

Embora sir Claude achasse graça em sua própria resposta, o efeito dela sobre Maisie foi o de lhe abrir novas profundezas misteriosas.

“Mais ainda do que agora?”

“De um modo diferente. O medo, infelizmente, é uma coisa muito grande, e há muitas variedades dele.”

A menina compreendeu essa ideia à perfeição. “Então acho que tenho todas elas.”

“Você?”, exclamou seu amigo. “Tolice! Você é muito corajosa.”

“Tenho muito medo da senhora Beale”, objetou Maisie.

Sir Claude levantou a fronte lisa. “Aquela mulher encantadora?”

“O senhor não entende”, respondeu ela, “porque não está na mesma situação.”

Maisie já prosseguia, dizendo “mas” num tom mais alegre, quando do outro lado da mesa ele estendeu a mão e pousou-a em seu braço. “Entendo, sim”, confessou. “Eu *estou* na mesma situação.”

“Ah, mas ela gosta muito do senhor!” Maisie insistiu na mesma hora.

Sir Claude ficou literalmente rubro. “Isso tem algo a ver com minha situação.”

Maisie pensou de novo. “Alguém gostar da gente com a gente ter medo?”

“Sim, quando chega às raias da adoração.”

“Então por que o senhor não tem medo de *mim*?”

“Porque com você chega a tal?” Ele mantinha a mão no braço da menina. “Ora, é só porque você é a criatura mais doce do mundo. Além disso...”, prosseguiu ele, porém deteve-se.

“Além disso...?”

“Eu teria medo de você, sim, se você fosse mais velha... pronto! Está vendo? Você já está me fazendo dizer bobagens”, acrescentou o jovem. “A questão é: seu pai também tem medo da senhora Beale?”

“Creio que não. E no entanto ele a ama”, disse Maisie, pensativa.

“Ah, não; não a ama, nem um pouco!” Em seguida, percebendo o olhar atônito de sua interlocutora, sir Claude pareceu dar-se conta de que era necessário harmonizar essa observação desconcertante com as lembranças da menina. “Agora a situação é bem outra.”

Maisie, porém, ficou ainda mais atônita. “Eles mudaram?”

“Tal como sua mãe e eu.”

Maisie ficou a imaginar como ele podia saber isso. “Então o senhor esteve com a senhora Beale de novo?”

Ele negou. “Não, não. Ela me escreveu”, acrescentou em seguida. “Ela também não tem medo de seu pai. Na verdade, *ninguém* tem medo dele.” Então prosseguiu, enquanto Maisie, cujos sentimentos filiais já estavam enfraquecidos havia muito tempo para que essa ausência de majestade na figura paterna lhe inspirasse qualquer pesar, especulava a respeito da vaga relação entre a coragem da sra. Beale e a questão de morarem, ela e a sra. Wix, com sir Claude. “Ela não se incomodaria nem um pouco se o sr. Farange criasse confusão.”

“A respeito de mim, o senhor e a senhora Wix? Por que ela haveria de se importar? Ela não seria afetada em nada.”

Sir Claude, com as pernas esticadas e a mão enfiada no bolso da calça, jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada ligeiramente atenuada — a menina observou — por um suspiro. “Minha querida enteada, você é encantadora! Escute, temos que pagar. Você comeu cinco pãezinhos?”

“Como o senhor pode dizer isso?”, protestou Maisie, corando diante do olhar da jovem que se aproximara de sua mesa. “Comi três.”

Pouco depois desse episódio, a sra. Wix estava com um aspecto muito ruim, como se milady a tivesse maltratado como nunca. Maisie

perguntou-lhe se algo pior do que o de costume lhe havia acontecido; em resposta, a pobre mulher disse, com infinita melancolia: “Ele anda se encontrando com a senhora Beale”.

“Sir Claude?” A criança lembrou-se do que ele dissera. “Ah, *encontrando*, não!”

“Permita-me discordar. Tenho certeza absoluta.” A sra. Wix estava tão convicta quanto lúgubre.

Não obstante, Maisie ousou desafiá-la. “E como pode a senhora ter tanta certeza?”

A governanta hesitou um momento. “Foi ela mesma quem me disse. Fui falar com ela.” E, para a surpresa de Maisie, acrescentou: “Estive lá ontem, quando você saiu com ele. Os dois se veem com frequência”.

Maisie não entendeu muito bem por que motivo a sra. Wix ficara tão consternada com essa descoberta; porém de tal modo estava habituada a constatar que toda a espécie de coisas podiam ser perpetradas e despertar ressentimentos, que nenhum mistério específico tinha o efeito de aturdi-la muito. “Pode haver algum mal-entendido. Ele diz que não.”

A sra. Wix ficou ainda mais pálida, como se esse fato fosse ainda mais alarmante. “Ele diz? Nega que tenha estado com ela?”

“Foi o que me disse três dias atrás. Talvez ela esteja enganada”, arriscou Maisie.

“Você quer dizer que talvez ela esteja mentindo? Ela mente sempre que lhe convém, não tenho dúvida. Mas eu sei quando uma pessoa está mentindo — e é isso que tanto me agrada em você; você nunca mente. Mas ontem a senhora Beale não estava mentindo. Ele tem se encontrado com ela, sim.”

Maisie permaneceu em silêncio por alguns instantes. “Ele diz que não”, repetiu depois. “Talvez... talvez...” Mais uma vez, calou-se.

“Talvez *ele* esteja mentindo?”

“Não, não, isso não!”, gritou Maisie.

O ressentimento da sra. Wix, porém, transbordou mais uma vez. “Ele mente, sim, ele mente”, exclamou, “e isso é que é o pior de tudo! Eles vão levar você, sim, vão levá-la, e o que será de mim?” Mais uma vez jogou-se no pescoço de sua aluna e chorou, com o efeito inevitável

de fazer com que as lágrimas da menina escorressem também. Maisie, porém, não saberia dizer se chorava de pensar em separar-se de sua governanta ou de pensar que sir Claude lhe mentira. Quanto a essa prevaricação, as duas concordaram que não estavam em posição de poder repreendê-lo. A sra. Wix temia muito fazer algo que o tornasse, como ela dizia, “pior ainda”; e Maisie já era sabida o suficiente para entender que, ao lhe dizer o que dissera, sir Claude tentara apenas proteger a sra. Beale. Tudo nela inclinava-se a atribuir-lhe essa delicadeza, e resolveu jamais dizer-lhe que as duas mulheres o haviam traído, coisa que *ela* jamais faria.

Maisie não precisou guardar seu segredo por muito tempo, pois no dia seguinte, quando saiu com ele, sir Claude disse de repente, referindo-se a uma proposta que havia feito antes: “Não, não vamos fazer isso — vamos fazer outra coisa”. Então, a poucos passos da porta de casa, parou um fiacre e ajudou-a a entrar; em seguida, entrando também, deu ao cocheiro um endereço que ela não ouviu. Quando, sentando-se ao lado da menina, esta lhe perguntou aonde iam, respondeu: “Minha querida, você vai ver”. Maisie ficou a ver e a perguntar-se se estariam indo em direção ao Regent’s Park; mas nesse caso não haveria por que fazer nenhum mistério, e foi só quando passaram sob um belo arco e pararam em frente a uma casa branca construída sobre um terraço de onde a vista, ela pensou, devia ser muito bonita, que Maisie, intrigada, agarrou-lhe o braço e perguntou: “Vou ver o papai?”.

Sir Claude olhou para ela com um sorriso bondoso. “Não, provavelmente não. Não foi para isso que eu a trouxe aqui.”

“Então de quem é a casa?”

“É de seu pai. Eles mudaram-se para cá.”

A menina olhou em volta: já vira o sr. Farange em quatro ou cinco casas diferentes, e nesta nada havia de surpreendente além do fato de que era a mais bonita de todas até então. “Mas vou ver a senhora Beale?”

“Foi para isso que eu a trouxe.”

Maisie ficou imóvel, lívida, e, com a mão no braço do padasto, embora já tivessem parado, manteve-o sentado dentro do fiacre. “Para deixar-me aqui?”

Ele falou com dificuldade. “Não cabe a mim dizer se você pode ficar. Temos que ver.”

“Mas se eu ficar vou poder ver o papai?”

“Ah, algum dia, não há dúvida.” Então sir Claude prosseguiu: “Você tem mesmo tanto medo dessa possibilidade?”.

Maisie olhou para fora do fiacre — contemplou por um minuto a verde expansão do Regent’s Park e, corando de súbito até a raiz dos cabelos, sentiu em cheio o impacto e o calor da emoção mais madura que jamais havia sentido. Consistia numa sensação estranha e inesperada de vergonha por pintar um retrato tão pouco lisonjeiro, diante de um cavalheiro tão perfeito e uma pessoa tão encantadora quanto sir Claude, de um parente tão próximo quanto o sr. Farange. Lembrou, porém, que seu amigo lhe dissera que ninguém tinha muito medo de seu pai, e virou-se com um pequeno movimento de cabeça. “Ah, eu sei lidar com ele!”

Sir Claude sorriu, porém Maisie observou que a violência de seu enrubescimento tivera o efeito de colorir um pouco, de compunção e constrangimento, o rosto dele. Era como se, pela primeira vez, sir Claude a tivesse visto manifestar seu senso de responsabilidade. Nenhum dos dois fez menção de sair do fiacre, e depois de um instante ele disse: “Olhe, se você não quiser, não precisamos ir”.

“Ah, mas eu quero ver a senhora Beale!”, lamentou a criança, delicadamente.

“Mas e se ela resolver ficar com você? Nesse caso, você sabe que terá que ficar.”

Maisie pensou. “Assim de repente — e abrir mão do senhor?”

“Ora... não se trata de abrir mão de mim.”

“No sentido em que abri mão da senhora Beale quando fui para a casa de mamãe. Eu não conseguiria ficar aqui sem o senhor por tanto tempo assim.” Ocorreu-lhe que cem anos pareciam ter passado desde a última vez em que vira a sra. Beale, que estava do outro lado daquela porta tão próxima deles, e que ela ainda não correria para abraçar.

“Ah, estou certo de que você há de me ver com mais frequência do que tem visto a senhora Beale. *Eu* não sei ser tão discreto assim”, disse sir Claude. “Seja como for”, prosseguiu, “agora que estamos aqui,

deixo a decisão em suas mãos. É você quem vai resolver. Só entramos se você quiser. Se não quiser, damos meia-volta agora mesmo.”

“Neste caso, a senhora Beale não fica comigo?”

“Bem... não por iniciativa nossa.”

“E vou poder continuar com a mamãe?”, perguntou Maisie.

“Ah, não diga isso!”

Ela pensou. “Mas o senhor não disse que estava quite com ela?”

Sir Claude encostou a ponta da bengala no guarda-lama do fiacre. “Não até o ponto que ela está exigindo agora, minha querida.”

“Então se ela me expulsar e eu não vier para cá...”

Sir Claude completou a frase de imediato. “O que tenho a oferecer-lhe, você, com razão, quer saber? Minha pobrezinha, é justamente isso que pergunto a mim mesmo. Confesso que não vejo as coisas com tanta clareza quanto a senhora Wix.”

Sua amiga pensou um pouco no que via a sra. Wix. “O senhor quer dizer que *nós* não podemos formar uma pequena família?”

“É muita vileza de minha parte, sem dúvida, mas não posso livrar-me de sua mãe de modo tão direto.”

Ao ouvir isso, Maisie emitiu um suspiro baixo, porém prolongado, um som discreto de relutante anuência que na certa teria parecido engraçado a quem o ouvisse. “Então não há outra alternativa?”

“Confesso que não vejo nenhuma.”

Maisie esperou; seu silêncio parecia dar a entender que também ela não tinha nenhuma alternativa para sugerir. Mas fez mais um apelo.

“Se eu ficar aqui, o senhor virá me visitar?”

“Nunca vou perdê-la de vista.”

“Mas o senhor vai vir sempre?” Como ele hesitasse, ela pressionou-o: “Sempre, sempre?”.

Ainda assim ele esquivou-se. “Minha velha...”, começou. Então parou de novo, prosseguindo no instante seguinte num tom diferente. “Você é muito engraçada! Está bem”, disse, “sempre, sempre.”

“Então está bem!” Maisie pulou para fora. A sra. Beale estava em casa, mas não na sala, e quando o mordomo foi chamá-la, a criança perguntou de repente: “Mas enquanto eu estiver aqui, o que vai fazer a senhora Wix?”.

“Ah, você devia ter pensado nisso antes!”, disse seu amigo, com a primeira leve nota de aspereza que ela jamais ouvira em sua voz.

A sra. Beale como que a arrebatou, e o efeito daquela primeira hora foi o de mostrar à criança o muito, o muitíssimo mesmo, que ela era amada, afinal de contas. Mais ainda porque sua madrasta, mudada — tornara-se, aliás, bem semelhante à sua mãe — a ponto de ser outra pessoa, aparentemente lembrava-lhe uma familiaridade maior do que Maisie era capaz de sentir. Em suma: um afeto transbordante, forte e expressivo avassalou-a na forma de uma sra. Beale mais bela, mais abundante e mais velha. Foi como se tivesse acabado de fazer uma excelente amizade, e antes mesmo que se esgotasse o primeiro minuto Maisie já estava muito contente por ter feito aquela opção, diante da escolha que lhe fora imposta no fiacre. Havia todo um futuro na associação entre a beleza da sra. Beale e o abraço da sra. Beale. Ela lhe parecia uma pessoa encantadora, sem nenhuma relação com alguém que outrora consertava roupas de baixo e fazia suas refeições num quarto de criança. Maisie sabia que uma das esposas de seu pai era uma mulher elegante, mas sempre fizera uma vaga distinção que a levava a não aplicar esse epíteto à outra sem reservas. Porém desde a última vez que a vira, a sra. Beale claramente conquistara o direito a esse título, e a primeira reação da menina ao prazer daquele instante emprestou a seu esplendor significados que desta vez eram agradáveis. Maisie dissera a sir Claude ter medo da senhora que residia em Regent's Park; porém sentiu-se confiante o suficiente para deixar extravasar, ali mesmo, sua sincera admiração. “Mas como a senhora está bonita! Ela não está linda, sir Claude, linda?”

“É pura e simplesmente a mulher mais bela de Londres”, respondeu sir Claude, galante. “Tal como você é a melhor menininha!”

Pois a mulher mais bela de Londres entregou-se, com uma beleza tenra e luminosa, e com todas as mostras de afeição, a uma felicidade

que por fim voltara a concretizar-se. Havia em sua maturidade um viço quase tão vívido quanto o de sua mãe, e não demorou para que ela transmitisse a sua amiguinha uma impressão inequívoca de poder — uma impressão que parecia iniciar-se como um longo dia de sol. Tratava-se de uma impressão que nem sua mãe, nem sir Claude, nem a sra. Wix, com todas as suas inúmeras e variadas características atraentes, jamais lhe haviam proporcionado, e que se tornou relevante de imediato quando a conversa recaiu, logo em seguida, em seu pai. Sem dúvida, o sr. Farange seria uma complicação, sim; mas agora ela percebia que ele não seria problema algum para sua filha. Para a sra. Beale, era mesmo um problema e tanto — isso ela deixou claro de saída; porém logo revelou-se a Maisie como uma pessoa que descobrira em si própria um grande dom: o dom de resolver complicações. A menina percebeu o quanto isso era verdade quando, tendo a sra. Beale mencionado um encontro anterior com sir Claude, este cavalheiro respondeu, com certo constrangimento, embora com ar de alívio, que havia negado, para sua amiguinha, que eles dois vinham se encontrando.

Tudo que a sra. Beale pôde manifestar foi um vago sentimento de pena. “Mas por que o senhor foi fazer essa bobagem?”

“Para proteger a sua reputação.”

“Diante de Maisie?” A sra. Beale achou muita graça na ideia.

“Minha reputação diante de Maisie é boa demais para ser prejudicada.”

“Mas você acreditou em mim, não foi, sua diabinha?”, perguntou sir Claude à menina.

Ela olhou para ele e sorriu. “A reputação dela foi prejudicada, sim. Eu descobri que o senhor esteve aqui.”

Ele não ficou mortificado demais para rir. “O jeito como você fala sobre essas coisas, minha querida!”

“Como o senhor queria que ela falasse”, perguntou a sra. Beale, “depois de todo esse tempo que ela passou com a mãe?”

“Não foi a mamãe que me contou, não”, explicou Maisie. “Foi só a senhora Wix.” Não sabia se devia ou não revelar a sir Claude quem dissera isso à sra. Wix; porém a sra. Beale, dirigindo-se ao jovem, logo mostrou-lhe que seus escrúpulos eram descabidos.

“Acredita que aquela criatura veio me procurar um ou dois dias atrás? Foi então que eu lhe disse que tinha me encontrado com o senhor várias vezes.”

Sir Claude, pela primeira vez, ficou desconcertado. “Que velha danada! Não me disse nada. Então você achou que eu tinha mentido?”, perguntou a Maisie.

Incomodara-a a qualificação atribuída à sua bondosa amiga, porém Maisie encarou a situação como algo a que ela devia adaptar-se de todas as maneiras. “Ah, nem me importei! Mas a senhora Wix, sim”, acrescentou, com a intenção de favorecer sua governanta.

Sua intenção não deu muito certo com a sra. Beale. “A senhora Wix é uma idiota completa!”, afirmou ela.

“Mas o que diabo tinha ela a dizer justamente à senhora?”, perguntou sir Claude.

“Que ela, tal como o senhor Micawber* [\[1\]](#) — com quem, aliás, a meu ver é muito parecida — nunca, nunca, nunca há de abandonar a senhorita Farange.”

“Ah, quanto a isso, eu garanto!”, respondeu sir Claude, alegre.

“Sinceramente, espero que sim, meu caro”, disse a sra. Beale, enquanto Maisie ficou a imaginar de que modo ele haveria de proceder. Antes que ela tivesse tempo de perguntar, a sra. Beale prosseguiu: “Não foi só para isso que ela veio aqui. Mas o senhor jamais adivinhará o que mais ela disse”.

“E eu, sou capaz de adivinhar?”, indagou Maisie, ansiosa.

Mais uma vez, a sra. Beale achou graça. “Mas claro que sim! Deve ser exatamente o tipo de coisa que você ouve na casa daquela sua mãe terrível. Nunca ouviu nenhuma mulher pedindo de joelhos que sua mãe lhe ‘devolva’ o homem que ela ama?”

Maisie tentou lembrar-se; mas sir Claude retrucou: “Ah, ninguém se preocupa com a Ida! Então a senhora Wix veio lhe pedir que me ‘devolvesse?’”.

“Chegou a ficar de joelhos na minha frente.”

“Pobrezinha!”, exclamou o rapaz.

Essa interjeição deliciou Maisie, pois compensava o epíteto que antes fora vinculado a ela. “E você vai devolvê-lo?”, perguntou à sra. Beale.

Sua madrastra, agarrando-a e beijando-a de novo, pareceu encantada com o tom daquela pergunta. “De modo algum! Vou devorá-lo até os ossos!”

“Quer dizer que ele vai vir sempre?”, insistiu Maisie.

A sra. Beale virou os lindos olhos para sir Claude. “Isso não depende de mim, e sim dele.”

Sir Claude, porém, não disse nada de imediato; com as mãos no bolso e cantarolando uma vaga melodia — até mesmo Maisie percebeu que ele estava um pouco nervoso —, limitou-se a andar até a janela e olhar para o Regent’s Park. “Bem, ele prometeu”, disse Maisie. “Mas o papai vai gostar?”

“De ele vir aqui sempre? Ah, isso é coisa que, para ser franca com você, pouco importa. Na verdade, porém, o Beale está satisfeitíssimo de saber que também o pobre sir Claude foi obrigado a brigar com sua mãe.”

Sir Claude virou-se para as duas e falou num tom sério e bondoso. “Não tenha medo, Maisie; você não vai me perder de vista.”

“Muito obrigada!” Maisie estava radiante. “Mas o que eu queria saber — a senhora não entendeu? — era o que o papai vai dizer a *mim*.”

“Ah, quanto a isso, tenho conversado com ele”, disse a sra. Beale. “Ele há de comportar-se direito. A grande dificuldade, sabe, é que a cada três dias ele muda completamente de atitude em relação a tudo que há no mundo, mas nunca muda em relação à sua mãe. É preocupante o modo como ele a odeia.”

Sir Claude riu um pouco. “Sem dúvida, não mais do que ela ainda o odeia!”

“Pois bem”, prosseguiu a sra. Beale, didática, “este sentimento é insubstituível em ambos, e a melhor maneira que eles encontraram de manifestá-lo é deixar você a cargo do outro o máximo de tempo possível. Como você mesma já viu, nada os deixa tão furiosos quanto isso. Não que você dê trabalho ou despesa, já que pede tão pouco; é só porque a sua presença expressa a má vontade do outro. Assim

sendo, Beale tem tanto ódio de sua mãe que não sobra muita fúria para ser dirigida a mais ninguém. Além do quê, você sabe, eu e ele estamos quites.”

“Ah, meu Deus!”, exclamou sir Claude, rindo mais alto e virando-se de novo para a janela.

“Eu sei!”, Maisie foi logo proclamando. “A senhora deixa-o fazer o que ele quiser desde que ele a deixe fazer o que a senhora quiser também.”

“Você é muito deliciosa, meu anjo!” E logo envolveu-a em mais um abraço. “Como pude viver tanto tempo sem você? Não tenho sido feliz, meu amor”, disse a sra. Beale com o rosto colado no da criança.

“Seja feliz agora!”, disse Maisie, cheia de ternura tímida.

“Creio que serei. Você vai me salvar.”

“Tal como estou salvando sir Claude?”, perguntou a menina mais que depressa.

A sra. Beale, algo intrigada, apelou para o visitante. “Está mesmo?”

A pergunta de Maisie pareceu-lhe engraçadíssima. “É ideia da querida senhora Wix. Talvez tenha lá seu mérito.”

“Ele fez de mim seu dever — sua vida”, recitou Maisie para sua madrasta.

“Pois é justamente o que *eu* quero fazer!” — exclamou a sra. Beale, corando de espanto de ver sua intenção adivinhada.

“Vocês podem fazer isso juntos. Assim ele terá que vir aqui!”

A sra. Beale, que a esta altura já havia colocado sua amiguinha no colo, sorriu para sir Claude. “Vamos fazê-lo juntos?”

Ele não ria mais, e por um momento voltou o rosto belo e sério não para sua anfitriã, mas para sua enteada. “Ora, é uma atitude mais decente do que muita coisa que há por aí. Do jeito que vão as coisas, eu diria até que é a única coisa decente!” Parecia estar argumentando com Maisie, apresentando essa solução movido por um escrúpulo de consciência, como uma maneira de criar uma situação honrada de que ela pudesse participar, embora sua concepção de “decência” parecesse estar aquém da visão agradável que a menina nutria. “Se não formos bons para *você*”, exclamou ele, “então para quem haveremos de ser bons?”

A sra. Beale exibiu uma luz mais intensa à criança. “Pois eu acho que você vai mesmo nos salvar — de uma coisa ou de outra.”

“Ah, *eu* sei do que ela vai me salvar!”, afirmou sir Claude, categórico. “Haverá brigas, é claro”, prosseguiu.

A sra. Beale apressou-se a acrescentar. “Sim, mas não serão nada — ao menos para o senhor — em comparação com as brigas que o senhor já tem com sua esposa. Os meus sofrimentos, posso suportá-los — os seus, não.”

“Nós estamos fazendo muito por você, mocinha, sabia?”, disse sir Claude a Maisie, com a mesma seriedade.

Ela corou, movida pelo sentimento do dever e pela intensidade de seu desejo de que percebessem o quanto ela tinha consciência de tudo. “Ah, eu sei!”

“Então você tem que nos manter na linha!” Desta vez ele riu.

“As coisas que o senhor diz a ela!”, exclamou a sra. Beale.

“Não são piores do que as que a senhora diz!”, retrucou ele com humor.

“O peixe morre pela boca!”, ela devolveu no mesmo tom. “Pode tirar essas roupas”, disse em seguida, soltando Maisie.

A criança, vendo-se em pé, emocionou-se. “Então vou ficar aqui — assim mesmo como estou?”

“E por que não? Sir Claude, amanhã, vai mandar trazer as suas coisas.”

“Eu mesmo vou trazê-las. Prometo que vou supervisionar a arrumação das malas!”, disse ele. “Venha aqui desabotoar-se.”

Fez sinal para que sua amiguinha se aproximasse do lugar onde estava sentado e ajudou-a a desvencilhar-se de seus agasalhos, enquanto a sra. Beale observava, sorrindo, sua perícia. “Isto é que é um padraço! Um padraço que chega a suprir a falta de outras pessoas.”

“Até mesmo de uma ama!”, disse sir Claude, rindo. “Lembra o que eu disse a você naquela primeira vez?”

“Se lembro? Foi justamente o que me fez ter tão boa impressão do senhor!”

“Por nada do mundo eu lhe diria”, disse o jovem a Maisie, “o que me fez ter uma boa impressão *dela*.” Terminada sua tarefa, beijou a

menina de leve e deu-lhe um tapinha para que se afastasse. Esse gesto veio acompanhado de um vago suspiro, que o fez reassumir a expressão de gravidade. “Mesmo assim, o fato é que, se você não tivesse o dom fatal da beleza...!”

“Então o quê?”, perguntou Maisie, sem entender por que ele não completou o pensamento. Era a primeira vez que ouvia falar de sua beleza.

“Ora, nesse caso não teríamos tido uma impressão tão boa um do outro!”

“Ele não se refere a sua beleza física — dessa espécie vulgar de beleza você não tem nem um pouco, minha querida”, explicou a sra. Beale. “Ele está falando apenas da beleza de caráter, só isso e mais nada.”

“O caráter dela é a coisa mais extraordinária do mundo”, afirmou sir Claude para a sra. Beale.

“Ah, desse tipo de coisa eu entendo muito!”, disse ela, como se tal conhecimento a indignasse.

Maisie foi dominada de súbito por uma sensação de responsabilidade da qual teve vontade de fugir. “Bem, vocês também têm, ‘esse tipo de coisa’ — esse dom fatal: têm, sim!”, exclamou ela.

“Beleza de caráter? Meu rapaz, disso nós não temos um pinga!”, protestou sir Claude.

“Fale só em seu nome!”, reclamou a sra. Beale, bem-humorada. “Quanto a mim, sou boa e sou inteligente. O que mais se pode querer? Quanto ao senhor, não quero constrangê-lo — direi apenas que tem tanta beleza quanto é possível.”

“Vocês dois são muito bonitos; não há como negar!” Maisie sentiu necessidade de reafirmar seu argumento. “E é bonito vê-los lado a lado.”

Sir Claude havia pegado o chapéu e a bengala; ficou olhando para ela por um momento. “Você é um conforto no sofrimento! Mas tenho que ir em casa fazer as suas malas.”

“E quando o senhor volta — amanhã, amanhã?”

“Está vendo onde fomos nos meter?”, disse ele à sra. Beale.

“Pois eu aguento, se o senhor aguentar.”

A menina olhava ora para um, ora para outro, pensando que, por mais feliz que tivesse sido com sir Claude e a sra. Wix, sem dúvida seria ainda mais feliz com sir Claude e a sra. Beale. Porém era como estar montada num cavalo inquieto; fez menção de agarrar-se a algo. “Mas então não vou me despedir da senhora Wix?”

“Ah, eu falo com ela”, disse sir Claude.

Maisie pensou. “E da mamãe?”

“Ah, a mamãe!” E ele riu com tristeza.

Até mesmo para a criança, o sentido era bem claro; mas a sra. Beale fez questão de esclarecê-lo à perfeição. “A sua mãe vai cantar vitória, como... como...”

“Como o galo que ganhou a briga!”, disse sir Claude, vendo que sua anfitriã buscava uma comparação.

“Ela não precisará de consolo”, prosseguiu a sra. Beale, “por fazer seu pai maldizer os céus.”

Maisie arregalou os olhos. “Ele vai maldizer os céus?” Era impressionante, parecia uma expressão bíblica; e sua pergunta desencadeou mais uma onda de carícias, da qual sir Claude também participou. Neste ínterim, a menina ficou pensando em quem, se a sra. Wix fosse dispensada, preencheria a função de falar-lhe de geografia e contar-lhe histórias; por fim venceu os escrúpulos de delicadeza e perguntou: “E quem é que vai me dar aulas?”

A sra. Beale já tinha pronta uma resposta que lhe pareceu absolutamente magnífica. “Você terá aulas como nunca teve antes na sua vida. Vai frequentar cursos.”

“Cursos?” Maisie nunca ouvira falar nisso.

“Em educandários — sobre várias matérias.”

Os olhos de Maisie continuavam arregalados. “Matérias?”

A sra. Beale estava mesmo esplêndida. “Todas as mais importantes. Literatura francesa — e história sacra. Você vai assistir aulas — com crianças muito sabidas.”

“Antes vou ver direitinho como é, ouviu?” E sir Claude, com sua bondade característica, fez-lhe um sinal com a cabeça para tranquilizá-la, acompanhado de um piscar de olhos maroto.

Mas a sra. Beale foi ainda mais longe. “Minha querida, você vai assistir a palestras.”

O horizonte de súbito expandiu-se a seu redor e Maisie sentiu-se muito pequena. “Sozinha?”

“Ah, não; eu vou com você”, disse sir Claude. “Vou aprender muita coisa que não sei.”

“Eu também”, admitiu a sra. Beale, séria. “Nós vamos juntos com ela — será encantador. Há séculos”, confessou ela a Maisie, “que não tenho tempo para estudar. É mais uma boa influência que você vai exercer sobre nós. Ah, mas ela há de nos fazer um bem imenso, não é?”, perguntou a sir Claude num arroubo, sem conseguir mais controlar-se.

Ele deliberou; em seguida respondeu: “Sem dúvida, é essa a nossa ideia”. Maisie, naturalmente, não entendeu muito bem que ideia seria essa, porém sentiu-se movida por um entusiasmo quase igual. Se, em circunstâncias tão favoráveis, nada viria a lhe faltar, então ela não sentiria falta da sra. Wix; cônica, porém, de que estava se conformando com a ausência daquela figura querida, Maisie lembrou-se de duas palavras que ouvira muitas vezes antes. Em suma, entendia agora o que seu pai queria dizer quando chamava sua mãe de “vil traidora”, e o que sua mãe tinha em mente quando devolvia a ele o epíteto. Não estaria ela sendo uma vil traidora se aprendesse a ser feliz sem a sra. Wix? O que faria a sra. Wix? Para onde iria a sra. Wix? Quando deu por si, já à porta, estando sir Claude de saída, essas ansiedades afloraram-lhe aos lábios, fazendo seu padrasto deter-se para dizer: “Ah, vou ficar quite com ela!”.

Frente a frente com a sra. Beale, Maisie, suspirando de alívio, olhou em volta, julgando estar diante do limiar de uma ordem mais estável. “Então *todos nós* estaremos quites!”, disse, tranquila. E, ao ouvir essas palavras, sua madrastra abraçou-a carinhosamente mais uma vez.

[1] Personagem simpática, porém algo ridícula, de *David Copperfield*, romance de Charles Dickens. (N. T.)

Foi Susan Ash quem veio lhe trazer a notícia: “Ele está lá embaixo, menina, e como está bonito!”.

Na sala de estudos da casa de seu pai, onde havia lindas cortinas azuis, Maisie estava tirando no piano uma pecinha mimosa, como dizia a sra. Beale, uma “Berceuse ao luar” que lhe fora enviada pelo correio por sir Claude, para quem a educação musical de Maisie fora terrivelmente negligenciada e que, nos últimos meses que ela passara na casa da mãe, começara mesmo a procurar-lhe um professor. A menina sabia, pois ele próprio lhe dissera em conversas descontraídas, que a coisa autêntica era caríssima e que qualquer sucedâneo era dinheiro jogado fora; assim sendo, deliciava-a o sacrifício representado por aquela composição, cujo preço, cinco xelins, estava assinalado na capa e que era, sem dúvida alguma, a coisa autêntica. Maisie já estava em pé. “A senhora Beale mandou-me descer?”

“Não, não é isso, não”, disse Susan Ash. “A senhora Beale saiu faz uma hora.”

“Então é o papai!”

“Não, não; não é o papai. Você está apresentável, menina, fora esse fio de cabelo solto”, acrescentou Susan. “Seu pai não voltou para casa ainda não”, acrescentou.

“Não voltou de onde?”, retrucou Maisie, um pouco distraída e muito excitada. Com a mão deu um retoque vago no penteado.

“Ah, menina, isso eu é que não vou dizer para você, não! Eu achava melhor enfiar para dentro essa coisa branca — se bem que isso não é serviço meu.”

“Ah, faça isso para mim, por favor. Mas eu sei aonde o papai foi”, prosseguiu Maisie, impaciente.

“Bem, se eu fosse você eu não dizia.”

“Ele foi ao clube — o Crisântemo. Está vendo?”

“A noite toda? Você não sabe que as flores fecham de noite?”, exclamou Susan Ash.

“Bem, isso não me importa”, disse a menina, já à porta. “Sir Claude pediu para falar comigo *sozinha*?”

“Que nem que você fosse uma duquesa.”

Descendo a escada, Maisie sentia-se tão satisfeita como uma duquesa, e logo em seguida, dependurada no pescoço do padrasto, pensou que nem mesmo uma tal personagem faria uma demonstração de afeto tão magnífica. Ademais, havia também um toque de duquesa na infinita sutileza com que, segundo lhe parecia, ela exclamou: “E é isto que o senhor chama de vir sempre?”.

Sir Claude respondeu-lhe com entusiasmo e no mesmo espírito. “Minha velha, não me venha com cenas — asseguro-lhe que é assim que fazem todas as mulheres que conheço. Vamos nos divertir — está um lindo dia; ponha uma roupa bonita e venha comigo; e vamos discutir a questão com calma.” Cinco minutos depois, seguiam em direção ao Hyde Park, e nem mesmo nos bons tempos que passara na casa de sua mãe tiveram uma conversa tão deliciosamente tranquila quanto esta, em que sir Claude apressou-se a lhe dar suas explicações. Ele se empenhava muito nesses momentos; era, com exceção da sra. Wix, a única pessoa sua conhecida que dava explicações. No caso dele, porém, o ato era investido de uma autoridade que transcendia a sabedoria feminina. Tudo voltava à tona — todos os planos que nunca davam em nada, todas as recompensas e subornos que ela sempre pagava adiantado e que depois sempre lhe faziam falta —, a grande tensão a ser enfrentada sempre precedia a entrada em cena da questão financeira. Até mesmo Maisie era quase capaz de perceber que a força do domínio exercido sobre ela por sir Claude exprimia-se no fato de que, para dissipar sua sensação de estar sendo passada para trás, bastava ele cofiar os belos bigodes e tocar no assunto. Por algum motivo, fazia parte da natureza dos planos serem eles dispendiosos, e era da natureza das coisas dispendiosas serem elas inviáveis. Por natureza, a situação de todas as pessoas era sempre “complicada”, e sempre mais complicada do que nunca no momento em questão. Era assim com sir Claude, com o papai, com a mamãe, com a sra. Beale e com a própria Maisie no momento presente, um momento que já

durava algumas semanas, desde que nossa jovem amiga reinstalou-se na casa do pai. Não havia “um tostão” para nada nem para ninguém, e fora por isso que as aulas de literatura francesa em companhia de tantas meninas inteligentes não tiveram continuidade. Era muito constrangedor, ela certamente entendia, tentar, sem dispor sequer do pequeno capital mencionado, inseri-la num meio tão inacessível, que daí em diante passou a figurar na imaginação de Maisie como “as meninas ricas”. Doravante ela passaria a sentir-se como quem encosta o nariz na dura vidraça da confeitaria do saber. Se, porém, as aulas destinadas a um público exclusivo, e que portanto eram as únicas que serviam, eram caras demais, as lições ministradas nas instituições — ou pelo menos em algumas delas — eram diretamente voltadas para os pobres inteligentes, e portanto era mais fácil ainda apresentar de imediato o motivo pelo qual Maisie não fora levada para assisti-las. O motivo, explicou sir Claude, era que a menina estava prestes a ser levada a uma delas, se bem que no momento não era para lá que iam e sim para as margens da Serpentine.* [1] O parque de Maisie, mais para o norte, era bem mais perto, porém seguiram rumo ao oeste num cabriolé porque, em finais de tarde de dias bonitos de junho, era para lá que iam todas as pessoas que valia a pena ver. Cultivaram por uma hora, nos caminhos do parque, essa oportunidade para cada observador divertir — e para um deles em particular, com não pouca hilaridade, mistificar — o outro; e antes que a hora terminasse Maisie conseguiu arrancar de seu amigo, em resposta ao desafio mais direto que lhe fez, mais uma justificativa para sua prolongada ausência.

“Por que quebrei minha promessa a você tão descaradamente — por que prometi de modo solene que viria sempre e acabei não vindo nunca? Bem, minha cara, trata-se de uma pergunta que, não se encontrando comigo todos os dias, você sem dúvida terá feito muitas vezes à senhora Beale.”

“Ah, sim”, respondeu a menina; “eu vivo perguntando a ela.”

“E o que ela lhe responde?”

“Que o senhor é tão mau quanto é belo.”

“É isso que ela diz?”

“Exatamente.”

“Ah, pobrezinha!” Sir Claude achou muita graça, e seu riso alto e límpido foi a única explicação que deu. Fora assim mesmo que Maisie o ouvira referir-se à sra. Wix. A menina agarrou-lhe a mão, calçada numa luva cor de pérola ornamentada com grossas linhas negras que, na casa de sua mãe, lembrava-lhe os punhos das senhoras altas segurando suas sombrinhas de cabeça para baixo, com os cotovelos para fora. Sentir a mão dele sob a sua cobria ao mesmo tempo o campo da perda e o da posse. A presença de sir Claude era como um objeto tão próximo de seus olhos que se tornava impossível ver além de suas bordas. Ele, porém, continuou senhor do espetáculo mesmo depois que saíram do parque e começaram, sob o encantamento do lugar e da estação, a passear em Kensington Gardens. O que estavam deixando para trás era apenas, prosseguiu ele, um circo de má qualidade; e, passando por portões imponentes e uma ponte, viam-se, após um quarto de hora, prosseguiu ele, a cem milhas de Londres. À sua frente descortinava-se uma clareira verdejante, com árvores altas e velhas, e à sombra delas, em meio à grama tenra, estendia-se um caminho rústico e tortuoso. “Estamos na floresta de Arden”, foi a observação deliciosa de sir Claude, “eu sou o duque banido, e você é... como era mesmo o nome da jovem? A jovem camponesa ingênua. E lá”, prosseguiu, “estão a outra moça — como se chama ela mesmo? Rosalinda? — e (lembra-se?) o rapaz que a corteja.* [2] E não é que ele está mesmo a cortejá-la?”

Referia-se a um casal que caminhava lado a lado, no final da clareira, na mesma direção que eles. Dessas figuras distantes, que andavam devagar (tão juntas que as cabeças, um pouco abaixadas, quase se tocavam), uma era uma mulher que parecia alta, e que sem dúvida era uma bela senhora, e a outra um cavalheiro cuja mão esquerda parecia estar enlaçada no braço da mulher, enquanto a direita, atrás dele, imprimia movimentos espasmódicos à bengala que segurava. Por um momento, a fantasia de Maisie aceitou a ideia de seu amigo de que a cena à sua frente era idílica; então, parando de repente, afirmou com toda a clareza: “Ora — é a mamãe!”.

Sir Claude parou, arregalando os olhos. “Sua mãe? Mas sua mãe está em Bruxelas.”

Maisie, olhando para a senhora, duvidou: “Bruxelas?”.

“Foi para lá jogar uma partida.”

“De bilhar? O senhor não me contou.”

“Claro que não!”, exclamou sir Claude. “Há muitas coisas que não conto a você. Ela foi na quarta-feira.”

O casal ganhara distância, porém o olhar de Maisie acompanhava-o perfeitamente. “Então ela voltou.”

Sir Claude observava a senhora. “É bem mais provável que ela nem sequer tenha ido!”

“É a mamãe!”, disse a criança, convicta.

Haviam parado, porém sir Claude aproveitou a oportunidade, e ocorreu que, neste exato momento, do outro lado da clareira, o casal deteve-se e, mantendo-se de costas para eles, ficou, ao que parecia, a conversar. “Você tem toda razão, meu anjo!”, concluiu ele por fim. “É mesmo a minha querida esposa!”

Falou rindo, porém seu rosto mudou de cor, e Maisie mais que depressa olhou para o outro lado. “Então quem está com ela?”

“E eu lá sei!”, respondeu sir Claude.

“Será o senhor Perriam?”

“Ah, não. O senhor Perriam quebrou.”

“Quebrou?”

“Foi desmascarado — na *City*. Mas há muitos outros!” Sir Claude sorriu.

Maisie parecia contá-los; examinou as costas do desconhecido. “Será então lorde Eric?”

Por um instante, seu companheiro nada disse; e quando a menina voltou a olhar para ele, sir Claude dirigia-lhe um olhar que a intrigou. “O que você sabe sobre lorde Eric?”

Maisie tentou, inocentemente, intrigá-lo também. “Ah, mais do que o senhor pensa! É lorde Eric?”, repetiu ela.

“Pode ser. Que me importa!”

Seus amigos haviam se separado um pouco, e agora, no momento em que sir Claude falava, de repente viraram-se, exibindo todo o esplendor de milady e todo o mistério de seu acompanhante. Maisie prendeu a respiração. “Eles estão vindo!”

“Que venham.” E sir Claude, pegando os cigarros, começou a riscar um fósforo.

“Vamos nos encontrar com eles!”

“Não. *Eles* é que vão se encontrar conosco.”

Maisie insistiu: “Eles estão nos vendo. Olhe”.

Sir Claude jogou fora o fósforo. “Siga em frente.” Os outros, por sua vez, visivelmente surpresos, fizeram menção de parar de novo, mantendo-se bem separados. “Ela acaba de levar um tremendo susto e gostaria de sumir”, prosseguiu ele. “Mas é tarde demais.”

Maisie seguia ao lado dele e mesmo daquela distância já podia perceber que milady estava constrangida. “Então o que fará ela?”

Sir Claude deu uma tragada no cigarro. “Está pensando rápido.” Ele parecia divertir-se com a cena.

Ida hesitou por apenas um instante; seu companheiro sem dúvida lhe dava apoio moral. Maisie julgou ver nele algo de corajoso; não tinha qualquer semelhança com o sr. Perriam. O rosto, magro e um tanto afilado, era liso, e foi só quando se aproximaram mais que um bigodinho extraordinariamente claro tornou-se visível. Os olhos, Maisie já percebia, eram de um azul muito claro. Ele era muito mais simpático do que o sr. Perriam. Havia no rosto de sua mãe um olhar feroz, mas mesmo sob sua mira a curiosidade da criança despertou, fazendo-a dirigir mais uma pergunta a sir Claude. “É ele? É lorde Eric?”

Sir Claude fumava com bastante *aplomb*. “Creio que é o conde.”

Essa conclusão agradou-a: o homem correspondia à ideia que Maisie fazia de um conde. Mas a que ideia sua mãe, que se aproximava com toda sua altivez, corresponderia? Certamente à de uma atriz, em alguma situação tremenda, aproximando-se da ribalta como se dispusesse a saltá-la. Maisie sentiu tanto medo que quando deu por si havia colocado a mão sobre o braço de sir Claude. Essa pressão fê-lo parar, o que teve o efeito de fazer com que o outro casal parasse também; e a pouca distância deles os dois ainda conversaram por um momento. Porém foi apenas um breve instante; como se dando ao conde oportunidade de aproximar-se de modo mais indireto — de flanquear o inimigo, pensaria Maisie, se conhecesse o conceito —, milady retomou o ataque. “O que será que ela vai fazer agora?”, perguntou a filha.

Agora sir Claude estava em posição de poder responder: “Fazer de conta que sou eu”.

“O senhor?”

“Que sou eu quem está fazendo o que não devia.”

No instante seguinte, a pobre Ida justificou essa previsão, empertigando-se diante deles como uma representação da Justiça devidamente paramentada. Certas partes de seu rosto tornaram-se mais brancas enquanto Maisie o observava, e essa mudança teve o efeito de fazer com que no resto outras cores reinassem com maior intensidade. “O que você está fazendo com minha filha?”, indagou ela ao marido; apesar do tom indignado dessa fala, Maisie jamais tivera em sua vida impressão mais forte de que sua presença estava sendo ignorada. Pareceu-lhe que sir Claude também empalideceu por efeito da veemência com que Ida repetiu a pergunta duas vezes, em altos brados. Em vez de responder, ele perguntou-lhe, por sua vez: “Quem é esse que você arranjou agora?”. Ao ouvir isso, milady voltou para a criança um olhar tremendo, como se contemplasse uma cúmplice do criminoso. Maisie recebeu petrificada o impacto direto dos imensos olhos pintados da mãe — eram como lanternas japonesas penduradas em arcos num dia de festa. Então de súbito ela voltou à vida com um tom inesperadamente suave: “Vá direto até aquele senhor, minha querida; pedi-lhe que ficasse com você por alguns minutos. Ele é encantador, vá. Preciso dizer uma coisa a essa criatura”.

Maisie sentiu que sir Claude a segurava com uma força imensa. “Não, não, obrigado, isso não. Ela é minha.”

“Sua?” Maisie ficou desconcertada ao ouvi-la falar como se nunca tivesse visto sir Claude antes.

“Minha. Você a entregou a mim. Você não tem mais nada a dizer sobre ela. Eu a recebi do pai”, disse sir Claude — afirmação essa que surpreendeu sua amiga e teve também, como ela percebeu, forte impacto sobre sua mãe.

Havia claramente, porém, uma influência que fez Ida refletir; olhou para o cavalheiro que a acompanhava, o qual, tendo se afastado um pouco com as mãos no bolso, estava agora parado, com um olhar vago e sem nenhum constrangimento no rosto. Ela voltou-lhe um rosto que era como um parque iluminado, com portão e tudo, ao qual

ele tinha acesso garantido durante toda aquela temporada; depois olhou de novo para sir Claude. “Eu a entreguei ao pai para que *ele* ficasse com ela, e não para despachá-la para sair por aí com você ou com qualquer outro. Se ela não deve mais obedecer-me, quero que *ele* venha me dizer isso em pessoa. Recuso-me a ouvi-lo de outro, e acho até graça de vê-lo fazer de conta que seu falso ‘interesse’ lhe dá esse direito. Sei muito bem o que você quer, e tenho algo a lhe dizer a respeito.”

Sir Claude apertou o braço da criança. “Eu não disse, senhorita Farange?”

“Você tem muito medo de ouvir-me”, prosseguiu Ida, “mas se acha que ela vai protegê-lo do que tenho a dizer, está redondamente enganado.” Deu-lhe um momento. “Pois bem, se quiser eu digo a ela. Você quer que ela fique sabendo, meu caro?” Maisie teve a impressão de que a pergunta surtiu efeito; no entanto, nossa amiguinha tinha também consciência de que desejava que sir Claude respondesse na afirmativa. Já vimos que ela se acostumara a querer que as pessoas quisessem que ela “soubesse”. Antes, porém, que ele tivesse tempo de responder, sua mãe abriu os braços elegantíssimos, e a menina sentiu afrouxar o braço que a segurava. “Minha filhinha”, murmurou Ida com uma voz — uma voz cheia de uma ternura súbita e confusa — que Maisie tinha a impressão de estar ouvindo pela primeira vez. Hesitou apenas um instante, emocionada com o primeiro apelo direto, e não simples ordem de mãe, que jamais lhe viera daqueles lábios, os quais, desde os tempos vociferantes de outrora, sempre foram ásperos. No instante seguinte estava apertada contra o peito da mãe, onde, em meio a uma profusão de pingentes, teve a impressão de que fora arremessada de súbito, com um estilhaçar de vidro, na vitrine de uma joalheria; porém foi logo em seguida afastada com um empurrão e a ordem seca: “Agora vá ficar com o capitão!”.

Maisie olhou para o cavalheiro, submissa, porém sentindo necessidade de uma apresentação mais completa. “O capitão?”

Sir Claude riu-se. “Eu disse a ela que era o conde.”

Ida arregalou os olhos; assumiu uma atitude de superioridade grandiosa, colossal mesmo. “Você é sem dúvida repugnante”, disse então. “Vá!”, repetiu para a filha.

Maisie fez menção de obedecer, depois voltou atrás e, olhando para sir Claude, disse-lhe, confusa: “Só um minuto”.

Mas ele estava zangado demais para ouvi-la — zangado demais com sua esposa; e enquanto virava-se para o outro lado a menina ouviu sua raiva explodir: “Sua desgraçada, sua c—!”. Não conseguiu ouvir o resto. Mas já era bastante, era demais: fugiu, ainda que em direção a um desconhecido, chocada com essa mudança de tom.

[1] Um lago ornamental no Hyde Park. (N. T.)

[2] Personagens de *Como queiras*, comédia de Shakespeare. (N. T.)

Quando seu olhar encontrou os olhos azul-claros do capitão, a maior das maravilhas aconteceu; Maisie sentiu-se subitamente aliviada ao perceber que eles reagiam com ansiedade ao horror que viram estampado no rosto da menina. “O que foi que ele fez?” Para ele, o responsável por tudo fora sir Claude.

“Ele chamou-a de cachorra desgraçada.” Não conseguiu conter-se.

O capitão, tão superior quanto milady, ficou boquiaberto; em seguida, é claro, como todos os outros, ficou trêmulo. Mas na mesma hora controlou-se, repetindo as palavras feias da criança. “Uma cachorra desgraçada — sua mãe?”

Maisie já se dava conta de um segundo impulso. “Creio que ela tentou irritá-lo.”

O assombro do capitão foi magnífico. “Irritá-lo — ela? Mas ela é um anjo!”

Neste momento, enquanto ele dizia essas palavras, o rosto dele conquistou-a; era luminoso e bondoso, e os olhos azuis refletiam alguma graça misteriosa, que — ao menos para ele — sua mãe emitira. Com base em suas observações acumuladas, Maisie pôde classificá-lo enquanto o observava: era um soldado franco e simples; muito sério — esse detalhe chamou-lhe a atenção — mas nem um pouco amedrontador. Fosse como fosse, havia nele algo que ela jamais conhecera, algo que, após um momento, levou-a a perguntar: “O senhor gosta muito dela?”

O capitão sorriu para a menina, hesitante, cada vez mais simpático. “Quero lhe falar sobre sua mãe.”

Estendeu-lhe uma manopla militar, que ela imediatamente tomou, e seguiram juntos em direção a duas cadeiras que haviam sido colocadas à sombra das árvores. “Ela me disse para ficar com o senhor”, explicou Maisie enquanto caminhavam; e logo sentou-se a

seu lado, com o mais belo dos quadros — o lago luminoso visto por entre as árvores — à sua frente, e ruídos de pássaros, barcos e crianças no ar. O capitão, inclinando seu porte militar, sentou-se de lado para ficar mais próximo dela, e estando a mão da menina pousada no braço da cadeira, ele pôs a sua sobre esta também mais uma vez, para enfatizar algo que tinha a dizer e que lhe faria bem ouvir. Já havia lhe dito que sua mãe, desde o momento que a vira em companhia de uma pessoa que... bem, que não era de modo algum a pessoa com quem deveria estar, foi logo pedindo a ele que ficasse com sua filha enquanto ela própria atacava — foi o termo que usou — o verdadeiro culpado. O capitão dava à criança a sensação de que, naquele momento, estava fazendo com ela o que queria; dez minutos antes Maisie jamais o vira, porém agora estava a seu lado, a tocá-lo, tocada e impressionada por ele e pensando como ficava bem um cavalheiro magro e queimado de sol — um tom de pele moreno e límpido que fazia o bigode cor de palha parecer quase branco e os olhos lembrarem florzinhas pálidas. A coisa mais extraordinária de todas era que, naquele instante, não lhe importava saber que sir Claude estava sendo atacado. O capitão era muito diferente dele, pois um dos aspectos curiosos do atrativo do amigo de sua mãe era o fato de residir, até certo ponto, num rosto cujos traços eram tão informais que a melhor coisa que se podia dizer a seu respeito era chamá-lo de engraçado. Mais curioso ainda era que esse rosto acabou tendo o efeito de fazer nossa amiguinha, tentando classificá-lo de forma mais completa, dizer a si própria que, por mais incrível e insidioso que parecesse, a pessoa que ele mais lhe lembrava era a sra. Wix. Ele não usava corretores nem diadema, nem mesmo um botão — ao menos não no lugar em que a outra o usava; era bronzeado, tinha voz grave e cheirava a charutos; no entanto, inexplicavelmente, ele tinha mais em comum com sua velha governanta do que com seu jovem padrasto. O que ele tinha a dizer-lhe que lhe faria bem saber era que sua pobre mãe (ela não sabia?) era a melhor amiga que ele jamais tivera na vida. E acrescentou: “Ela já me falou muito sobre você. Estou adorando conhecê-la em pessoa”.

Maisie nunca antes fora tratada — pensou — dessa maneira, como se fosse uma mocinha, nem mesmo por sir Claude, naquele dia, tão

remoto, em que o encontrou com a sra. Beale. Aquele modo de dirigir-se a ela pareceu-lhe ser precisamente o adotado pelos rapazes, nos bailes, quando falavam com as moças entre uma dança e outra; e Maisie tentou pensar em algo que a colocasse no mesmo nível elevado. Porém esse esforço foi vão, e tudo que ela conseguiu dizer foi: “No começo eu pensei que o senhor fosse lorde Eric”.

O capitão pareceu não entender. “Lorde Eric?”

“E depois sir Claude pensou que fosse o conde.”

Ao ouvir isso, o militar deu uma gargalhada. “Ora, ele tem um metro e meio de altura e é vermelho como um camarão!” Maisie riu também, com uma certa elegância — tal como o faria decerto uma jovem num baile —, e estava a ponto de insistir no assunto com uma pergunta agradável, tão conscienciosa quanto a moça imaginária. Antes, porém, que tivesse tempo de falar, seu amigo indagou: “Mas quem é esse tal de lorde Eric?”.

“O senhor não conhece?” Ela imaginava que a jovem do baile diria isso com um leve toque de surpresa.

“Refere-se a um homem gordo e com a boca sempre aberta?” A menina foi obrigada a confessar que conhecia tão pouco o cavalheiro em questão que tudo que podia dizer a seu respeito era que se tratava de um amigo de sua mãe; mas uma luz acendeu-se de súbito na mente do capitão, que logo começou a falar como se reconhecesse a pessoa. “O irmão do... como é mesmo que se chama, o sujeito que era o proprietário de Bobolink?” Então, com toda sua simpatia, contradisse a menina. “Ah, não; esse, sua mãe jamais conheceu.”

“Mas foi a senhora Wix quem disse”, arriscou a criança.

“A senhora Wix?”

“Minha antiga governanta.”

O capitão pareceu achar graça também nisso. “Ela o confundiu com outro, a sua antiga governanta. Esse é um boçal. Sua mãe jamais olhou para ele.”

Foi tão categórico quanto simpático, mas por um minuto foi reduzido a um silêncio que deu a Maisie, confusa porém engenhosa, oportunidade de compensar o erro de fingir saber demais com a humildade de expor-se a uma nova correção. “E o conde, ela não conhece?”

“Ah, sim! Mas é outra besta.” Em seguida, abruptamente, pôs de novo sobre a mão da menina a mão que havia retirado por um instante. Maisie teve a impressão de que ele corou um pouco. “Eu quero muitíssimo falar com você. Jamais acredite em nada de mau que disserem sobre sua mãe.”

“Ah, pode estar certo de que não acredito!”, exclamou a criança, ela própria enrubescendo até a raiz dos cabelos só de pensar em tal possibilidade.

O capitão, baixando a cabeça, levou a mão da menina aos lábios com tamanha benevolência que a fez lamentar não estar usando uma luva melhor. “Claro que não, sabendo o quanto ela gosta de você.”

“Ela gosta de mim?”, exclamou Maisie, ofegante.

“Muitíssimo. Mas acha que você não gosta dela. Você precisa gostar dela. Ela tem tido muitos dissabores.”

“Ah, sim, eu sei!” Regozijava-a a ideia de que nunca negara o fato.

“É claro que não tenho direito de falar sobre ela senão como amigo”, prosseguiu o capitão. “Mas é uma mulher magnífica. Jamais lhe fizeram justiça.”

“É mesmo?” Ao ouvir essas palavras, Maisie sentiu uma emoção inteiramente nova.

“Talvez eu não devesse lhe dizer isto, mas ela tem sofrido todos os tormentos possíveis.”

“Ah, pode dizer-me, sim!”, ela apressou-se a tranquilizá-lo.

O capitão ficou satisfeito. “Pois não conte a ninguém. É só para *você*, ouviu?”

Séria e sorridente, tudo que ela queria era ouvi-lo. “Fica só entre nós dois! Ah, há tantas coisas que jamais contei a ninguém!”

“Pois guarde esta com as outras. Posso assegurar-lhe que ela tem comido o pão que o diabo amassou, digam o que disserem. É a mulher mais inteligente que já conheci em toda a vida. É encantadora.”

Maisie já fora tocada por esse tom e agora recostou-se na cadeira, sentindo algo estremecer dentro dela. “Ela é muito divertida; faz muitas coisas melhor do que qualquer outra. Ela tem mais garra que cinquenta pessoas juntas — disso tenha certeza absoluta. É corajosa o bastante para caçar tigres — juro que gostaria de levá-la a uma caçada! E é sempre tão aberta e generosa, não é? Há mulheres que são

traidoras. Ela é capaz de expor-se a tudo por alguém de quem gosta.” O capitão pareceu ficar por um momento observando o efeito dessa ênfase sobre sua interlocutora; em seguida, emitiu um leve suspiro, como quem lamenta os limites do dizível. Mas foi num tom quase de desafio que concluiu: “Olhe, ela é *leal!*”.

Maisie tinha tão pouca vontade de contradizê-lo que deu por si arfando de uma alegria mais indizível ainda que a essência da admiração manifestada pelo capitão. Sentia-se emudecida pela consciência de que jamais ouvira ninguém falar de sua mãe nesses termos. Deu-se conta, em seu silêncio, de que aquela admiração e aquele respeito eram, afinal, palavras totalmente novas para ela, que ganhavam valor por nada semelhante haver jamais sido dito por seu pai, pela sra. Beale, por sir Claude, nem mesmo pela sra. Wix. Em última análise, com relação a milady, aquelas eram as primeiras palavras realmente elogiosas que ela ouvira em sua vida; assim, algo estranho e profundo brotou das profundezas de seu ser, uma sensação de pena, a revelação de que até então, que ela soubesse, ninguém jamais gostara de sua mãe. O relato que outrora lhe fizera a sra. Wix do afeto de sir Claude parecia-lhe agora tão vazio quanto as palavras de uma canção infantil: marido e mulher, a pequena distância dali, estavam naquele exato momento a enfrentar-se cheios de ódio, e aquele nome terrível com que ele a xingara ainda pairava no ar. Por outro lado, o que dissera o capitão sobre sua mãe? Maisie queria ouvir de novo aquelas palavras. As lágrimas encheram-lhe os olhos e escorreram-lhe pelas faces, ardendo como o irromper da consciência de que também para ela, cinco minutos antes, aquela magnífica figura cujo ataque fora esperado tinha sido, por um instante, uma fonte de puro terror. E naquele momento não sentiu nenhum medo de exhibir a seu novo amigo o que as crianças mais temem exhibir — um rosto mudo, umedecido e horrivelmente distorcido pelo esforço de chorar. Maisie chorava, com uma dor profunda, *para ele*, chorava como jamais chorara para ninguém em toda a vida. “Ah, o senhor a ama?”, exclamou, com um soluço causado pela tentativa de não fazer barulho.

Foi sem dúvida também por efeito da espessa névoa através da qual a menina o via que, em resposta à sua pergunta, o capitão olhou-

a de modo estranho, embaçado. Ele gaguejou, e no entanto havia também em sua voz o tom de uma insistência forte e desajeitada. “É claro que gosto muito dela — mais do que de qualquer outra mulher que já conheci. Não me incomodo nem um pouco em dizer-lhe isso”, prosseguiu, “e eu haveria de julgar-me um grandíssimo boçal se me incomodasse.” Então, para mostrar que sua posição era a mais clara possível, ele a fez, com uma delicadeza que nem mesmo sir Claude jamais ultrapassara, tremer novamente, tal como tremera diante de sua primeira explosão. Chamou-a pelo nome, e ao chamá-la pelo nome fez sua afirmação ficar ainda mais convincente. “Minha querida Maisie, sua mãe é um anjo!”

Foi um bálsamo quase inacreditável — aplacou-lhe de todo sua sensação de perigo e dor. Ela afundou mais na cadeira e cobriu o rosto com as mãos. “Ah, mamãe, mamãe, mamãe!”, soluçou. Parecia-lhe que o capitão, a seu lado, embora cada vez mais simpático, não era de modo algum imune ao constrangimento; um minuto depois, porém, quando a vista da menina desanuviou-se, ele estava empertigado à sua frente, muito vermelho e nervoso, olhando à sua volta e batendo com a bengala na perna. “Diga que a ama, senhor capitão; diga, diga!”, Maisie implorou.

Os olhos azuis do sr. capitão fixaram-se na menina, muito duros. “É claro que a amo, que diabo! Você sabe muito bem.”

Ao ouvir isso, também ela se pôs de pé de um salto; de algum modo havia tirado o lenço do bolso. “Então *eu* também a amo. Juro que amo, juro que amo!”, afirmou, passional.

“Então você vai voltar para ela?”

Maisie, fixando a vista, deteve a mãozinha que apertava o lenço amassado a meio caminho dos olhos. “Ela não me quer.”

“Quer, sim. Ela quer você.”

“Lá em casa — com sir Claude?”

Mais uma vez ele fez uma pausa. “Não, não com ele. Em outro lugar.”

Ficaram os dois parados, um olhando para o outro, com uma intensidade incomum para um capitão e uma menina. “Ela não vai me querer em lugar nenhum.”

“Ah, mas vai, sim, se *eu* lhe pedir!”

A veemência de Maisie continuava. “O senhor vai estar lá?” Também a do capitão, de certa forma, continuava. “Ah, vou — algum dia.”

“Mas agora não?”

O rosto dele abriu-se num sorriso. “Você vem agora — vem conosco por uma hora?”

Maisie pensou. “Ela não vai me querer nem agora.” Percebia que o capitão estava convicto de sua posição, mas que o tom dela o impressionava. Isso desapontou-a um pouco; no instante seguinte, porém, ele insistiu.

“Se eu pedir, ela vai querer”, repetiu. “Vou pedir-lhe agora mesmo.”

Maisie, virando-se, olhou para o lugar onde sua mãe e seu padraсто haviam parado. De início, entre as árvores, não se via ninguém; mas logo depois ela exclamou, com ênfase: “Terminou — ele está vindo!”.

Sob o olhar do capitão, aproximava-se o marido de milady, caminhando tranquilo pela grama, dirigindo a Maisie um pequeno gesto com os dedos fechados. “Não tenho por que evitá-lo.”

“Mas é bom o senhor não se encontrar com ele”, disse Maisie.

“Ah, ele também não está com pressa!” Sir Claude havia parado para acender outro cigarro.

Maisie não sabia bem como ele estaria se sentindo; porém, sua percepção lhe dizia que o comentário do capitão era uma manifestação espontânea desses sentimentos. “Ah, ele não se importa!”, retrucou ela.

“Não se importa com o quê?”

“Com quem o senhor seja. Ele me disse. Vá perguntar à mamãe.”

“Se você pode vir conosco? Muito bem. Você realmente não quer que eu o espere?”

“*Por favor, vá.*” Mas sir Claude ainda não estava perto, e o capitão havia tomado a mão direita da menina na sua esquerda, e balançou-a um pouco, num gesto de familiaridade. “Mas primeiro”, prosseguiu ela, “me diga uma coisa. O senhor vai *morar* com a mamãe?”

Uma reação de hilaridade, que a menina conhecia muito bem, veio chocar-se contra a seriedade dela: “Um dia desses”.

Ela ficou a pensar, nem um pouco perturbada por aquele riso. “E onde estará sir Claude?”

“Ele a terá deixado, é claro.”

“Ele pretende mesmo deixá-la?”

“Você terá muitas oportunidades de fazer-lhe essa pergunta.”

Maisie sacudiu a cabeça com convicção. “Isso ele não vai fazer. Não vai partir dele.”

Essa ressalva fez o capitão rir outra vez. “Ah, é claro que ele vai dificultar as coisas! Mas eu já lhe disse demais.”

“O senhor sabe que eu não vou contar nada a ninguém”, disse Maisie.

“Sei; é tudo só para você. Até logo.”

“Até logo.” Maisie segurou a mão dele mais um pouco, para acrescentar: “Gosto do senhor também”. E por fim, com suprema ênfase: “O senhor a ama *de verdade*?”

“Minha querida criança...!” O capitão não encontrou palavras.

“Então não o faça apenas por pouco tempo.”

“Por pouco tempo?”

“Como todos os outros.”

“Todos os outros?” Ele arregalou os olhos.

Ela retirou a mão. “Ame-a para sempre!” Saiu correndo em direção a sir Claude, e enquanto se afastava do capitão ouviu-o exclamar, num tom aparentemente jovial:

“Ah, em boa fui meter-me!”

Ao encontrar-se com sir Claude, divisou sua mãe ao longe, a afastar-se com passos lentos, e, olhando mais uma vez para o capitão, viu-o, a balançar a bengala, seguir na mesma direção.

Maisie jamais vira sir Claude como ele estava agora: vermelho, porém não excitado — com uma expressão de repulsa fixa no rosto; parecia ao mesmo tempo muito nauseado e muito duro. Sem dúvida, a conversa com sua mãe fora feroz, e a velha sensação de horror voltou a assaltar a menina, gerando a retração moral imediata que ela experimentava nos tempos em que seus pais a utilizavam para alimentar sua sede de guerra. Seu maior medo no momento, porém,

era de que seu amigo percebesse que ela havia chorado. Logo em seguida, deu-se conta de que ele a olhara de relance e ocorreu-lhe que ele talvez nem sequer quisesse ser visto. Assim, imediatamente Maisie desviou a vista, enquanto sir Claude indagou, um tanto seco: “Afinal, quem é o tal sujeito?”.

Ela sentiu-se engolfada por uma onda de prudência. “Ah, *eu* é que não descobri!” Isso dava a entender que ela imaginava que seu padraço tivesse feito essa descoberta por conta própria; porém via-se obrigada a enfrentar com teimosia a sensação ruim de parecer desagradável, tal como outrora, quando seu pai, por não conseguir arrancar nada dela, chamava-a de burra, e sua mãe, acusando-a de falsidade, expulsava-a do quarto.

“Então o que vocês fizeram esse tempo todo?”

“Ah, sei lá!” A essência de seu método consistia em assumir a burrice até as últimas consequências.

“Então o boçal não disse nada?” Haviam se aproximado do lago e caminhavam depressa.

“Não disse muita coisa, não.”

“Não falou de sua mãe?”

“Ah, falou, sim, um pouco!”

“Então diga-me, por favor, *o quê!*” Ela continuou calada — por tanto tempo que ele por fim indagou: “Mas diga-me... você não está me ouvindo?”.

Maisie saiu-se com esta: “Acho que não prestei muita atenção no que ele disse”.

Sir Claude, fumando com fúria, não fez nenhum comentário de imediato; por fim, porém, exclamou: “Então, minha cara — com uma oportunidade dessas —, você foi uma perfeita burrinha!”. Estava tão irritado — ou ao menos assim pareceu a Maisie — que durante todo o resto do tempo que permaneceram em Kensington Gardens não disse mais palavra; ela, neste ínterim, sutilmente absteve-se de quaisquer tentativas de apaziguá-lo. Não queria suscitar mais perguntas. No portão do jardim, sir Claude fez sinal para um fiacre de quatro rodas e, em silêncio, sem olhar nos olhos da menina, colocou-a dentro do veículo, dizendo-lhe apenas: “Dê-lhe isto” e jogou uma moeda de dois xelins e meio sobre o banco. Mesmo quando, do lado de fora, fechou

a porta e disse ao homem para onde levá-la, evitou olhá-la nos olhos. Nada semelhante jamais havia ocorrido entre eles, porém nem por isso Maisie o amava menos; assim, a menina podia não apenas suportar aquela sensação como também — era o que sentia enquanto o fiacre se afastava — deliciar-se com ela. Era a mesma doce sensação de vitória que gozou, muitíssimos anos antes, quando, na escada, voltando da casa do pai, respondeu a uma pergunta feroz de sua mãe com uma imbecilidade tão profunda que a sra. Farange, em consequência, a fez rolar quase até o último degrau.

Se, por motivos que só ela sabia, Maisie podia suportar a consciência de ter desagradado sir Claude, sua resistência ainda tenra passou assim mesmo por uma dura prova. Os dias se sucediam sem que ele viesse bater à porta da casa de seu pai, dias que teriam sido tristes e vazios se algo de importante não tivesse acontecido que os tornasse diferentes. O que ocorreu foi uma mudança acentuada na atitude da sra. Beale — uma mudança que de algum modo, apesar da ausência de sir Claude, dava a impressão de que ele estava presente na casa. Começou com uma conversa entre elas no dia em que Maisie voltou sozinha de fiacre. A sra. Beale já havia chegado em casa, e foi mais bem-sucedida do que sir Claude na tentativa de extrair de nossa amiga um relato de seu extraordinário colóquio com o capitão. Ela retornava ao assunto vez após vez, e no dia seguinte a menina percebeu que sua madrastra já sabia de tudo que havia transcorrido entre milady e sir Claude. Era essa a origem verdadeira de sua impressão de que, embora ele não viesse à casa, a sra. Beale tinha algum segredo misterioso, graças ao qual ela não estava de todo afastada dele. Isso levou a algumas cenas notáveis com a sra. Beale, a primeira das quais incluiu um magnífico acesso de choro — não da parte de Maisie. A sra. Beale não era, como ela própria afirmou, uma choramingas: jamais havia chorado, que Maisie soubesse, desde os tempos em que era uma humilde governanta, nos primórdios de seu relacionamento. Desta vez, porém, chorou com paixão, afirmando em altos brados que aquilo lhe fazia bem, e dizendo coisas notáveis à sua enteada, para quem a ocasião também foi muito instrutiva, um complemento a toda a importante sabedoria precautória que ela já detinha. Por algum motivo, Maisie sentia que contar à sra. Beale o que não dissera a sir Claude não violava essa sabedoria, uma vez que a maior tensão, a seu ver, existia entre sir Claude e a esposa de sir Claude, e infelizmente a

sra. Beale não ostentava esse título. Três dias após o incidente em Kensington Gardens, ele enviou à enteada um recado tão franco quanto carinhoso, e foi por isso que a sra. Beale foi obrigada a confessar, num tom em que se mesclavam o apelo e o desafio: “É verdade, eu... que diabos, eu me encontro com ele, *sim!*”.

Como, quando e onde, porém, eram informações negadas a Maisie — uma exclusão que a menina jamais questionou, tendo em vista uma participação grande o bastante para fazer com que ele, ao mesmo tempo que compartilhava com a sra. Beale o imenso vazio de uma independência um tanto inútil, luzisse em seu olhar ansioso como a janela única, e soberana, de uma sala desproporcionalmente grande e escura. Da parte de seu pai, essas horas não sofriam interrupção alguma; e ficou então claro para elas que ambas estavam sempre pensando no ausente, uma pensando o mesmo que a outra, de modo que ele era objeto de referência consciente em tudo que as duas diziam e faziam. A triste verdade, a sra. Beale foi obrigada a confessar, era que suas esperanças revelaram-se infundadas: era impossível que sir Claude frequentasse com regularidade a casa de Regent’s Park. Precisavam encarar a realidade — estava vergonhosamente claro que, no final das contas, ninguém estava quite com ninguém. Ora, se ninguém estava quite, era porque ninguém prestava. “Ninguém”, é claro, designava Beale e Ida, o grau de cuja vileza a sra. Beale não podia trocar em miúdos para uma menina. Assim sendo, para poder tocar para a frente, explicou ela, milady tivera que acertar um outro acordo — no qual Maisie estava incluída apenas visto que sabia de sua existência e ardia de curiosidade para saber o que era, afinal. Fosse como fosse, ao menos estava claro que era esse o motivo da súbita reação emocional da sra. Beale e de sua não menos súbita confiança; porém nem todas aquelas lágrimas tiveram o efeito de afastar da consciência de nossa heroína a ideia de que seria muito bom se ela própria pudesse acertar um acordo em seu próprio interesse. O da sra. Beale funcionava, ao que parecia, com regularidade e frequência; pois quase todo dia ela trazia um recado para Maisie e transmitia sua resposta. Foi ao contemplar, para usar suas palavras, o quanto o ausente fazia por ela que a sra. Beale foi levada às lágrimas; e essa visão era, de certo modo, mantida diante dos olhos de Maisie

pelo subsequente aumento apenas não da alegria de sua amiga mas também do que era claramente — não era presunção percebê-lo — sua virtude. Aliás, a própria sra. Beale foi a primeira a afirmá-lo: ele a havia levantado de modo extraordinário, ele a havia reabilitado. Usava expressões encantadoras, torturantes, para referir-se a ele: chamava-o fada protetora, fonte oculta — mais que tudo, ele era sua consciência “superior”. Foi o que mais enfatizou em sua surpreendente crise de choro: ele estimulara, aquele homem tão bom, o seu amor-próprio. Foi desse modo que Maisie ficou sabendo, surpresa, que sua madrasta pensava mal de si própria; por sorte ficara sabendo da cura ao mesmo tempo que da doença.

Logo ocorreu-lhe a suposição, e mesmo — apesar de sua inveja — a esperança, de que sempre que a sra. Beale não estava em casa de algum modo sir Claude era beneficiado. Essas ausências eram agora mais frequentes do que nunca — tanto que teriam causado espécie a Maisie, não fosse seu pai, em primeiro lugar, muito mais notável nessa prática: sua atual esposa costumava comentar, tanto quanto, nos tribunais do país, o fizera sua antecessora, que ele raramente vinha em casa até mesmo para dormir. Em segundo lugar, a sra. Beale, quando *estava* em casa, ostentava agora um belo ar de querer compensar por tudo. A única sombra nesses períodos tão luminosos era que, como Maisie dizia a si própria, a nada levavam suas perguntas. Era da natureza das coisas nunca poderem ser explicadas a uma criancinha, mesmo quando desde o início fora incutido na criancinha em questão o temor infundado de que ela estivesse sabendo até demais. No momento, as coisas eram para Maisie tão fiéis à sua natureza que quase todas as perguntas eram impróprias; por outro lado, porém, logo aprendeu que, às vezes, pequenos silêncios pacientes e discretos olhares inteligentes terminavam recompensados por pequenas descobertas deliciosas. Em outros tempos, na casa de Beale Farange o monossílabo “ele” referia-se sempre, quase violentamente, ao chefe da família; mas tudo isso havia mudado numa época em que os méritos de sir Claude estavam de tal modo na ordem do dia que sequer se faziam necessárias aquelas três letras para evocar sua pessoa. “Ele me mantém informada — ah, sim, meu tesouro”, dizia a sra. Beale à sua amiguinha; ou então comentava que a situação na outra casa chegara

a um ponto quase inacreditável — a ponto de, por mais monstruoso que parecesse, ele passar doze dias sem conseguir vê-la. “Ela”, é claro, na casa de Beale Farange, era sempre Ida, mas nesse caso havia uma diferença, pois a referência a Ida tinha agora uma intensidade renovada. A sra. Beale — era notável — agora via-se na posição de estender-se em críticas cada vez mais acerbas à terrível personagem, falas que podiam ser resumidas na proposição de que era abominável, e ao mesmo tempo uma felicidade, não ter Ida quase nenhum contato com o marido. Esse fluxo de informações era particularmente relevante para as duas amigas porque, na verdade, a sra. Beale pouco contato tinha com o seu; porém essa era uma das coisas que Maisie percebia sem que se quebrasse o encantamento de seu afeto presente. E como poderia não ser profundo esse encantamento se a influência de sir Claude, atuando a distância, por fim determinou o reinício dos estudos de sua enteada? A sra. Beale mais uma vez empolgou-se com eles, e afirmou categoricamente a Maisie que era esse o grande assunto a respeito do qual seu querido amigo ausente a mantinha informada.

Era essa a segunda causa — acabo de aludir à primeira — que levava a criança a sentir algo que, muito esperançosa, ela apreendia como o início de uma nova fase; e também a fazia ver com os melhores olhos o entusiasmo renovado com que a sra. Beale sempre reaparecia, dando a Maisie a consciência mais nítida que jamais experimentara de ser muito amada por ao menos duas pessoas. Se, no momento, quase não se lembrava mais de uma terceira, era por efeito, creio eu, de um acidente só explicável por um estado de excitação fora do comum. Pois de que modo se manifestava o entusiasmo da sra. Beale, de que maneira ela encontrava alívio de sua situação doméstica, senão através da leitura deliciosa, em companhia de sua enteada, de trechos assinalados de obras fornecidas em abundância por sir Claude? Ele tinha uma lista esplêndida — “Principalmente ensaios, sabe?”, explicara a sra. Beale, usando uma palavra que sempre fora majestosa para Maisie, mas que doravante seria atenuada por algo de nebuloso, até mesmo langoroso. Fosse como fosse, houve uma semana em que nada menos de nove livros chegaram, e a sra. Beale dava a impressão de que seu misterioso relacionamento com sir Claude não apenas envolvia o relato e a crítica de estudos, porém era organizado

quase de modo específico para fins de informação e consulta. Era, em suma, em nome da formação intelectual de Maisie que, como ela dizia sempre, a sra. Beale fechava a porta de sua casa — fechava-a para os cavalheiros que outrora lá acorriam em tão grande número e que, tendo ela sido praticamente abandonada pelo marido, seria muitíssimo indelicado de sua parte receber. Havia muito Maisie conhecia, ao menos em teoria, o princípio segundo o qual a mulher — para usar os termos da sra. Beale — atraente e vulnerável deve zelar por seu “caráter”; assim, impressionavam-na os escrúpulos rigorosos de sua madrasta. Não havia absolutamente ninguém do sexo oposto que ela se sentisse à vontade para receber em sua casa, e quando a menina ousou perguntar-lhe a respeito das senhoras que, na temporada anterior, eram recebidas, uma por uma, da maneira mais calorosa, a sra. Beale apressou-se a informar-lhe que as víboras tinham sido desmascaradas uma por uma. Se estava interessada em informar-se mais a respeito delas, Maisie devia recorrer a seu pai.

Porém a curiosidade de Maisie, no momento em que fez essa pergunta, tinha objetos muito mais importantes, pois o sonho de assistir a palestras em instituições havia por fim se concretizado, graças a sir Claude, que agora manifestava uma energia ilimitada quando se tratava de descobrir o que podia ser feito. Quanto a esse ponto, ficara claro que, quando a pessoa examinava a questão verdadeiramente a sério, acabava constatando que era possível fazer muita coisa por pouco mais que o preço da passagem do metrô. A instituição — havia uma magnífica num bairro que a menina pouco conhecia — tornou-se, neste contexto, um lugar emocionante, e a caminhada da estação até lá, pela Glower Street (um logradouro que fizera a sra. Beale rir de sua amiguinha uma vez que ela errou na pronúncia do nome), era pontuada por discussões sobre as mais diversas “matérias”. Maisie imaginava-se a colher essas “matérias” ao longo do caminho, ainda que elas se transformassem numa mata cerrada nos salões cinzentos onde a fonte do saber, na forma de uma voz aguda que de início a menina julgou estar zangada, jorrava diante de fileiras de rostos silenciosos a oferecer-se como jarras vazias. “Tem que ser bom para nós — é tão desagradável!”, declarou a sra. Beale de imediato, manifestando uma pureza de propósitos que fazia dessas

ocasiões as mais harmoniosas das muitas compartilhadas pelas duas. Sem dúvida, Maisie jamais se sentira, em companhia de sua madrasta, movida por impulsos tão elevados, nem nunca se sentira tão arrebatada quanto nos momentos em que a sra. Beale entrava em casa ofegante, perguntando, quase aos gritos, se ainda dava tempo de assistirem à palestra. Sua enteada, que já estava pronta desde cedo, quase pulava a balaustrada para responder-lhe, e saíam juntas em busca do saber com tanta pressa quanto voltavam, a fim de liberar a sra. Beale para outras atividades. Em suma, Maisie não se via envolvida em atividade tão frenética desde o período de efêmera azáfama em que a sra. Beale, ofegante como uma camareira, tentava “compensar” o tempo perdido na casa de seu pai.

Também dessa vez a atividade não durou muito, mas foram semanas cheias de uma emoção nova, que derivava em parte da possibilidade de que, pelo longo telescópio da Glower Street, ou talvez entre os pilares da instituição — e eram esses objetos magníficos que, para Maisie, faziam do lugar uma instituição de verdade —, elas algum dia vislumbrassem sir Claude. Foi o que a sra. Beale, pressionada, dissera uma vez, sem dúvida com uma ponta de impaciência: “Ah, sim, claro, algum dia!”. A possibilidade de que ele se juntasse às duas era claramente mais incerta do que sir Claude dera a entender no dia em que afirmou ter a intenção de aprimorar sua própria formação em companhia delas; e essa constatação levou a menina a especular que, depois daquele dia, ou bem algo de destrutivo acontecera ou bem algo de desejável não se concretizara. A sra. Beale esclarecera em parte a questão ao dizer a Maisie que, no final das contas, ninguém estava quite com ninguém. Fosse como fosse, a criança tinha esperanças de que alguém ficasse quite com *alguém*. No entanto, ainda que em todas as idas ao templo do saber ela procurasse em vão por sir Claude, não havia dúvida de que sua imagem amada era um incentivo e uma recompensa. Era quando mais se elevavam os pilares da instituição — quando era mais obscuro o tema, mais longa a palestra e mais feia a plateia — que as duas tinham a sensação de estar dando mais satisfação a seu protetor invisível.

Um dia, abruptamente, quando o assunto era o referido protetor, a sra. Beale disse à sua amiga: “Hoje à noite vamos ver aquele negócio

lá em Earl's Court”, um pronunciamento cuja importância se revelou quando ela explicou estar se referindo à grande exposição que acabava de ser aberta no bairro em questão, uma coleção de coisas estrangeiras extraordinárias expostas em jardins magníficos, com luzes, bandas, elefantes, montanhas-russas e outras atrações, bem como uma grande multidão em meio à qual elas talvez encontrassem uma pessoa conhecida. Na mesma hora, Maisie agarrou-se ao pescoço de sua amiga e ao nome de sir Claude, quando então a sra. Beale confessou que sim, havia uma possibilidade de que ele se encontrasse com elas. Naturalmente, dadas as terríveis circunstâncias em que vivia, ele nunca podia saber o que aconteceria dentro de uma hora; porém esperava estar livre e dera essa informação à sra. Beale. “Leve-a lá, com discrição, que vou tentar ir também” — isso deixava bem claro que, após tantas semanas de privação, também ele tinha saudades da menina: parecia até mesmo que seu desejo de vê-la era tão constante quanto o dela. Essa constatação, por sua vez, deixou a menina tão perplexa que a levou a fazer uma pergunta. Ela não entendia por quê, se os três manifestavam de forma tão intensa os mesmos sentimentos, a hipótese com base na qual ela aceitara voltar para a casa da sra. Beale, a ideia da reunião de todos, do trio de amigos, terminara não se concretizando. E a sra. Beale só fez aumentar sua perplexidade ao responder-lhe que o desapontamento das duas era consequência de ter ele encasquetado uma ideia.

“Que ideia?”

“Só Deus sabe!” Havia um toque de aspereza em sua voz. “Ele é tão sensível.”

“Sensível?” O termo era ambíguo.

“A respeito do que ele faz, entende?”, disse a sra. Beale, e hesitou. “Bem, a respeito do que *nós* fazemos.”

Maisie pensou. “Eu e a senhora?”

“Eu e *ele*, sua boba!”, exclamou a sra. Beale, dessa vez sem conter uma risada.

“Mas vocês não fazem nada de errado — *vocês*, não”, disse Maisie, mais uma vez perplexa, e tencionando, através daquela ênfase, fazer uma alusão discreta a seus pais.

“Claro que não, meu anjo — é justamente essa a minha posição!”, replicou sua amiga, exultante. “Ele diz que não quer envolver você.”

“Envolver-me em quê?”

“Pois é isso que *eu* queria saber: envolvê-la em quê, e por que motivo o envolvimento seria maior...?” A sra. Beale fez uma pausa sem concluir a pergunta. Após um momento, terminou a frase de modo diferente: “No final das contas, é tudo imaginação dele”.

O tom em que isso foi dito, embora expressasse uma resignação, fruto do cansaço, que encerrava o assunto, manifestou de forma tão vívida o fato de que a imaginação da sra. Beale divergia da de sir Claude, que nossa amiguinha foi levada, pelo mero contato, a uma vaga apreensão do não dito e desconhecido. Havia, então, um resíduo misterioso na relação entre seu padrasto e sua madrasta; pela primeira vez ocorria-lhe a ideia de que, não fosse ela própria, não haveria entre os dois nenhuma relação. Entre eles, tudo que haveria era o que os dois fizessem, e ao que parecia fora isso que levava sir Claude a afastar-se dela. Ele não tinha medo de comprometê-la? A percepção desse escrúpulo tornou-o ainda mais querido para Maisie, e veio-lhe à mente a ideia de que talvez pudesse simplificar toda a situação se mostrasse ao padrasto que ela pouco se importava com tal perigo. Pois não vivera sob essa ameaça desde os três anos de idade? Era o assunto que mais se discutia na casa dos Farange, onde a palavra estava sempre no ar e onde, aos cinco anos, em meio a aplausos, Maisie conseguiu balbuciá-la. Em suma, ela sabia que o risco de comprometer-se era tão real quanto o de ser golpeada com uma escova de cabelo ou trancada num quarto escuro, e sabia também que, segundo o consenso geral, nenhuma dessas punições costumava surtir efeito. Mas a primeira coisa a fazer era eximir-se de quaisquer dúvidas com relação à sra. Beale, o que Maisie fez dizendo-lhe, num tom pensativo: “Mas se a senhora não se incomoda... a senhora não se incomoda, não é?”.

A sra. Beale, com um esboço de sorriso, pensou um pouco.

“De envolver você? Nem um pouco. Pois o que isso significa, afinal?”

“Seja lá o que for, eu não me incomodo nem um pouco de ser envolvida. Assim, se a senhora não liga e eu não ligo”, concluiu a

menina, “a senhora não acha que quando eu encontrar com ele hoje eu podia muito bem dizer a ele que a gente não se preocupa com isso e que não há motivo algum para *ele* se preocupar?”

A menina, porém, estava fadada a não desfrutar muito da companhia de sir Claude no “negócio” em Earl’s Court, que acabou de modo bem diferente do esperado. Na hora, a sra. Beale, às gargalhadas, aprovou o plano de Maisie; mais tarde, porém, na exposição, retirou a permissão dada, dizendo que, pensando bem, em se tratando de um homem tão sensível, qualquer jocosidade costumava ter o efeito de torná-lo ainda pior. Seria difícil sir Claude tornar-se “pior”, pensou Maisie, quando, nos jardins e em meio à multidão, após o deslumbramento inicial, começou a procurá-lo por toda parte, em vão. As duas tinham muito tempo para perambular a esmo, tristonhas: haviam partilhado, em casa, a refeição frugal e aleatória — por Maisie denominada “jantar de geleia” — a que eram reduzidas quando o sr. Farange saía de casa em busca de prazer. Agora era exclusivamente na rua que o cavalheiro em questão perseguia esse ideal, e julgava sua filha, com base no que lhe dissera sua esposa, que três dias antes ele embarcara no iate de um amigo em Cowes.

Havia inúmeras atrações secundárias, das quais tudo que a menina ficava sabendo eram os nomes, atraentes e fascinantes, que lhe revelava a sra. Beale: o acesso a cada uma delas custava seis pence por cabeça, e desde o início de seu relacionamento a amiga mais velha conquistara a afeição da mais jovem sem contar com o auxílio do dinheiro. Ela oferecia moedas com tanta relutância quanto um mau aluno oferecia respostas a perguntas sobre matérias mal estudadas. Maisie diminuía o passo sempre que passava por um grande cartaz pintado, apertando o braço contra o bolso da amiga na esperança de sentir a presença de um xelim. Mas tudo que conseguiu foi intensificar ainda mais seu anseio: pois se sir Claude por fim aparecesse, os xelins começariam a surgir também. Na falta de xelins, as duas amigas pararam diante das Flores da Floresta, uma vistosa exibição de

mulheres de corpo pardo em toda sua extensão, num ambiente que lembrava uma mata tropical luxuriante; e ali Maisie manifestou dolorosamente sua convicção de que ele não viria mais. A sra. Beale, ainda que sem dúvida decepcionada, observou que a presença da pessoa em questão não fora prometida com certeza — o que fez a criança ver as flores através de uma névoa que as tornou mais magníficas, porém um tanto indistintas, e que também embaralhou a fisionomia de um cavalheiro que saía naquele momento, acompanhado de uma senhora, da cabine iluminada. A senhora era tão morena que de início Maisie tomou-a por uma das flores; mas nos poucos instantes que levou para formular esse pensamento — e também para abandonar, desolada, qualquer esperança de ver sir Claude — ouviu a voz de sua madrasta, atrás dela, exprimir ao mesmo tempo espanto e dor numa única interjeição aguda e contida.

“Mas que atrevimento... *Beale!*”

Ele já havia, sem reconhecê-las em meio à multidão, virado para outro lado — ao que parecia, seguindo uma indicação da senhora morena. Sua trajetória era assinalada, acima dos ombros e cabeças dos outros, por uma pluma escarlate ereta; na mesma hora Maisie quis saber quem seria sua proprietária. “Quem é ela? Quem é ela?”

Mas por um momento a sra. Beale limitou-se a olhar para o casal que se afastava. “Mentiroso — mentiroso!”

Maisie pensou. “Por que ele não está... onde a gente pensava que estivesse?” Um mês antes, em Kensington Gardens, também sua mãe não estivera em tal lugar. “Quem sabe ele já voltou”, foi logo acrescentando.

“Ele não chegou a ir — o cachorro!”

Fora isso, segundo sir Claude, que sua mãe também não fizera, e Maisie foi assaltada pela consciência do que, numa mente mais madura, seria denominado o modo como a história se repete. “Mas quem é?”, perguntou de novo.

A sra. Beale, paralisada, parecia perdida na contemplação de uma oportunidade desperdiçada. “Ah, se ele tivesse me visto!” A frase saiu por entre dentes trincados. “Essa é nova em folha. Mas ele deve estar com ela desde terça-feira.”

Maisie pensou. “Ela é quase negra”, observou então.

“São sempre horrendas”, disse a sra. Beale.

Também este comentário deu à menina o que pensar. “Ah, não as *esposas* dele!”, protestou ela. Em outras circunstâncias, aquelas palavras provavelmente teriam provocado a hilaridade da sra. Beale, mas naquele momento sua atenção estava de todo concentrada. “A senhora já viu na sua vida uma pena igual a essa?”, prosseguiu Maisie após uma pausa.

O ornamento em questão parecia ter parado a alguma distância dali e, apesar dos grupos que se interpunham às duas, podiam contemplá-lo. “Ah, é assim que elas se vestem — a vulgaridade mais atroz!”

“Eles estão voltando — vão nos ver!”, exclamou Maisie no instante seguinte; e enquanto sua amiga respondia que era exatamente isso que ela desejava e a menina repetia “Lá vêm eles! Lá vêm eles!”, os objetos de tanta atenção, que delas ainda não haviam se apercebido, mudaram de rumo, voltando atrás, em direção a suas observadoras críticas. Como ainda não se davam conta de que eram vistos, a sra. Beale teve tempo de murmurar uma frase de identificação que Maisie ouviu:

“Deve ser a senhora Cuddon!”

Maisie fixou a vista na sra. Cuddon — seus lábios chegaram mesmo a repetir o nome. O que aconteceu em seguida foi muito rápido — em um minuto transcorreu a batalha mais intensa que, ao menos em tempo tão exíguo, jamais fora travada em torno de nossa heroína. O choque — abafado, para que as pessoas não notassem — foi violento, e somente depois, lembrando o ocorrido, ela pôde colocar os eventos em ordem, eventos que terminaram, após uma confusão mais de silêncios que de sons, com Maisie vendo-se a si própria, depressa demais para compreender o ocorrido, e de modo tão insólito que não chegou a sentir medo, à porta da exposição com seu pai. Ele enfiou-a num fiacre e entrou em seguida, e foi só então — enquanto seguiam juntos no veículo — que a menina entendeu em parte o que havia acontecido. Frente a frente com elas, seu pai as reconheceu, e houve um momento de um abalo confuso, no qual, com um arregalar de olhos negros e uma sacudidela de plumas vermelhas, a sra. Cuddon reconheceu-as, soltou uma interjeição e

desapareceu. Houve outro momento em que Maisie deu-se conta da presença de sir Claude, que também aguardava surpreso, porém fora do campo de visão de seu pai, como se, no momento exato em que ia defrontá-los, tivesse sido alertado. Em seguida, a sra. Beale dissera muitas coisas a seu pai — se em voz alta ou em voz baixa, Maisie não lembrava mais — a respeito de estar ele agora com uma nova companhia; em resposta, ele rosnou um comentário pouco inteligível, mas que pelo tom parecia ser característico do tipo de observação que a menina, desde a mais tenra infância, ouvia alguém fazer a alguém com o sentido de que alguém era “outro”. “Ah, eu continuo com o de sempre!”, retrucou em seguida a sra. Beale, bem alto; e mesmo agora, enquanto o fiacre se afastava, o som de sua voz parecia ainda pairar no ar, pois o companheiro de viagem de Maisie não dissera mais nada desde o momento em que a arrebatara — salvo o endereço ininteligível que, ainda do lado de fora, com o pé no estribo, falando por cima do fiacre, dera ao cocheiro. Ao rememorar essas coisas depois, Maisie especulou que, a esta altura, ela lhe teria feito uma pergunta, não fosse o silêncio que ele lhe impusera, por efeito de encantamento ou temor — era difícil saber qual dos dois —, quando a fez sentir de súbito o contato de seu braço a envolvê-la; sentir, quando ele se achegou ainda mais a ela, que seu pai era presa de uma agitação que nunca antes lhe havia demonstrado. Maisie percebeu que ele tremia, tremia a ponto de não conseguir falar, e isso teve o efeito de fazê-la submeter-se — tomada por uma emoção que, embora começasse a pulsar de modo instantâneo, não era de modo algum medo — àquele silêncio portentoso que lhe era imposto. O ato de posse que a pressão do braço dele de certo modo afirmava vinha-lhe após o mais longo de todos os longos hiatos após os quais ela pudera recuperar algo perdido. O fiacre seguia, e seu pai continuava a apertá-la; ela olhava em frente, prendendo a respiração, vendo uma rua escura suceder-se a outra, assaltada pela estranha consciência de que o significado de tudo aquilo era que o papai, afinal, estava menos ausente do que ela imaginava. Levou um minuto para entregar-se a essa descoberta, a qual, manifestada por aquele abraço, indicava a existência em seu pai de uma determinação reafirmada de modo prodigioso e, ao mesmo tempo, inspirava-lhe uma confiança confusa.

Maisie não sabia exatamente nem o que ele havia feito nem o que estava fazendo; sentia apenas, muito impressionada e um tanto orgulhosa, que seu pai agira movido por um ímpeto, e que ela havia de súbito se tornado parte daquela ação. Também fazia parte da sensação que ela experimentava estarem os dois agora diante de uma casa que não parecia muito grande, mas em cuja fachada alva o lampião da rua destacava uns canteiros muito bonitos. A criança já vivera muitas histórias — todas as da sra. Wix, além das que ela própria criava, para não falar nas românticas aventuras de sua Elise, a francesa —, mas nunca antes vivera uma história assim. Quando seu pai ajudou-a a saltar do fiacre, que se afastou, e ela ouviu na porta da casa o estalido eficiente da chave, as *Mil e uma noites* a envolveram por completo.

A partir daí, houve um toque de maravilhoso em tudo, principalmente no “abre-te sésamo” instantâneo e na partida do fiacre, um vazio ruidoso, cheio da ausência dos pais postiços; na brancura vívida, quase ofuscante, da luz que surgiu quando seu pai tocou num pequeno botão de bronze na parede, num lugar que, do alto de uma pequena escada, pareceu-lhe o mais belo que jamais vira em sua vida. Logo em seguida, deu-se conta de que estava na sala de estar de uma senhora — sim, de uma senhora, percebeu de imediato, e não de um cavalheiro, nem mesmo de um cavalheiro como o papai, nem sequer como sir Claude — cujas coisas eram muito mais belas que as da mamãe, tal como — ela sempre fora obrigada a confessar — as da mamãe eram mais bonitas que as da sra. Beale. No meio da saleta iluminada, em meio a mais cortinas e almofadas, mais quadros e espelhos, mais palmeiras lânguidas em recantos cheios de brocados e dourados, mais caixinhas de prata espalhadas sobre mesinhas tortas e pequenas miniaturas ovais penduradas em telas de veludo do que a sra. Beale e milady juntas, numa aliança inimaginável, seriam capazes de reunir, a menina deu-se conta, com uma pontada aguda e premonitória de compaixão, de que algo ali parecia, de um modo estranho, relegar à obscuridade aquelas duas outras mulheres de bom gosto. Mais estranho ainda era que seu pai lhe parecesse de imediato muito confortável e mesmo magnificamente à vontade naquele cenário deslumbrante, e muito distante de outros cenários inferiores. Ali

Maisie passou com ele vinte minutos, ainda sem qualquer explicação, vinte minutos que, tendo o perigo cessado de repente, tiveram sobre ela o mesmo efeito, embora não lhe fossem servidos pãezinhos nem jingibirra, que teria uma guloseima cara e inesperada.

“Ela é muito rica?” Começava a achar que seu pai estava quase constrangido, tão tímido como se estivesse em companhia de uma jovem com quem pouco tinha em comum. Essa percepção de tal modo comoveu-a que ela sentiu-se na obrigação de oferecer-lhe, movida pelo tato, algum alívio.

Beale Farange olhava para sua jovem, sorrindo, de costas para a lareira caprichosa, o sobretudo leve — o mais leve em toda Londres — desabotoado de alto a baixo, e a magnífica barba lustrosa cobrindo inteiramente o peitilho da camisa. Mais do que nunca, dava-lhe prazer pensar que o papai era belo, e — embora tão inacessível quanto a mamãe e, com seu traje a rigor ostentoso, quase tão esplêndido quanto ela — de uma beleza de algum modo menos belicosa, menos terrível. “A condessa? Por que você me pergunta isso?”

Maisie arregalou os olhos ainda mais. “Ela é condessa?”

Ele parecia encarar seu deslumbramento como um verdadeiro elogio. “Ah, é sim, minha filha, mas não é um título inglês.”

A menina pesou essa informação. “É francês?”

“Não, também não é francês. É americano.”

Ela assumiu um tom agradável. “Ah, sim; nesse caso ela deve ser rica.” Ficou a considerar aquela combinação de nacionalidade e nobreza. “Nunca vi nada mais bonito.”

“Você chegou a vê-la?”, perguntou Beale.

“Na exposição?” Maisie sorriu. “Ela sumiu muito depressa.”

Seu pai riu. “De fato, ela escafedeu-se!” A menina temia que o pai fizesse algum comentário sobre a sra. Beale e sir Claude; por outro lado, o modo como ele evitava tocar em seus nomes também a deixava um tanto inquieta. Tudo que Beale arriscou acrescentar foi: “Ela tem horror de cenas vulgares”.

Isso era uma observação que não pedia nenhuma réplica da parte de Maisie, que pôde continuar a assumir um tom tranquilo. “Mas aonde o senhor acha que ela foi?”

“Ah, eu pensei que ela havia tomado um fiacre e chegado aqui antes de nós. Mas já deve estar chegando.”

“Espero que ela venha mesmo”, disse Maisie, com uma ênfase gerada pela impressão que lhe causara toda a beleza a seu redor, à qual a condessa, em pessoa, talvez pudesse fazer uma contribuição adicional. “Nós viemos muito depressa”, acrescentou.

Seu pai mais uma vez riu alto. “Se viemos, minha querida! Quase arrastei você!” Esperou um instante, depois prosseguiu: “Quero que ela a veja”.

Ao ouvir isso, Maisie animou-se ao lembrar que, para aquele passeio noturno, a sra. Beale a vestira com esmero, a ponto de encarregar-se ela mesma de “ajeitar” seu velho chapéu. Entrementes seu pai prosseguia: “Você vai adorá-la”.

“Ah, aposto que vou!” Dito isto, quer por efeito de ter falado tanto, quer por dar-se conta de súbito de que lhe era impossível dizer mais, Maisie sentiu um certo constrangimento e buscou refúgio numa ramificação menos importante do assunto. “Pensei que fosse a senhora Cuddon”.

A alegria de Beale não só não diminuiu como até aumentou. “Você quer dizer que a minha mulher pensou isso? Minha filha, minha mulher é uma besta!” Curiosamente, falava de sua mulher como se de alguém que Maisie mal conhecia, de modo que o refúgio a que os escrúpulos da menina a levaram acabou não sendo dos mais felizes. Beale, por sua vez, após um momento deu a impressão de ser movido por um escrúpulo. “O que eu quero dizer, falando sério, é que no fundo ela não sabe nada de nada.” Fez uma pausa, acompanhando o olhar fascinado da criança e seus primeiros passos tímidos em direção a um belo objeto que via sobre uma das mesas. “Ela pensa que tem coisas bonitas; pois sim!”, disse seu pai, zombando da ilusão da sra. Beale.

Maisie sentiu-se obrigada a confessar que era *mesmo* uma ilusão; tudo que não pudera ver na exposição era agora compensado pelos luxos da condessa. “É”, concordou; “ela pensa, sim.”

Havia outra vez algo de seco na voz de Beale ao replicar que o que ela pensava não tinha importância; mas para Maisie era cada vez mais delicioso estar com seu pai tantos minutos sem que ele fizesse nada de

pior que isso. Aqueles momentos, é claro, seriam lembrados por ela durante dias, semanas, iluminados e confirmados, indelévels; e ela terminaria por ver neles mil coisas que, agora, não passavam de uma miraculosa sensação agradável. O que agora ela concluía era apenas que seu pai ainda estava um tanto ressabiado, porém tentava não demonstrá-lo, e à medida que tinha êxito nessa tentativa, conseguia causar uma boa impressão nela. Depois de algum tempo, Beale começou a andar pela sala, mostrando-lhe coisas, falando-lhe como uma pessoa de bom gosto, dizendo-lhe o nome, que Maisie não esqueceu, da famosa dama francesa representada numa das miniaturas, e comentou, como se percebesse na filha um ar melancólico diante de alguma bugiganga ou pedaço de tecido, que decerto a condessa, ao chegar, lhe daria alguma coisa mimosa. Viu uma caixa de cetim rosa, com um espelho incrustado na tampa, e abriu-a, com um rápido floreio jocoso, para oferecer à menina o privilégio de seis fileiras de bombons de chocolate, nisso ultrapassando sir Claude, que jamais fora além de quatro. “Posso fazer o que quiser com estes bombons”, explicou, “já que, afinal, fui eu mesmo que os dei a ela.” A condessa sem dúvida apreciara o presente; já havia numerosas falhas, uma verdadeira devastação, naquelas fileiras. Enquanto esperavam juntos, Maisie deu-se conta — e era nisto que dera aquela separação — de que havia crescido para seu pai, desde a última vez que ele, por assim dizer, prestara atenção nela; e que, ainda que apenas por conta dos anos e polegadas que tinha a mais, tornara-se para ele uma pessoa que devia ser levada mais a sério. Era esse, sim, um dos motivos do constrangimento palpável que Beale combatia exibindo uma ternura que chegava às raias do ridículo. Houve um momento em que, num sofá de seda amarela sob uma das palmeiras, ele sentou-a em seu joelho, afastou-a um pouco para mostrar-lhe, de brincadeira, os dentes muito brancos, e deixou-a inalar, em meio a interjeições carinhosas, impotentes, inúteis — “Minha filha, minha filhinha querida” —, a fragrância de sua barba bem cuidada. Maisie sem dúvida sentia muita pena dele, compreendeu mais tarde, pois percebeu com clareza como lhe era difícil explicar o que quer que fosse para ela. Mas de tal modo era sensível a menina, era tamanha sua capacidade de empatia, que lhe bastou isso para

compensar todas as omissões. Vieram-lhe lágrimas aos olhos outra vez, tal como no dia em que, no parque, o capitão lhe disse, de modo tão “esplêndido”, que sua mãe era boa. E não era igualmente esplêndido vivenciar, de modo ainda mais direto, a bondade de seu pai, esta experiência inédita e luminosa de estar a sós com ele, na qual tudo desaparecia, tudo menos o fato de que ele era o papai e era magnífico? Essa sensação em nada foi afetada quando por fim Maisie percebeu que Beale, cada vez mais inquieto, estava tentando lhe dizer algo e não conseguia fazê-lo, pois no frescor daquela camaradagem redescoberta de bom grado ela teria concordado com seu pai se ele desse a entender, ou mesmo fingisse, que as relações entre eles eram boas e tranquilas. Algo nele parecia pedir-lhe, de modo comovente, que o ajudasse a fingir — a fingir que ele sabia a respeito da vida da filha, seus estudos, seu sustento, o modo como ela o via, o bastante para ser-lhe possível emprestar um tom de naturalidade às perguntas que ele não conseguia fazer. Maisie teria fingido, e com imensa felicidade, se seu pai lhe desse alguma deixa. E ficou à espera, enquanto ele emitia, por entre os dentes graúdos, uns suspiros que a menina não sabia serem sinais de estupidez. E como se tivesse conseguido, apesar de sua rematada estupidez, entender que o brilho animado dos olhos da filha lhe diziam que ela estava pronta para o que desse e viesse, Beale olhava à volta, aparvalhado, pensando no que cargas d’água haveria de fazer.

Quando Beale acendeu um cigarro e começou a soprar fumaça no rosto da menina, foi como se, ao riscar o fósforo, ele tivesse ativado o fermento desajeitado de velhos compromissos, velhos escândalos, velhos deveres, uma vaga percepção do que havia de seu na filha e do que, se tudo tivesse se dado de modo totalmente diverso — que diabos! —, ela ainda poderia lhe dar. O que a menina poderia lhe dar, porém — seus olhos divisavam em meio à fumaça —, seria apenas o que ele conseguisse extrair dela. Dar algo, naquele instante, era tudo que Maisie desejava. Uma das coisas antigas que reviveram nela foi seu velho talento instintivo de instaurar a paz, o qual a levava a indagar-se, ansiosa, que coisa em particular ela podia ou não fazer, que palavra podia ou não dizer, que atitude devia ou não assumir, para que a crise se resolvesse do modo melhor para todos, até mesmo para a condessa. Em nome dessa causa, estava disposta a uma renúncia imensa, a abrir mão de tudo, menos de sir Claude, de tudo, menos da sra. Beale. A imensidão não incluía esses dois; mas se Beale tinha uma ideia no fundo de sua consciência, também Maisie tinha a sua, num recanto igualmente profundo; e por algum tempo houve uma extraordinária comunicação muda entre a visão que tinha ela dessa visão de seu pai, a visão que tinha ele da visão da filha, e a visão que tinha ela da visão que o pai tinha de sua visão. Porém não houve qualquer registro do que havia de estranho e patético na inocência daquela criança, tão saturada de conhecimentos e tão voltada para a diplomacia. O que Beale por fim conseguiu formular, enquanto ofuscava com sua presença magnífica metade dos ornamentos da lareira, foi: “Você sabe, minha querida, que em breve vou para a América?”. A filha percebeu que isso era ao mesmo tempo um atalho e uma maneira de falar que ele jamais empregaria com sua esposa.

Porém a presença de sua esposa manifestou-se, com uma convicção brilhante e superficial, na resposta da menina:

“Com a senhora Beale?”

Seu pai dirigiu-lhe um olhar duro. “Não seja burrinha!”

O silêncio de Maisie parecia representar um esforço no sentido de não sê-lo. “Então é com a condessa?”

“Com ela ou sem ela, minha querida; isso só é da conta do seu pobre pai. Ela tem grandes investimentos lá e quer que eu vá lá ver como andam.”

Maisie mergulhou fundo. “Isso vai levar muito tempo?”

“Vai, sim; os negócios dela estão muito complicados — pode levar meses. O que eu quero lhe perguntar é: você quer vir comigo?”

Mais uma vez plantada diante de seu pai no meio da sala, a menina sentiu que ficara lívida. “Eu?”, balbuciou, sentindo, no entanto, tão logo falou, que o tom de desânimo não era muito delicado. Esse sentimento intensificou-se ainda mais quando seu pai respondeu, sacudindo as pernas, batendo a cinza do cigarro e examinando com um olhar minucioso — um gesto muito frequente nele — o colete e as calças, que não havia por que ela manifestar tanta repulsa. Foi mais fácil para Maisie mostrar-se tal como ela queria que ele a visse em poucos segundos porque, à luz deliciosa do esplendor da condessa, ela sabia dar, independentemente de sua aparência, a resposta exata. “Querido papai, com o senhor eu vou para qualquer lugar.”

Ele virou as costas para ela, quase encostando o nariz no vidro do console da lareira, e tirou da barba uns pedacinhos de cinza que nela tinham caído. De súbito perguntou: “Você sabe alguma coisa sobre a besta da sua mãe?”.

Era precisamente a besta de sua mãe que aquela pergunta lembrava-lhe muito: havia ali um daqueles voos livres de um ponto a outro do espaço tão característicos de Ida. Ao mesmo tempo que essa semelhança lhe ocorreu, Maisie teve uma inspiração. “Ah, sim, sei tudo!”, e ficou tão radiante que seu pai, vendo-a no espelho, virou-se para ela e, pouco depois, já no sofá, sentou-a de novo em seu joelho, entre outras demonstrações de afeto. A inspiração de Maisie enfatizava que quanto mais ela falasse sobre sua mãe, menos lhe seria

perguntado a respeito de seus pais postiços. A menina desejava com fervor que a condessa chegasse antes que se exaurisse seu poder de protegê-los; e foi então, quando se viu mais uma vez bem próxima a seu pai, que passou para os lábios a ideia que trazia no fundo da consciência. Disse-lhe que tinha visto a mãe no parque com um cavalheiro que, enquanto sir Claude caminhava com milady, conversara com ela e fora muito simpático; enquanto descrevia a cena, a lembrança da promessa de segredo que fizera ao capitão desapareceu diante da alegria de ver Beale a ouvi-la sem irromper em imprecações. Era quase surpreendente, mas acima de tudo era uma alegria, perceber que seu pai finalmente havia se cansado de sua raiva — ao menos da raiva que tinha de sua mãe. Agora ela inspirava-lhe apenas tédio. Isso, porém, era mais um motivo para não voltar a acirrar-lhe a raiva adormecida. A menina deslumbrava-se ao ver o quanto era capaz de prender o interesse do pai; e essa sensação de encantamento permaneceu mesmo quando, após dirigir-lhe mais de dez perguntas, ele fez, num tom abstraído, uma observação um tanto obscura: “Ah, aposto que ela vai!”. Pois também nesse comentário havia um distanciamento, um cansaço e uma sabedoria que a tranquilizaram. Maisie fora obrigada a mencionar sir Claude, mas apenas o mínimo necessário, e Beale pareceu não lhe dar muita atenção. Aos poucos a menina foi percebendo que estava diante da brandura da indiferença generalizada, algo que para ela seria fonte de tantos benefícios que, se a condessa era responsável por ela, então ela estava disposta a literalmente abraçar a condessa. Maisie traiu essa ânsia numa pergunta inquieta a respeito desta senhora, a que seu pai respondeu:

“Ah, ela tem a cabeça bem no lugar. Eis aí uma pessoa capaz de sair de qualquer enrascada!” E o olhar com que encarou Maisie parecia exprimir que ele percebia a ligação entre a pergunta da filha e a impaciência da gratidão por ela manifestada. “Quer dizer que está mesmo disposta a vir comigo?”

Maisie teve a impressão de que ele estava dirigindo a ela o mais duro dos olhares, e também de que ela havia crescido muitíssimo. “Eu faço qualquer coisa que o senhor me pedir, papai.”

Mais uma vez, com um riso e abrindo as pernas, ele correu o olhar orgulhoso pelo colete e as calças. “Isso, minha querida, é uma maneira de dizer ‘não, obrigada!’. Você sabe muito bem que você não tem a menor vontade de vir comigo. A mim você não engana!”, afirmou Beale Farange. “Não quero intimidá-la — nunca a intimidei; porém estou lhe fazendo uma proposta. Aceite-a se quiser. Sua mãe nunca mais vai manifestar qualquer interesse por você; para ela, você é como uma empregada que ela despediu por ter se portado mal. Portanto, sou eu o seu protetor natural, e você tem direito de pedir de mim o quanto puder. Esta é a sua oportunidade, você sabe — e será burrice sua não aproveitá-la. Você não pode dizer que não estou jogando limpo, que não sou bom nem honesto com você. Não vá me acusar nunca dessas coisas, ouviu?, que eu não vou perdoar. Eu sei o que é direito. Disponho-me a ficar com você mais uma vez, como já fiquei tantas outras vezes. E agradeço-lhe muito por me fazer esta cara.”

Maisie tinha perfeita consciência de que sua cara não poderia mesmo agradar-lhe, se dava algum sinal — ela esperava que não — da impressão muito nítida que tinha das verdadeiras intenções de seu pai. Não estava ele tentando inverter as posições, constrangê-la à admissão de que o que ela realmente queria era, depois daquela mostra de boas maneiras, ser deixada em total liberdade para arranjar-se sozinha? A menina começou a ficar nervosa de novo: foi inundada pela consciência de que aquela era a despedida, o adeus definitivo, e que seu pai a trouxera ali e a cobrira de carícias porque era importante que, nesta ocasião, ele fizesse melhor figura do que em qualquer outra. Se Maisie estragasse a cena com uma nota de discordância, ele teria decerto motivo para queixas; e por um momento a menina ficou confusa diante das alternativas de concordar com o pai em que, de fato, queria livrar-se dele, e desagradá-lo fingindo querer ficar com ele. Assim, de saída não achou outra solução senão murmurar, impotente: “Ah, papai — ah, papai!”.

“Eu sei o que você está pensando — nem precisa me dizer!” Tendo dito isso, Beale aproximou-se e, da maneira mais inconstante possível, abraçou-a com força por um momento, roçando a barba em seu rosto. Então Maisie compreendeu tão bem quanto se ele o houvesse expresso com palavras o que seu pai queria: queria mesmo,

ora, era que ela o deixasse partir com todas as honras, com toda a aparência de virtude e sacrifício. Era tal como se ele lhe tivesse dito numa explosão: “Sua bobinha, ajude-me a agir de modo irreprochável, a ser nobre, mas sem ter que fazer qualquer esforço. Só eu posso sair-me mal nesta cena; assim, assumo *você* todo o ônus. *Repudie* seu paizinho querido — e isso, veja bem, diante de suas súplicas carinhosas. Ele não pode ser duro com você — tal não é de sua natureza; assim, você vai conseguir livrar-se de seu pai por ser ele generoso demais, coitado, para ser tão firme com você quanto, afinal de contas, ele tinha obrigação de ser”. Foi isso que ele lhe comunicou, através de uma série de tremendos tapas nas costas; Maisie não fora alvo de golpes semelhantes desde a vez em que Moddle ajudou-a a desengasgar. Após um momento, Beale deu-lhe a impressão de sentir-se seguro o bastante a seu respeito a ponto de poder dizer, de modo encantador: “Você sabe que sua mãe a odeia, simplesmente a odeia. E estive pensando a respeito do amigo dela — o tal sujeito de quem você me falou”.

“Bem”, retrucou Maisie, competente, “quanto a *ele* estou segura.”

Por um instante, seu pai pareceu não entender. “Você quer dizer que está segura de que ele gosta de você?”

“Não, não; de que ele gosta *dela!*”

Beale voltou a ser jocoso. “Gosto não se discute! É o que todos eles dizem, você sabe.”

“Não me importa; quanto a ele estou segura!”, repetiu a menina.

“E está segura de que ela vai abandoná-lo?”

Maisie entendia muito a respeito de abandono, mas, sem dúvida alguma, estava mais crescida, sim, e algo nela sentiu repulsa diante do modo como seu pai pronunciou aquela palavra feia — pois ela sempre lhe parecia feia — num tom seco e baixo. Esse sentimento levou-a a emendar a observação de seu pai: “Não sei o que ela vai fazer. Mas sei que será feliz”.

“É o que todos nós esperamos”, disse Beale, quase como se fizesse um comentário edificante. “Quanto mais feliz ela for, menos vontade terá de ficar com você. É por isso que lhe peço”, insistiu ele, num tom simpático, “que considere esta oferta generosa — e estou falando a sério, ouviu? — feita pela única pessoa que você tem no mundo.” Ao

dizer isso, o olhar dele encontrou-se com o dela numa longa e extraordinária comunhão, a qual culminou numa interjeição da parte de Beale: “Ah, sua diabinha!”. A menina encarou o epíteto tal como imaginou que o pai queria que ela o encarasse, e o fez com tal sucesso que ele prosseguiu: “Você é mesmo uma marota!”. O silêncio da filha, a tiquetaquear como um relógio, reconheceu até mesmo essa observação, a qual Beale por fim confirmou exclamando: “Você já combinou tudo com o outro casal!”.

“E se o fiz, o que tem?” Ela própria achou-se muito ousada.

Seu pai, tal como antigamente, trovejou: “Mas você não sabe que eles são terríveis?”.

Maisie foi mais ousada ainda: “Não me importa — nem um pouco!”.

“Mas eles são talvez as piores pessoas do mundo, os maiores criminosos”, insistiu Beale num tom agradável. “Não sou eu, minha querida, que vou esconder esse fato de você.”

“Pode ser, mas mesmo assim eles gostam de mim. Gostam muitíssimo.” Maisie ficou vermelha ao ouvir suas próprias palavras.

Seu interlocutor hesitou; praticamente qualquer pessoa — quanto mais sua filha — poderia perceber o quanto ele queria ser consciencioso. “Que seja. Mas você sabe por quê?” Ela enfrentou seu olhar e Beale acrescentou: “Você é um excelente pretexto”.

“Para quê?”, Maisie perguntou.

“Ora, para o jogo deles. Não preciso dizer a você o que é.”

A criança pensou. “Então isso é mais um motivo.”

“Mas um motivo para quê?”

“Para eles serem bons comigo.”

“E para você ficar com eles?”, Beale urrou outra vez; era como se estivesse se empolgando mais e mais. “Será que não vê que, dizendo isso, você é um monstro?”

Ela pensou um pouco. “Um monstro?”

“Eles *transformaram* você num monstro. Palavra de honra, isso é terrível. Mostra bem o tipo de gente que eles são. Você não entende”, prosseguiu Beale, “que quando conseguirem transformá-la num monstro completo, tão horrível quanto eles, vão querer livrar-se de você?”

Ao ouvir essas palavras, Maisie foi movida por um lampejo de paixão. “Eles *não* vão se livrar de mim!”

“Queira me desculpar”, insistiu seu pai, cortês; “é meu dever revelar-lhe os fatos. Eu jamais me perdoaria se não lhe explicasse que um dia eles não vão mais fazer questão de ficar com você.” Falava como se dirigisse um apelo a sua inteligência que ela deveria envergonhar-se de não atender, o que conferiu uma distinção notável a sua extrema delicadeza.

Ele havia tornado as coisas tão claras quanto desejara. “Não vão porque não se importam mais comigo?” Diante desse esboço de ideia, ela fez uma pausa.

“É *claro* que sir Claude não vai se importar se sua mulher abandoná-lo. É esse o seu jogo. É justamente o que ele quer.”

Tratava-se de uma proposição que Maisie podia aceitar sem qualquer ressalva, mas que ainda deixava espaço para uma vitória. Ela pensou a questão a fundo. “O senhor quer dizer, se mamãe não voltar mais?” A equanimidade com que contemplava essa hipótese mostraria a qualquer observador o quanto era longa a estrada que ela já trilhara. “Mas nesse caso a senhora Beale...”

“Não vai ficar na mesma posição confortável?”, completou Beale com deleite; havia se posto de pé outra vez, sacudindo as pernas e examinando os sapatos. “Certo, meu amor! A senhora Beale vai precisar de mais uma coisa.” Fez uma breve pausa e acrescentou: “Mas talvez ela não precise esperar muito tempo”.

Também Maisie por um minuto olhou para os sapatos do pai, embora não fossem aqueles os que ela mais admirava, os de gáspeas amarelas e verniz, com cadarços. Por fim, com uma pergunta, ela levantou a vista. “O senhor não volta mais?”

Mais uma vez ele esperou; em seguida emitiu uma risada breve que — coisa espantosa — lembrou-lhe os sons inconfundíveis emitidos pela sra. Wix. “Você pode achar estranho eu lhe confessar isto; e aliás você não deve entender que é isto mesmo que estou dizendo. Mas vamos pôr a situação nestes termos para ajudá-la a decidir-se. O fato é que será deste modo que minha mulher vai entendê-la, com certeza. Você a ouvirá gritando que está sendo abandonada, para ter mais motivo para queixar-se de mim. Ela ficará inteiramente livre — tão

livre, veja bem, quanto o pateta do marido de sua mãe. Nesse caso, eles não vão precisar mais de você, e vão pô-la no olho da rua. Devo concluir”, perguntou Beale, “que, tendo em vista o que estou lhe dizendo, você ainda prefere correr esse risco?” Foi a pergunta mais fantástica já dirigida por um cavalheiro a sua filha, e teve o efeito de levar a menina para o meio da sala mais uma vez, enquanto seu pai caminhava lentamente a seu redor, com as mãos enfiadas nos bolsos e um certo jeito de andar que parecia indicar, mais do que qualquer outra coisa que ele fizera, o quanto estava habituado a frequentar aquela sala. Maisie correu os olhinhos febris pelos enfeites reluzentes da amiga de seu pai, como se estivesse, por sua vez, pressionando-os a ajudá-la naquele dilema inaudito. Como se a pressão o tivesse atingido, após um instante Beale parou de andar, coroando o prodígio de sua atitude e o orgulho de sua lealdade com uma formulação suprema do incentivo geral. “Mas que olho você tem, meu amor! É verdade, é muito dinheiro. Dinheiro que não acaba mais.”

O primeiro impacto dessa observação sobre Maisie foi semelhante ao deslumbramento causado pelas luzes numa das pantomimas a que sir Claude a levou uma vez: só viu nela o que era expresso diretamente. “E nunca mais, nunca mais vou vê-lo...?”

“Se eu for para a América?”, Beale reconheceu, viril: “Nunca, nunca, nunca!”.

Neste ponto, por mais absurdo que fosse, ela fraquejou: tudo o mais desapareceu, tudo menos o horror de ouvir sua própria voz proferir algo tão feio quanto a aceitação de tal coisa. Assim, Maisie enrijeceu-se e disse: “Então não posso abrir mão do senhor”.

Durante alguns segundos, a menina obrigou-o a encará-la e ele mostrou-lhe um sorriso forçado, uma exibição perfeita de todos os seus dentes, onde Maisie julgou discernir o desagrado que ele teria preferido não exprimir diante da atitude da filha, a qual recuara da docilidade que praticamente lhe havia prometido. Mas antes que ela pudesse de algum modo atenuar a fraqueza que demonstrara de modo tão cru, Beale aproximou-se da janela com um movimento brusco e impaciente. Maisie ouviu um veículo estacionar; seu pai olhou pela janela; em seguida, voltou a encará-la. Não disse nada, mas ela entendeu que a condessa tinha voltado. Outra vez fez-se silêncio entre

eles, porém com uma nuance de constrangimento diferente do que marcara a chegada dos dois, juntos, àquela casa; e foi ainda sem dizer nada que, repetindo abruptamente um daqueles abraços de que vinha sendo tão pródigo, Beale levou-a de volta para o sofá amarelo-limão um segundo antes de abrir-se a porta da sala. Foi, pois, numa atitude de íntima união com o pai que Maisie foi apresentada a uma pessoa que ela identificou de imediato como a senhora morena.

A senhora morena parecia quase tão atônita, ainda que não tão assustada, quanto ficara na exposição, ao ver-se face a face com a sra. Beale. Maisie, na verdade, mal pôde conter uma interjeição ao dar-se conta do quanto a senhora era morena. A menina teve mesmo a impressão de estar diante de um animal, e não de uma senhora “de verdade”; era como se fosse um poodle de pelos crespos, com um saiote de babados, ou um horrendo macaco humano com uma anágua coberta de lantejoulas. Tinha um nariz grande demais, olhos pequenos demais e um bigode que... bem, que não era um ornamento tão belo quanto o de sir Claude. Beale aproximou-se dela de um salto, ao mesmo tempo que — para o espanto da menina, mas como se tivesse pensado depressa — a condessa aproximou-se alegre, como se, nos últimos tempos, nada de constrangedor tivesse ocorrido com nenhum dos presentes. Maisie, apesar de ter larga experiência com o fenômeno, jamais vira ser decidido tão depressa que nenhum assunto desagradável deveria ser mencionado. Um minuto depois a condessa já havia beijado a menina e repreendido Beale num tom amoroso: “Mas você não me disse nada! Minha querida criança”, exclamou ela, “é um prazer tê-la conosco!”.

“Mas ela não vai — não quer ir!”, retrucou Beale. “Já expliquei o quanto você gostaria, mas ela não quer saber de nós.”

A condessa continuou a sorrir, e após um instante em que a estranheza do aspecto da senhora a absorveu quase por inteiro, Maisie lembrou-se de outro sorriso, que não era feio, mas também interessado — a luz bondosa que emanara, aquele dia no parque, do rosto limpo e claro do capitão. O capitão do papai — sim — era a condessa; mas ela era muito menos simpática que ele: certamente esse juízo devia-se à preferência de Maisie pelos cavalheiros. “Você não gostaria”, perguntou a condessa, sedutora, “que eu a levasse a Spa?”

“A Spa?” A menina repetiu o nome para ganhar tempo, para não trair o quanto a condessa lhe reavivava a vaga lembrança de uma mulher estranha com rosto horrendo que uma vez, anos atrás, num ônibus, sentada no banco em frente ao seu, curvara-se para a frente e de súbito lhe apresentara uma laranja, murmurando: “Quer, amorzinho?”. Naquele momento ela sentira, por algum motivo, um pequeno terror absurdo, embora depois percebesse que sua interlocutora, infelizmente medonha, tivera apenas a intenção de ser simpática. Era também essa a intenção da condessa; porém as poucas palavras que ela pronunciara e o sorriso que as havia acompanhado esclareceram toda a situação de imediato. Não, Maisie não queria ir a lugar nenhum com *ela*, pois sua presença já havia dissipado, em poucos segundos, a agradável impressão que a sala lhe proporcionara e extinguido o prazer efêmero que sentira ao ver Beale dominar toda aquela elegância. Não havia elegância alguma em expô-la àquela criatura atarracada, bigoduda, adúladora, na qual ela identificava a única pessoa totalmente desprovida de atrativos envolvida em uma das ligações íntimas formadas por membros do círculo imediato que a cercava. Nesse ínterim, Maisie sentiu-se envergonhada de ter dado a impressão de pesar na balança o lugar para o qual fora convidada; e apressou-se a acrescentar: “Então não é para a América?”. Diante dessa pergunta, a condessa dirigiu um olhar severo a Beale, e Beale, com perfeita equanimidade, perguntou que diferença fazia, afinal, se ela já havia deixado claro que não queria saber deles. Seguiu-se um colóquio entre os dois cujo sentido perdeu-se para Maisie em meio ao zumbido interior, cada vez mais forte, de seu desejo de simplesmente cair fora dali; fosse como fosse, mais tarde entendeu que seu pai sem dúvida dissera à sua amiga que de nada adiantava falar, ela era teimosa como uma mula, e além do mais já era grandinha o bastante para tomar decisões por conta própria. De fato, teve a vaga percepção de que ela fracassara redondamente na tentativa de não parecer muito indelicada, pois quando se apercebeu estava dando sinais inequívocos de que, se não a deixassem ir para casa, começaria a chorar. Ah, se havia um motivo justo para chorar era ter consciência de estar tão abaixo de qualquer oferta, a mais generosa, que alguém lhe pudesse fazer. O que mais lhe doía era ver que a condessa gostara dela o

bastante para desejar que a simpatia fosse recíproca, e era da ideia de reciprocidade que ela mais desejava fugir. Foi também a ideia de reciprocidade que, após a eclosão de uma troca de palavras gritadas entre os outros dois, levou a seus lábios, com o tremor que precede as catástrofes, as palavras: “Posso ir para casa de fiacre, por favor?”. Sim, a condessa a queria, e ficara magoada e desanimada, e Maisie nada podia fazer, e o mais terrível de tudo era que a condessa tornara-se ainda mais insinuante e insuportável. A única coisa que aplacava os dois, talvez, até o fiacre chegar — pois Maisie logo percebeu que o fiacre viria —, era a ideia, que de algum modo estava no ar, de que Beale conseguira o que queria. Ele saiu para procurar uma condução; os criados, disse ele, já haviam se deitado, mas ela não devia ficar acordada até tarde. A condessa saiu da sala junto com ele; sozinha no recinto, Maisie desejava que ela não voltasse. Era só o efeito de seu rosto — a criança simplesmente não conseguia encará-lo e corresponder, por pouco que fosse, a sua expressão. E bastou um momento para que aquela expressão esquisita se infiltrasse em todas as coisas bonitas — bastou um momento para que Maisie fosse levada a reconhecer o fato de que seu pai gostava de alguém de quem, ela tinha certeza, nem sua mãe, nem a sra. Beale, nem a sra. Wix, nem sir Claude, nem o capitão, nem mesmo o sr. Perriam e lorde Eric poderiam gostar. Três minutos depois, lá embaixo, o fiacre já à porta, foi talvez como uma confissão final de que ele não tinha muito de que se orgulhar que Beale, ao despedir-se da filha, deu um jeito de apertá-la contra o peito sem que ela lhe visse o rosto. Maisie, por sua vez, estava tão ansiosa para partir que a despedida não lhe trouxe nada à memória, nem mesmo um dos “nunca” que antes, como castigo por não ficar com ele, Beale lhe dera como resposta quando ela perguntara se voltaria a vê-lo. Havia na condessa algo que tornava tudo falso, mesmo os grandes investimentos na América, e mais ainda o primeiro impacto daquela superioridade em relação à sra. Beale e sua mãe que se manifestara em aparelhos Sèvres e caixinhas de prata. Esses objetos permaneciam em seus lugares, mas talvez não houvesse grandes investimentos na América. A mamãe conhecera uma americana que nada tinha em comum com aquela criatura. Não era nobre, porém; seu nome era apenas sra. Tucker. Não obstante, o distanciamento de

Maisie teria sido mais completo se de súbito não tivesse sido levada a exclamar: “Ah, não tenho dinheiro nenhum!”.

Os dentes de seu pai, neste momento, eram uma expressão tão viva de apetite sem ação que estariam à altura de qualquer alegação de pobreza. “Peça à sua madrasta para pagar.”

“A madrasta não paga!”, exclamou a condessa. “Onde já se viu a madrasta pagar!” No instante seguinte, estavam todos juntos na rua, e logo a criança se viu dentro do fiacre, enquanto a condessa, na calçada, porém perto dela, apressadamente tirava dinheiro de uma bolsa retirada da algibeira. Seu pai havia desaparecido, e mesmo neste momento não havia nada que redespertasse nela a dor da perda. “Tome este dinheiro”, disse a senhora morena, “vá!” O tom era imperativo: o fiacre partiu. Maisie viu-se com a mão cheia de moedas. Tudo isso para pagar o fiacre? Quando passaram perto de um lampião, ela debruçou-se para vê-las de perto. Viu um punhado de moedas de uma libra. Então havia mesmo grandes investimentos na América. Fosse como fosse, eram ainda as *Mil e uma noites*.

O dinheiro era excessivo, até mesmo para um fiacre de contos de fadas, e na ausência da sra. Beale, a qual, apesar do adiantado da hora, ainda não tinha voltado para o Regent's Park, Susan Ash, no vestíbulo, tão vociferante quanto Maisie era discreta, tão ousada quanto a menina era tímida, apontou, em meio às moedas exibidas à luz mortiça do lampião, que tornava o lugar tão diferente da sala iluminada de onde a menina vinha, a meia-coroa que seria o mínimo cobrado por um cocheiro de poucas luzes. Ao que parecia, a sra. Beale ainda haveria de demorar algum tempo para chegar, e nesse ínterim Maisie foi prontamente induzida por Susan não apenas a deitar-se como uma boa menina mas também, como expressão ainda mais forte de sua boa natureza, consagrar ao pagamento de obrigações gerais e específicas uma das moedas de uma libra que formavam, dispostas de modo ordenado, um espetáculo naturalmente tão deslumbrante para uma criadinha órfã quanto o era para o alvo das manipulações de um quarteto. Essa jovem foi dormir com sua propriedade guardada dentro de um lenço retorcido, o maior que ela encontrou, debaixo de seu travesseiro; mas as explicações que, na manhã seguinte, foram dadas à sra. Beale, como não podia deixar de ser, de modo mais completo do que sua humilde amiga na véspera, culminaram numa entrega mais decorosamente espontânea. Sem dúvida, a sra. Beale tinha explicações a dar além de as pedir, e delas a mais surpreendente foi a de que era abominável uma menininha aceitar dinheiro da mais vil das mulheres. As moedas foram examinadas com alguma atenção, porém essa operação teve o efeito de levar a autora da afirmação a refletir que, afinal de contas, aquele dinheiro não podia ser visto senão como o estipêndio do pecado. Sua amiga limitou-se a perguntar o que faria com ele; em resposta, a sra. Beale, que a essa altura já havia colocado as moedas no bolso, respondeu com dignidade, e com a mão no lugar:

“Vamos devolvê-las imediatamente!”. Susan, como a menina ficou sabendo logo em seguida, fora convidada a contribuir para esse ato de restituição com a moeda de que se apropriara; porém demonstrou seu apego ao tesouro quando confidenciou a Maisie, em particular, que dela ninguém fazia “gato-sapato”. Maisie abriu-se totalmente com a sra. Beale a respeito das transações da noite anterior; porém via-se agora ouvindo da subalterna indignada comentários que refletiam de modo candente no comportamento da dona da casa. Um deles dizia respeito à hora extraordinária — três da manhã, se a menina estava mesmo interessada em saber — em que a sra. Beale chegara em casa; outro, evitado de solecismos com relação aos quais as críticas de Maisie ainda permaneciam tácitas, caracterizava os apelos da patroa como o maior “bissurdo” de que ela jamais tomara conhecimento; um terceiro comentário abordava em profundidade a questão das enormes dívidas que a dona da casa contraíra com a criadagem, que trabalhava de graça e se dedicava sem recompensa. De fato, por vários dias a consciência de nossa amiga foi dominada pela apreensão gerada pela persistência da indignação de sua criada. Esses dias se tornariam tão terríveis quanto as revoluções sobre as quais ela decorara tantas coisas nos livros de história, se fossem coroados por alguma explosão na cozinha; e mais de uma vez os olhos de Susan lhe proporcionaram uma imagem vívida da origem das revoluções. Ao ouvir Susan, Maisie concluiu que a fagulha que se acendera em meio às substâncias inflamáveis e já detonara o incêndio fora o ato de chamar de ladra desprezível alguém que se recusava a abrir mão do que era seu.

O lado bom dessa tensão foi que, no quinto dia, pareceu a nossa heroína ser por efeito de uma percepção ansiosa sua que, graças às energias combinadas de sir Claude e Susan, ela se viu, pouco após o desjejum, transportada de Londres a Folkestone e instalada num lindo hotel. Esses dois agentes, diante de seu olhar maravilhado, haviam combinado efetuar essa aventura e dar-lhe a aparência de ter logrado êxito graças ao fato de que a sra. Beale, no dizer de Susan, tinha saído “agorinha mesmo”. Quando sir Claude, de relógio na mão, reagiu a essa informação com a ordem: “Então faça a mala da senhorita Farange e venha conosco!”, seguiu-se uma série de manobras ginásticas na escada, de natureza tal a fazer a srta. Farange ficar com

o coração na boca. No coche, a seu lado, sir Claude viajava com o relógio ainda na mão; segurou-o por mais tempo do que Maisie já vira qualquer médico fazer ao tomar-lhe a pressão, o bastante para proporcionar à menina uma visão de uma espécie de êxtase por desperdiçar tal oportunidade de demonstrar impaciência. O êxtase tivera início na sala de aula e durante a Berceuse, e fora bem semelhante à sensação de antegozo que ela experimentara no dia, algum tempo antes, em que Susan subira as escadas ofegante, e ela própria, após ouvir a comparação com uma duquesa, as descera correndo; pois que importava as decepções se ela ainda podia experimentar, mesmo que por apenas um momento, a sensação de ouvir um nome tão excelso ser mencionado? Maisie jamais esquecera da advertência feita por seu pai no sentido de que um dia ela haveria de se ver no olho da rua, mas sem dúvida não haveria de ser aquele dia, e sentiu que fora justificada a preferência que havia manifestado a seu pai tão logo sir Claude despachou Susan e delicadamente pôs a mão, enquanto esperavam, sobre a dela. Era o mesmo gesto esboçado pelo capitão em Kensington Gardens; sua situação atual lembrava-lhe um pouco a anterior e renovava a vaga sensação de deslumbramento que experimentava desde o início ao imaginar que tais empurrões e puxões constituíam as etapas e os sinais dos afazeres das outras pessoas, e até mesmo turbulências e extravasamentos de suas dificuldades. O que lhe havia escapado e o que a havia assustado na noite da exposição agora perdiam-se igualmente na sensação de que qualquer “surpresa” que sir Claude estivesse prestes a lhe fazer seria grande demais para eclodir de repente. Qualquer apreensão que decorresse da impressão que lhe dava seu padrasto de estar excluindo sua madrasta era corrigida por uma regra geral, o estranho fato de que, se por um lado as idas e vindas da sra. Beale agora sempre lhe traziam à mente a figura de sir Claude, por outro lado a realidade renovada dessa personagem jamais se caracterizava por qualquer referência à sra. Beale. Estar com sir Claude era pensar em sir Claude, e essa lei imperou nos pensamentos de Maisie até que, com uma repentina sacudidela da carruagem, na qual finalmente Susan entrara com um grande número de volumes, e que já quase chegava a Charing

Cross, por algum motivo surgiu-lhe na cabecinha aturdida a imagem, há tanto tempo perdida, da sra. Wix.

Curiosamente, daí em diante ela compreendeu tudo, com a sensação de estar se preenchendo com abundância todo e qualquer vazio criado pelos sintomas de evitação e fuga. Seu êxtase era algo que ainda tinha mais rosto que costas, dois olhos ainda voltados para a sra. Wix mesmo depois da pequena surpresa experimentada ao não encontrá-la, à medida que se prolongava a viagem, nem na estação de Londres nem no hotel em Folkestone. Bastaram poucas horas para que a criança tivesse a impressão de que, se ela não estava em nenhum desses dois lugares, estava ao menos em todos os outros. Maisie sempre soube muita coisa, mas jamais soubera tanto quanto passou a saber a partir desse momento, e em particular durante os dois dias em que pairou no ar, por assim dizer, acima do mar, que representava, com seu azul, suas brisas e seu encanto estival, uma travessia de espaços mais amplos que a Mancha. Foi-lhe concedido, nesse momento, adivinhar coisas tamanhas que, se eu tentasse reproduzir todo o processo, haveria de faltar-me espaço; assim sendo, contento-me em dizer que a mais completa expressão que pudésemos dar da conduta de sir Claude seria uma cópia pálida e empobrecida da imagem que ele representou para sua jovem amiga. Abruptamente, naquela manhã, ele cedera à pressão da ideia que havia semanas a sra. Wix vinha lhe insuflando, através de linhas de contato que ela fora capaz de impedir, com arte extraordinária, que se emaranhassem na fina tessitura das relações de sir Claude com a sra. Beale. O sopro de sua sinceridade, fluindo de modo ininterrupto, terminara por impeli-lo a realizar o ato que, como relatei acima, levava Maisie de roldão. Seu gesto consistia em nada mais, nada menos que a brava atitude de escapular ao mesmo tempo de sua esposa e da sra. Beale — de partir com a menina para algum país estrangeiro onde ele pudesse realizar o sonho da sra. Wix, de renunciar a seus erros e redimir-se de suas delinquências. Seria um sacrifício — sob um olhar que não deixaria passar nada — em nome do que as frequentadoras da casa de milady, em tempos idos, designavam como “o bem da pobrezinha”. Na consciência de Maisie residia uma vaga ideia de boa parte do que, durante o último e prolongado intervalo, se passara, de modo

confuso, porém sincero, na dele; o vislumbre, permeado por uma gratidão maravilhada, do milagre realizado por sua antiga governanta. Essa funcionária não poderia tê-la impressionado mais, nem mesmo em segunda mão, se fosse uma profetisa diante de um pergaminho desenrolado, ou uma ardente abadessa falando com os lábios da Igreja. Ela não desgrudara um instante do influenciável sir Claude, assediando-o com sua paixão profunda e estreita, investindo toda a sua veemência simples na tentativa de convertê-lo, empenhando-se de tal modo que por fim ele resolveu abraçar sua bela oportunidade. Que tal oportunidade não era uma ilusão, garantia-lhe sua convicção absoluta de que, se ele agisse, nem Ida nem Beale, cujo jogo estaria na verdade fazendo, imporia qualquer obstáculo.

Sem dúvida, isto há de parecer demasiadamente sutil, mas não foi apenas com base nas admissões de sir Claude que Maisie compreendeu a beleza da influência através da qual, durante tanto tempo, ele refinara o decoro, mantendo, na medida do possível, seus interesses sentimentais desvinculados da questão. Como sempre, é claro, Maisie tinha mais concepções do que palavras na mente; porém, feita essa ressalva, ela compreendeu que as ausências de seu amigo foram motivadas pelo fato de ser ele o amante de sua madrasta, e por não poder o amante de sua madrasta arrogar-se o direito de responsabilizar-se por ela. A essa altura, Maisie já havia apreendido a implicação de que existia uma espécie de incompatibilidade natural entre amantes e meninhas. À luz dessa observação, Maisie imaginava o teor do bilhete a lápis que fora deixado para a sra. Beale na mesa do vestíbulo na casa em Regent's Park. Segundo sua suposição provisória, teria um tom galhofeiro, muito embora no momento em que o redigira sir Claude estivesse com a expressão mais séria que ela já vira seu rosto exhibir em qualquer crise, salvo na ocasião em que a pôs no fiacre quando ela tratou-o tão mal, após sua conversa com o capitão. Ele poderia estar constrangido, mas faria questão — julgava a menina — de disfarçar com alguma bravata jocosa a perturbação que seria provocada, na casa do pai de Maisie, pela ausência de uma criada de confiança. Decerto, porém, o bilhete conteria muito mais que isso — coisas que encontraram um lugar muito mais confortável na cabecinha leve de Maisie, onde ficaram a

zunir por horas a fio, mergulhando suas primeiras impressões de Folkestone em cores e sons suaves. Nessas circunstâncias, ficou claro que só agora seu padrasto estava mesmo levando em conta seu envolvimento com a sra. Beale. Não estaria ele por fim livre de envolvimento com tudo e com todos? O que o impedia a empreender a ruptura que a sra. Wix lhe aconselhava com insistência em nome de sua virtude seria apenas o fato de ele estar apaixonado — ou melhor, para colocar a questão em termos mais precisos, de não lhe ter deixado a sra. Beale qualquer dúvida quanto à paixão que ela sentia. Estava tão apaixonada que conseguira fazê-lo aceitar por algum tempo sua possessividade amorosa e mesmo, até certo ponto, a ideia do que os dois poderiam vir a fazer juntos, com um pouco de diplomacia e um bocado de paciência. Não posso sequer garantir que Maisie não estivesse cônica de que, nessa situação, a sra. Beale não compartilhava a repulsa quase insuportável que sir Claude sentia pela atitude de permitir que a menina respirasse o ar da flagrante irregularidade daquela relação — a posição, sustentada por seu padrasto, de que eles deviam abrir mão ou bem daquela relação irregular ou bem da condição de pais postiços. Quanto à menina, havia muito tempo ela adotara a posição que mesmo a sra. Wix julgara durante algum tempo não ser demasiadamente grosseira — a posição segundo a qual ela sentia-se, afinal de contas, pela própria condição de enteada, à vontade em atmosferas morais que seria horrroso ter que analisar. Se a sra. Wix, porém, terminara horrorizada, decidindo-se em favor de medidas categóricas, Maisie, como já dei a entender, era capaz de perceber tanto as razões de tais medidas quanto as razões, de ordem muito diversa, que levavam a senhora em questão a não ter, ao menos até então, se manifestado em pessoa.

Ah, o leitor jamais acreditará em mim se eu lhe contar todas as coisas que Maisie viu, todos os segredos que descobriu! Por que motivo, por exemplo, sir Claude não escondeu dela o fato — a menos que simplesmente não se desse ao trabalho de fazê-lo — de que, pensando bem, no que dizia respeito a interesses pessoais, ele tinha tanto direito de responsabilizar-se por ela quanto sua madrasta, para não dizer que se tratava de um direito que a sra. Beale não estava em

posição de poder contestar? Fosse como fosse, ele não foi capaz de lhe transmitir nenhuma ambiguidade que a impedisse, quando começaram a falar em ir para a França, de encarar até mesmo as coisas menos explicadas como o que mais se assemelhava aos velhos tempos de saudosa memória, de passeios e excursões na época mais feliz e menos tensa dos primórdios daquela amizade. Nunca antes Maisie tivera tanta consciência de estar indicando a ele que espécie de abordagem seria mais profícua para o relacionamento entre os dois, nem de que sir Claude sentia-se grato por ela agir tão em conformidade com o que ele esperava. Mais exatamente, tratava-se do modo como a menina agia com relação à sra. Beale, ao ciúme que era tão aguçado nessa senhora e à necessidade de ocultarem dela tanto quanto possível o fato de que a pobre sra. Wix ainda exercia influência. Sim, Maisie correspondia a suas expectativas também quanto à questão de que, como sua madrasta não tinha mais ninguém de quem sentir ciúmes, para compensar essa privação gritante ela canalizava esses sentimentos para uma influência moral. Sir Claude parecia exprimir num piscar de olhos a ideia de que uma influência moral capaz de efeitos tão concretos era, afinal, uma influência moral que se expunha ao risco de uma agressão física; e que, nesse caso, havia uma pessoa que eles não podiam deixar desprotegida enquanto não entendessem um pouco melhor o que a sra. Beale era capaz de fazer. Era bem verdade que Maisie não precisou dizê-lo com tantas palavras e retrucar no almoço: “O que ela pode fazer senão procurar o senhor se o papai chegar a ponto de abandoná-la de vez?”. Tampouco sir Claude, em resposta, sentiu necessidade de fazer mais do que um comentário a respeito da mesa agradável que encontraram junto à janela de onde podiam, enquanto partilhavam frios e água mineral — pois ele dava a entender que teriam de economizar muito dinheiro —, passear a vista amorosamente pelos alvos penhascos distantes que tantas vezes representaram, para ingleses em apuros, uma promessa de segurança. Maisie contemplava-os como se pudesse, depois de algum tempo, divisar ali, encarapitado nas pedras, um vulto curioso e querido — um vulto com relação ao qual ela já tinha a sutil impressão de que, onde quer que estivesse encarapitado, seria o mais estranho jamais visto na França. Mas era pelo menos tão emocionante pressentir onde não

estava a sra. Wix quanto seria saber onde ela estava deveras, e se ainda não se encontrava em Boulogne isso tornava o enredo ainda mais emocionante.

Se, porém, a sra. Wix não se fez ver naquele dia, a tardinha foi marcada por uma aparição diante da qual, não obstante, o suspense excessivo fechou suas asas incontinenti. Ajustando o ritmo de sua respiração e concentrando, sob pálpebras semicerradas, todos os pensamentos numa elegância de vestido e babados que se devia aos apelos dirigidos a Susan Ash, cuja lealdade fora aguçada pela posse das coisas boas que, com sua fuga precipitada, eles haviam deixado na casa, Maisie passou sentada num banco no jardim do hotel a meia hora antes do jantar, aquela misteriosa cerimônia da *table d'hôte* para a qual se preparara com uma pontualidade palpitante. A seu lado, sir Claude ocupava-se com um cigarro e os vespertinos; e, embora o hotel estivesse cheio, o jardim exibia aquele vazio característico provocado pelo som da campainha a anunciar a hora da toalete do jantar. Maisie já quase tivera tempo de enjoar do cenário humano em volta; sua própria condição humana, na forma de uma mancha em sua saia, absorvia-lhe a atenção havia tanto tempo que tão logo levantou a vista deparou-se com um vestido belo e longo de fazer vergonha a qualquer mácula, o qual havia atravessado o gramado em sua direção sem que ela ouvisse seu farfalhar. O olhar de Maisie percorreu o brilho duro do tecido de baixo para cima — a partir do chão, onde ele terminava, subindo mais e mais —, até que, ao final de uma trajetória considerável, causou-lhe um choque a expressão fixa do rosto que, coroando a estrutura, parecia exhibir o clímax da elegância.

“Mamãe!”, exclamou a menina no instante seguinte — num tom de voz que, enquanto ela se punha de pé, fez com que sir Claude se achegasse, aturdido, e deu a milady, a pouca distância, uma vantagem estratégica sobre o constrangimento dos dois. O de Maisie era imenso; a atitude de sua mãe teve sobre ela o efeito de uma daquelas persianas de ferro que, em seus passeios às tardes com Susan Ash, ela via de súbito, acionadas por molas, descerem ruidosamente sobre as fachadas iluminadas das lojas. De um só golpe dissipou-se a perspectiva de uma viagem ao estrangeiro; a menina foi tomada pela horrível sensação de que tinham sido apanhados em flagrante; e pela

primeira vez na vida, na presença de Ida, Maisie traduziu um impulso no ato insidioso de agarrar com força a mão de seu cúmplice responsável. Para piorar a situação, de início ele parecia tão paralisado pelo terror quanto ela; e durante um minuto, no jardim vazio, com as sombras alongadas no gramado, o mar azul além da sebe, a tranquilidade interrompida no ar, os dois adultos permaneceram rígidos como copos altos cheios até a boca, imobilizados pelo medo de transbordar. Por fim, com uma voz que matizou a surpresa da situação por seu toque inesperado de suavidade, Ida disse a sir Claude: “Você se importa se eu falar com ela?”.

“Não, não; *o senhor* se importa?” Ele demorou tanto para retrucar que Maisie foi a primeira a encontrar a resposta apropriada.

Sir Claude riu, parecendo adotar o tom que a menina inaugurara, e ela sentiu haver complacência suficiente no modo como ele se dirigiu à visitante. “Como você descobriu que estávamos aqui?”

Ao ouvir isso, sua esposa aproximou-se e sentou-se no banco, pondo uma das mãos na menina, que ela puxou para junto de si com um gesto gracioso, e em quem, ao sentir seu contato, o medo inicial deu outro salto, só que agora numa direção bem diversa. Sir Claude, do outro lado, voltou a seu lugar e a seus jornais, de modo que os três agruparam-se como se formassem uma família; sua condição de marido fora, do modo mais estranho do mundo, quase cínico, reconhecida num átimo, e a mãe, com carícias discretas, impingiu à criança uma conformidade indizível. Maisie já percebia que, se alguém fora apanhado em flagrante, não tinham sido de modo algum ela e sir Claude. Percebia mesmo que eram eles que estavam apanhando sua mãe em flagrante, no flagrante de livrar-se de um ônus de modo definitivo, na atitude mais relaxada em que sua filha jamais a surpreendera. O medo havia desaparecido, sim, e ninguém nunca se despedira de Maisie de modo tão irrevogável quanto Ida o fazia agora com seu gesto de posse, a pressão suprema que exercia sobre ela seu braço enluvado e coberto de pulseiras. “Estive em Regent’s Park” — foi assim que, após uma pausa, milady respondeu a sir Claude.

“Hoje?”

“Hoje de manhã, logo depois que você passou por lá. Foi assim que fiquei sabendo; foi por isso que vim aqui.”

Sir Claude pensou e Maisie esperou. “Com quem então você falou?”

Ida produziu uma exclamação de zombaria indulgente. “Acho graça de vê-lo assustado. Conheço seu jogo. Não encontrei a pessoa que corri o risco de ver, mas estava preparada para essa eventualidade.” Voltou-se para Maisie; abraçou-a mais estreitamente. “Perguntei por *você*, meu anjo, mas só vi uma criadinha suja. Ela estava com o rosto vermelho, excitada com as coisas extraordinárias que, como ela me disse, tinham acabado de acontecer na ausência da patroa; e por sorte teve o bom-senso de descobrir para onde sir Claude trouxe você. A menos que ele tivesse deixado uma pista falsa, eu a encontraria aqui: foi essa a suposição em que me baseei.” Ida jamais fora tão explícita a respeito de seus procedimentos e suposições, e Maisie, embevecida, observou que sir Claude tinha a mesma impressão que ela. “Eu queria vê-la”, prosseguiu Ida, “e, como você vê, fiz questão de vir. Tinha mil coisas para fazer na cidade hoje, mas consegui sair.”

Por um momento, Maisie e seu companheiro de viagem reconheceram esse feito; mas a menina foi a primeira a traduzir em palavras seu reconhecimento. “Que bom que a senhora quis me ver, mamãe.” Em seguida, após concentrar-se, foi mais audaciosa: “Se demorasse mais um pouco, seria tarde demais”. A frase ficou-lhe presa na garganta, mas Maisie conseguiu pronunciá-la: “Vamos para a França”.

Ida foi magnífica; beijou a filha na testa. “É justamente o que imaginei; foi o que me fez vir correndo. Achei que, apesar da fuga apressada, vocês esperariam um pouco antes da travessia, e isso foi mais um motivo para vir vê-la, além do que eu já tinha.”

Maisie estava curiosíssima para saber que motivo ela poderia ter, mas conhecia sua mãe o bastante para não perguntar tal coisa. Ficou, portanto, um pouco surpresa quando sir Claude mais que depressa indagou: “Mas, afinal, o que é que você quer dizer a ela?”.

Seu tom não chegou a ser indelicado, porém foi impaciente o bastante para fazer com que a resposta de sua esposa parecesse mais

um exemplar daquela sua recém-adquirida suavidade. “Isso, meu caro, não é da sua conta.”

“Quer dizer”, perguntou sir Claude, “que você quer que eu a deixe a sós com ela?”

“Quero, se você tiver a bondade de me fazer esse favor; é esse o pedido extraordinário que tenho a lhe fazer.” Milady havia assumido uma ironia suave que, por um momento, teve o efeito de mistificar e encantar sua filha, intrigá-la com o vislumbre de algo que, no decorrer de todos aqueles anos, de vez em quando se deixara entrever. Ida sorriu para sir Claude com o ar estranho que tinha, nessas ocasiões, de desafiar seu interlocutor a sustentar seu olhar; os olhos enormes, os lábios vermelhos, as marcas intensas em seu rosto, formavam um *éclairage* tão nítido e público quanto um lampião numa janela. A criança teve a impressão de discernir nele a fonte da luz que iluminara seu caminho; refletiu de súbito que não era de espantar que os homens seguissem aquele facho. Certamente fora assim que sua mãe olhara para sir Claude na primeira vez; aquele olhar trazia de volta o brilho daquele tempo que havia passado. Decerto fora também assim que ela olhara para o sr. Perriam e lorde Eric; acima de tudo, aquele olhar ajudou Maisie a compreender melhor o estado de satisfação que discernira no capitão. Nossa amiguinha apreendeu essa ideia com uma súbita onda de ânimo; houve um silêncio durante o qual sua mãe inundou-a de corroborações dos elogios surpreendentes que lhe fizera o capitão. O silêncio foi longo o bastante para dar a entender que também sir Claude talvez estivesse sucumbindo de novo ao encantamento que fora mais forte que ele; assim, Maisie teve esperanças de que seu padrasto ao menos dissesse algo que demonstrasse o quanto ele sabia ser encantador.

O que sir Claude disse após algum tempo foi: “Vai pernoitar aqui?”.

Sua esposa olhou a sua volta, soberba. “Não aqui. Estou vindo de Dover.”

Os dois ainda se entreolharam por cima da cabeça de Maisie. “Você passou a noite lá?”

“Passei; eu trouxe umas coisas. Fui ao hotel e rapidamente peguei um quarto; depois tomei o trem e vim para cá. Veja você que dia eu

passei.”

Por mais surpreendente que a afirmação possa parecer, eram essas as palavras mais condescendentes, ainda que não as mais razoáveis, que sua filha jamais ouvira pronunciadas por ela; e a menina de imediato experimentou o desejo de que, ao menos por um momento, elas fossem recebidas como ponto de partida para um entendimento. Sem dúvida, sua mãe tinha um encanto que, quando se fazia sentir, tornava-se uma grande explicação; e o único perigo agora era que o impulso de aplaudir pudesse parecer um reconhecimento do quanto era raro Ida manifestá-lo. Maisie, porém, resolveu correr esse risco ao admitir, sorridente, que Ida de fato tinha agido prontamente; e convidou sir Claude a expor-se também, concordando com ela que sua mãe havia corrido mais ainda que eles. Ele pareceu reagir a esse pedido dizendo, num tom bem distanciado: “Vai voltar para lá agora à noite?”.

“Vou, sim; trens não faltam.”

Mais uma vez sir Claude hesitou; teria sido difícil dizer se a criança, entre eles, era mais um fator de união ou de separação. Então ele disse em voz baixa: “Vai ficar tarde para você andar por aí. Vou levá-la”.

“Não precisa se incomodar, obrigada. Acho que você há de concordar comigo que sei cuidar de mim mesma e que não é a primeira vez nesta minha vida terrível que dou um jeito de me safar.” Fora essa alusão a sua vida terrível, os dois falavam — Maisie observou — como se fossem apenas conhecidos; tratava-se de um efeito especial que muitas vezes lhe causara espanto no meio de relações que lhe pareciam íntimas. Esse efeito foi amplificado pela naturalidade com que milady afirmou em seguida: “Creio que vou para o estrangeiro”.

“Direto de Dover?”

“Não sei se direto. Estou muitíssimo doente.”

Por um minuto, esse comentário pareceu a Maisie não ser mais do que parte da conversação; findo o minuto, porém, ela deu-se conta de que deveria ver nesse comentário indício de algo mais grave — embora sir Claude aparentemente nada visse nele. Isso lhe deu motivo

para aconchegar-se ainda mais. “Doente, mamãe — doente de verdade?”

Maisie arrependeu-se daquele “de verdade” tão logo pronunciou as palavras; mas não poderia haver prova maior do *aplomb* atual de sua mãe do que o fato de Ida não manifestar qualquer irritação. Em outros tempos, coisas muito menores teriam desencadeado uma tempestade. Limitou-se a apertar a cabeça de Maisie contra o peito e dizer: “Terrivelmente doente, minha querida. Vou ter que ir para aquele lugar novo”.

“Que lugar novo?”, indagou sir Claude.

Ida pensou, mas não conseguiu se lembrar. “Ah, não sei como se diz, você não sabe? Lá onde todo mundo agora vai. Quero ser bem tratada. É a única coisa que jamais pedi neste mundo. Mas não foi para dizer isso que vim.”

Em silêncio, sir Claude dobrou um por um seus jornais; em seguida levantou-se e ficou batendo na palma da mão com o maço. “Você janta conosco?”

“Não, de modo algum; não posso jantar a esta hora. Já pedi um jantar em Dover.”

O tom de milady, neste momento, exprimiu uma certa superioridade com relação às circunstâncias em que os dois se encontravam em Folkestone, e que sua filha ingenuamente julgava paradisíacas. Porém não foi tão arrasadora a ponto de impedir que a menina lhe dirigisse um convite ansioso: “Mas a senhora não toma nem mesmo uma xícara de chá?”.

Ida beijou-a de novo na testa. “Obrigada, meu anjo. Tomei chá antes de vir para cá.” Levantou os olhos para sir Claude. “Ela é mesmo um amor!” Ele não deu resposta nenhuma, como se não concordasse; mas Maisie não tinha qualquer dúvida quanto a esse ponto, e ainda estava imersa na felicidade que lhe proporcionara o tom mais tranquilo desta conversa entre os dois, que tornava mais crível a caracterização de sua mãe feita pelo capitão e despertava na mente da menina a conjectura de que talvez um admirador como ele a esperasse na outra cidade. Estaria sir Claude pensando o mesmo? Se estava, era um tanto desconcertante sua insistência, algo impertinente,

numa questão que sua esposa sem dúvida julgava mais do que resolvida.

Sir Claude bateu de novo com os jornais na mão. “Eu devia mesmo levá-la até lá.”

“E deixar Maisie sozinha aqui?”

Estava tão claro que mamãe não desejava tal coisa que Maisie foi assaltada pela visão de um capitão que a teria trazido de Dover e que, enquanto aguardava a hora de levá-la de volta, estaria matando tempo à mesma distância que, em Kensington Gardens, seu companheiro de passeio a havia esperado. Mas é claro que, em vez de verbalizar tais hipóteses, a menina deixou que sir Claude respondesse, principalmente porque a resposta de seu padrasto teria o efeito de enaltecer muito sua atual situação. “Ela não vai ficar sozinha; está viajando com uma criada.”

Maisie jamais tivera tamanha comitiva e ficou à espera do efeito que a informação teria sobre milady. “Você se refere à mulher que trouxe de Londres?”, perguntou Ida. “A pessoa que encontrei na casa falou dela em termos tais que eu não a consideraria uma companhia apropriada para minha filha.” Disse isso no tom de quem, quando tinha a filha sob sua guarda, sempre lhe fornecera companhias esplêndidas. Porém continuou a rechaçar a proposta de sir Claude. “Não seja pateta”, disse ela, encantadora. “Deixe-nos a sós.”

Parado diante delas no gramado, ele exibia uma expressão mais grave do que Maisie julgou apropriada às circunstâncias. “Não vejo por que você não pode dizê-lo na minha frente.”

Sua esposa ajeitou um dos cachos da filha. “Dizer o quê, meu caro?”

“Ora, o que você veio para dizer.”

Neste momento, Maisie por fim interveio, dirigindo um apelo a sir Claude: “Deixe-a falar comigo”.

Ele encarou sua amiguinha fixamente por um instante. “Você não sabe o que ela pode dizer, sabe?”

“Ela tem que correr o risco”, comentou Ida.

“Quero apenas protegê-la”, disse ele à menina.

“Você quer é proteger a si próprio, isto sim”, replicou sua mulher. “Não tenha medo. Não vou lhe fazer mal.”

“Ela não vai lhe fazer mal, não — *não vai!*”, afirmou Maisie. Falava convicta de que podia de fato responsabilizar-se, e algo da emoção com que ela ouvira o capitão voltou-lhe. Sentia-se feliz e confiante de poder ser condescendente com sua mãe. “Ela é boa, ela é boa!”, proclamou.

“Ah, meu Deus!” Ao ouvir isso, sir Claude por fim afastou-se. Maisie teve a impressão de que ele emitiu um som de escárnio, o qual foi abafado, em seus ouvidos, pelo abraço em que sua mãe estreitou-a novamente. Depois Ida soltou-a e segurou-a a certa distância, examinando-a com uma expressão muito estranha. Então a menina deu-se conta de que as duas estavam sozinhas e que o rosto que a contemplava lhe dera uma confirmação.

“Eu sou boa, sim, meu amor”, disse milady.

Ida dedicou boa parte do restante de sua visita à tarefa de explicar essa afirmativa extraordinária. A explicação foi a mais copiosa de todas que ela jamais desfiara; naquele fim de tarde de verão, com a filha no jardim, Ida foi de tal modo conciliadora que deixou entrever um pouquinho sua necessidade de colocar todas as coisas nos devidos lugares. Não se limitou a explicar; foi quase uma conversa, e poderia mesmo ter chegado a sê-lo se ela tivesse tagarelado um pouco menos. Foi em toda a vida de Maisie a ocasião em que sua mãe lhe disse mais coisas. Esse fato em si já demonstrava sua generosidade e virtude, e não precisou muito para que nossa amiguinha percebesse que a melhor maneira de enfrentar aquela entrevista e apressar sua conclusão era simplesmente parecer impressionada com os argumentos de sua mãe. Estavam sentadas lado a lado; a mão enluvada de Ida por vezes pousava na da menina, num gesto simpático, e vez por outra corrigia com um puxão uma fita fina demais ou uma trança grossa demais; e Maisie deu-se conta do esforço que fazia para impedir que o espanto a fizesse piscar de vez em quando. Ah, ela teria muitos motivos para piscar se abrisse mão do autocontrole; por sorte estavam as duas a sós, sem sir Claude, a sra. Wix ou mesmo a sra. Beale para lançar uma olhadela indiscreta. Ainda que profuso e prolongado, o discurso de milady não primava pela lucidez, e o relato que fez de sua situação, até onde podia ser considerado um relato, consistia num entrevero de coisas inconsequentes, frutos amassados de uma ocasião que ela enfrentava com um certo excesso de despreocupação. Nada do que dizia era pensado a sério, nem tudo era de todo insincero. Era como se ela perguntasse sem rodeios que melhor prova poderia haver de sua bondade e grandeza do que a maravilhosa resignação com que ela abria mão do que tanto amava. Era como se dissesse abertamente:

“Ocorreram coisas entre nós — entre mim e sir Claude — que não vale a pena explicar, sua pestinha, porque você não entenderia mesmo”. Interessava-lhe dar a entender que, no que dependera dela, e até onde ela era capaz de imaginar, Maisie fora mantida numa santa ignorância, e que sua extrema simplicidade era algo inquestionável. Ida virava-se de um lado para o outro no beco sem saída do qual não podia recuar com elegância nem emergir fazendo boa figura: vestia-se com os farrapos de seu descaramento, fazia todas as poses de que era capaz diante do derradeiro e minúsculo triângulo de vidro rachado a que tantas fraturas haviam reduzido o espelho da superstição filial. Talvez fosse uma pena nem sir Claude nem a sra. Wix estarem presentes: havia naquela encenação um estilo todo seu que fazia jus a uma plateia, em particular no momento em que Ida deu a entender que achava muito melhor sorte para seu infeliz rebento ficar com sir Claude do que nas suas mãos maculadas de mãe. De qualquer forma, não foi avara ao admitir suas próprias perversões, a mistura de medo do que Maisie pudesse estar pensando sem que ela o soubesse e o conforto proporcionado pela necessidade do egoísmo e o hábito da brutalidade. Esse hábito manifestou-se agora quando ela jactou-se, em termos explícitos, de não ter vindo a Folkestone para provocar uma briga vulgar. Não viera para socar ninguém, nem para bater nenhuma porta, nem mesmo para dizer desaforos: viera, na pior das hipóteses, para perder o fio de sua argumentação com um ou outro puxão desajeitado e indignado na indumentária que a criadinha palerma da sra. Beale tivera a desfaçatez de vestir na srta. Farange. Conteve todas as críticas, não se referindo sequer à ausência dos confortos da sala de aula dos quais a sra. Wix esperara tanto.

“Sou boa, sim — loucamente boa, criminosamente boa. Mas para *você* não vale mais a pena, e se desisti de brigar com ele, e também com você, que foi quem mais lucrou com os problemas entre nós, foi por motivos que um dia você há de compreender muito bem — um dia em que, espero eu, há de entender o que é perder uma mãe. Estou muito doente, mas não me pergunte nada a esse respeito. Se não for para onde meu médico quer que eu vá, ele não se responsabiliza pelas consequências. Ele está estupefato com as coisas por que passei — diz que me foram impostas porque nasci para sofrer. Estou pensando em

ir para a África do Sul, mas isso não é da sua conta. Você tem que escolher — não pode me fazer perguntas se está tão disposta a abrir mão de mim. Não, não vou lhe dizer; descubra por si própria se quiser. A África do Sul é uma maravilha, pelo que dizem, e se eu for será para ver se é verdade. Você tem que escolher uma coisa ou outra; se ele levá-la, você fica com ele. Fiz o que pude por você; não posso continuar a segui-la por ceca e meca. Tenho que viver minha vida enquanto ainda me resta alguma. Estou muito, muito doente; estou muito, muito cansada; estou muito, muito decidida. É isso. Entenda como puder. Sua saia está imunda; mas vim para sacrificar-me.”

Maisie olhou para as manchas em questão; havia momentos em que era um alívio olhar até mesmo para algo tão sórdido. Todas as suas conversas com a mãe, todas as provações que passara em sua companhia, pareciam, cada vez mais, à medida que ela crescia, ter como característica principal o fato de serem demoradas; porém, curiosamente, esses minutos, que lhe eram oferecidos como uma conclusão pacífica e agradável de todo um relacionamento, pareciam-lhe os mais demorados de todos. Era sua ansiedade que os tornava longos, o medo de algum empecilho, algo que detivesse a corrente, um dos famosos pulos súbitos de milady. Maisie prendia a respiração; tudo que queria, fazendo o jogo de sua visitante, era chegar até o fim. Porém sua própria impaciência por vezes tinha o efeito de tornar toda a situação confusa; havia coisas ditas por Ida que ela talvez não ouvisse, e havia coisas por ela ouvidas que talvez Ida não estivesse dizendo. “Você é tudo que eu tenho, e no entanto sou capaz desse gesto. Seu pai queria vê-la morta: é isso, minha querida, que seu pai deseja. Você terá que se acostumar com isso, tal como eu — quer dizer, tal como eu me acostumei com a ideia de que ele deseja a *minha* morte. Seja como for, você está vendo como estou sendo boa com sir Claude. Também ele deseja a minha morte; e estou certa de que, se as cenas que ele me fazia a respeito de *você* pudessem matar...!” Era característico da eloquência de Ida levantar lebres que depois ela não perseguia, e quanto a esta lebre em particular milady só fez olhar de relance em sua direção; depois prosseguiu, afirmando que a prova de que ela estava sendo magnífica com seu marido era o fato de que ele havia se afastado para não se envergonhar. Falava como se sir Claude

tivesse se retirado na ponta dos pés, como quem se ausenta de um local sagrado onde não é digno de permanecer. “Você nunca saberá as coisas por que passei por causa de você — nunca, nunca, nunca. Vou poupá-la de tudo, como sempre fiz; se bem que imagino que você saiba de coisas que, se eu soubesse (quer dizer, se eu soubesse que você sabe delas), eu seria uma... mas deixemos isso para lá! Seja como for, você já tem idade suficiente para saber que há muitas coisas que eu não digo, as quais eu poderia perfeitamente dizer; embora me fizesse muito bem, posso lhe assegurar, dizer o que penso de fato ao menos uma vez na vida. Não falo sobre a esposa infame de seu pai: isso basta para lhe dar uma ideia das coisas de que a poupo. A você e a seus queridos amigos e defensores. Senão você não faz justiça a minha delicadeza, que me impede de mencionar, só para encerrar o assunto, uma ou duas coisas a respeito de seu padrasto que bastariam para que, perto dele, eu parecesse uma santa, apesar de todas as calúnias — se você não me faz nem mesmo essa justiça, não posso esperar justiça alguma de você!”

Era tão intenso o desejo de Maisie de mostrar que fazia justiça, sim, a sua mãe, que chegou a proporcionar-lhe uma inspiração. O grande efeito daquela conversa fora confirmar sua impressão de que ela estava mesmo de partida com sir Claude, tornar essa impressão mais rica e plena do que ela jamais poderia imaginar, e agora tudo contribuía para reforçar a ideia de que bastaria um leve toque de sua mãozinha para completar o serviço e despachar sua mãe tão pronta e majestosamente que a costa estaria desimpedida para a viagem de amanhã. Ainda mais agora, pois havia alguns momentos que sua mão libertara-se, graças a uma manobra complicada, das duas mãos de Ida. Um desses membros caprichosos havia remexido, com uma impaciência visível, nas profundezas da parte de trás da roupa, de onde havia emergido em posse de um pequeno objeto. Esse ato tinha um significado especial para uma menina que desde tenra idade habituara-se a vigiar manobras manuais semelhantes, um significado que foi talvez ressaltado pela lembrança do punhado de ouro que Susan Ash recusava-se a acreditar que a sra. Beale houvesse devolvido — “Pois sim que devolveu, falsa e sovina do jeito que é!” — à condessa munificente. Não obstante, a ideia de que a bolsa de milady

era a forma do objeto extraído do esconderijo no fundo de suas vestes farfalhantes — essa suspeita teve o efeito imediato de desviar o olhar da criança para uma direção cuidadosamente distanciada. Além disso, acentuou o otimismo que, durante uma hora, pôde agitar a superfície de sua diplomacia profunda, a ponto de fazê-la esquecer que a única garantia de sua segurança sempre fora a burrice. Em suma, Maisie esqueceu-se de sua cautela habitual, movida pelo impulso de assumir os interesses práticos de milady e mostrar-lhe o quanto ela os entendia. Sem olhar para sua mãe, viu que ela apertou um pequeno fecho; ouviu, sem querer ouvi-lo, o estalido seco que assinalava o fechamento da carteira da qual algo fora tirado — o quê, Maisie não vira; não era tão substancial que não coubesse com folga nos dedos dobrados de milady. Nada era mais habitual para Maisie do que a arte de pensar em dois níveis, de modo que nesse instante lhe foi possível ao mesmo tempo externar o que tinha na ponta da língua e ponderar, no que dizia respeito ao objeto contido na palma da mão de Ida, se era uma moeda de uma libra ou de um xelim. Tão logo começou a falar, deu-se conta de que em poucos segundos essa pergunta teria sido respondida: sua imprudência havia impedido a abertura do pequeno discurso de apresentação que, dadas as circunstâncias, até mesmo uma pessoa tão orgulhosa quanto Ida se dera ao trabalho de preparar. Havia-as calado por completo — foi o que percebeu em seguida: o teor do que dizia fez surgir nos olhos de sua mãe uma expressão que logo mostrou-se incompatível com qualquer discurso de apresentação.

“Foi o que o capitão me disse naquele dia, mamãe. Acho que a senhora teria ficado muito satisfeita de ouvir o que ele disse a seu respeito.”

Tal satisfação — Maisie refletia agora, consternada — teria demorado a se manifestar se tivesse surgido tão depressa quanto a reação que essa alusão provocou em sua mãe. Ida dirigiu-lhe um daqueles olhares que equivalem a bater a porta em sua cara; nunca, em toda a sua experiência de tentativas mal-sucedidas, Maisie enfrentara tal expressão. Veio-lhe à lembrança um episódio ocorrido numa das palestras na Glower Street, quando algo que, numa jarra grande, entre vidros estranhos e cheiros ruins, deveria surgir num belo

tom de amarelo acabou saindo num belo tom de negro. Naquela ocasião, Maisie tivera pena do conferencista; agora, porém, sentia ainda mais pena de si própria. Ah, nada jamais lhe causara pontadas tão dolorosas quanto o jeito como sua mãe exclamou: “O capitão? Que capitão?”.

“Ora, naquele dia em que encontramos a senhora nos Gardens — o que me levou para conversar com ele. Foi exatamente isso que ele disse.”

Ida deixou-a falar o suficiente para poder retomar o fio de uma meada perdida. “O que diabo ele disse?”

Maisie hesitou, magnífica, mas de modo igualmente magnífico terminou dizendo: “O que a senhora mesma diz, mamãe — que a senhora é boa”.

“O que *eu* digo?” Ida levantou-se devagar, mantendo a vista na filha; e a mão que se intrometera na bolsa ficou imóvel entre as dobras do vestido, na extremidade de um braço algo enrijecido. “O que eu digo é que você é uma idiota completa, e não admito que você me atribua coisas que eu não disse!” Isso era muito mais peremptório que uma mera contradição. Tudo que Maisie sentiu naquele instante era que tudo terminara, que a comunicação com sua mãe fora interrompida de modo abrupto. Isso logo ficou claro. “Que direito você tem de falar-me a respeito dele?”

Sua filha ficou vermelha. “Eu pensei que a senhora gostasse dele.”

“Dele? O maior canalha de Londres!” Milady empertigou-se de novo, imensa, e no lusco-fusco os brancos de seus olhos pareciam enormes.

A essa altura, porém, os de Maisie já eram mais ou menos do mesmo tamanho; e ela pôde agora, o rosto iluminado pelo primeiro lampejo de raiva de sua vida, sentir que ao menos olhava para cima com tanta dureza quanto sua antagonista olhava para baixo. “Pois ele falou muito bem da senhora naquele dia; falou, sim, e por isso gostei dele. Ele disse coisas... coisas muito bonitas; muito bonitas, sim!” Sentia-se quase capaz da violência de impor essa afirmação, pois mesmo no meio daquele surto de emoção passional — mais ainda, como parte integrante dele — surgiu dentro dela um medo, uma dor, uma visão funesta, precoce, do que poderia significar para o destino

de sua mãe perder um apoio como aquele. Houve um momento em que Maisie viu com clareza — viu loucura e desolação, viu ruína e treva e morte. “Desde aquele dia eu penso sempre nele, e tinha esperanças de que fosse com ele... com ele...!” Neste momento, em sua emoção, faltou-lhe o fôlego de sua esperança filial.

Mas Ida arrancou-lhe o que faltava. “Tinha esperança de quê, seu monstrinho?”

“De que fosse ele que estava a esperá-la em Dover, que fosse levá-la. Quer dizer, para a África do Sul”, disse Maisie, e mais uma vez teve que se calar.

A estupefação de Ida foi tamanha que seu silêncio se prolongou de modo anormal, tanto que sua filha ficou não só a imaginar o que haveria de vir em seguida como também a medir com precisão o declínio de todos os seus sintomas de generosidade. Ida permanecia imobilizada, em todo seu esplendor, apenas um vulto escuro e mudo; sua ira sem dúvida permanecia, como sempre, dotada de mil e um recursos e variações. Por força dessa lei, o que Maisie menos esperava foi justamente o que aconteceu agora. Pouco a pouco a raiva derreteu-se no crepúsculo de verão, transformando-se em pena, e a pena encontrou, após algum tempo, uma cadência que foi acentuada por um novo estalido do fecho da bolsa. Ida recolocara nela o que havia tirado antes. “Você é uma criaturinha horrorosa, medonha, deplorável”, murmurou. E, dito isto, virou-se e foi-se embora, farfalhante, pelo gramado.

Depois que ela desapareceu, Maisie deixou-se cair no banco de novo e, por algum tempo, no jardim vazio, no crepúsculo cada vez mais denso, ficou a contemplar a imagem que ainda permanecia após a fuga de Ida. Não era mais de sua mãe, uma vez que, curiosamente, transformara-se na de seu pai, do pai que, como lhe fora dito em palavras que ainda permaneciam no ar, desejava vê-la morta. Era uma presença de contornos vagos — continuava a enfrentá-la, a cobri-la. Mas que realidade importante ainda representaria se o sr. Farange também estava, de sua parte, afastando-se — indo para a América com a condessa, ou mesmo apenas indo a Spa? Essa pergunta foi respondida pelo som estrepitoso de um gongo, vindo de dentro da casa, ao mesmo tempo que sir Claude apareceu à porta larga e

iluminada, procurando-a. Ao vê-lo, Maisie foi em sua direção, e ele aproximou-se dela, encontrando-se os dois no gramado. Por um minuto a menina permaneceu em silêncio com ele, tal como ficara pouco antes, no final, com sua mãe.

“Ela foi embora?”

“Ela foi embora.”

Nada mais, por ora, foi dito; seguiram juntos em direção a casa, onde, no saguão, sir Claude fez um daqueles seus gracejos inesperados nos quais, para o deleite de sua enteada, sua animação natural transbordava. “A senhorita Farange me concede a honra de aceitar meu braço?”

Jamais, em toda a sua vida, a srta. Farange aceitara nada com tamanha sensação de bem-aventurança, um elemento alvo e iluminado que os envolveu a ambos até chegarem juntos à sala; antes, porém, ela fez um comentário, no tom de uma mocinha alegre que pela primeira vez é levada a um jantar, que o fez parar de supetão. “Ela vai para a África do Sul.”

“Para a África do Sul?” Por um momento seu rosto parecia estar se preparando para dar um salto; no instante seguinte, porém, pulou para os píncaros da hilaridade. “Foi isso que ela disse?”

“Ah, foi; garanto que não ouvi errado!” Maisie fez questão de que tal justiça lhe fosse feita. “Por causa do clima.”

Sir Claude estava olhando para uma jovem de cabelos negros e vestido vermelho, com um pequeno *terrier* sob o cotovelo. Ela passou voando por eles rumo à sala de jantar, deixando um rastro forte de perfume que se confundiu, na zoeira do ambiente, com o cheiro quente de comida. Ele estava um pouco mais sério; ainda deteve-se para dizer: “Sei... sei”. Outras pessoas passaram por eles; sir Claude não estava tão sério que não percebesse a presença delas. “Sua mãe disse mais alguma coisa?”

“Ah, sim, muito mais.”

Em resposta, ele olhou-a nos olhos de novo, com mais intensidade, porém apenas repetiu: “Sei... sei”.

Maisie ainda guardava sua visão, que por fim externou. “Achei que ela ia me dar alguma coisa.”

“Que espécie de coisa?”

“Dinheiro, que chegou a tirar da bolsa, mas depois pôs de volta.”

Novamente sir Claude achou graça. “Pensou duas vezes. Que criatura mais econômica! Quanto ela economizou com essa manobra?”

Maisie pensou. “Não vi. Era bem pouco.”

Sir Claude jogou a cabeça para trás. “Muito pouco mesmo? Seis pence?”

Maisie ressentiu-se dessa pergunta, quase como se, à mesa de jantar, já estivesse trocando gracejos com um comensal simpático. “Talvez fosse uma libra.”

“Ou mesmo”, arriscou sir Claude, “uma nota de dez.” A menina corou diante dessa imagem súbita do que havia talvez perdido; e ele tornou-a ainda mais vívida ao acrescentar: “Bem enrolada, fazendo uma bolinha, sabe? Ela sempre tratou as cédulas como se fossem papelotes!”. Maisie corou mais ainda diante da imensa plausibilidade dessa observação, movida também mais uma vez pela consciência sempre renovada do quanto ele era inteligente — do quanto ele sabia mais, muitíssimo mais do que ela, a respeito de sua mãe. Maisie vivera com ela tantas vezes sem jamais descobrir de que eram feitos seus papelotes, nem jamais saber o que ela fazia com as cédulas. Fosse como fosse, aquela bolinha rolara para longe e nunca mais voltaria — como tantas outras bolas que o taco de Ida já havia despachado. Sir Claude ofereceu-lhe o braço novamente e, quando se sentou à mesa, Maisie já chegara a uma conclusão a respeito da quantia que havia perdido. Tudo a sua volta, porém — a sala apinhada, a ostentação vulgar, o sabor dos pratos, o esplendor das figuras —, depunha em favor da alegria de viver. Após o jantar, Maisie foi fumar com seu amigo — pois foi essa a exata sensação que experimentou — numa varanda, uma espécie de terraço, onde as brasas rubras dos charutos e os vestidos leves das damas compunham, à luz das estrelas alegres, uma poesia quase inebriante. Conversaram pouco, e ela ficou um tanto surpresa de constatar que sir Claude não lhe perguntava mais nada a respeito do que dissera sua mãe; porém Maisie não sentia necessidade de conversar — havia em todas as coisas um sentido e um som que prescindiam de palavras. Fumavam e fumavam, e havia uma doçura no silêncio de seu padraço. Por fim ele disse: “Vamos dar

mais uma volta — mas logo depois você tem que ir dormir. Ah, nós vamos ter um sistema, sim!”. Voltaram ao jardim e caminharam por alamedas escuras de onde se viam os mastros negros e as luzes vermelhas dos navios, e ouviam-se gritos e exclamações que estavam sem dúvida associados a viagens ao estrangeiro; e o sistema por eles adotado mais uma vez funcionou à perfeição sem exigir nenhuma troca de palavras. Contudo, por fim, sir Claude falou — falou de repente, ao jogar fora o fósforo com que reacendera o charuto: “Preciso andar um pouco. Estou muito irrequieto — vou andar até passar”. Maisie aceitou isso como aceitava tudo; ele prosseguiu: “Vá ficar com a senhorita Ash” — era o nome que haviam adotado. “Veja lá se ela não está fazendo nenhuma bobagem. Você sabe voltar sozinha?”

“Sei, sim; já subi e desci umas sete vezes.” Deliciava-a a perspectiva de uma oitava.

Porém ainda não se separaram; ficaram juntos, fumando, à luz das estrelas. Então, finalmente, sir Claude disse: “Estou livre — estou livre”.

Maisie olhou para ele; fora naquele exato lugar que, cerca de duas horas antes, ela olhara para a mãe. “Está livre — está livre.”

“Amanhã vamos para a França.” Ele falava como se não a tivesse ouvido; mas isso não a impediu de concordar mais uma vez.

“Amanhã vamos para a França.”

De novo, sir Claude parecia não ouvir; e após um instante — sem dúvida por efeito da profundidade de suas reflexões e da agitação de sua alma — ele falou de novo, como se não houvesse falado antes.

“Estou livre — estou livre!”

Ela repetiu: “Está livre — está livre”.

Desta vez ele ouviu-a; olhou-a fixamente na escuridão, com uma expressão grave. Porém nada mais disse; limitou-se a abaixar-se um pouco e puxá-la para perto de si — apenas a abraçou por um instante e deu-lhe um beijo de despedida; em seguida, após empurrá-la de leve e em silêncio em direção ao hotel, virou-se de novo para os mastros negros e as luzes vermelhas. Maisie foi andando, subindo, como se a França estivesse lá no alto.

No dia seguinte, parecia estar lá embaixo — no fundo de tudo, em mergulhos de dar arrepios, a tal ponto que lhe era impossível conceber, durante a travessia do canal da Mancha, a altitude em que sir Claude permanecia, a qual, sob todos aspectos, nunca fora tão elevada quanto no momento em que, encharcado, apesar de sob a cobertura de uma lona, ele continuou tranquilamente sentado, com a cabeça da enteada no colo e a da criada da sra. Beale apertada contra seu peito. Maisie ficou surpresa quando lhe foi dito, chegando ao porto, que a travessia fora esplêndida; mas essa emoção, em Boulogne, logo perdeu-se em meio a outras, em particular ao grande êxtase de uma visão maior da vida. Ela estava “no estrangeiro”; entregou-se a essa sensação, ao sol, diante das casas rosadas, entre as peixeiras de pernas nuas, e os soldados de perneiras vermelhas, com a certeza imediata de que aquilo era sua vocação. Sua vocação era ver o mundo e vibrar com o prazer daquelas imagens; havia crescido muito em cinco minutos, e quando chegaram ao hotel, já identificara nas instituições e maneiras da França uma imensidão de afinidades e mensagens. Em não mais que uma hora, teve sua iniciação; e a consciência desse fato foi muito acentuada pelo papel superior que, tão logo terminaram de devorar um desjejum francês — que foi, sem dúvida, um dos pontos altos do evento —, ela se viu desempenhando em relação a Susan Ash. Sir Claude, que já havia encontrado pessoas conhecidas e que, como lhes disse, tinha negócios a resolver e cartas a escrever, despachou-as para um passeio, no decorrer do qual a criança pôde vingar-se, tanto quanto o exigia a justiça poética, não apenas das risadas altas que costumavam irromper de sua criada nas caminhadas que davam outrora em Londres, mas também de todos os anos em que ela manifestara aquela sua tendência a exhibir em público um excesso de algo curioso que parecia oscilar largamente entre a inocência e a

culpa. Em Boulogne, desde o momento da chegada, ainda que talvez houvesse excessos, não havia oscilações; ela reconhecia, compreendia, adorava e se apossava, sentindo-se em harmonia com tudo e pondo a mão, à esquerda e à direita, no que simplesmente estava à sua espera. Explicava tudo a Susan, ria de Susan, agigantava-se em relação a Susan; e era a burrice de Susan, da qual ela jamais tivera tanta certeza, e a perplexidade, e a ignorância, e o antagonismo de Susan, que davam a ressonância mais vigorosa a suas percepções e adoções imediatas. O lugar e as pessoas formavam todos juntos uma imagem que, quando desceram até as areias largas, tremeluzia em mil tons, com a beleza organizada da *plage*, com a alegria dos espectadores e banhistas, com a do idioma e a do tempo, e sobretudo com a da situação absolutamente nova de nossa amiga. Pois parecia-lhe que ninguém, desde o início dos tempos, jamais tivera tal aventura, jamais vivera, no espaço de uma hora, tantas experiências; e para complementar essa sensação, para fazê-la sentir, com um deslumbramento consciente, o quanto o passado mudara, bastava ouvir Susan, inescrutavelmente irritada, manifestar sua preferência pela Edgware Road. O passado já havia mudado de tal forma, e o círculo que ele formara já fora transposto de modo tão categórico, que, naquela mesma tarde, numa outra caminhada, ela deu por si perguntando a sir Claude — e sem o menor escrúpulo — se ele já lhe podia dizer quando iriam para Paris. A resposta de seu padrasto, há que admitir, esfriou-lhe um pouquinho o ânimo.

“Ah, Paris, minha querida... francamente, não sei se vamos a Paris!”

Isso exigia uma réplica, mas foi menos para contestá-lo do que pelo intenso prazer de discutir pela primeira vez os detalhes da viagem que, depois de encará-lo por um minuto, ela retrucou: “Mas não é lá que está o melhor de tudo, o lugar onde todos vão quando viajam ao estrangeiro...?”.

Ele ficara sério de novo, mas Maisie não levou isso em conta: era apenas uma maneira de fazer justiça à seriedade daquela nova vida. Além do mais, tendo crescido tanto de ontem para hoje, a menina pôde refletir que, se desta vez insistisse um pouco, sir Claude reconheceria que a paciência dela já fora muito longe. Havia de fato

algo nos olhos de seu padrasto que fez com que, subitamente, a discrição de Maisie lhe parecesse mesquinha. Antes que ela tivesse tempo de consertar isso, sir Claude respondeu sua última pergunta da maneira que ela menos esperava. “O lugar onde não se pode não ir? Sem dúvida, Paris é deliciosa. O problema, minha velha, é que custa os olhos da cara. Tudo lá é caríssimo.”

Esse comentário lhe deu uma pontada — projetou de súbito uma luz gélida sobre tudo. Então eram pobres, então *ele* era pobre, pobre de verdade, eram sérios os gracejos referentes a água mineral e frios? Haviam caminhado até a extremidade do longo molhe que protegia o porto, contemplando os perigos de que haviam escapado, o horizonte cinzento que era a Inglaterra, a superfície revolta do mar e os barcos cinzentos que nele balouçavam. Por que ele escolhera um momento de aperto para esta fuga para o estrangeiro? A menos que a fuga fosse precisamente ditada por motivos econômicos, como outras das quais ela ouvira falar tantas vezes; se tal fosse, Maisie, após olhar mais uma vez para o horizonte cinzento e os barcos a balouçar, estava disposta a aceitá-la com entusiasmo. Respondeu, pois, bem à maneira dele: “Sei, sei”. Sorriu para ele. “Nossa situação está complicada.”

“Isso mesmo.” Ele sorriu também. “A minha não está tão má quanto a sua; pois a sua, falando sério, rapaz, está tão complicada que nem consigo entendê-la. Mas a minha está sofrível.”

Maisie pensou. “Mas na França a vida não é mais barata que na Inglaterra?”

A Inglaterra, na distância cada vez mais escura, naquele momento parecia caríssima. “É verdade; em alguns lugares.”

“Então a gente pode morar nesses lugares?”

Por um instante, ele pareceu estar prestes a dizer algo que respondia a essa pergunta, mas não o fez.

“Então vamos morar aqui?”

Ele não encarou a coisa de modo tão definitivo como ela queria: “Já que viemos para economizar dinheiro!”

Isso a fez querer saber mais. “Quanto tempo vamos ficar?”

“Ah, três ou quatro dias.”

Essa afirmação deixou-a boquiaberta. “O senhor consegue economizar dinheiro tão depressa assim?”

Sir Claude caiu na gargalhada; voltou a andar, colocando um braço nos ombros da menina. Confessou-lhe, no caminho, que ela também pusera o dedo no ponto mais fraco de todas as suas fraquezas: ele poderia talvez viver folgado se nunca tivesse tentado fazer economia. “São os pensamentos alegres que ajudam”, disse ele; “não há nada mais catastrófico que passar uma semana segurando dinheiro.” Maisie voltou a ouvir, em meio aos sons agradáveis do dia que terminava, o estalido metálico de Ida mudando de ideia. Pensou na nota de dez libras que seria tão agradável apresentar agora, para reanimar seu amigo. Mas essa ideia foi dissipada pelo comentário irrelevante que ele fez diante da próxima coisa que pararam para admirar: “Vamos ficar até que ela chegue”.

Maisie virou-se para ele. “A senhora Beale?”

“A senhora Wix. Recebi um telegrama”, ele prosseguiu. “Ela esteve com a sua mãe.”

“Esteve com a mamãe?”, Maisie ficou atônita. “Mas onde?”

“Ao que parece, em Londres. Estiveram juntas.”

Por um momento, esse fato preocupou a menina; surgiu-lhe medo nos olhos. “Então ela não foi?”

“A sua mãe? Para a África do Sul? Eu desisto, minha velha”, disse sir Claude; e Maisie teve a impressão de que o via literalmente desistir ali mesmo, e acompanhar, com uma espécie de olhar desligado — isto é, desligado dos problemas *dela* —, os passos ágeis e membros reluzentes de uma jovem peixeira que acabava de sair de dentro d’água com uma cesta cheia de camarões. Seus pensamentos voltaram-se para a menina antes de seu olhar. “Mas creio que está tudo bem. Ela não viria se não estivesse, coitada: ela sabe muito bem o que fazer.”

Essa observação tranquilizou-a tanto que Maisie, após pensar um pouco, conseguiu encaixá-la em seu sonho. “Afim, o que ela está fazendo?”

Finalmente, sir Claude parou de olhar para a peixeira — e considerou a pergunta de sua amiga. “Ah, você sabe!” Havia algo em seu tom de voz que indicava a existência de uma igualdade entre eles maior do que ela até então imaginara; porém teve mais o efeito de

elevá-la do que de rebaixá-lo; e o impacto que teve sobre a menina foi demonstrado pelo modo como ela concordou.

“É, eu sei!” O que ela sabia, o que era capaz de saber, a esta altura já não é mais segredo para nós: fosse o que fosse, cresceu cada vez mais no restante daquele dia, na atmosfera do que ele imaginava que ela sabia. Melhor imaginar do que verificar; mas era aí, na pior das hipóteses, que estava o xis do problema: por fim veio à tona entre os dois que a grande mudança — pois era assim, como se já durasse semanas, que Maisie se referia ao ocorrido — de algum modo devia-se à sra. Wix. Naquela noite, antes de deitar-se, a menina já sabia que sir Claude, desde que estavam naquela correria — pois esse era o termo que ele empregava —, já recebera mais de um telegrama. Porém separaram-se mais uma vez sem tocar no nome da sra. Beale.

Ah, mas que travessia para os corretivos e o velho vestido marrom — o qual, a menina constatou, foi, como medida de economia, exumado para a viagem, na antevisão de possíveis desastres! À noite começou a ventar, e de seu quartinho no hotel Maisie ouvia o barulho do mar. No dia seguinte chovia e tudo estava diferente: até mesmo Susan Ash, que se regozijava com o mau tempo, em parte, ao que parecia, por saber que a visitante passaria um mau pedaço no navio, em parte porque demonstrava a insensatez de viajar para tais fins de mundo. Debaixo de chuva, com sir Claude, Maisie foi receber o pacote de Folkestone; quando ele chegou, em meio a muita confusão, ele a fez esperar debaixo de um guarda-chuva no cais e, tão logo a nau aportou, foi visto, em busca de sua amiga, esgueirando-se — foi esse o termo que usou — por entre a multidão de pessoas enjoadas no tombadilho. Demorou um bom tempo para reaparecer — só depois que todos os outros passageiros já haviam desembarcado; então apresentou o objeto de sua benevolência num estado que Maisie não sabia se era a mais profunda prostração ou o auge do triunfo. A senhora que ele vinha amparando, ainda dobrada pelo mal-estar que acabava de sofrer, estava envolta em vestes que nunca antes ofereceram tanto conforto a tanto sofrimento. No hotel, uma hora depois, essa ambiguidade desapareceu; a sós com a sra. Wix, ajudando-a a recuperar-se e a trocar-se, Maisie ficou sabendo em detalhe quão pouco ela poderia ter feito não fossem as forças que lhe

dera sir Claude. Repetiu a expressão em seu quarto a propósito de mil e uma coisas: ele lhe dera forças que lhe permitira realizar “mudanças”, disse ela, da natureza mais íntima, adaptadas a climas e ocasiões tão diversas que por si próprias pareciam antever as etapas de um vasto itinerário. Sem dúvida, semanas de economia haveriam de seguir-se a tantos gastos com uma governanta; tais gastos, porém, não despertaram nenhum ressentimento em sua aluna, mesmo quando esta percebeu que sua própria aparência, perscrutada através dos corretivos, causou uma perplexidade perceptível. De fato, sir Claude dera menos atenção à da menina que à da sra. Wix; ademais, ela preferiria ver-se com suas próprias roupas a estar usando, por exemplo, os sapatos de sua amiga, tão novos que rangiam, se por acaso encontrassem a sra. Beale. Maisie estava preocupada demais com a ideia do que haveria de pensar a sra. Beale para formar seus próprios juízos. Além disso, após um almoço copioso e muitas meiguices, a questão tomou rumo bem diverso, para não falar no prazer que a criança experimentou ao perceber, num átimo, que havia outros olhos que não os de Susan Ash abertos para o que ela era capaz de mostrar. Infelizmente ela não podia mostrar muita coisa enquanto a chuva não parasse, e não parou no decorrer de todo aquele dia; porém isso teve apenas o efeito de dar mais tempo para a demonstração da sra. Wix. Começou quando as duas estavam na sala branca e dourada, que a Maisie parecia o lugar mais bonito por ela já visto, com a possível exceção da casa da condessa; começou enquanto a forte tempestade de verão açoitava as vidraças e vinha da rua um vento tão frio que sir Claude, as mãos enfiadas no bolso, um cigarro apertado entre os dentes, irrequieto, testa franzida, olhando pela janela e voltando as costas para a sala, acabou mandando acender um fogo fumegante na pequena lareira enfeitada. Começou apesar de algo que só podia ser caracterizado como a aparência que tinha sir Claude de querer adiá-la; uma aparência que ele soube utilizar — mas ele sabia utilizar todas as suas aparências! — para limitar a conversação, durante as primeiras duas horas, a gracejos gratuitos e generalidades, para mantê-la no nível das xícaras de café e *petits verres* vazios (a sra. Wix tomou dois de cada!) que eram para Maisie, que os via através da fumaça da lareira francesa e do fumo inglês, como sinal de que agora,

mais ainda que antes, a viagem havia mesmo começado. Sentia agora, frente a frente com a sra. Wix, com tanta clareza como se ela lhe houvesse dito tal coisa, que sua governanta não viera apenas para ouvir troças dirigidas a si própria ou à sua aluna; nem mesmo para ouvir sir Claude, que falava francês com perfeição, imitar os sons emitidos pelos ingleses do hotel. Era talvez em parte um efeito de sua nova apresentação, como se estivesse usando roupas emprestadas: nunca parecera tão corada; exibia um tom de vermelho que, naquele grau de intensidade, Maisie associava ou ao sarampo ou a “maus hábitos”. Não se interessava nem um pouco pelos mexericos a respeito de Boulogne; e se sua tez era em parte resultado do *déjeuner* e dos *petits verres*, era também sinal do que ela corajosamente viera para dizer. Quando, pois, começou, Maisie percebeu o quanto ela a vinha aguardando desde o início. “Milady ajudou-me a fazer as malas — só faltou pôr-me dentro do fiacre!” Foi o que a sra. Wix, finalmente, exclamou.

Sir Claude estava postado à janela; nem sequer virou-se, de modo que coube à mais jovem das três pessoas presentes perguntar: “Então a senhora foi ter com ela ontem?”.

“Foi *ela* que me procurou. Bateu à minha humilde porta. Subiu a minha mísera escada. Disse-me que esteve com vocês em Folkestone.”

Maisie pensou um pouco. “Ela voltou naquela noite?”

“Não; ontem de manhã. Veio a minha casa direto da estação. Uma coisa extraordinária. Se eu tinha um trabalho a fazer, ela não me atrapalhou nem um pouco — e ajudou bastante.” A sra. Wix fez uma pausa, enquanto o vermelho de seu rosto intensificou-se ainda mais; então pôde dizer: “Milady é boa! O que ela fez eu não esperava”.

Ao ouvir isso, Maisie olhou para as costas de seu padraсто, que para ela representavam, naquele instante, um monumento à bondade de milady. Essas costas permaneceram, como tal, monumentalmente imóveis, dando tempo à menina de perguntar à sua amiga: “Ela ajudou a senhora de verdade?”.

“De um modo muito prático.” Mais uma vez, a sra. Wix fez uma pausa; mais uma vez, falou num tom de proclamação. “Deu-me uma nota de dez libras.”

Neste ponto, ainda olhando para a rua, sir Claude, à janela, riu bem alto. “Está vendo, Maisie? Pelo visto, não a perdemos!”

“Pois é!”, respondeu Maisie. “Não é maravilhoso?” Sorriu para a sra. Wix. “Disso já sabemos.” Então, enquanto sua interlocutora exibia a expressão mais perplexa que era compatível com seu tom de vermelho, a menina insistiu: “Então ela quer mesmo que eu fique com a senhora?”.

A sra. Wix demonstrou uma última hesitação, um escrúpulo que, no entanto, enquanto sir Claude tamborilava na vidraça, ela terminou por vencer. Ocorreu a Maisie que, apesar daquele tamborilar, e de ele

continuar de costas, seu padraço estava na verdade tão interessado que resolveu, por assim dizer, colocar-se nas mãos dela, o que de algum modo, a menina percebeu de repente, era uma prova maior do que seria interferir. “Ela quer que *eu* fique com você!”, declarou a sra. Wix.

A resposta de Maisie foi diretamente dirigida a sir Claude: “Isso é ótimo para todos nós”.

Sem dúvida o era, o silêncio prolongado dele admitiu, enquanto a sra. Wix levantou-se de sua cadeira e, como se para afirmar com mais ênfase sua posição, colocou-se, com certa majestade, diante da lareira. A incongruência de sua elegância, a circunferência de seu vestido rígido, indicavam que a sra. Wix estava na verdade mais pronta para Paris do que todos os outros. Também ela ficou olhando para as costas de sir Claude. “Sua esposa revelou-me um lado que jamais demonstrara. Ela reconhece a importância de certas normas.”

“Quais? Por acaso a senhora se lembra?”, indagou sir Claude.

A resposta da sra. Wix veio prontamente. “A importância de Maisie ter a seu lado uma senhora de respeito, alguém que não seja tão... tão vulgar! Ela opõe-se à presença de uma simples criada, e não me importo nem um pouco de dizer-lhes o que ela quer que eu faça.” Uma coisa estava clara: a sra. Wix agora tinha ousadia suficiente para fazer qualquer coisa. “Ela quer que eu os convença a livrar-se daquela criatura que trabalha para a senhora Beale.”

Maisie esperou o pronunciamento de sir Claude; em seguida, concluiu que ele, por sua vez, estava também aguardando, e sentiu-se cheia de bom-senso quando assumiu sua responsabilidade: “Ah, com a *senhora* eu não preciso mais da Susan!”, disse ela à sra. Wix.

Sir Claude, ainda à janela, aprovou. “Isso não é problema. Eu a levo de volta.”

A sra. Wix praticamente deu um salto; Maisie percebeu sua expressão de sobressalto. “Levá-la? O senhor quer dizer que vai lá só por isso?”

Por um momento, sir Claude nada disse; em seguida indagou: “E por que não posso deixá-las aqui?”.

Maisie, ao ouvir isso, levantou-se de um salto. “Ah, vá, sim, vá, sim!” E logo em seguida abraçou-se à sra. Wix, e as duas, sobre o

tapete diante da lareira, olhos nos olhos, consideraram aquele plano a sério. Então Maisie deu-se conta de que cada uma o encarava de modo diverso.

“Ela pode muito bem voltar sozinha; por que se dar a todo esse trabalho?”, indagou a sra. Wix.

“Ah, ela é uma idiota, uma incapaz. Se alguma coisa lhe acontecesse, seria desagradável: fui eu que a trouxe, sem que ela pedisse. Se eu a despachar, tenho a obrigação de ir em pessoa levá-la de volta ao lugar exato onde a encontrei.”

A sra. Wix apelou para Maisie com um olhar, para que ela a ajudasse a vencer aquela teimosia absurda; e dirigiu-se a ele com uma firmeza que, para sua aluna, era surpreendentemente nova. “Meu caro sir Claude, a meu ver o senhor não está sendo razoável. Dê-lhe o dinheiro de passagem e mais uma libra. Ela viveu uma experiência que jamais havia sonhado e que lhe será útil pelo resto da vida. Se no caminho ela fizer algo de errado, será por vontade própria, e, dando-lhe o suficiente para as despesas de viagem e mais uma remuneração — dê quanto o senhor quiser! — o senhor estará sendo tão generoso com ela quanto sempre foi com todos.”

Esse tom era novo — tão novo quanto a touca da sra. Wix; e uma criança com um faro aguçado para significados latentes podia vê-lo como a marca de uma relação que adquirira um novo aspecto. Para Maisie, revelava o quanto, mais ainda do que ela imaginava, seus amigos lutavam lado a lado. Ao mesmo tempo, exigia uma justificativa tão definida que, quando sir Claude por fim voltou-se para elas, a menina chegou a pensar de início que ele apenas se ressentia de um excesso de familiaridade. Portanto, ficou ainda mais intrigada de ver que a beleza serena de seu padrao permanecia intata, e de ouvi-lo manifestar igual interesse por uma questão bem diversa de qualquer liberdade que não a de milady. “Minha mulher veio sozinha?” Até mesmo essa pergunta ele pôde formular num tom bem-humorado.

“Quando ela veio me visitar?” Agora a sra. Wix estava mesmo vermelha; nem mesmo o bom humor de seu interlocutor a impediu de corar, e por um minuto seu rosto luziu intensamente, tal como sua feia honestidade. “Não. Havia alguém no fiacre.” A única coisa que ela

conseguiu acrescentar após um minuto, para atenuar o impacto, foi: “Mas eles não subiram”.

Sir Claude pôs-se a rir — até Maisie podia imaginar de que ele estava rindo; enquanto seu padraсто andava de um lado para o outro, ainda às gargalhadas, chegava à lareira e chutava com alegria um pedaço de lenha fora do lugar, a menina sentia mais dúvidas a respeito de praticamente qualquer coisa do que sobre o que havia de engraçado na palavra “eles”. Ela própria não seria capaz de dizer se foi para prolongar ou para disfarçar a graça que resolveu observar: “Talvez fosse a criada dela”.

A sra. Wix dirigiu-lhe um olhar que, entre outras coisas, criticava a impropriedade do tom. “Não era a criada.”

“Quer dizer que desta vez são duas pessoas?”, sir Claude perguntou, como se não tivesse ouvido.

“Duas criadas?”, prosseguiu Maisie, como se estivesse certa de que ele tinha ouvido.

O olhar por trás dos corretivos tornou-se ainda mais reprovador, mas sir Claude pôs de lado a reprovação com uma pergunta súbita: “Afiml, o que a senhora quer dizer? E o que a senhora acha que *ela* quis dizer com isso?”.

A sra. Wix deixou que, por um momento, em silêncio, sir Claude compreendesse que a resposta a sua pergunta, se ele não tomasse cuidado, talvez lhe dissesse mais do que ele estava disposto a ouvir. Era como se, com esse escrúpulo, a sra. Wix medisse e ajustasse tudo o que lhe dava ao dizer, por fim: “O que ela quis dizer era que o senhor está definitivamente livre. Receber essa mensagem de milady, de modo tão direto, foi para mim, é claro, uma alegria que eu nem sequer esperava; deu-me a certeza, e o prazer, de algo de concreto que me permitia agir. O senhor já sabe que eu teria vindo mesmo que ela não tivesse me pressionado; o senhor já sabe o que vimos procurando há tanto tempo e que, quando ela me falou do passo que havia dado em Folkestone, percebi, em êxtase, que conseguimos. É a sua liberdade que me dá razão”. A sra. Wix como que pavoneava sua lógica. “Mas não me envergonho de dizer que foi o que ela fez que me torna feliz!”

“O que ela fez?”, repetiu sir Claude. “Mas, minha cara, o que ela fez é um crime abominável. Por acaso, seu ato vem ao encontro de

nossas intenções de modo delicioso; mas isso não altera em absoluto o fato de que é a coisa mais abominável que alguém já fez. Ela livrou-se de nossa amiga aqui tal como se a tivesse empurrado, gritando e implorando, do alto desta janela de segundo andar, para espatifar-se nas pedras lá embaixo.”

Maisie contemplava, serena, os querelantes. “Ah, mas a sua amiga aqui, sir Claude, não implora nem grita!”

Ele olhou-a por um momento. “Nunca. Nunca. Isso é uma, apenas uma, por mais encantadora que seja, das mil coisas que adoramos nela.” Então voltou a insistir com a sra. Wix: “O que não consigo entender de jeito nenhum é *aonde* Ida quer chegar realmente, que jogo ela estava jogando ao recorrer à senhora com tamanha desfaçatez, depois de ter lhe feito o que fez. Afinal, onde ela imagina que vai poder, quando menos esperarmos, passar-nos a perna?”

“Ela não imagina nada, nem quer passar a perna em ninguém. Sua desfaçatez, como o senhor diz, é a melhor coisa que já vi nela. Pouco se me dá que tenha feito o que fez comigo — perdoo tudo, mil vezes!” A sra. Wix levantou a voz como jamais fizera antes; exultava em sua lucidez. “Eu a entendo, chego quase a admirá-la!”, disse, com voz trêmula. Falava como se essas palavras bastassem; porém, em consideração às inteligências inferiores, acrescentou uma explicação: “Como já disse, ela estava diferente; palavra de honra que não a teria reconhecido. Ela teve uma ideia, um impulso; foi por isso que veio. Foi uma espécie de lembrança feliz, e se não fosse possível imaginar que tal coisa lhe tivesse ocorrido, é claro que eu concordaria com o senhor. Mas lhe ocorreu; foi isso!”

Mais uma vez, Maisie percebeu que havia naquele arrazoado uma certa autocomplacência agressiva que outros poderiam achar irritante; mas tal como tantas vezes antes observara sir Claude temendo manifestações de mau humor que não haviam se materializado, desta vez, em vez de exclamar, como teria feito seu pai, “Que diabo!”, ele limitou-se a buscar refúgio numa pergunta que era, na pior das hipóteses, abrupta.

“Mas *quem* é agora? A senhora sabe?”

A sra. Wix tentou recorrer a uma dignidade cega. “Quem é o quê, sir Claude?”

“O homem à espera no fiacre. Quem era aquele que ficou aguardando à sua porta?”

Diante de tal desafio, ela hesitou tanto que a consciência de sua jovem amiga levou-a a dar-lhe uma ajuda: “Não era o capitão”.

Porém essa boa intenção teve apenas o efeito de transformar os escrúpulos daquela excelente mulher num olhar mais ambíguo, além de, naturalmente, redespertar a hilaridade de sir Claude. A sra. Wix dirigiu-se a ele, como se num apelo: “Tenho mesmo que dizer?”.

Ele continuava a achar graça. “Ela a obrigou a prometer que não contaria?”

A sra. Wix olhou-o com uma fixidez ainda maior. “Quer dizer, na frente de Maisie.”

Sir Claude riu outra vez. “Ora, *ela* não pode fazer mal a ele!”

Maisie teve a impressão de que o humor leve desse comentário roçou-lhe a pele ao passar por ela. “É, eu não posso fazer mal a ele.”

Mais uma vez, Maisie foi acolhida sob os corretivos, os quais em seguida pareciam rachar com a explosão da honestidade em meio à qual o nome foi enunciado: “O senhor Tischbein”.

Por um momento fez-se um silêncio que, sob a influência de sir Claude, e enquanto ele e Maisie entreolhavam-se, de súbito assumiu uma aparência de gravidade. “Nós não conhecemos o senhor Tischbein, não é mesmo, minha cara?”

Maisie examinou a questão tão detidamente quanto necessário. “Não, não sei quem é o senhor Tischbein.”

Esse diálogo teve um efeito visível sobre a sra. Wix. “O senhor há de me desculpar, sir Claude”, disse ela, com uma austeridade que parecia sincera, “se eu agradecer a Deus por ter ele em sua piedade — que tantas responsabilidades nos impõe — permitido que eu realizasse este ato.” Exalou um grande suspiro doloroso. “Já era tempo!” E prosseguiu, como se para deixar bem clara a moral da história: “Eu disse ainda há pouco que compreendia sua esposa. Disse que a admirava. Pois reafirmo que a compreendi e admirei quando vi a situação pelos olhos dela, coitada. Para pôr os pingos nos is: se ela me procurou, apesar de tudo, foi porque eu...” — e continuou, com voz trêmula — “estou limpa! Ela percebeu que sua filha precisava de ao menos uma pessoa decente!”.

Maisie foi perspicaz o bastante para sobressaltar-se um pouco diante da implicação de que sir Claude não seria tal pessoa; no instante seguinte, porém, deu-se conta do verdadeiro alvo dessa discriminação. Ficou, pois, mais surpresa ainda ao ver a total sinceridade com que ele abraçou a pior interpretação. “Se ela está mesmo preocupada com decência, por que a deixou comigo? A senhora não diria que sou uma pessoa decente, e Ida, justiça seja feita, jamais o fez. Creio que sou tão indecente quanto os outros, e que não há nada em minha conduta que torne o gesto de minha mulher menos ignóbil!”

“Não fale de sua conduta!”, exclamou a sra. Wix. “Não diga essas coisas horríveis; são falsas, são más, eu o proíbo de dizê-las! É para *mantê-lo* decente que eu estou aqui e fiz tudo que fiz. É para salvá-lo — não digo de si próprio, porque por si próprio o senhor é belo e bom! É para salvá-lo da pior pessoa de todas. Afinal, não vim até aqui para ter medo de falar dela! É ela a pessoa no lugar de quem milady prefere até ver alguém como eu; e se ela não se considera, como praticamente chegou a me dizer, merecedora de fazer companhia a sua filha, o senhor pode bem imaginar que, se ela se afasta, não é para abrir lugar para a senhora Beale!”

Maisie observou o rosto de sir Claude durante esse desabafo, e tudo que viu foi que ele empalideceu um pouco. Isso o fez ficar, como diria Susan Ash, esquisito; e foi talvez parte dessa esquisitice ele abrir-se num sorriso intenso. “A senhora é muito rigorosa com a senhora Beale. Ela tem grandes méritos.”

Diante desse comentário, em vez de responder de imediato, a sra. Wix fez o que sir Claude fizera antes: foi até a janela e ficou algum tempo olhando para a tempestade. Por um minuto, fez-se, julgou Maisie, um silêncio pleno de vento e chuva. Não obstante, sir Claude olhou a sua volta em busca do chapéu; Maisie viu-o primeiro, pegou-o de um salto e o estendeu ao padraço. Ele recebeu-o com um agradecimento estampado no rosto, e algo levou a menina a não largar o outro lado da aba; assim, unidos por esse objeto, ficaram por alguns segundos trocando olhares. A esta altura, a sra. Wix já havia se virado. “O senhor quer me dizer”, indagou ela, “que vai mesmo voltar?”

“Para a senhora Beale?” Maisie soltou o chapéu e sentiu-se enternecida pelo modo constrangido, quase humilhado, como aquele desafio o fez ficar a revirá-lo nas mãos. Ela já vira fazer a mesma coisa pessoas que, sem dúvida alguma, não faziam mais nada do que sir Claude fazia. “Não sei responder, minha cara. Vamos ver; falemos nisso amanhã. No momento, preciso de um pouco de ar fresco.”

A sra. Wix, de costas para a janela, levantou a cabeça de tal modo que, por mais um instante, teve o efeito de detê-lo. “Nem todo o ar da França, sir Claude, lhe dará, creio eu, coragem de negar que o senhor simplesmente tem medo dela!”

Ah, mas desta vez ele ficou mesmo com uma expressão esquisita; Maisie nem sequer precisava do vocabulário de Susan para percebê-lo! Teria percebido o fato por conta própria ao vê-lo, com a mão na porta, olhando primeiro para sua enteada, depois para a governanta, e por fim de volta para a menina. Enquanto fixavam-se em Maisie, ainda que por um breve instante, seus olhos traíram algo que tentaram explicar em seguida. Mas seus lábios não explicaram nada; apenas reconheceram: “É verdade; eu simplesmente tenho medo dela!”. Abriu a porta e saiu.

Isso fez Maisie lembrar-se de que uma vez ele confessara ter medo de Ida; nesse caso, sua madrasta era a segunda mulher com relação a quem lhe faltava a virtude específica que mais caracterizava um cavalheiro. Na verdade, era a terceira, se contasse com a sra. Wix, diante de quem ele visivelmente estremeceu. Mas aquela falta de coragem atiçava ainda mais nela os sentimentos de ternura. Para senti-los com toda a força, bastava-lhe lembrar-se de todas as senhoras que já lhe haviam metido medo.

Continuou chovendo tanto que o sonho acalentado por nossa amiga, de explicar o continente para sua visita, precisou ser adaptado de modo a levar em conta adequadamente a situação meteorológica. Naquela noite, diante da *table d'hôte*, Maisie ofereceu explicações várias: era a segunda vez que participava de tal cerimônia, e seria um desperdício de seu privilégio e um desdouro a seu vocabulário — o qual, na verdade, praticamente resumia-se a nomes de pratos — não estar pronta para ofuscar seus interlocutores com interpretações. Distraída e deslumbrada, a sra. Wix parecia confusa: aceitava a versão apresentada por sua aluna dos mistérios do menu de tal modo que a menina talvez o encarasse como a depressão de uma credulidade menos ciente de suas próprias necessidades do que de suas próprias limitações. Pouco depois — porém não muito antes da hora de deitar-se — Maisie mais uma vez viu-se diante da espécie diferente de programa que ela desaprovava. Subiram juntas para sua saleta enquanto sir Claude, afirmando que iria juntar-se a elas depois, ficou no andar de baixo para fumar e conversar com os velhos conhecidos que encontrava por toda parte. Havia proposto a suas amigas, à hora do café, que desfrutassem o *salon de lecture*, mas a sra. Wix replicou de imediato, e com certa ênfase, que a seu ver seus próprios aposentos lhe ofereceriam todos os confortos necessários. O que esses recintos ofereciam à boa senhora, Maisie observou de imediato, não era apenas o conforto dessa referência um tanto altissonante, a qual, já em imitação, em certa medida, da atitude de sua aluna, ela proclamou como se tivesse passado toda a sua vida em salões; mas também o de um duro sofá francês onde ela ficou sentada, olhando fixamente para o fraco lampião francês, por estar parado o relógio francês, como se medindo de algum modo o tempo que sir Claude levaria, de forma tão conspícua, para recolher-se. Sua atitude era uma maneira tão patente

de acusá-lo de permanecer fora de seu alcance que Maisie tentou distraí-la fazendo-lhe um relatório da curiosa reação de Susan ao assunto sobre o qual haviam conversado após o almoço. Maisie revelara à jovem, julgando agradá-la, o plano de levá-la de volta; no entanto, apesar de sua aversão aos costumes estrangeiros, por estranho que pareça, sua reação foi amuar-se ainda mais; de modo que, entre o propósito da sra. Wix de repatriá-la e o perceptível enrijecimento das costas da moça a menina percebeu a necessidade de uma dupla intervenção e a existência de mais campo de ação para forças pacificadoras.

Essas forças de pouco valeram, era bem verdade, no sentido de dissipar da mente da sra. Wix a imagem da obstinação inquebrantável de sir Claude, que sempre transparecia nas pausas da conversação e que ele próprio, após atrasos inegáveis, por fim tornou ainda mais horrenda ao entrar de supetão — já eram quase dez horas — exibindo um objeto em sua mão. Maisie já sabia de que se tratava antes mesmo de ele falar; sabia, ao menos, com base na percepção subjacente de tudo o que, desde aquela hora passada com seu pai após a exposição, não acontecera para reinstaurar o sr. Farange — sabia que representava um triunfo para a sra. Beale. Bastou-lhe ver a expressão no rosto de sir Claude agora para que de imediato ela soltasse, através de sua última impressão do sr. Farange, um prumo que chegou a profundezas ainda mais recônditas do que a segurança daqueles dias de fuga. Ela envolvera aquela impressão em silêncio — um silêncio que abria mão de metade de seu véu para cobrir também, desde o momento em que surgira sir Claude, a imagem da esposa do sr. Farange. Mas se o objeto que sir Claude exibia com o braço estendido para o alto era uma carta, havia algo naquele movimento que mais uma vez desnudava a sra. Beale. “Vejam só!”, exclamou ele, tão logo entrou, brandindo o troféu para elas e olhando ora para uma, ora para outra. Então caminhou em direção à sra. Wix; ele havia retirado duas folhas do envelope e olhou-as de relance mais uma vez para ver qual era qual. Entregou uma, aberta, à sra. Wix. “Leia.” Ela dirigiu-lhe um olhar intenso, como se de medo; era impossível não perceber que sir Claude estava agitado. Então ela tomou a carta e começou a ler, mas não foi seu rosto que Maisie observou nesse ínterim.

Tampouco sir Claude fixou a vista nesse objeto: diante do fogo, mais tranquilo, agora que havia agido, ele comungou em silêncio com sua enteada.

Na verdade, o silêncio foi logo interrompido; a sra. Wix pôs-se de pé com a violência do som que emitiu. A carta caíra-lhe das mãos no chão; seu rosto estava lívido e ela não conseguia falar. Por fim exclamou: “É abominável... é nefando!”.

“Encantador, não é?”, indagou sir Claude. “Acaba de chegar, em anexo a uma carta que ela escreveu. Ela a envia a mim dizendo que qualquer comentário seria supérfluo. É verdade. Nada mais há a dizer.”

“Ela não devia enviar um coisa horrível como essa”, disse a sra. Wix. “Devia queimá-la na mesma hora.”

“Minha cara, ela não é boba! É de fato uma preciosidade.” Voltou um olhar complacente para o papel, que já havia pegado no chão, e uma luz acendeu-se em seu rosto. “Um documento como este”, observou, e em seguida concluiu, baixando a voz um pouco: “um documento como este, em suma, é uma prova!”

“Uma prova de quê?”

“Uma prova que pode ser utilizada num processo.”

“Aberto por ela?” A voz da sra. Wix de súbito tornara-se sarcástica. “O que pode *ela* fazer?”

Sir Claude pensou. “Como pode ela livrar-se dele? Ora, ela já se livrou dele.”

“Não legalmente.” Nunca a sra. Wix olhara para sua aluna com uma expressão que exprimia de modo tão enfático que ela sabia do que estava falando.

“Lá isto é”, disse sir Claude, rindo, “mas está em tão boa situação quanto eu!”

“Para poder pedir o divórcio? É justamente sua impossibilidade de fazer tal coisa que torna escandalosa sua relação com ela. Assim sendo, é a mesma impossibilidade dela que torna escandalosa a relação *dela* com o senhor. É só isso que afirmo!” A sra. Wix encerrou sua argumentação com um verdadeiro relincho de batalha. Ah, mas ela sabia, sim, do que estava falando!

Enquanto isso, Maisie dirigira um apelo silencioso a sir Claude, que julgava mais fácil enfrentar o que a menina não dizia do que o que a sra. Wix dizia.

“É uma carta de seu pai à senhora Beale, minha cara, escrita de Spa, tornando a ruptura entre eles absolutamente irrevogável. É uma comunicação, em linguagem não muito bonita, de abandono do lar, para usar o termo técnico. Com isso ele põe fim para todo o sempre às relações entre os dois.” Correu os olhos pela carta de novo e pareceu tomar uma decisão. “Na verdade, ela de tal modo diz respeito a você, Maisie, e refere-se à sua pessoa em termos tão específicos, que acho melhor ver com seus próprios olhos de que modo esta nova situação foi criada.” E estendeu-lhe a carta.

Neste momento, a sra. Wix saltou sobre a missiva, agarrou-a tão depressa que Maisie nem sequer teve tempo de sentir medo de vê-la. Enfiando-a atrás do próprio corpo na mesma hora, a sra. Wix voltou um olhar feroz para sir Claude. “Vê-la, desgraçado? Deixar uma criança inocente *ver* uma coisa dessas? O senhor deve estar louco, e enquanto eu estiver aqui ela não há de ver coisa alguma!”

A ousadia do ato da sra. Wix teve o efeito de fazê-lo corar — ele chegou a ficar com um ar um tanto parvo. “A senhora acha feio demais, é? Mas é justamente porque é tão feio que me pareceu que seria instrutivo para ela.”

Maisie fez justiça às verdadeiras intenções de sir Claude, e assim não pôde intervir de modo enfático. Sorriu para ele. “Garanto ao senhor que acredito que é mesmo muito feio!” Pensou em dizer algo, conteve-se por um instante, depois falou. “Eu sei o que está escrito nela!”

Ele, é claro, caiu na gargalhada e, enquanto a sra. Wix gemia um “Meu Deus!”, respondeu: “Você não diria isso, rapaz, se soubesse de fato! O que quero dizer”, prosseguiu, dirigindo-se à sra. Wix, com uma tranquilidade já restabelecida, “o que quero dizer é simplesmente que com essa carta a senhora Beale está livre.”

Ela só hesitou por um instante. “Livre para viver com o *senhor*?”

“Livre para não viver, para não ter que fingir que vive, com o marido.”

“Ah, são duas coisas muito diferentes!” — uma verdade para a confirmação da qual ela buscou, com um olhar orgulhoso e incoerente, a anuência da criança.

Antes, porém, que Maisie pudesse manifestar-se, tomou a palavra sir Claude, que, parado diante da visita com uma expressão entre melancólica e persuasiva, esfregava a mão com força na nuca. “Então por que cargas d’água a senhora afirma — e afirma, ousado dizer, com tanto entusiasmo — que, graças à fuga de minha amada esposa, eu estou livre?”

A sra. Wix enfrentou esse desafio primeiro com o silêncio, depois com a mais extraordinária, a mais inesperada, das reações. Maisie quase não pôde acreditar no que via quando se deu conta de que a boa senhora, com a qual ela jamais associara o mais tênue conhecimento da arte da provocação, deu em sir Claude, após fazer uma careta, acompanhado de um riso insinuante e malicioso, um tapinha. “Seu desgraçado — sabe muito *bem* por quê!” E virou-se para o outro lado. O rosto que, depois desse gesto, sir Claude exibiu a sua enteada permaneceria na memória dela como a própria imagem da estupefação; porém os dois não tiveram tempo de trocar uma manifestação de hilaridade ou preocupação, pois logo em seguida a outra voltou à carga. De fato, começara a dar mostras de uma variedade infinita de atitudes e comportamentos imprevistos e mais depressa ainda do que antes mudou de tom. “O senhor me trouxe esta coisa como pretexto para voltar lá?”

Sir Claude respirou fundo. “Não posso, depois de tal notícia, deixar de ir lá; é uma questão de cortesia, de humanidade. Minha cara senhora, não é possível livrar-se de uma mulher assim, ainda mais no momento em que ela foi mais insultada e humilhada. Que diabo, a gente tem que ser cavalheiro, minha cara senhora Wix. Não viemos para cá, nós dois, para ficar, a senhora sabe: foi só para nos ausentarmos por alguns dias, para provar a quem interessar possa que estamos jogando à vera. É justamente porque estamos jogando à vera que não precisamos ficar tão cheios de escrúpulos. Quer dizer, que não precisamos ter tanto medo.” Sua argumentação era vivaz, firme, e Maisie, que contava suas palavras, estava mais preparada do que nunca para engolir de uma só vez aquelas que, logo em seguida, ela

percebia vir seguidas de uma pausa, para que fosse possível responder-lhes. “Não viemos para cá, minha velha”, disse ele agora, apelando diretamente para a menina, “para ficar por aqui para sempre, não é?”

Maisie sempre tivera consciência de que, por ele, era capaz de gestos heróicos. “Ah, não!” Era como se só de pensar nisso ficasse horrorizada. “Estamos só dando tempo ao tempo.” Teve uma inspiração súbita, que reforçou com um sorriso. “Estamos só tentando economizar um pouco.” Jamais, em toda a sua vida, reivindicara nada para si, mas desta vez esperava, francamente, que o que estava fazendo de algum modo lhe valesse de crédito. De fato, tinha a impressão que era assim que sir Claude encarava sua conduta, embora temesse olhar para ele — não queria mostrar-lhe lágrimas. Olhou para a sra. Wix; chegou ao máximo de que era capaz. “Acho que não devo ser má com a senhora Beale.”

Tão logo disse essas palavras, ouviu um som grave, algo inarticulado e carinhoso vindo de sir Claude; porém a sra. Wix não teve pejo de exhibir suas lágrimas. “E acha que deve ser má *comigo*?” A pergunta foi ainda mais desconcertante por não perder a sra. Wix, apesar da emoção que a dominava, a vantagem do impacto que causara. “Se for ter com aquela mulher de novo, o senhor estará perdido!”, declarou ela para seu amigo.

Sir Claude contemplou o globo do lampião, redondo como a lua; deu a impressão de ver por um momento o que representaria o fato de ir ter com a sra. Beale. Foi também, ao que parecia, essa visão que lhe deu forças para replicar: “A situação dela, após o que aconteceu, modificou-se por completo; e é inútil a senhora tentar provar para mim que não devo levar esse fato em conta”.

“Se for ter com aquela mulher de novo, o senhor estará perdido!”, repetiu a sra. Wix com mais força ainda.

“A senhora acha que ela não vai me deixar voltar para cá? Minha cara senhora, deixo-as aqui, a senhora e Maisie, a sós nesta terra estrangeira, e prometo por tudo que há de sagrado que estarei de volta no sábado, o mais tardar. Dou-lhes dinheiro; deixo-as instaladas neste belo apartamento; digo às pessoas do hotel que tratem de vocês com todas as atenções e lhes forneçam todos os luxos. Depois desta chuva, o tempo há de melhorar; certamente ficará magnífico. Vocês duas

terão total liberdade de ir aonde bem entenderem e divertirem-se à grande. Haverá uma carruagem a sua disposição; todos os empregados estarão às suas ordens. Vou deixá-las numa situação magnífica.” Fez uma pausa, olhou para uma e para a outra, como se para ver a impressão que havia causado. Quer a julgasse adequada ou não, acrescentou, após um momento: “Em troca, peço-lhes apenas que não me criem problemas”.

Maisie só sabia da impressão que fora causada nela própria, mas apesar de todo o rigor da sra. Wix, de seu coração desprendeuse uma débil fragrância de concessão vergonhosa. Maisie encontrou a palavra apropriada, sem articulá-la, para designar o efeito daquela falação, o encantamento irresistível da sinceridade deslumbrante de sir Claude; e antes que pudesse fazer outra coisa que não piscar diante daquela luz excessiva, ouviu a palavra exata saindo dos lábios da sra. Wix, como se a pobre mulher a tivesse adivinhado e desejasse, arrancando-a da menina, destroçá-la como quem amassa uma flor. “O senhor é terrível, é monstruoso, pois sabe muito bem o que representa para mim dirigir-me palavras tão principescas!” Pois era justamente um príncipe que ele parecia, era como um príncipe que falava; naquele momento, a adoração de Maisie resumia-se a vê-lo como um príncipe. No entanto — coisa curiosa —, à medida que a sra. Wix continuava a falar, dentro de Maisie soou um eco que lembrava o eco que ela própria acabava de produzir. “Deve ser enorme sua vontade de vê-la, para que o senhor diga tais coisas e esteja disposto a fazer tanto por duas pobrezinhas como Maisie e eu! Ela tem poder sobre o senhor, e o senhor sabe disso, e quer voltar a senti-lo, e — Deus sabe, ou ao menos eu sei, qual a sua intenção e qual o seu desejo — gozá-lo, e entregar-se a ele! Pouco importa que seja um dia ou três: por pouco que seja, será uma festa, e as horas deliciosas que passarão juntos têm um preço que o senhor está disposto a pagar! Sei que o senhor gostaria que eu acreditasse que o preço é convencê-la a abrir mão do senhor; mas quanto a isso, ouça o que digo, é melhor não colocar seu dinheiro de antemão. Abra mão dela *o senhor* antes de tudo. Depois pague-lhe o que bem entender!”

Sir Claude ouviu tudo isso até o fim, embora houvesse coisas que o fizeram corar, que estamparam em seu rosto uma apreensão, maior do

que Maisie jamais percebera nele, de um tipo específico de choque. A menina tinha a curiosa impressão de que era a primeira vez em sua vida que via alguém que não a sra. Wix escandalizar-se de verdade, o que veio reforçar a inferência, cada vez mais pronunciada, de que a sra. Wix estava revelando-se uma força maior do que ela e ele haviam previsto. Era bem verdade que, de longa data, sua governanta exercia um certo “controle”, como ela dizia, diferente em espécie do que era exercido pela sra. Beale e, antes, por milady. Porém Maisie sentia agora, tal como sir Claude, que ele jamais imaginara que esse poder seria exercido de modo tão categórico. Ah, ainda estavam longe de ver de quanto a sra. Wix era capaz, pois no instante seguinte ela exerceu seu poder com mais ênfase ainda. Isso em consequência de sir Claude ter dito, num tom um tanto seco, porém de modo tão delicado que Maisie comoveu-se com sua paciência: “Minha cara amiga, trata-se de uma questão na qual preciso julgar as coisas por mim mesmo. A senhora tem julgado por *mim*, sei disso, muita coisa ultimamente, e dou-lhe crédito, eu lhe asseguro. Mas a senhora não pode fazer isso sempre; ninguém pode fazê-lo por outro em todos os casos, a senhora não entende? Há exceções, casos específicos que surgem e que são bastante delicados. Seria muito cômodo para mim deixar tudo a seu cargo: seria permitir que a senhora assumisse uma responsabilidade tal que terminaria por envergonhar-me. Não tenho dúvida de que a senhora acabará constatando que terá tanta responsabilidade quanto quiser se tiver a bondade de aceitar a sua situação tal como lhe impõem as circunstâncias, e ficar aqui com nossa amiga até minha volta, com tanta boa vontade e tanto conforto — e, creio ter o direito de acrescentar, a vocês duas, com tanta fé em *mim* — quanto possível”.

Ah, mas ele era mesmo principesco: isso foi ficando mais e mais claro a cada palavra que ele dizia e com o modo específico como as dizia, e Maisie sentia que sua interlocutora endurecia de tanta angústia, lutando contra a força do encantamento que ele exercia, e depois lançava-se, como uma defesa desesperada, na pobreza confessa da violência, da iteração. “O senhor tem medo dela — medo, medo, medo! Ah, meu Deus, meu Deus, meu Deus!” A sra. Wix gemeu com voz aguda e trêmula, e depois explodiu num estremecimento de

impotência e infelicidade. Em seguida, jogou-se de novo no sofá magro e irrompeu num choro feroz.

Sir Claude permaneceu imóvel e olhou para ela por um momento; sacudiu a cabeça devagar, com muita ternura. “Já admiti esse ponto — morro de medo dela; assim, essa questão não se discute mais. Acho melhor a senhora deitar-se”, acrescentou; “foi um dia tremendo, e a senhora deve estar morta de cansaço. Não é preciso que vocês duas se ocupem de minha partida amanhã. Há um barco que sai bem cedo; quando acordarem, já terei ido embora; além do mais, desse modo poderei ser mais direto e eficaz, disso não tenho dúvida, com a nossa senhorita Ash, que é altiva mas não é um caso totalmente perdido.” Virou-se para sua enteada como se para despedir-se dela e ao mesmo tempo indicar-lhe que, com todas as tensões e atritos, ainda estavam de tal modo unidos que ela, ao menos, não tinha por que se preocupar. “Maisie, meu rapaz!” E abriu os braços para ela. Com sua leveza culpável, a menina jogou-se neles e, enquanto o padraсто a beijava, escolheu o suave método do silêncio para satisfazê-lo, o silêncio que, após batalhas verbais, era o melhor bálsamo que podia verter sobre suas feridas. Ficaram abraçados tempo suficiente para reafirmar de modo intenso suas juras; depois foram quase obrigados a separar-se pelo gesto da sra. Wix, que se pôs de pé com um salto.

Este salto, resultante de um rápido recobrar de forças ou de um derradeiro lampejo de coragem, foi seguido de uma súplica quase abjeta. “Eu lhe imploro que não dê um passo tão desgraçado e fatal. Conheço-a muito bem — pode rir de mim por dizê-lo; ainda que a tenha visto pouco, eu a conheço, sim. Sei o que ela vai fazer — é como se a estivesse vendo agora mesmo. Como o senhor tem medo dela, estará à mercê dos céus. Pelo amor de Deus, não tenha medo de demonstrá-lo, de usar esse medo para obter a segurança que ele lhe dá. *Eu* não tenho medo dela, asseguro-lhe; o senhor mesmo já deve ter percebido que agora não tenho mais medo de nada. Deixe que eu vá ter com ela — *eu* resolvo tudo e levo aquela moça de volta sã e salva. Dê-me dois ou três dias — deixe-me dar um fim a essa relação. O senhor fique aqui com Maisie, com a carruagem, o lazer e o luxo; depois eu volto para cá e vamos embora juntos — viveremos juntos em perfeita harmonia. Fique comigo, fique comigo” — ela prosseguia

sem parar; a maré de sua eloquência estava alta. “Eis-me aqui; eu sei o que sou e o que não sou; mas não tenho medo de dizer diante de vocês dois que serei melhor para vocês, muito melhor do que ela sequer pensaria em ser. Digo isso ao senhor, sir Claude, muito embora eu lhe deva as roupas que uso, os sapatos que tenho nos pés. Devo-lhe tudo — é justamente essa a razão; e para pagar essa dívida, com abundância, que posso fazer senão o que peço? Eis-me aqui, eis-me aqui!” Ela espalhava-se numa exibição que, combinada com sua intensidade e seus adornos, parecia oferecê-la para estranhos ritos e devoções, para substituições ridículas. Ela manipulava o vestido enquanto falava, insistia em suas dívidas. “Não tenho nada de meu, bem o sei — nem dinheiro, nem roupas, nem beleza, nem nada, só esta pequena verdade, que é tudo que tenho para suborná-lo: vocês dois são mais para mim do que todo o resto, e se me deixarem ajudá-los e salvá-los, realizar o que desejam da única maneira possível, hei de matar-me de tanto trabalhar para vocês!”

Sir Claude permaneceu parado, a balançar-se de leve, sem responder a esse apelo magnífico; via-se claramente que tentava encontrar uma resposta, com muita tensão e sofrimento. Porém nesta sua busca limitava-se a olhar em volta para nada em particular, até reencontrar, como o fazia com tanta frequência e de modo tão ativo, os olhos mais que filiais de sua esperta enteada. Era o que proporcionava a ele — pobre homem, maleável e dependente — uma saída. Se ainda era criança, por ser menina podia ajudá-lo. Foi o que sir Claude exprimiu ao abrir os braços mais uma vez para ela. Maisie mais uma vez correu até ele, e os dois conversavam de modo inaudível. “Seja boa para ela, seja boa para ela”, ele por fim conseguiu dizer, “seja boa para ela, mais até do que tem sido para *mim!*” E, com essas palavras, sem voltar a olhar para a sra. Wix, conseguiu sair do quarto, deixando Maisie um pouco oprimida por essas palavras e pela ideia de que mais uma vez, sem dúvida alguma, ele havia se esquivado.

Todas as coisas que sir Claude profetizara se realizaram de tal modo que era razoável supor que o mesmo se daria com as coisas que ele havia praticamente prometido. O que havia se comprometido a fazer, ele cumprira à risca, inclusive sua garantia de que daria um jeito no problema da srta. Ash. Despertada ao amanhecer e abraçada com veemência por essa interessante exilada, Maisie voltou a deitar-se com admiração renovada pela política adotada por seu padasto, um memento da qual, quando, mais tarde, ela levantou-se para vestir-se, reluzia no tapete: uma moeda de seis pence que transbordara dos pertences de Susan. E dinheiro, aliás, durante as quarenta e oito horas que se seguiram, parecia abundar em sua vida; chegou a computar, em sua fantasia, a quantia que teria financiado aquele período de lazer. O número não foi anotado, ela observou, como parte de uma vingança dirigida a sir Claude que se concretizasse, da parte da sra. Wix, como uma recusa em usufruir os confortos que ele instituía com tanta ênfase. Na verdade, era impossível esquivar-se deles; como dizia a própria senhora em questão, era ridículo andar a pé quando havia uma carruagem saltitando à porta. Tudo ao redor delas saltitava: até mesmo os garçons ao apresentar-lhes os pratos, dos quais, movida por uma consciência análoga do absurdo da incoerência, a sra. Wix servia-se com uma liberalidade que Maisie interpretou como indicadora tanto de sua fome quanto de sua lógica. Seu apetite servia, para sua amiga, como sinal de muitas coisas diversas e atestava tanto sua situação geral quanto a particular. A sra. Wix devia ao próprio estômago muitíssimas refeições, e era tocante constatar que sua paixão moral ardera tão pura mesmo em tal estado de privação alimentar. Ela comia em parte para combater a depressão, e no entanto a oportunidade de comer era apenas um sinal dos sintomas sinistros que a deprimiam. A situação, em suma, era um combate, no

qual triunfava o elemento mais vil, entre sua recusa em ser comprada e sua aceitação das roupas e alimentos que lhe eram oferecidos. Fosse como fosse, era inegável que sua situação na França era confortável, tanto assim que Maisie sentia-se livre para aceitar sem questionar toda a sensação de segurança e deixar de lado todos os perigos. Era assim que ela cumpria ao pé da letra a ordem de sir Claude de ser “boa”; era assim, também, que contemplava os prazeres da vida no estrangeiro olhando por cima da cabeça de toda e qualquer dúvida.

Por fim, todas as dúvidas foram minguando à medida que o tempo firmou: o tempo teve um efeito imenso sobre elas, e ficou tão bom quanto sir Claude havia prometido. Era tão nítida a impressão de que esse cavalheiro tinha acesso ao segredo das coisas, e que a alegria do mundo se interpusera no caminho de suas amigas, que pouco a pouco a esperança infundiu o ar e terminou tomando conta de todo o cenário. Era magnífico passear junto ao longo penhasco, mas era talvez ainda melhor caminhar devagarinho pela sombra — pois o sol estava forte — pelo porto cheio de cores e olores, por ruas onde, para olhos ingleses, tudo que era igual era um mistério e tudo que era diferente era engraçado. O melhor de tudo era prolongar a caminhada pela Grand’ Rue até o portão da *haute ville* e, passando por ele, subir até o velho bastião torto, com suas árvores enfileiradas, recantos silenciosos e bancos simpáticos onde velhas morenas, de toucas com babados brancos e grandes brincos de ouro, ficavam a tricotar ou dormir, casinhas de fachadas amarelas onde pareciam morar usurários ou padres, e o *château* escuro, onde soldadinhos ociosos guardavam a ponte que atravessava o fosso vazio e roupas militares secavam dependuradas das janelas das torres. Esse trecho da cidade fazia Maisie perguntar-se se não teria sido mais ou menos assim a Idade Média; e como dava-lhe mais prazer do que consternação verificar, e não pela primeira vez, os limites da imaginação histórica da sra. Wix, isso tinha o efeito de aumentar ainda mais o repertório de informações que a menina julgava ser sua missão atual ministrar. Ficaram sentadas lado a lado no velho bastião cinzento; de lá contemplavam a cidadezinha nova, que lhes parecia tão antiga quanto a velha, e a grande cúpula e a alta Virgem dourada da igreja que, elas concluíram, devia ser famosa, e as agradava por ser tão diferente de

todas as igrejas que já haviam frequentado. Mais tarde chegaram a entrar nesse templo, e a sra. Wix confessou que talvez tivesse cometido um erro fatal quando pequena: não ser católica. Essa confissão fez com que Maisie, por sua vez, ficasse a imaginar, um tanto interessada, com que idade fechava-se a porta que tornava impossível corrigir esse erro. Voltaram ao bastião na segunda manhã — o lugar que parecia ser o ponto mais distante por elas atingido naquela viagem que iria separá-las de tudo que havia de desagradável no passado: isso renovava-lhes a impressão que fora mais responsável pela confiança que haviam atingido, uma confiança que, da parte de Maisie, era fruto de uma determinação e que, como ela percebia, da parte de sua amiga era nascida do desespero. Ela passara tantas horas mostrando coisas à sra. Wix que demorou a dar-se conta de que, enquanto isso, a outra tentava fazer o mesmo com relação a ela. Porém bastou perceber esse fato para que a coisa passasse a se dar depressa, quando então assumiu seu lugar na sua visão geral e costumeira do fenômeno específico que, se ela sentisse necessidade de designá-lo com palavras, Maisie teria talvez chamado de sua relação pessoal com seu conhecimento. Essa relação nunca fora tão intensa quanto durante o período em que ela e sua velha governanta aguardavam a volta de sir Claude, e o que a tornou intensa foi justamente a impressão que lhe dava a sra. Wix de estar suspeitando coisas novas a respeito do que ela sabia. A velha senhora nunca tivera uma suspeita — disso não havia dúvida — de tal modo calculada para fazer com que sua aluna, apesar da união maior que havia entre elas nessas horas de aventura, assumisse uma postura profundamente defensiva. De fato, a menina adivinhou tantas maravilhas quanto havia adivinhado durante a fuga para Folkestone; e se, na companhia de sir Claude naquela ocasião, a implicação constante era a sra. Wix, agora, ao lado desta senhora, durante essas horas, sir Claude era — em particular durante as longas pausas — o tema perpétuo, inevitável. Levou-as de volta ao tempo em que ele, recém-casado, ocupava um lugar especial na sala de aula durante aquela crise de amor e dor; só que ele próprio havia inflado até proporções muito maiores o balão da consciência que então representava.

Relembrou tudo isso e, à medida que o intervalo se prolongava, arrastando-se sob o peso de seu próprio encantamento, elas reviveram, apesar das defesas e suspeitas, tudo. A apreensão intensificada que tinham do futuro pulsava como um relógio a tiquetaquear; porém tratava-se de um relógio que, inevitavelmente, na melhor das hipóteses, só assinalava a hora com um som portentoso de vez em quando. Ah, houve alguns bons momentos assim, e alguns muito maus junto à velha muralha da cidade, onde tudo inspirava paz. Não havia nada que Maisie desejasse tanto quanto ser boa para a sra. Wix, tal como queria sir Claude; mas por estar essa intenção em harmonia com seu instinto inveterado de manter a paz, o próprio instinto foi intensificado e, logo em seguida, encontrou outro campo de atuação. Assim foi que, de saída, Maisie ocasionou a complicação que mais tentava evitar. O que fizera, em essência, durante aqueles dias fora traduzir o não dito em palavras; de modo que, com o acúmulo de traduções, ficou cada vez mais claro para ela que o não dito, e indizível, era o total sacrifício da sra. Beale. Havia ocasiões em que cada minuto em que se prolongava a ausência de sir Claude era mais um prego no caixão da sra. Beale. Isso trouxe de volta à mente de Maisie — de modo indireto — a beleza e a antiguidade de sua relação com a flor dos Overmore, bem como a graça e beleza da senhora em questão, seu encanto e sua inteligência peculiares, até mesmo suas tribulações peculiares. Mil coisas zumbiam-lhe no fundo da consciência, mas duas delas eram bem simples. A sra. Beale era, afinal de contas, nada menos que sua madrasta, e portanto sua parenta. Era portanto — e em parte por esse mesmo motivo — a amiga mais íntima de sir Claude; assim sendo, o que a sra. Wix pedia-lhes que abandonassem de modo definitivo era, para um deles, uma amiga querida e, para a outra, a esposa de seu pai. Curiosamente, de um modo indescritível, a percepção dessas razões vinha acompanhada de uma sensação de perigo; mas havia em Maisie algo que, sem um supremo esforço para não ser mesquinha, não conseguia aceitar aquelas razões sem questioná-las. O que tudo isso significa para nós é, talvez, que ainda restava em Maisie, por mais deserdada e abandonada que fosse sua situação, um eco da influência de seus pais — ela ainda se lembrava de uma das lições sagradas do lar. Era a

única que conservava, porém felizmente conservava-a com força. Em suma, ela mantinha a visão inabalável de que havia coisas que, por fazê-las ou por deixar de fazê-las, seu pai chamava sua mãe de “vil traidora”, e sua mãe chamava seu pai de “vil traidor”. Agora essa memória tão viva dava-lhe um nome que ela temia merecer ouvir dos lábios da sra. Beale: ela estremeceria se o ouvisse. A própria delícia daquela sua vida no estrangeiro aumentava, a cada hora adicional da ausência de sir Claude, a possibilidade de tais sofrimentos. Ao lado da sra. Wix, Maisie contemplava a grande Madona dourada, e uma das velhas de brincos de ouro que estava sentada na extremidade do banco em que elas se encontravam levantou-se e foi-se afastando devagar.

“*Adieu mesdames!*”, disse a anciã, com uma vozinha polida e trêmula — uma cortesia que de tal modo comoveu nossas amigas que ambas levantaram-se e quase chegaram a fazer-lhe mesuras. Em seguida voltaram a sentar-se, e foi pouco depois, em meio ao zumbido estival de insetos franceses e num momento de devaneios quase sonolentos, que Maisie teve mais nítida a visão do que seria excluir de tal perspectiva uma participante tão atraente. Essa visão jamais aparecera tão imensa quanto neste momento, diante de estátuas brilhando no azul e formas românticas de cortesia.

“Mas por que, afinal, temos de escolher entre vocês duas? Por que não podemos ficar juntos os quatro?”, ela perguntou por fim.

A sra. Wix sacudiu-se de repente como uma pessoa arrancada do sono, ou como quem, agitando uma bandeira de paz, ouve o zunido de uma bala passar junto a seu ouvido. Sua estupefação, diante dessa violação do cessar-fogo, fê-la adiar por um momento sua resposta. “Quatro indecências juntas? Porque duas de nós somos gente decente! Você realmente está dizendo que gostaria que eu ficasse com vocês mesmo que aquela mulher fosse capaz de...?”

Maisie interrompeu-a antes que ela pudesse especificar as capacidades da sra. Beale. “Ficar como *minha* acompanhante. Tal como a senhora ficou na casa da mamãe. A senhora Beale deixaria a senhora ficar, sim!”, disse a criança.

A esta altura, a sra. Wix já havia empunhado de novo suas armas. “E quem, eu gostaria de saber, deixaria a senhora Beale ficar? Você

está dizendo, sua pobrezinha, que *você* deixaria?”

“Por que não, se ela agora está livre?”

“Livre? Você está imitando a *ele*? Bem, se sir Claude já tem idade para ter juízo, creio que o melhor é tratá-la como se você também tivesse. E você vai mesmo ter que ter juízo, se é assim que pretende se comportar.” A sra. Wix nunca antes fora tão ríspida; por outro lado, porém, Maisie sentiu que ela própria jamais parecera tão obstinada. O que, no entanto, havia por trás de tudo aquilo proporcionava-lhe mais espanto que raiva; sentia que ainda podia insistir — não para contradizer a outra, mas para acalmá-la. Neste ínterim, sua obstinação continuou a provocar sua amiga, que retomou outra vez a palavra que mais a indignara. “Livre, livre, livre? Se ela tem tanta liberdade quanto você está tomando, minha cara, então não há dúvida de que ela é livre!”

“Quanto eu...?”, arriscou Maisie, após refletir e pesar o que havia de portentoso nisso.

“Ora”, disse a sra. Wix, “ninguém é livre, você sabe, para cometer um crime.”

“Um crime!” A palavra saiu de tal modo que a criança foi levada a repeti-la.

“Você estaria cometendo um crime tão grande quanto eles — e eu também — se fôssemos coniventes com a imoralidade dos dois.”

Maisie esperou um pouco; aquele argumento parecia ferozmente decisivo. “Imoralidade por quê?”, perguntou, não obstante, em seguida.

Sua amiga retrucou com uma repreensão mais suave por ser, de algum modo, mais profunda. “Você é inacreditável! Sabe do que estamos falando?”

Como seu objetivo era acalmar, Maisie julgou que era importante, mais que tudo, deixar as coisas bem claras. “Decerto; trata-se de os dois aproveitarem sua liberdade.”

“Para fazer o quê?”

“Ora, para viverem conosco.”

Em resposta, a sra. Wix deu uma gargalhada selvagem.

“‘Conosco?’ Obrigada!”

“Então, para viver *comigo*.”

Essas palavras fizeram sua amiga dar um salto. “Você abre mão de mim? Rompe comigo para sempre? Abandona-me no olho da rua?”

Maisie, embora mal contendo uma exclamação, resistiu à chuva de desafios. “A meu ver, são essas coisas que a senhora está disposta a fazer *comigo*.”

A sra. Wix fez pouco da bravura da outra. “Prometo-lhe que, faça o que fizer, eu jamais a perderei de vista! Você me pergunta por que é imoralidade, embora tenha visto com seus próprios olhos que sir Claude tem tanta consciência dessa imoralidade que, para não obrigá-la a conviver com tal vergonha, preferiu passar meses longe de você? Será que você não entende que a primeira vez que ele tenta cumprir seu dever ele se livra *dela* — leva você para longe dela?”

Maisie pensou no que a outra disse, porém mais para demonstrar consideração por ela do que por estar sendo movida por qualquer impulso no sentido de ceder com facilidade. “Entendo o que a senhora quer dizer. Mas naquela época eles não estavam livres.” Sentiu que a sra. Wix reagia de novo àquela palavra ofensiva, mas conseguiu tocá-la com uma mão apaziguadora. “Acho que a senhora não entendeu o quanto eles estão livres agora.”

“Creio que sei ao menos tanto quanto você!”

Maisie sentiu um escrúpulo, porém venceu-o. “A respeito da condessa?”

“A... tentadora de seu pai?” A sra. Wix olhou-a de esguelha. “Sei muito bem. Ela o sustenta!”

“Ah, é?” Diante disso, a menina desanimou: parecia dar razão ao comportamento de seu pai e torná-lo mais justificável. Ela queria ser justa. “Não digo que ela não seja generosa. Comigo ela foi.”

“Como assim, com você?”

“Ela me deu muito dinheiro.”

A sra. Wix arregalou os olhos. “E, diga-me, o que você fez com esse dinheiro todo?”

“Dei-o à senhora Beale.”

“E o que a senhora Beale fez com ele?”

“Devolveu-o.”

“À condessa? Pois sim!”, disse a sra. Wix. Despachou tal possibilidade de modo tão categórico quanto o fizera Susan Ash.

“Ah, pouco se me dá!”, respondeu Maisie. “O que estou dizendo é que a senhora não sabe do resto.”

“Do resto? Que resto?”

Maisie pensou na melhor maneira de dizê-lo. “O papai segurou-me lá por uma hora.”

“Eu sei, sim — sir Claude me contou. A senhora Beale disse a ele.”

O rosto de Maisie exprimia incredulidade. “Como pôde dizer-lhe, se eu não contei para ela?”

A sra. Wix estava perplexa. “Não contou o quê?”

“Que a condessa é pavorosa.”

“A condessa? É claro que ela é pavorosa!”, retrucou a sra. Wix. Após um momento, acrescentou: “É por isso que ela o sustenta”.

Maisie pensou. “Então, é a melhor coisa que se pode dizer sobre ela — se ela dá a meu pai tanto quanto deu a mim.”

“Pois não é a melhor coisa que se pode dizer sobre *ele*! Ou, talvez, até seja!”, acrescentou a sra. Wix.

“Mas ela é medonha — é medonha mesmo”, prosseguiu Maisie.

A sra. Wix interrompeu-a. “Não precisa entrar em detalhes!” Numa atitude de total incoerência com essa injunção, perguntou em seguida: “E por que isso torna mais aceitável a situação?”.

“De eles viverem comigo? Ora, porque por causa da condessa — apesar de ela ter bigodes! — meu pai deixou-me com eles. Eu o compreendo”, disse Maisie, profunda.

“Nesse caso, espero que ele a compreenda também. Porque eu não consigo compreendê-la!”, admitiu a sra. Wix.

Ela estava sem dúvida desafiando-a a falar mais claro, e nossa amiguinha de imediato atendeu-a. “Quer dizer, não é crime.”

“Então por que sir Claude roubou-a e trouxe-a para cá?”

“Ele não me roubou, apenas tomou-me emprestada. Eu sabia que não era por muito tempo”, afirmou Maisie, audaciosa.

“Quanto a isso, devo dizer”, exclamou a sra. Wix, “que você não sabia coisa alguma e que foi vergonhosa a sua atitude ontem à noite, quando em vez de me dar razão você fingiu descaradamente que sabia! Na verdade, você tinha esperança, tanto quanto eu tinha, e na insensatez de minha paixão ainda tenho, de que isso venha a ser o início de um tempo melhor.”

Ah, mas pela primeira vez a sra. Wix estava mesmo sendo ríspida; assim, por fim nossa heroína sentiu no peito o peso não tanto de lhe ser atribuída uma falsidade, mas de ser acusada precisamente da maldade que fizera tudo desabar sobre ela através do próprio desejo de proteger-se. Maisie sentiu de súbito uma onda passional de protesto crescer dentro de si. “Eu nunca, *nunca* desejei não ver mais a senhora Beale! Nunca, nunca, nunca!”, repetiu. A sra. Wix tateava em busca de uma réplica que fosse forte o bastante mas cuja potência ela pudesse calcular de antemão, e que, embora a boa senhora estivesse a ponto de explodir, ela conteve tempo suficiente para que a outra pudesse intensificar ainda mais o ataque: “Ela é linda e eu a adoro! Eu a adoro e ela é linda!”.

“E eu sou horrenda e você me odeia?” A sra. Wix olhou-a com firmeza por um instante, depois conteve-se. “Não vou agredi-la acusando-a frontalmente disso, muito embora não seja esta a primeira vez que me chamam de feia! Sei disso tão bem que, embora eu não tenha bigodes — tenho? —, sei que, sob outros aspectos, a condessa deve parecer uma Vênus comparada comigo! Portanto minhas pretensões devem lhe parecer monstruosas — o que significa que você não gosta de mim. Mas você está mesmo dizendo que *quer* viver com eles em pecado?”

“A senhora sabe o que eu quero, a senhora sabe o que eu quero!” As palavras de Maisie vinham entrecortadas do pranto que já se anunciava.

“Sei, sim; você quer que eu seja tão má quanto você! Pois não sou. Pronto! A senhora Beale é tão má quanto seu pai!”, prosseguiu a sra. Wix.

“Não é! Não é!”, sua aluna quase gritou em resposta.

“Porque sir Claude ao menos é belo, fino e inteligente? Mas ele a sustenta, tanto quanto a condessa sustenta seu pai!” A sra. Wix, levantando-se enquanto falava, revelou um cinismo latente.

Também Maisie levantou-se; sua amiga havia caminhado alguns passos, e então parou. As duas entreolharam-se como nunca antes o haviam feito, e a sra. Wix parecia exhibir suas belas roupas. “E ele não sustenta a senhora também?”, retrucou a menina, chorosa.

Isso fez a outra pular. “Ah, sua pestinha sem pai nem mãe!” Disse isso com um gemido violento, após o qual, com outra convulsão, afastou-se, caminhando pesadamente.

Maisie jogou-se no banco e pôs-se a soluçar.

Uma coisa tão terrível, é claro, não podia ser definitiva, nem mesmo perdurar por muitos minutos: logo elas estavam juntas outra vez, tão depressa que nenhuma das duas pôde imaginar que a outra estivesse guardando rancor, e embora seguissem para o hotel em silêncio, Maisie tinha a nítida impressão de que a mão de sua companheira se apoderara dela. De fato, nas últimas vinte e quatro horas aquela mão revelara uma capacidade inédita de exercer seu poder, e uma das verdades que a criança sentia ser mais inegável era a de que a sra. Wix adquirira agora uma certa grandeza. Sem dúvida, a qualidade de seus motivos superava a aspereza de seu jeito; e à tarde, quando saíram na carruagem, Maisie valeu-se do silêncio contemplativo daquele veículo grandioso para gozar a liberdade de sentir intensamente tanto a combinação dessas duas coisas quanto a singularidade de cada uma delas. Ainda estava viva nela a marca do tom em que sua amiga a ameaçara de nunca perdê-la de vista. Em suma, essa amiga, antes fraca, tornara-se forte; e era a luz de sua nova autoridade que revelava o quanto ela havia avançado. A ameaça em questão, ríspida e exultante, poderia ter gerado uma reação de desafio; porém, antes que uma coisa tão desagradável ocorresse, outro processo interveio de modo insidioso. O momento em que esse processo começou a amadurecer foi aquele em que a sra. Wix manifestou-se com uma dignidade à altura dos aposentos em que se encontravam e com uma vantagem mensurável já conquistada. Haviam pedido café depois do almoço, conforme sir Claude deixara combinado, e a bebida foi-lhes servida enquanto aguardavam a carruagem na sala branca e dourada. Mais ainda, o café veio acompanhado de dois cálices de licor, e Maisie pensou que sir Claude só faltou fazê-lo acompanhar-se também de cigarros e de uma conversa agradável. Fosse como fosse, a influência desses luxos pairava no ar e, Maisie pensou, enquanto punha-se na

ponta dos pés diante do espelho da lareira e calçava as luvas, sacudindo a cabeça para colocar uma pena no lugar, de certo modo parecia ser um dos fatores que levou a sra. Wix a perguntar de repente: “Mas será que você não tem mesmo *nenhum* senso moral?”.

Maisie percebeu que sua resposta, embora submissa, era de uma vagueza que chegava às raias da imbecilidade, e que essa era a primeira vez em que ela parecia recorrer à incapacidade intelectual em suas relações com a sra. Wix — o mesmo recurso que dera tão bons resultados com seu pai e sua mãe. Mas essa aparência era enganadora, pois não foi menos por seu próprio sentimento de justiça do que pela pressão de sua amiga que a partir daí a ideia do senso moral passou a ocupar um lugar proeminente nas relações entre as duas. De início, a pobre menina quase não fazia ideia do que fosse tal coisa; porém terminou descobrindo tratar-se de algo de que, sem outro sinal externo que não sua entrega ao sacolejar da carruagem, ela já conseguia, antes mesmo de terminar o passeio, fazer uma ideia razoável. A beleza do dia aprofundou-se ainda mais, tal como o esplendor do mar, e a névoa dos promontórios distantes, e o gosto delicioso do ar. Foi, aliás, o cocheiro que, sorrindo e brandindo o chicote, virando-se para trás, apontando para objetos invisíveis e proferindo sons ininteligíveis — tudo isso, nossas turistas reconheceram, fazia parte de uma ordem social dedicada à linguagem acima de tudo: foi essa pessoa educada, dizia eu, que de tal modo encurtou-lhes o passeio que, na volta, ainda lhes restava uma boa parte do dia, uma hora que, seguindo a sugestão do cocheiro, elas passaram caminhando ao longo das areias reluzentes. Maisie já vira a *plage* na véspera com sir Claude, mas isso era mais um motivo para ela mostrar à sra. Wix, *in loco*, que se tratava, como ela mesma disse, de mais um dos lugares em sua lista e de uma das coisas cujo nome ela sabia em francês. Àquela hora, já tão tarde, não havia mais banhistas e a maré estava baixa; as pequenas poças d’água salgada cintilavam ao poente, e havia também lugares secos, onde elas podiam sentar-se, admirar a vista e conversar: uma circunstância que, em meio ao rumor das ondas, deu a sra. Wix mais um pretexto para voltar à carga. “Mas não tem nem um pouco?”

Quanto à pergunta em si, ao menos, Maisie não precisava agora ser muito precisa; isso, por outro lado, era o resultado final da apreensão conjunta e silenciosa que fizeram da coisa que — bem, era necessário admitir o fato — por espantoso e terrível que fosse, faltava a Maisie por completo. Foi nesse momento, em particular, que a menina deu-se conta de que sua amiga havia ascendido a um nível que — ao menos até vir a ser ultrapassado — podia quase passar por sublime. Nada mais notável acontecera, desde sua partida precipitada, nenhum ato de percepção mais difícil de captar por meio de nosso método grosseiro, do que a visão que teve Maisie, no resto daquele dia em Boulogne, da imagem que a outra fazia dela. Na impossibilidade de acompanhar as inaudíveis etapas de sua trajetória mental, sou obrigado a lançar mão do tosco expediente de dar-lhes minha palavra que, daí em diante, essa imagem passou a estar literalmente presente em sua imaginação. A sra. Wix a via como uma criaturinha que sabia tantas coisas extraordinárias que, em contraste, o que ela ainda não sabia pareceria ridículo se não fosse constrangedor. Era bem verdade que a boa senhora estava mais preparada do que nunca para enfrentar constrangimentos; não sei se Maisie teria ao menos uma vaga consciência da estranha lei que regia sua própria vida e que a levava a educar os adultos com quem convivia de modo a capacitá-los nesse sentido. Promovia, por assim dizer, seu desenvolvimento; nada poderia ser mais claro, por exemplo, do que o quanto ela havia feito no sentido de promover o da sra. Beale. Parecia-lhe que, se a história de sua vida era, para a sra. Wix, a sucessão das etapas de seu conhecimento, então o clímax dessa concatenação seria a etapa em que esse conhecimento começasse a transbordar. Como ela estava fadada a saber mais e mais, como poderia esse processo deter-se antes que ela soubesse Tudo? Sentada na areia, Maisie teve a impressão de que estava, sem dúvida alguma, no caminho que levava a essa totalidade. Não fora em vão que tivera tantas governantas: o que fizera ela no mundo senão aprender, aprender, aprender? Contemplava o céu rosado com a convicção tranquila de que em pouco tempo ela saberia Tudo. As duas permaneceram sentadas sob aquele céu corado até que ele começou a acinzentar-se; e Maisie parecia receber informações novas com cada sopro de brisa. Quando

caminhavam em direção ao hotel, era como se essa inevitabilidade houvesse, para a sra. Wix, se transformado num fio longo e tenso, puxado por mão nervosa, onde deviam ser enfiadas, com todo o cuidado, as valiosas pérolas do saber.

À noite, em seus aposentos, as duas tiveram outra sensação estranha; mais tarde Maisie não saberia dizer se fora no meio ou bem no começo que sua amiga fez soar, com ênfase renovada, a nota do senso moral. Fosse como fosse, o fato é que ela exclamou, e mais uma vez de um modo que pareceu, de início, totalmente desconexo: “Meu Deus, mas não é que você parece manifestá-lo!”. Ah, as estranhas confusões que o fizera por fim manifestar-se! Nenhuma, porém, era mais estranha do que as palavras melancólicas — e não seria injusto dizer: palavras iradas — com que a pobre senhora lamentou o fim trágico de sua própria profunda ignorância. Houve um momento em que ela agarrou a menina e abraçou-a com força, tal como nos velhos tempos de despedidas e retornos; ficou patente que não sabia como poderia compensar a vítima pelo contágio: pedia, pelo que havia feito e estava fazendo, em sua perplexidade, em súplica, que a outra a tranquilizasse, a perdoasse, até mesmo se apiedasse dela.

“Não sei o que já disse a você, minha filha: não sei o que estou dizendo nem o que, desde que você entrou na minha vida, tornei-me capaz de dizer, que Deus me perdoe. Será que perdi toda minha delicadeza, decência, todo o senso das medidas, do que é certo e errado? Parece que sim, ainda que eu seja a última pessoa de quem se poderia esperar tal coisa. E fiz isso por você, meu tesouro — para não perdê-la, o que teria sido o pior de tudo: de modo que tive de pagar com minha própria inocência — pode rir! — para apegar-me a você e conservá-la. Não permita que eu tenha pago esse preço por nada; não permita que eu tenha vivido tais horrores e tais vergonhas por nada. Eu nunca soube nada a respeito deles e nunca quis saber! Agora sei demais, demais!”, lamentava a pobre mulher, gemendo. “Sei tanto que de ouvir tais coisas me pergunto onde estou; e, ao dizê-las também, o que é ainda pior, concluo que estou longe, longe demais, do ponto de partida! Pergunto-me o que eu teria pensado, com aquela que perdi, se tivesse percebido o momento em que transpus o limite. Houve limites que transpus com *você* em que era de se esperar que eu pensasse estar

numa enrascada...!” Horrorizava-se só de pensar. “Fui de uma coisa a outra, e tudo por amor a você; e agora o que pensaria a pessoa — qualquer pessoa, menos um *deles* — que me ouvisse falando assim? Tive que acompanhá-la, não é? Assim, como poderia eu querer que você acompanhasse a *mim*? Mas não são *eles* que são os piores — quero dizer, não é *ele* — e sim seu pai, esse homem terrível, e a única pessoa no mundo que ele poderia ter encontrado — e não estou falando sobre a condessa, meu anjo — pior do que ele. Enquanto os dois faziam o que faziam, já que estavam mesmo corrompendo você, podiam ao menos ter poupado uma mulher decente. Então eu não teria sido obrigada a optar entre duas coisas, uma pior que a outra: deixá-la em meio a um pecado que você ainda não apreendeu ou aproveitar-me do que já há de corrompido em você! O que me fez perder a paciência hoje de manhã foi sentir que, embora parecesse não condenar — e você não condenou, não é verdade? — você parecia *saber*. Queira Deus, em sua infinita bondade, que isso não seja mais verdade!”

Essa noite, ao contrário da anterior, estava quente, e uma das janelas conservava-se aberta para a pequena sacada sobre cuja grade, ao voltar do jantar, Maisie permanecera debruçada um bom tempo, gozando as vozes, as luzes, a vida do cais, abrilhantada pela estação amena e pela hora. As exigências da sra. Wix a haviam obrigado a recolher-se, e o abraço desta senhora a havia detido, se bem que, no meio de seu desabafo, sua confusão e bondade permitiram que ela se desvencilhasse, ou até mesmo a ajudaram a fazê-lo. Mas a janela era larga, o espetáculo, o prazer, continuavam lá, e de seu lugar no quarto, onde, com seu chão encerado e suas paredes impecáveis, havia mais luz vinda de fora que de dentro, a criança ainda podia desfrutá-los. Parecia ouvir a sra. Wix com atenção; finda sua fala, respondeu-lhe com uma pergunta: “Que eu não saiba...?”.

“Que você condene.” A correção foi feita com certa seriedade.

O efeito disso foi fazer com que Maisie emitisse um vago suspiro de opressão e depois, após um instante, como se protegida por essa ambiguidade, voltasse à sacada. Mais uma vez debruçou-se na grade; sentia a noite de verão; assumiu as maneiras francesas. Havia embaixo do hotel um café diante do qual, em cadeirinhas e mesinhas, as

peessoas preenchiam um espaço delimitado por vasos de plantas; e o efeito era realçado pela alvura dos aventais dos garçons e pela música de um homem e uma mulher que, em algum outro lugar, dedilhavam um violão e cantarolavam uma lânguida canção sobre o “*amour*”. Maisie também sabia o que significava “*amour*” e ficou a perguntar-se se a sra. Wix sabia: sua amiga permanecia dentro do quarto, imóvel, talvez fora do alcance da música. Depois de algum tempo, mas só quando os músicos já haviam terminado e estavam circulando com um prato estendido, sua aluna voltou para dentro. “É mesmo um crime?”, Maisie perguntou.

A sra. Wix foi rápida, como quem salta de uma toca. “É a Bíblia que o afirma.”

“Pois ele não vai cometer um crime.”

A sra. Wix fixou na menina um olhar tristonho. “Ele já está cometendo agora.”

“Agora?”

“Só de estar com ela.”

Maisie tinha a réplica na ponta da língua: “Mas agora ele está livre”. Lembrou-se a tempo, porém, que uma das coisas que aprendera nos últimos sessenta minutos era que esse fato não fazia nenhuma diferença. Em seguida, como se para virar-se na direção certa, esteve a ponto de reverter cegamente ao velho argumento de que talvez fizesse diferença, sim, talvez diminuísse o crime da sra. Beale; porém também essa reflexão foi anulada quando ela viu, no rosto da sra. Wix, o efeito causado pela inferência, feita com base na atitude de sua aluna, de que, apesar de todos os seus esforços, ela ainda não compreendia direito. Era quando se via desafiada que Maisie mais desejava entender, e por um minuto todos os seus pensamentos concentraram-se no esforço de dizer algo que dissipasse a impressão de parvoíce. “Confie em mim, minha querida; é só o que peço!”, foi o que disse por fim; e foi talvez um bom sinal que em seguida, com um gemido prolongado e imparcial, a sra. Wix levou-a para a cama.

Na manhã seguinte, não havia carta de sir Claude — o que a sra. Wix afirmou ser um péssimo sinal; no entanto, foi justamente para poder de novo sentir-se comungando em silêncio com ele que quando, após o café com pãozinhos que as fazia sentir-se mais estrangeiras do

que nunca, chegou a hora de mais uma vez desfrutar das benesses que ele lhes proporcionava, mais uma vez subiram o morro até o bastião, em vez de buscar o olvido em meio à multidão na areia, ou junto com os banhistas seminus na água. Mais uma vez contemplaram a Virgem dourada; mais uma vez refestelaram-se no velho banco; mais uma vez sentiram o quanto estavam distantes de Regent's Park. Por fim a sra. Wix chegou a uma conclusão definida a respeito do silêncio de sir Claude. “Ele está mesmo com medo dela! Ela proibiu-o de escrever.” A respeito desse medo, Maisie já estava informada; porém a menção a ele feita por sua amiga naquele momento teve dois efeitos inesperados. O primeiro foi a perplexidade, combinada com uma repreensão não manifesta, com que Maisie constatou que a sra. Wix, cuja devoção, afinal, não era inferior à sua, era capaz de exprimir, naquela alusão, tanto sarcasmo feroz; o segundo foi a visão mais aprofundada que ela teve da questão neste momento. Também ela tivera medo, como já vimos, das pessoas que sir Claude temia; assim sendo, também a sra. Beale já havia lhe inspirado uma certa apreensão. O que ocorreu agora, porém, foi que, se esta solidariedade nada podia fazer por seu padrasto, o que a motivava parecia-lhe vagamente constituir motivo para uma preocupação egoísta. Essa intranquilidade não havia ainda avançado muito quando a sra. Wix voltou a falar, de modo tão abrupto que chegou a dar uma impressão de total irrelevância. “Nunca lhe ocorreu ter ciúmes dela?”

Tal ideia jamais lhe passara pela cabeça; no entanto, mal essas palavras haviam sido pronunciadas, Maisie agarrou-as. Segurou-as bem seguras, examinou-as com atenção; por fim afirmou, com uma segurança que, infelizmente, só ela própria pôde admirar: “Se a senhora quer saber — já”. Pensou um pouco, depois acrescentou: “Muitas vezes!”.

A sra. Wix olhou-a de esguelha por um instante; a aprovação que seu olhar exprimia não era incondicional. Exprimia, de qualquer modo, algo que, era de se supor, foi o que a levou a repetir: “É. Ele tem medo dela”.

Maisie ouviu, e essa repetição mais uma vez exerceu um efeito sobre ela, apesar de sua atenção estar voltada agora para a possibilidade daquela ideia de ciúme — possibilidade esta que fora

criada apenas pela sensação de haver desse modo conseguido demonstrar que não era uma boba. Estava claro que a sra. Wix continuava acreditando que seu senso moral era interesseiro e fingido; assim, não podia haver maior demonstração de sinceridade do que confessar a mais inquieta de todas as paixões. Uma tal revelação dissiparia o desânimo, o que de fato se deu, e de tal sorte que, não sem uma certa colaboração da forte necessidade que tinham ambas de manter as esperanças, uma necessidade que, fiel à sua natureza, advinha do mau presságio da carta que não veio, o que mais caracterizou aquela manhã foi um tom não de mútuo escrutínio, e sim de franqueza inaudita. Houve também longos silêncios, nos quais se fortaleceu em Maisie a convicção de que, para sua amiga, ela no fundo era superficial, e que, sem dúvida alguma, essa impressão era reforçada quanto mais ela tentava parecer profunda. Seria o resultado de todo o conhecimento apenas a consciência de que, diante dessa presença, seria impossível atingi-lo? Felizmente, a resposta a essa pergunta perdeu-se na luz que inundava a cena quando Maisie fez, com relação à sra. Beale, um comentário que jamais sonhara vir a fazer um dia. “Se eu achasse que ela era má com ele — nem sei o que faria!”

A sra. Wix fechou a carranca; até mesmo confirmou a expressão com um rosnado feroz. “Pois *eu* sei o que faria!”

Após esse comentário, Maisie sentiu que sua interlocutora hesitou. “*Uma* coisa me ocorre”, disse então.

A sra. Wix desafiou-a de modo mais direto. “O quê?”

Maisie encarou-a como se estivessem jogando o jogo de não piscar. “Eu a *matava!*” Ao menos, pensou, desviando a vista, havia conseguido afirmar seu senso moral. Continuou olhando para o outro lado, mas sua amiga ficou tanto tempo sem dizer nada que a menina por fim voltou a vista para ela outra vez. Então percebeu que os corretivos estavam enevoados de lágrimas que, após algum tempo, pareciam ter brotado de seus próprios olhos. De fato, havia lágrimas de ambos os lados dos óculos, e eram tão abundantes que em pouco tempo a única coisa que Maisie via através delas era que lentamente, por fim, a sra. Wix estendia-lhe a mão. Foi essa pressão material que resolveu essa questão e, depois de alguns minutos, muitas outras

também. Uma coisa, em particular, ficou resolvida, algo que, embora muitas vezes continuasse revoando em torno das duas ou pairando sobre elas, até então nunca havia sido afirmado senão à sombra de um sorriso atenuador. Ah, não houve nenhum sinal de frivolidade, nem de humor nem de reprovação, durante todo o tempo que permaneceram lado a lado, nem se manifestaram tais qualidades na maneira como, após um intervalo que não foi medido, a sra. Wix disse, num tom suficientemente audível para sua própria dignidade mas não para as velhas que cochilavam por perto, estas palavras:

“Eu o adoro. Eu o adoro.”

Maisie aceitou-as bem, tanto assim que, no instante seguinte, teria respondido, em tom grave: “Eu também”. Mas antes que esse momento chegasse ocorreu algo que lhe levou aos lábios outras palavras; nada mais, é bem possível, do que uma consciência mais nítida do que significava, em sua mão, a presença da mão de sua amiga. As duas mãos permaneceram juntas, como sinal indizível da união entre elas, e o que Maisie terminou por dizer, serena, foi apenas: “Ah, eu sei!”.

Suas mãos estavam tão unidas, e sua união de tal forma fora confirmada, que foi preciso a nota grave de um sino distante trazida pela brisa estival para que elas recobrassem a noção da hora e das convenções sociais. Haviam chegado ao fundo e derretido juntas, porém por fim sobressaltaram-se: o sino era a voz do hotel, e o hotel significava almoço. Iam chegar atrasadas; levantaram-se, e nos passos rápidos com que caminharam de volta havia algo do ritmo da confiança. Quando chegaram, já havia iniciado a *table d'hôte*, perceberam-no já da porta, pois no saguão e nas escadas não se encontrava ninguém; toda a “troupe”, como dizia a sra. Wix — ela havia adotado essa expressão —, estava na sala de jantar. Subiram ao apartamento para ajeitar o cabelo, e Maisie, movida por um impulso à toa, abriu a porta branca e dourada. Foi ela, pois, quem emitiu o som que levou a sra. Wix a correr até quase se jogar sobre ela, tal como, se se invertesse a situação, teria sido ela a jogar-se sobre a sra. Wix. Fosse como fosse, o efeito foi o de ficarem as duas emboladas a contemplar, de olhos arregalados, a nova situação em que se encontravam. Essa situação havia assumido, num átimo, a forma

reluzente da sra. Beale: lá estava ela, de chapéu e casaco, em meio a malas e xales, sorrindo e estendendo os braços. Se havia acabado de chegar, fora em estado bem diferente do das outras duas que, para benefício *delas*, plúmbeo, balouçante e pouco disposto a salvar vidas, o canal da Mancha pouco antes a devolvera a terra. Estava tão bela quanto o dia que a trouxera, tão fresca quanto a boa sorte e a saúde que a acompanhavam: de imediato ocorreu a Maisie que nunca antes a vira tão bela. Tudo isso deu-se depressa demais para que pudesse ser medido, mas houve ao menos tempo suficiente para que a criança percebesse o que acendera aquela luz. A explicação jorrava dos braços abertos, dos olhos abertos, da boca aberta da sra. Beale, que gritava para ela: “Estou livre, estou livre!”.

O mais maravilhoso de tudo era o fato de que a sra. Beale dirigia-se, até onde era possível avaliar tal coisa, também à sra. Wix, a qual, como se de súbito lhe faltassem as forças, afundou numa poltrona, enquanto Maisie entregava-se aos braços da visitante. Tão logo terminou o abraço, a menina contemplou com olhar perscrutador a estupefação da sra. Wix e pôde de fato perceber que, embora de certo modo conseguisse sustentar seu olhar, seu rosto parecia implorar: “Pelo amor de Deus, não vá cantar vitória com um ‘Eu não disse?!’”. Por algum motivo, Maisie deu-se conta de imediato que não sentia a menor vontade de cantar vitória; bastou-lhe mais um minuto para fazer uma rápida avaliação dos objetos em torno da sra. Beale e perceber que, entre eles, não havia nenhum pertence de sir Claude. Ela já conhecia sua mala — e como adorava vê-la! —, de modo que, por um momento, perceber sua ausência foi para ela a pior notícia possível. Não havia ainda aprendido o que era reconhecer, numa lacuna em uma sequência, a prova de uma extinção, e portanto não compreendeu que aquela pontada súbita era uma antevisão da experiência da morte. Naturalmente, essa impressão foi logo dissipada pelo brilho da sra. Beale, pela pergunta que ela própria fez em seguida. “A senhora veio sozinha?”

“Sem sir Claude?” Por estranho que parecesse, a sra. Beale ficou ainda mais radiante. “Vim; de tão ansiosa que estava por vê-la. Sua pestinha abominável!” E sua madrastra, com um riso límpido, deu-lhe na bochecha um tapinha que era em parte um beliscão. “O que vocês estavam pretendendo fazer, e o que vocês pensavam de mim? Mas até gosto de estar no estrangeiro, e afinal de contas foi graças a vocês que vim parar aqui. Sem vocês, talvez eu não tivesse podido vir — quer dizer, tão cedo. Bem, o fato é que estou aqui, e se esperasse mais um pouco começaria a ficar preocupada com você. Nada mau isto aqui”

— contemplou com benevolência o lugar a sua volta; logo em seguida, chegou mesmo a acrescentar que era encantador. Então, com as faces um pouco mais rosadas, repetiu sua grande proclamação: “Estou livre, estou livre!”. E Maisie, a sua maneira, também repetiu a sua: voltou a olhar para a sra. Wix, que continuava paralisada de perplexidade; mais uma vez chamou a atenção de sua velha amiga para o fato de que ela, senhora de si, não puxou por aquele assunto. O que fez, no instante seguinte, foi retomar a questão da ausência de sir Claude. “Onde está ele? Ele não vem?”

Enquanto considerava essa pergunta, a sra. Beale, sorridente, oscilava entre as duas expectativas que a flanqueavam: era visível, era extraordinário, o modo como aceitava sem pestanejar a presença da sra. Wix, um milagre cujo reflexo Maisie já começava a detectar no rosto melancólico da velha senhora. “Ele vem, sim, mas temos que *fazer* com que ele venha!”, respondeu ela, alegre.

“Fazer com que ele venha?”, repetiu Maisie.

“Temos que lhe dar tempo. Temos que saber jogar.”

“Mas ele nos prometeu, deu a palavra de honra”, replicou Maisie.

“Meu anjo, a *mim* também ele já deu a palavra de honra — quer dizer, a respeito de muitas coisas — e nem sempre cumpriu a promessa à risca.” O bom humor da sra. Beale insistia em pressupor também o da sra. Wix; de repente ela passou a dar à outra uma atenção prodigiosa. “Creio que ele também fez o mesmo com a senhora, e nem sempre cumpriu a palavra ao pé da letra. Mas ele sempre compensa à sua maneira — afinal, sabemos muito bem como ele é. Há algo a respeito dele”, prosseguiu, “que faz com que tudo o mais seja apenas, para nós, uma questão de tato.” As duas mal tiveram tempo de pensar o que seria o fato em questão quando, por assim dizer, este explodiu diante de seus olhos. “Ele é uma pessoa tão livre quanto eu!”

“É, eu sei”, disse Maisie, porém como se estivesse pesando o valor desse fato de modo independente. E pesava também a estranheza de sua madrasta lhe dar tal notícia como se fosse novidade para *ela*, que fora literalmente a primeira pessoa para quem sir Claude a comunicara. Por alguns segundos, como se as palavras de sir Claude

ainda lhe ressoassem nos ouvidos, viu-se de novo com ele, na lembrança e na penumbra, no jardim do hotel em Folkestone.

Se a sra. Beale deixava de lado alguma coisa, ela adivinhou, seria por efeito de sua extrema animação, sua tendência a subir às alturas que se revelava até quando ela descia — ainda de modo perfeitamente imparcial — quase ao nível das confidências. “Pois bem, agora tudo que temos a fazer é esperar. Ele não pode ficar sem nós por muito tempo. Sem a *senhora*, disso não tenho dúvida, ele não pode ficar! Ele é tão dedicado à senhora; tem-me falado muito a seu respeito. Se soubesse o quanto eu dependo da senhora, da sua ajuda...!” Era tanto que nem mesmo sua expressão radiante era capaz de exprimir. O que ela não conseguia exprimir, tanto quanto o que conseguia, tinha o efeito de aumentar a cada instante sua presença, até mesmo sua famosa liberdade; e foi esse imenso volume que mais uma vez levou suas interlocutoras, perplexas e mudas, a trocar, como se através de um véu cada vez mais espesso, sinais confusos e vazios. Tinham em comum ao menos o fato de terem sido tomadas de surpresa, despreparadas, e Maisie observava ininterruptamente o caos do espanto da sra. Wix. A anciã fora reduzida à absoluta impotência, e, não fosse a densa melancolia que pairava sobre ela, parecia estar fascinada com o estilo da sra. Beale. Aquilo a fizera mergulhar num silêncio prolongado e profundo; pois o que acontecera fora a coisa que ela menos esperava, diante da qual o rigor que havia nutrido não podia senão transformar-se em fraqueza e abatimento. Sir Claude deveria ter reaparecido com ou sem sua cúmplice; jamais, jamais sua cúmplice sem ele. Pelo visto, àquela altura a sra. Beale já havia conquistado uma vantagem que lhe permitia ir mais além; olhou para aquela figura cômica e muda com uma repreensão jocosa. “Então a senhora não vai mesmo apertar-me a mão? Não faz mal; a senhora há de mudar de ideia!” Não insistiu nesse ponto; em seguida, em vez de oferecer a mão, levantou-a, com um gesto elegante acompanhado pelo ato de baixar a cabeça, até um longo grampo negro que desempenhava um papel em seu penteado. “Aqui se almoça de chapéu? Se vocês estão com tanta fome quanto eu, precisamos descer logo.”

A sra. Wix não se entregou, porém respondeu com uma voz que sua aluna mal reconheceu. “Eu vou de chapéu.”

A sra. Beale, apreendendo de relance o ornamento novo em folha da outra, pareceu identificar de imediato sua origem e acompanhá-lo em seu voo, e aceitou esse argumento como conclusivo. “Ah, mas eu não tenho um tão bonito!” Então virou-se para Maisie, jubilosa. “Eu trouxe um muito bonito para você, minha querida.”

“Um o quê?”

“Um amor de chapéu — está na minha bagagem. Lembrei-me disso” — e indicou com a cabeça o objeto que sua enteada tinha na cabeça — “e lhe trouxe um com penas de pavão. É de um tom de azul lindíssimo!”

Era estranho estar conversando com ela, já ali, não sobre sir Claude, mas sobre pavões — tão estranho que a menina não teve presença de espírito suficiente para agradecer. Mas a felicidade com que a sra. Beale havia chegado era à prova de tudo, tanto assim que Maisie sentia-se cada vez mais convicta da profundidade do propósito que haveria de estar por trás dela. Tinha a vaga ideia de que seria abissal, o ânimo com que a sra. Beale reagia ao constrangimento, ali na sala branca e dourada, causado pela falta de ar e de boas-vindas. A sra. Wix estava mais ofegante do que nunca; o constrangimento que lhe proporcionava a condição solitária da sra. Beale desaparecia diante do que lhe causava a sua desenvoltura. A percepção desse dilema gerou, na mente da criança, uma questão totalmente nova. E se, com *esta* indulgência...? Mas a ideia perdeu-se em algo assustado demais para alimentar esperanças e hipotético demais para causar medo; e enquanto tudo acontecia aos saltos, a uma velocidade estonteante, um dos garçons veio avisar que a *table d'hôte* já estava quase terminando.

“Vocês subiram para lavar as mãos?”, a sra. Beale perguntou-lhes. “Então vão depressa que eu encontro com vocês: puseram minhas coisas naquele quarto bonito — era o de sir Claude. Mas é claro”, comentou com um riso, “que tinha que ser bonito!” A porta de um quarto vizinho estava aberta, e da soleira a sra. Beale, dirigindo-se mais uma vez à sra. Wix, deu o tom que indicava à risca o que, como

ela própria diria, ela estava pretendendo. “Minha cara senhora, por favor cuide de minha filha.”

O que pretendia era uma mudança de postura tão completa que representava — ah, esses ofícios ainda honrosamente subalternos, se bem que não de todo braçais! — uma coação absoluta, uma manipulação interessada da respeitabilidade da anciã. Apresso-me a esclarecer que Maisie julgou ver uma reação direta no modo como essa respeitabilidade pôs-se de pé de um salto: ela foi capaz de um desses saltos estonteantes mencionados ainda há pouco, e com seu ímpeto levou consigo a menina, enquanto a sra. Beale entrava no quarto de sir Claude, para o cômodo onde, na extremidade do corredor, governanta e pupila estavam instaladas. O maior salto de todos, aliás, fora o que fez com que, em poucos segundos, a pupila se transformasse, com relação à outra, em filha. Os olhos de Maisie ainda observavam esse percurso quando, após a correria, tendo a porta sido quase batida, sem que se cogitasse recorrer a sabonete e toalhas, as duas ficaram face a face. A sra. Wix, nessa posição, foi a primeira a emitir sons. “Será que *ela* tem?”

Maisie ficou mais confusa ainda. “Tem o quê?”

“Ora, senso moral.”

Falava como se o item em questão fosse uma peça de vestuário, mas a sra. Wix tinha no rosto uma expressão preocupada, e Maisie teve a impressão de que nem mesmo uma resposta afirmativa de sua parte poderia esclarecer algo que havia se tornado muito misterioso. Foi a essa questão enigmática que ela aludiu diretamente em seguida. “Ela é mesmo minha mãe agora?”

Com relação a esse ponto, o peso da responsabilidade da sra. Wix pareceu ter sobre ela o mesmo efeito terrível de um soco no estômago. Ficou claro que a questão jamais lhe ocorrera; mas ela conseguiu pensar e retrucar: “Se é, então ele é seu pai também”.

Maisie, no entanto, refletiu: “Nesse caso, meu pai e minha mãe...!”.

Porém hesitou, e a sra. Wix reagiu com um olhar feroz: “Deviam viver juntos? Não me venha com histórias de novo!”. Virou-se com um gemido e foi em direção ao lavatório: a esta altura Maisie já percebia que aquele caminho levava à loucura. A sra. Wix mergulhou

as mãos na água ruidosamente, mas no instante seguinte virou-se para a menina. “Ela mudou de tática.”

“Ela foi educada com a senhora”, concordou Maisie.

“É o que *ela* pensa — ‘vá vestir a menina!’. Mas é alguma coisa!”, disse, ofegante. Então pensou mais um pouco. “Se ele não ficar com ela, então ela fica com você. Nesse caso, será ela...”

“Que vai ficar comigo no estrangeiro?”

“Que vai lhe dar um lar.” A sra. Wix enxergou ainda mais longe; compreendeu todos os presságios. “Ah, mas ela é esperta, e cruel! Isso não é senso moral.” Chegou ao clímax: “É um jogo!”.

“Um jogo?”

“Para não perdê-lo. Ela sacrificou-o... ao seu dever.”

“Então ele não vem?”, implorou Maisie.

A sra. Wix não respondeu; estava absorta em sua visão. “Ele lutou. Mas ela venceu.”

“Então ele não vem?”, repetiu a criança.

A sra. Wix concluiu: “Vem, sim, que diabo!”. Ela nunca falara daquele jeito.

Como se Maisie se importasse com isso! “Logo? Amanhã?”

“Logo. A qualquer momento. Uma indecência.”

“Mas então ficaremos juntos mesmo!”, prosseguiu a menina. Isso teve o efeito de fazer a sra. Wix dirigir-lhe um olhar como se de irritação; mas não teve tempo de dizer nada antes que a menina acrescentasse: “Junto com a *senhora!*”. O ar de reprovação da outra se manteve, porém verbalizou-se apenas como a ordem de lavar-se e depois descer. O silêncio das abluções apressadas instalou-se no quarto; entretanto, logo foi interrompido por uma das súbitas meias-voltas de Maisie. “Como ela está bonita! Não está?”

A sra. Wix já havia terminado; esperou. “Ela vai atrair atenção.” Foram rápidas, e um observador teria percebido que o impacto da beleza da sra. Beale sobre as duas tivera o efeito inesperado de fazê-las apressar-se para ir ter com ela. Não obstante, quando voltaram à sala, a sra. Beale já havia descido; a porta aberta de seu quarto revelava que estava vazio, e a criada deu as explicações. Nesse ponto, mais uma vez foram detidas por uma ideia súbita da sra. Wix. “Mas ela vai viver de quê, enquanto isso?”

Maisie parou de repente. “Até sir Claude chegar?”

Porém sua amiga havia parado com uma violência muito maior.

“Quem é que vai pagar as contas?”

Maisie pensou. “Ela não pode?”

“Ela? Ela não tem um tostão.”

A criança pensou. “Mas o papai não...?”

“Não lhe deixou uma fortuna?” A sra. Wix teria dado a impressão de que seu pai havia morrido se não tivesse acrescentado em seguida:

“Ora, são as mulheres que o sustentam!”.

Ah, sim, Maisie lembrou-se. “Então ele não pode mandar...?”

Hesitou de novo; até mesmo ela achou a ideia estranha.

“Parte de seu dinheiro para sua mulher?” A sra. Wix deu um riso ainda mais estranho do que aquela ideia. “Aposto que ela até aceitaria!”

Saíram apressadas; porém mais uma vez, na escada, Maisie deteve-se. “Mas se ela tivesse ficado na Inglaterra...!”, exclamou.

A sra. Wix pensou. “E ele tivesse vindo em vez dela?”

“É, como esperávamos.” Maisie especulou. “Nesse caso, ela viveria de quê?”

A sra. Wix só esperou um instante. “Outros homens!” E desceu as escadas com passos firmes.

A sra. Beale, sentada à mesa entre as duas, visivelmente atraía a atenção que fora prevista pela sra. Wix. Nenhuma outra mulher presente sequer chegava perto de ser tão bela quanto ela, e a beleza de nenhuma se adaptava com tamanha arte às homenagens que atraía. Falava a maior parte do tempo com a outra comensal, de modo que Maisie tinha liberdade tanto para observar os olhares fixos e as cotoveladas discretas quanto para perder-se em significados que, ainda de modo confuso e desconexo, porém com uma nitidez que inspirava apreensão, ela começava a perceber no lance de independência de sua madrastra. A sra. Wix ajudara-a ao falar em jogo; isso dava-lhe um contexto em que o lance em questão podia assumir uma aparência estratégica. Suas noções de diplomacia eram pobres, porém reconheceu como friamente diplomático o ombro, e mais significativo do que de costume o cotovelo, os quais, ao menos por ora, lhe exibia a sra. Beale ao inclinar a cabeça para o outro lado. Havia uma expressão que Maisie conhecia muito bem, do tanto que era empregada por esta senhora para exprimir a ideia de conseguir o que se queria: as pessoas o faziam — a sra. Beale dizia que era assim que *ela*, ao menos, sempre agia — “fazendo a corte”. No momento, ela estava fazendo a corte, por estranho que parecesse, à sra. Wix, e a mente de sua amiguinha nunca antes se movimentara com tanta liberdade ao se ver face a face com a pergunta: o que queria ela? Durante o consumo da *omelette aux rognons* e do *poulet sauté*, enquanto a última figura parental que lhe restava, a quarta, tagarelava com sua governanta, Maisie ficou a perguntar-se se sua governanta resistiria. Era estranho, mas naquele instante ela sentia-se tão interessada no senso moral da sra. Wix quanto esta senhora poderia estar no seu: fora-lhe imposta a constatação de que a resistência da sra. Wix jamais fora testada por nada semelhante àquilo. Resistir à

sra. Beale, ao que parecia, era coisa muito diferente de resistir à visão que dela tinha sir Claude. Talvez resultasse de que havia acontecido — fosse o que fosse — mais coisas do que Maisie poderia ter esperado. Essa impressão veio juntar-se a uma suspeita que, se a menina alguma vez em sua vida tivesse tido oportunidade de trocar uma moeda de uma libra, teria se assemelhado à desconfiança, nascida do desconhecimento da aritmética, de que o troco que lhe deram estava errado: ocorreu-lhe que ela talvez estivesse desempenhando o papel passivo num caso de substituição violenta. Certamente ela seria a vítima se a questão entre sua madrasta e seu padrasto tivesse sido resolvida pela sra. Beale nos seguintes termos: “Bem, se ela só pode viver com um de nós sozinho, então há de ser comigo!”. Esta solução era bem diversa da que havia dias ela vinha alimentando, e seu sentimento de desolação era aprofundado pela ausência de qualquer comunicação de sir Claude com o sentido de que ele não fora obrigado a aceitá-la como vitoriosa. Pois não havia a sra. Beale, na sala branca e dourada, praticamente dado a entender que o havia deixado, rompendo uma tensão — que o havia abandonado em Londres depois de um conflito como resultado do qual sua própria chegada indicava que ela, no final das contas, o havia sacrificado? Maisie assistia, em sua imaginação, ao provável episódio na casa de Regent’s Park, encontrando elementos de quase terror na possibilidade de que sir Claude tivesse sido derrotado de modo desleal. Ali, na mesa, vinha-lhes algo, do mero orgulho de estarem acompanhadas da beleza da sra. Beale; e a criança esqueceu que, embora o sacrifício da própria sra. Beale fosse uma solução que ela não havia inventado, se sir Claude tivesse optado por tal saída era bem provável que ela não reagisse com nenhuma demonstração explícita de protesto.

O que sua madrasta claramente estava decidida a arrancar da sra. Wix era sua anuência à grande mudança, engenhosa como um malabarismo, no interesse da qual nada era tão importante quanto a conveniência da sra. Beale. Maisie quase podia palpar a moral que seu cotovelo parecia apontar em costelas desprotegidas — a ideia de que não fazia a menor diferença qual dos dois, padrasto ou madrasta, fosse o tutor. A essência da questão era que uma menina não era um menino: se Maisie não passasse de uma criaturinha rude enfiada em

calças, destinada, na melhor das hipóteses, a tornar-se um patife quando crescesse, sir Claude estaria à vontade para ficar com ela. Tal como se apresentava a situação, ele havia simplesmente sido eliminado, e a sra. Wix estaria doravante trabalhando para a pessoa adequada. Esses argumentos haviam de fato se encaixado, para nossa amiguinha, no momento exato em que ela ouviu o tom em que seu novo título foi declarado. Maisie continuava a ser, como resultado de tantos pais e mães, filha de alguém, mesmo agora que o papai e a mamãe estavam, para todos os efeitos, mortos. Se a esposa de seu pai e o marido de sua mãe, por obra de uma regra natural ou — que sabia ela? — legal, ocupavam os lugares de seus cônjuges extintos, então o cônjuge da sra. Beale estava tão extinto quanto o de sir Claude, e fora a ela que, no processo de divórcio, o tribunal dera prioridade. Para o elemento central dessa causa célebre, o resto do dia foi preenchido pela pompa de tudo que a sra. Beale deixou nas entrelinhas. Os subentendidos instalaram-se entre as duas comensais desta senhora, e de tal modo floresceram que elas, imersas em seu poço sem fundo, mal puderam trocar olhares significativos. Até mesmo Maisie foi capaz de pensar que a sra. Wix bem que podia lançar uma corda para fora, ou detonar um ou outro foguete. Fosse como fosse, jamais haviam passado tanto tempo juntas sem qualquer comunhão ou telegrafia, e a terceira comensal as mantinha separadas apenas por estar com elas. A partir desta situação, as duas viam a grandeza de suas respectivas relações mais intensas com ela passar infinitamente, como uma procissão. Da parte da sra. Beale, eram tantos os movimentos animados e as frases alegres, tão brilhantes e esfuziantes, que equivaliam a música e bandeiras. Ela levou-as logo em seguida a passear, a pé e de carruagem; chegou mesmo — ao cair da noite — a esboçar um plano de levá-las ao Établissement, onde, por apenas um franco por cabeça, assistiriam a um concerto de celebridades. Esse plano trouxe à mente de Maisie a Exposição em Earl's Court, e o franco parecia reluzir mais que os xelins que terminaram não aparecendo naquela oportunidade; porém também desta vez a esperança não se concretizou: tal como os xelins, os francos não se materializaram, e o concerto seguiu o exemplo das atrações da exposição. Em suma, o Établissement desvaneceu-se, e não admirava

que uma dama, a qual, desde o momento da chegada, estivera tão galantemente ativa, por fim se confessasse exausta. Maisie compreendia seu cansaço; no decorrer daquele dia esta observadora havia percebido o quanto ela estava excitada, e chegara mesmo a comparar seu estado ao do mar numa ressaca. A tempestade fora violenta em Londres e precisava de algum tempo para amainar. Agora a criança passou a ver no estado de espírito de sua madrasta, em sua vivacidade, seu humor, que não haviam esmorecido, um exemplo do que conhecia, apenas por ouvir dizer, como “falar para ganhar tempo”.

Também a sra. Beale estava encantada com as coisas francesas; porém não deu à filha oportunidade de explicá-las, pois assumiu um tom inesperado de profunda familiaridade com elas. Uma das coisas que inibiu qualquer reação da menina à sua loquacidade foi sua afirmação, diante da qual Maisie recuou surpresa, de que ela praticamente fora criada no continente. Foi a sra. Beale, para a perplexidade da criança, que se pôs a explicar a França a suas amigas; era ela que, onde quer que se encontrasse, atuava como intérprete, historiadora e guia. Fazia inúmeras referências às viagens que fizera no passado — aos dezoito anos de idade: nessa época havia passado uma temporada com uma distinta família holandesa às margens do lago de Genebra. Já Maisie, nos dias de outrora, fora regalada com episódios dessas aventuras, mas com o tempo elas haviam se tornado espectrais, e a manifesta ausência de espanto da heroína em Boulogne, suas observações detalhadas a respeito de alguns dos exatos tópicos com relação aos quais Maisie havia fornecido detalhes à sra. Wix, constituíam uma marca visível da majestade, da espécie de vantagem, com que ela havia chegado. Tudo isso fazia parte do vento que enchia suas velas, do peso com que agora a filha sentiria sua mão. O efeito disso sobre Maisie foi o de acrescentar o ônus do tempo à sua separação de sir Claude. Para ela, era como se essa situação já durasse dias; era como se, com tudo agora acontecendo na França, sem a mãe, nem a sra. Beale, nem a sra. Wix, nem ela a seu lado, ele estivesse terrivelmente sozinho na Inglaterra. Hora após hora, Maisie tinha a sensação de estar esperando; no entanto, não saberia dizer com exatidão o que era que esperava. Momentos havia em que a

falação constante da sra. Beale era um mero zumbido para abafar o som de uma batida. O momento da crise em que ficou mais patente a função do zumbido foi aquele em que, em vez de deixar Maisie ir com a sra. Wix preparar-se para o jantar, ela empurrou-a — um gesto, por fim, incontestavelmente materno — para dentro do quarto que herdara de sir Claude. Ataviou a menina com suas próprias mãos eficientes; em seguida, revelou: “Vou divorciar-me de seu pai”.

Isso era tão diferente de tudo que Maisie esperava ouvir que ela levou algum tempo para entender. Neste ínterim, deu-se conta de que havia ficado um tanto pálida. “Para casar-se com sir Claude?”

A sra. Beale recompensou-a com um beijo. “É delicioso ouvi-la dizer isso.”

Tratava-se de um elogio, mas Maisie ficou à procura de um meio de manifestar sua objeção. “Como, se ele é casado?”

“Ele não é — na prática. Ele está livre, como você sabe.”

“Livre para casar?”

“Livre para, antes de mais nada, divorciar-se daquele demônio.”

O benefício que, nos últimos dias, Maisie julgava lhe ter sido concedido por uma certa pessoa deixou-a por instante tão despreparada para identificar a quem se referia esse epíteto terrível que hesitou um bom tempo antes de arriscar: “A mamãe?”

“Ela não é mais sua mãe”, retrucou a sra. Beale. “Sir Claude deu-lhe dinheiro para que ela deixasse de ser.” Então, como se lembrando o quanto devia parecer insignificante, a uma criança, uma transação pecuniária, acrescentou: “Ela não vai exigir que ele a sustente se ele não exigir que ela sustente você”.

No entanto, ao que parecia, a sra. Beale não fizera justiça à compreensão que tinha sua filha de assuntos financeiros. “E em vez disso me sustentar?”, perguntou Maisie.

“Assumir todo o ônus e a maçada de cuidar de você, de modo que nunca mais ela tenha notícias suas. Tal como se tivessem assinado um contrato.”

“Mas é muita bondade da parte dela!”, exclamou a menina.

“Nem tanto, minha querida; mas assim ele consegue o divórcio.”

Maisie ficou calada por alguns instantes; em seguida disse: “Não, ele não vai conseguir”. Depois acrescentou, mais ousada ainda: “Nem

ele nem a senhora”.

A sra. Beale, que estava olhando-se no espelho, virou-se, achando graça e ao mesmo tempo surpresa. “Como você pode saber isso?”

“Ah, eu sei!”, exclamou Maisie.

“Foi a senhora Wix quem lhe disse?”

Maisie hesitou; após um momento, percebendo que a sra. Beale não manifestava zanga, o que lhe causou forte impressão, pois sentia que precisava de toda sua coragem, admitiu: “Foi”.

A sra. Beale, de novo ao espelho, manuseava uma esponja de pó de arroz. “Meu amorzinho, ela está enganada!” E mais não disse.

Havia uma certa força na afabilidade dessa reação, mas nossa amiguinha refletiu algum tempo e deu-se conta de que não fora essa a resposta dada por sir Claude. Essa lembrança, porém, não a impediu de dizer: “A senhora quer dizer então que ele só vem depois que conseguir?”.

A sra. Beale acrescentou um último retoque; estava pronta, no auge de sua elegância. “O que quero dizer, minha querida, é que foi por ele *não* tê-lo conseguido que o deixei.”

Essa afirmação descortinou um panorama que se estendia além do alcance de Maisie. A menina desviou os olhos dessa visão, mas antes de saírem do quarto voltou a falar. “Agora a senhora gosta da senhora Wix?”

“Ora, meu anjo, eu ia justamente perguntar-lhe se você acha que ela agora gosta desta pobre pecadora!”

Maisie pensou, considerando a deixa, mas não chegou a nenhuma conclusão. “Não faço ideia. Mas vou descobrir.”

“É o que lhe peço!”, disse a sra. Beale, saindo, toda farfalhante, com a menina, numa nuvem de perfume, num tom que parecia indicar que isso seria um grande favor para ela.

A criança tentou fazê-lo à hora de deitar-se, livre da preocupação de que a visitante pudesse tentar separá-la à noite de sua governanta. “A senhora ainda está resistindo?”, foi dizendo, tão logo as duas portas no fim do corredor fecharam-se.

A sra. Wix olhava fixamente para a chama da vela.
“Resistindo...?”

“Ora, ela está lhe fazendo a corte. Ela conseguiu fazê-la aceitar?”

A sra. Wix voltou o olhar fixo para sua aluna. “Aceitar o quê?”

“A ideia de que *ela* é que vai ficar comigo.”

“Ela em vez de sir Claude?” Claramente, a sra. Wix estava tentando ganhar tempo.

“É, claro; já que não é em vez da senhora.”

Diante de tamanha perspicácia, a sra. Wix corou. “É, é isso mesmo que ela pretende.”

“E então, a senhora aceita?”, perguntou Maisie.

Teve que esperar pela resposta, pois sua amiga estava constrangida — e como! “Minha oposição a essa união — entre eles dois — neste caso, até certo ponto, diminuiria, naturalmente. Hoje ela me tratou como se eu não fosse, afinal de contas, um verme tão desprezível; não que eu não saiba onde ela aprendeu toda essa educação. Mas é claro”, a sra. Wix apressou-se a acrescentar, “que eu não gostaria dela, como a escolhida, tanto quanto dele.”

“‘Tanto quanto dele!’”, repetiu Maisie. “Decerto que não, ora.” Falou com uma firmeza tal que foi ela própria a primeira a tremer sob seu impacto. “Eu pensava que a senhora o ‘adorasse’.”

“E adoro”, reconheceu a sra. Wix, resoluta.

“Então a senhora de repente passou a adorá-la também?”

Em vez de responder de modo direto, a sra. Wix limitou-se a piscar, enfatizando sua resolução. “Minha filha, em que tom você diz isso! Você está se revelando.”

“E por que não? *A senhora* se revelou. A senhora Beale se revelou. Cada um tem sua vez!” E Maisie riu o risinho mais extraordinário que jamais partira de seus lábios tenros.

Dos lábios da sra. Wix, no instante seguinte, saiu um som mais do que à altura daquele riso. “Você é incrível!”, exclamou ela num relincho.

Sua aluna, ainda que sem a menor intenção de ser insolente, não pestanejou. “Creio que a senhora é em grande parte responsável por eu ser assim.”

“Você tem toda a razão.” Assumiu uma postura de humildade, como se relembresse sua autoacusação tão recente.

“Nesse caso, a senhora a aceita? É isso que estou perguntando”, disse Maisie.

“Como substituta?” A sra. Wix ruminou a questão; voltou a olhar para os olhos da menina. “Ela literalmente me adulou.”

“Pois a *ele*, ela não adulou. Nem sequer foi boa com ele.”

A sra. Wix olhou-a como se agora tivesse um trunfo. “Então você se propõe a ‘matá-la’?”

“A senhora não respondeu a minha pergunta”, Maisie insistiu. “Eu quero saber se a senhora a aceita.”

A sra. Wix continuava a esquivar-se. “Pois eu quero saber se *você* a aceita!”

Diante dessa pergunta, tudo na criança indicava que era fácil conhecer a resposta. “De modo algum.”

“Não aceita mais os dois?” A sra. Wix havia compreendido; seu rosto estava vermelho. “Só ele sozinho?”

“Ele sozinho ou ninguém.”

“Nem mesmo *eu*?”, exclamou a sra. Wix.

Maisie olhou-a por um momento, e depois começou a despir-se. “Ah, ‘ninguém’ é a senhora!”

Maisie dormiu até tarde; deu-se conta desse fato no instante em que abriu os olhos e viu a sra. Wix, ereta, completamente vestida, mais vestida do que nunca, olhando para ela do meio do quarto. Num átimo a menina estava sentada na cama, bem desperta, temendo haver perdido várias horas “no estrangeiro”. A sra. Wix parecia já estar sentindo os efeitos do novo dia, e para Maisie o processo de recuperar o tempo perdido começou com a frase de sua amiga: “Minha pobrezinha, ele veio!”.

“Sir Claude?” Maisie, saltando por cima do pequeno tapete ao lado da cama, sentiu o chão encerado sob os pés descalços.

“Atravessou o canal da Mancha durante a noite; chegou cedo.” A sra. Wix jogou a cabeça para trás com um gesto rígido. “Ele está aí.”

“E a senhora o viu?”

“Não. Ele está aí — ele está aí”, a sra. Wix repetia. Sua voz saía estranhamente fraca, uma fraqueza que não era voluntária, e ela tremia de tal modo que acentuava a emoção comum a ambas. Pálidas, entreolharam-se.

“Não é uma *beleza?*”, retrucou Maisie, ofegante; era um desafio, ao qual, porém, ela não estava preparada para enfrentar uma resposta. O termo usado por Maisie fora um lampejo de diplomacia — para impedir, ao menos, que a sra. Wix empregasse outro. Nisso teve êxito; no rosto velho e pálido surgiu apenas um apelo, estranho e mudo, que parecia exprimir uma indecisão maior do que se poderia associar, por mais otimista que se fosse, a sua atitude com relação ao ocorrido. Para Maisie, o que acontecera lhe proporcionara, por estranho que parecesse, algo menos que êxtase puro e simples, o que até então costumava ser sua reação a qualquer chegada ou volta de seu amigo supremo. O que se passara, da noite para o dia, enquanto ela dormia, com sua cômoda capacidade de ser feliz? Maisie tentou

despertá-la um pouco, falando, regozijando-se, mergulhando em água fria e em suas roupas, e deu-se conta de que já eram dez horas, e também de que a sra. Wix ainda não havia feito o desjejum. Na véspera, às nove, haviam tomado juntas um *café complet* na saleta. A sra. Wix, por sua vez, claramente também buscava um refúgio. Ela o fez contendo a precipitação de alguns dos atos de sua aluna, lembrando-lhe, num tom que se aproximava da severidade, que desses preparativos os que envolviam o uso abundante de sabonete eram os mais importantes, e chegando mesmo a criticar a atitude de vestir-se às pressas por conta da chegada de um mero padraço. Controlou-a com uma insistência silenciosa; reduziu o processo a sequências mais definidas do que Maisie jamais experimentara desde os tempos de Moddle. Fosse o que fosse o que agora, com uma certa diferença, estava associado à presença de sir Claude, era assim mesmo compatível com o instinto de vestir-se para vê-lo com uma pressa que quase chegava a implicar o desleixo. Nesse ínterim, a sra. Wix, por sorte, não estava muito inclinada à repressão. “Ele está aí — ele está aí!”, repetia diversas vezes. Era a resposta que dava cada vez que lhe era perguntado havia quanto tempo estava acordada, e que motivo a levava a respeitar de modo tão escrupuloso o sono de sua amiga. Era esta, durante alguns minutos, a única coisa que dizia a respeito do paradeiro dos outros e do fato de não os haver procurado até então, bem como da possibilidade de eles surgirem na sala.

“Ele está aí — ele está aí!”, ela afirmou mais uma vez, enquanto ajeitava, com um puxão quase odioso, uma roupa de baixo da menina.

“Quer dizer que ele está na sala?”, Maisie perguntou outra vez.

“Ele está *com ela*”, disse a sra. Wix, desconsolada. “Está com ela”, reiterou.

“No quarto dela?”, prosseguiu a menina.

Ela fez uma pausa. “Só Deus sabe!”

Maisie ficou a pensar por que motivo, e de que modo, Deus haveria de sabê-lo; isso, porém, só a fez adiar por um instante a pergunta: “Bem, e ela não vai voltar?”.

“Voltar? Nunca!”

“Ela vai ficar assim mesmo?”

“Com mais motivo ainda.”

“Então sir Claude não vai voltar?”, Maisie perguntou.

“Voltar, ele — se *ela* não vai?” A sra. Wix pareceu examinar a questão por um minuto. “Por que ele haveria de vir — para voltar logo em seguida?”

Maisie saiu-se com uma solução engenhosa. “Para *fazê-la* voltar. Para levá-la.”

A sra. Wix enfrentou-a sem concessão. “Se ele é capaz de *fazê-la* voltar com tanta facilidade, por que então deixou-a vir?”

A menina pensou. “Ah, só para me ver. Ela tem esse direito.”

“É — ela tem esse direito.”

“Ela é minha mãe!” Maisie arriscou, com um risinho nervoso.

“É — ela é sua mãe.”

“Ademais”, prosseguiu a criança, “ele não a deixou vir. Ele não a quer aqui, e se não quer...”

A sra. Wix completou a frase: “Vai ter que engoli-la assim mesmo — é isso que ele vai fazer! A sua mãe tinha razão — quer dizer, a sua mãe de verdade. Ele é um fraco. Não tem força alguma”. Pareceu entregar-se a considerações profundas. “Talvez até tivesse algum poder sobre *ela* — quer dizer, sobre milady. Ele não passa de um pobre escravo”, afirmou, com uma energia súbita.

Maisie ficou a pensar outra vez. “Escravo?”

“De suas próprias paixões.”

A menina continuou pensando; estava mesmo impressionada. Depois perguntou: “Mas como a senhora sabe que ele vai ficar?”.

“Porque ele gosta de nós!” E a sra. Wix, enfatizando a palavra, deu meia-volta na criança para ajustar-lhe os ganchos posteriores. Sem dúvida, ela jamais lhe dera tamanha sacudidela.

Foi como se, ao ser Maisie sacudida, algo saísse de dentro dela. “Mas o que ele vai ganhar com isso se nós — apesar de ele gostar de nós — não ficarmos?”

“Você quer dizer, se nós formos embora e o deixarmos com ela?”

A sra. Wix dirigiu a pergunta à nuca da menina. “Não vai ganhar nada. Vai ser o fim dele. Não terá ganho coisa alguma. Perderá tudo. Será a destruição completa dele, pois não há dúvida de que em pouco tempo sentirá ódio dela.”

“Então, quando isso acontecer” — era extraordinário como a menina captava a ideia — “ele virá atrás de nós!”, proclamou Maisie.

“Nunca.”

“Nunca?”

“Ela vai segurá-lo. Para sempre.”

Maisie duvidou. “Mesmo se ele sentir ‘ódio’ dela?”

“Isso não vai adiantar. *Ela* não vai odiá-lo. Ninguém o odeia!”, argumentou a sra. Wix.

“Não é verdade. A mamãe o odeia”, lembrou a menina.

“Sua mãe *não* o odeia, não!” Era espantoso — sua amiga contradizê-la assim, de modo categórico. “Ela o ama — o adora. Eu que sou mulher o percebo.” A sra. Wix falava como se Maisie não apenas ainda não fosse mulher, mas também jamais viesse a sê-lo. “*Eu sei!*”, exclamou.

“Então por que motivo ela o largou?”

A sra. Wix hesitou. “*Ele* a odeia. Levante a cabeça — assim. Você sabe o que sinto por ele”, acrescentou, com dignidade; “mas sabe também que eu enxergo com clareza.”

Era justamente o que Maisie estava tentando fazer todo este tempo. “Então, se ela o deixou por esse motivo, por que a senhora Beale não haverá de deixá-lo também?”

“Porque ela não é tão boba!”

“Tão boba quanto a mamãe?”

“Isso mesmo — já que você insiste em saber. Você acha mesmo possível que ela o deixe?”, indagou a sra. Wix. Outra vez ficou absorta; então prosseguiu, com mais ênfase: “Você quer mesmo saber por quê? Para ela poder desgraçá-lo e castigá-lo”.

“Castigá-lo?” Isto era demais para Maisie poder aceitar àquela altura. “Por quê?”

“Por tudo. É o que vai acontecer: ele ficará preso a ela por todo o sempre. Ela pouco há de incomodar-se de saber-se odiada, e não vai odiá-lo em represália. Vai odiar só a *nós*.”

“A nós?”, a criança repetiu, com um fio de voz.

“A *você*.”

“A mim? Pois se fui eu que os aproximei!”, exclamou Maisie, ressentida.

“Foi você que os aproximou.” A concordância da sra. Wix era integral. “É verdade; você o fez muito benfeito. Sente-se.” Começou a escovar os cabelos da menina e, enquanto levantava uma mecha com certa força, prosseguiu, áspera: “Sua mãe o adorava de início — poderia ter durado. Mas ele se precipitou com a senhora Beale. Como você diz”, prosseguiu, brandindo a escova com rapidez, “foi você que os aproximou.”

“Fui eu que os aproximei” — Maisie estava disposta a reafirmá-lo. Não obstante, por um momento sentiu-se no fundo de um buraco; de súbito pareceu encontrar uma saída. “Mas não fui eu que aproximei mamãe...” Aqui hesitou.

“De todos aqueles cavalheiros?”, completou a sra. Wix. “Não; disso você não teve culpa.”

“Tudo que eu disse ao capitão” — Maisie lembrava-se muito bem — “foi que eu esperava que ele ao menos (ele era tão simpático!) a amasse e ficasse com ela.”

“E mesmo isso não foi tão mau assim”, comentou a sra. Wix.

“Muito bom, também, não foi”, Maisie foi obrigada a admitir. “Ela não o suporta — nem um pouco. Ela me disse, em Folkestone.”

A sra. Wix conteve um arquejo; em seguida, após um instante de hesitação, em que parecia estar tentando com esforço desviar os pensamentos de sua consideração curiosamente imparcial da conduta de Ida: “Que ideia, a dela, de falar a você sobre um tipo como ele!”.

“Ah, eu gosto dele!”, replicou Maisie na mesma hora; em resposta, com um som inarticulado e uma inconsequência mais acentuada ainda, sua amiga debruçou-se sobre ela e roçou-lhe a face com os lábios, com a intenção aparente de beijá-la.

“Bem, se milady não é da mesma opinião, o que isso prova?”, perguntou a sra. Wix em conclusão. “Prova que ela gosta de sir Claude!”

Maisie, à luz de alguns desses dados, refletiu sobre a questão até terminar o penteado, mas quando por fim levantou-se, não parecia estar mais próxima da compreensão. Então agarrou o braço da sra. Wix. “Ele deve ter conseguido o divórcio!”

“De anteontem para cá? Não diga bobagens.”

Isso foi dito num tom de tamanha impaciência que a menina ficou sem ter o que dizer em resposta; assim sendo, procurou refúgio numa relação totalmente diversa com o fato. “Pois eu sabia que ele viria!”

“Eu também, mas não em vinte e quatro horas. Eu imaginava que demorasse alguns dias!”, gemeu a sra. Wix.

Maisie, já livre das mãos da outra, olhou-a com interesse. “E quantos dias *ela* imaginava?”

A sra. Wix encarou-a por um momento; depois, como se perplexa, fungou: “Melhor perguntar a ela!”. Porém mal havia falado quando recuou. “Meu Deus, as coisas que estamos dizendo!”

Maisie pensou que, dissessem o que dissessem, ela precisava vê-lo, mas durante algum tempo permaneceu calada, limitando-se a terminar de vestir-se escrupulosamente; também a sra. Wix ficou em silêncio. Era quase como se cada uma tivesse coisas demais em que pensar, até mesmo como se a criança se desse conta de que sua amiga a estava vigiando e tentando discernir se ela própria estava sendo vigiada. Por fim a sra. Wix virou-se para a janela e ficou olhando para fora — sem ver nada, Maisie imaginava. Por fim, nossa amiguinha, diante do espelho, sacudiu-se pela derradeira vez. “Bem, estou pronta. Agora vou ter com ele!”

A sra. Wix virou-se, mas como se não a tivesse ouvido. “É muito, muito sério.” Havia lágrimas lentas atrás dos corretivos.

“É, sim. É, sim.” Maisie falava como se agora estivesse vestida à altura da ocasião; como se, com o último retoque, tivesse colocado na cabeça o capuz do verdugo. “Preciso falar com ele imediatamente.”

“Como você pode falar com ele se ele não mandar chamá-la?”

“Por que não posso ir até ele?”

“Porque você não sabe onde ele está.”

“Não posso ir até a sala e olhar?” Isso ainda parecia simples a Maisie.

A sra. Wix, porém, vetou tal iniciativa de imediato. “Eu não a deixaria ir à sala em hipótese alguma!” Em seguida, explicou um pouco: “A sala não é mais nossa”.

“Nossa?”

“Minha e sua. É deles.”

“Deles?” Maisie, os olhos arregalados, continuava ecoando as palavras de sua amiga. “Então eles não nos querem lá?”

A sra. Wix fraquejou; afundou numa poltrona e, como Maisie tantas vezes já a vira fazer, cobriu o rosto com as mãos. “Não deviam, ao menos. Que situação monstruosa!”

Maisie ficou parada por um momento — olhou em volta. “Vou procurá-lo — vou encontrá-lo.”

“*Eu não vou! Eu não chego nem perto deles!*”, gritou a sra. Wix.

“Então vou sozinha.” A criança encontrou o que procurava — pegou seu chapéu. “Talvez eu dê um passeio com ele!” E, decidida, saiu do quarto.

A sala estava vazia quando Maisie entrou, mas ao ouvir a porta ser aberta alguém mexeu-se na sacada, e em seguida sir Claude surgiu diante dela. Estava com roupas frescas, limpas, e um chapéu de palha com uma faixa colorida; essas coisas, além de parecerem em si, para Maisie, uma promessa do mais grandioso dos passeios, emprestava a sir Claude um certo brilho e, por assim dizer, uma elegância tropical; porém esse efeito serviu apenas para ressaltar ainda mais o fato de que ele parou de repente e, por um espaço de tempo mais longo do que jamais ocorrera em circunstâncias análogas, não abriu os braços para ela. Sua hesitação fê-la hesitar e deu-lhe a oportunidade para refletir que seu padrasto devia estar acordado fazia algum tempo, pois não havia na sala nenhum vestígio do desjejum, e que, apesar de já ser tão tarde, ele ainda não requisitara a presença da enteada. Teria a sra. Wix razão a respeito do uso da sala? Seria agora só dele, dele e da sra. Beale? Tal ideia, com a velocidade em que seus breves pensamentos pulsavam, não podia senão lembrá-la do modo como o que antes fora dela era agora precisamente o que mais pertencia à sra. Beale e a ele. Era estranho ver-se ali, a cumprimentá-lo, do outro lado de um abismo, pois a esta altura ele já dissera: “Minha querida, minha querida!”, porém sem aproximar-se dela. De súbito Maisie viu que seu amigo estava diferente — mais do que ele próprio percebia ou pretendia. No instante seguinte, foi sir Claude que percebeu algo no rosto da menina, algo que o fez estender-lhe a mão. Então encontraram-se, e ele beijou-a, e riu, e Maisie até sentiu que ele enrubescia; algo da afeição costumeira manifestou-se em sua voz

quando ele disse: “Cá estou de volta, como você vê — conforme prometi”.

Não era conforme ele prometera — a sra. Beale não fazia parte da promessa; porém Maisie nada comentou a esse respeito. Limitou-se a dizer: “Eu sabia que o senhor estava aqui. A senhora Wix me disse”.

“Ah, sim. E onde está ela?”

“No quarto dela. Ela me aprontou — me vestiu.”

Sir Claude olhou-a de alto a baixo; sempre que fazia isso, surgia em seu rosto uma expressão docemente irônica que ela amava em particular, e que não faltou agora. Ele levantou as sobrancelhas e os braços, simulando admiração; afinal, estava mesmo disposto a ficar alegre. “Vestiu-a? Sim, senhor! E vestiu-a muito bem. Ela não vem?”

Maisie pensou se era melhor dizer. “Disse que não.”

“Então ela não quer ver um pobre-diabo?”

Maisie olhou em volta, sob o impacto do epíteto que ele atribuía a si próprio, e seus olhos pousaram na porta do quarto que antes fora o dele. “A senhora Beale está aí?”

Sir Claude olhou para o mesmo lugar com uma expressão de perplexidade. “Não faço a menor ideia!”

“O senhor não a viu?”

“Nem mesmo a ponta do nariz.”

Maisie pensou: instalou-se nela, à luz dos olhos lindos e sorridentes de seu amigo, uma tênue, pura e fria convicção de que ele não estava dizendo a verdade. “Ela não lhe deu as boas-vindas?”

“Absolutamente.”

“Então onde está ela?”

Sir Claude riu; parecia ao mesmo tempo achar graça e estar surpreso diante da importância que a menina dava à questão.

“Desisto!”

“Ela não sabe que o senhor veio?”

Ele riu outra vez. “Talvez não esteja interessada!”

Maisie, movida por uma inspiração, agarrou-se ao braço de sir Claude. “Ela foi *embora*?”

Os olhos dele encontraram-se com os da menina, e foi então que ela percebeu que o olhar de seu padrasto estava muito mais sério que sua postura. “Embora?” Maisie correu até a porta, mas antes que ela

tivesse tempo de levantar a mão para bater, sir Claude correu até ela e deteve-lhe o gesto. “Deixe-a para lá. Não quero saber dela. Quero é ver *você*.”

Maisie retrocedeu com ele. “Quer dizer então que ela *não* foi embora?”

Sir Claude continuava com um ar jocoso, mas quanto mais o observava, mais a menina se convencera de que ele estava preocupado. “Ela não faria uma coisa dessas!”

Maisie contemplava-o, perplexa. “O senhor queria que ela viesse?”

“Como você pode imaginar...?” Abriu-se com a menina: “Tivemos uma discussão terrível por causa disso”.

“Quer dizer que vocês estão brigados?”

Sir Claude não sabia o que dizer. “O que foi que ela disse a você?”

“Que eu sou dela tanto quanto do senhor. Que ela representa o papai.”

Ele voltou o olhar para a janela aberta e elevou-o ao céu; a menina ouviu-o balançar as moedas ou as chaves nos bolsos das calças. “Eu sei — é o que ela vive dizendo.” Por um momento, ele parecia quase impotente.

“O senhor diz que não quer saber dela”, prosseguiu Maisie. “O senhor está mesmo dizendo que vocês brigaram?”

“Não fazemos nada na vida a não ser brigar.”

Ao dizer isso, ele impôs-se a ela como uma presença tão suave, tão bela, tão rica, apesar do que pudesse estar preocupando-o — toda a familiaridade entre eles recuperada — que o significado daquelas palavras, do que, não fosse isso, talvez constituísse uma promessa palpável, revestiu-se de uma névoa luminosa. “Ah, as suas *brigas!*”, exclamou ela com desânimo.

“Pois lhe afirmo que as dela são terríveis!”

“Não falo das dela, e sim das suas.”

“Ah, não faça isso antes de eu tomar meu café! Você está ficando esperta”, acrescentou. Em seguida, indagou: “Você já tomou café, imagino?”.

“Não, não — nada.”

“Não pediu nada no quarto?” Ele era todo compunção. “Ora, vamos tomar café juntos, minha velha!” Teve então uma de suas ideias felizes. “Já sei — vamos sair.”

“Era justamente o que eu esperava. Trouxe até meu chapéu.”

“Você é mesmo esperta! Vamos a um café.” Maisie já estava à porta; ele olhou ao redor. “Um momento — minha bengala.” Mas pelo visto não a encontrou. “Não faz mal; esqueci-a... ah!”, exclamou, num tom curioso, ao lembrar-se, e saiu.

“Esqueceu-a em Londres?”, ela perguntou enquanto desciam a escada.

“Foi... em Londres. Imagine só!”

“Foi tamanha a sua pressa de vir para cá”, explicou Maisie.

Ele enlaçou-a com o braço. “Deve ter sido por isso.” A meio caminho, deteve-se outra vez, com um tapa na perna. “É a pobre da senhora Wix?”

Uma leve sombra desenhou-se no rosto de Maisie. “O senhor quer que ela venha também?”

“De modo algum — quero-a sozinha.”

“É assim que eu o quero também!”, retrucou Maisie. “Como antigamente.”

“Como antigamente!”, repetiu ele, alegre. “Mas o que eu queria saber era se ela já tomou café.”

“Não, nada.”

“Então vou mandar que entreguem no quarto. Madame!”

Chamou, ao pé da escada, a gorda *patronne*, uma senhora que, do corredor arejado e movimentado, voltou-lhe um rosto coberto de pó de arroz matinal e um busto volumoso como uma cornija de lareira forrada de veludo, sobre o qual um rosto branco e redondo, emoldurado por cabelos dourados, poderia perfeitamente passar por um relógio vistoso. Com recomendações detalhadas, sir Claude pediu o desjejum da sra. Wix; era encantador ouvir seu francês fluente e impecável: até mesmo sua amiga, do fundo de sua ignorância, era capaz de perceber sua perfeição. A *patronne*, esfregando as mãos e completando, com notas agudas e rápidas, o belo dueto, acompanhou-o até a rua, e enquanto os dois conversavam por mais um momento Maisie lembrou-se do que lhe dissera a sra. Wix: todos gostavam dele.

Evidenciava-se, através do pó de arroz, no arfar do busto pesado, o quanto aquela senhora gostava dele. Sem dúvida, sir Claude pedira algo delicioso para a sra. Wix. “*Et bien soigné, n’est-ce-pas?*”

“*Soyez tranquille*” — a *patronne* era toda sorrisos para ele. “*Et pour madame?*”

“*Madame?*”, repetiu ele; a pergunta fê-lo hesitar um pouco.

“*Rien encore?*”

“*Rien encore.* Vamos, Maisie.” Ela correu para seu lado, mas enquanto seguiam para o café ele não disse nada.

Depois que se viram sentados, foi diferente: o café não era ao lado do hotel, e sim mais adiante, junto ao cais; havia janelas largas e claras, e o chão salpicado de farelo de trigo tinha para Maisie algo do encantamento de um circo. Estavam praticamente a sós naquele espaço colorido, com assentos de pelúcia vermelha; além deles havia apenas um ou outro cavalheiro a palitar os dentes, com contorções faciais, por trás de mesinhas nuas; um deles, em particular, um velho, velhíssimo, com uma fita vermelha no paletó, que mergulhava pãezinhos amanteigados no café e depois fazia-os sumir no parco intervalo que restava entre o nariz e o queixo, talvez tivesse, num momento menos tenso, exercido sobre Maisie um fascínio quase invejoso. Também eles pediram *café au lait* e pãezinhos amanteigados, tendo sir Claude perguntado à menina se ela haveria de satisfazer-se com uma refeição tão leve até a hora do *déjeuner*. Essa menção ao almoço evocou para ela, ali naquele ambiente fresco, à sombra, a imagem, vagamente concebida, de uma espécie de desordem consentida, o mundo daqueles — os irregulares, como ela — que se deitavam e levantavam muito tarde, um pensamento que a entretinha enquanto observava o garçom ágil, com seu avental branco, a fazer com pratos e pires malabarismos dignos de um certo mágico que ela vira num *music-hall* em Londres, onde fora levada por seu amigo. Logo sir Claude voltou a falar, de Londres, da sensação que tivera de estar ausente, em ambas as margens do canal da Mancha; de Susan Ash também, do trabalho que lhe dera, mas também do quanto ela o fizera rir; depois, da viagem de volta, o canal à noite, a multidão no navio, o excesso de conhecidos. Falou de muitas outras coisas e fez questão de saber o que haviam feito, na sua ausência, a sra. Wix e sua aluna. Haviam mesmo se divertido, conforme ele prometera? Teria ele exagerado um pouco em seus preparativos para assegurar o prazer das

duas? Maisie disse-lhe algo — não tudo — a respeito do quanto ele conseguira realizar seu intento e do quanto elas eram-lhe gratas; tinha na cabeça um emaranhado de ideias que se tornava cada vez mais complexo à medida que se acentuava a consciência de que ela jamais o vira exatamente naquele estado em que lhe fora restituído.

A sra. Wix dissera uma vez — uma vez ou cinquenta; uma vez bastava para Maisie, porém mais não era demais — que sir Claude era muitíssimo mutável. Pois bem, para a menina ele sem dúvida estava assim naquela ocasião: estava mais mutável do que qualquer outra coisa. Ademais, o fato de encontrarem-se juntos num café, sentados a uma mesinha simpaticamente íntima, como em tantas outras oportunidades em Londres, tinha o efeito de ressaltar ainda mais a diferença da situação que os reunia agora. Essa diferença estava estampada no rosto dele, na sua voz, em cada olhar que dirigia a Maisie, em cada movimento seu. Não eram esses os olhares e os movimentos que ele queria de fato manifestar, e a menina percebia também que não eram esses os que ela própria desejava ver. Já o vira nervoso antes, já vira nervosos todos aqueles com quem travara contato, porém nunca o vira tão nervoso assim. Pouco a pouco foi sentindo-se dominada por um terror tranquilo, um terror tão frio quanto a sensação que experimentara pouco antes, no hotel, ao constatar que, ao perguntar-lhe a respeito da sra. Beale, não conseguia acreditar em sua resposta. Parecia-lhe ver ali, poder tocar, do outro lado da mesa, se tão somente estendesse o braço, aquilo a que ele se referira nas diversas ocasiões em que confessara ter medo. O que inspiraria medo a um homem como aquele com tanta frequência? Decerto foi nesse momento que Maisie começou a entender que só poderia haver uma coisa capaz de inspirar tanto medo a um tal homem: ele devia estar com medo de si próprio. Fosse como fosse, o medo estava presente; seu medo era doce e belo para ela, era carinhoso com ela, ia tomar café e comer pãezinhos com ela, e conversava e ria com ela, sem conversar nem rir de verdade; seu medo manifestava-se na voz irônica, procrastinadora, pervertedora; fora desse modo faz de conta que ele a trouxera até ali, para imitar os velhos tempos de camaradagem em Londres, para imitar um relacionamento que havia mudado de modo radical, um

relacionamento que ela vira mudar com seus próprios olhos quando, na véspera, na sala, a sra. Beale surgiu de súbito a sua frente. Aliás, a sra. Beale surgia à sua frente agora, pois antes mesmo que a refeição fosse servida Maisie formulou a pergunta direta à qual, tão logo entraram, a primeira coisa que ele dissera dera ensejo: “Nós vamos almoçar com a senhora Beale?”.

A resposta dele não foi nada direta: “Eu e você?”.

Maisie recostou-se no espaldar. “Eu e a senhora Wix.”

Também sir Claude ajeitou-se na cadeira. “Trata-se de uma pergunta, minha cara, que deve ser respondida pela própria senhora Beale.” Sim, ele fora evasivo; mas de súbito, após um momento durante o qual algo parecia pairar no espaço entre os dois, balançando-se pesadamente, como se a abaná-los, ela deu-se conta de que a coisa viera à tona. “Você se importa”, ele foi dizendo, “se eu lhe perguntar o que a senhora Wix disse a você?”

“Disse a mim?”

“Nesses últimos dias — em que estive fora.”

“A respeito do senhor e da senhora Beale?”

Sir Claude, apoiado nos cotovelos, fixou os olhos por um momento no mármore branco da mesa. “Não; acho que já falamos bastante sobre isso antes de eu viajar, não é? Creio que com relação a isso já está tudo esclarecido. Refiro-me a você, a... ah, você sabe! — à ideia de você estar ligada a nós, e ficar conosco. Quando você estava a sós com nossa amiga, o que disse ela?”

Maisie sentiu o peso da pergunta; calou-se por algum tempo, durante o qual olhou para sir Claude, cujos olhos permaneceram abaixados. “Nada”, disse ela por fim.

Ele demonstrou incredulidade. “Nada?”

“Nada”, repetiu Maisie, quando então houve uma interrupção, representada por uma bandeja contendo os preparativos para o desjejum.

Esses preparativos eram tão divertidos quanto tudo o mais; o garçom serviu-lhes café de um recipiente semelhante a um regador e depois fê-lo espumar vertendo, com o braço levantado, uma cascata curva de leite quente; mas os dois entreolhavam-se em meio àquela agradável demonstração francesa com uma gravidade que já não

encerrava nenhuma simulação. Sir Claude despachou o garçom com um pedido e retomou a resposta da menina. “Ela não tentou influenciá-la?”

Face a face com ele deste modo, Maisie teve a impressão de que se esforçara tão pouco que de nada valera a tentativa; assim, por um instante calou-se de novo. Em seguida, encontrou um caminho intermediário. “A senhora Wix agora gosta dela; e há uma coisa que descobri — uma coisa importante. A senhora Wix gosta de ser tratada por ela com simpatia. Ontem ela foi muitíssimo simpática o dia inteiro.”

“Sei. E o que ela fez?”, perguntou sir Claude.

Agora Maisie estava ocupada com seu desjejum, e seu amigo com o dele; assim, pelo menos quanto à forma, a velha sociabilidade estava mais do que reavivada. “Tudo que pôde. Tratou-a tão bem quanto o faria o senhor”, disse a criança. “Falou com ela o dia todo.”

“E disse o que a ela?”

“Ah, não sei.” Maisie sentia-se um pouco confusa ao ver-se pressionada por ele deste modo, para extrair-lhe informações; isso não se coadunava com o grau de intimidade que, segundo as acusações da sra. Wix, ele teria com a sra. Beale, e que, de acordo com a anciã, colocara-o outra vez numa situação de servidão. Não saberia ele melhor do que sua enteada como agia a pessoa que o escravizara? Após um instante, porém, acrescentou: “Ela a cortejou”.

Sir Claude olhou-a com um olhar mais duro, e foi sem dúvida algo no tom da menina que o fez apressar-se a perguntar: “Você não se incomoda de eu lhe perguntar, não é?”.

“Nem um pouco; só que imagino que o senhor saiba melhor do que eu.”

“O que a senhora Beale fez ontem?”

Maisie teve a impressão de que ele corou um pouco; porém quase ao mesmo tempo deu-se por si respondendo: “É... se o senhor esteve com ela”.

Ele soltou a mais estrepitosa das gargalhadas. “Ora, rapaz, pois eu não acabei de lhe dizer que não estive? Diga-me, você não acredita em mim?”

Havia algo que já lhe inspirava tamanho medo que todos os outros temores ficavam encobertos. “O senhor não voltou para vê-la?”, indagou após um momento. “Não voltou porque sempre sente uma vontade muito grande de vê-la?”

Sir Claude recebeu suas perguntas tal como recebera suas dúvidas — com uma extraordinária ausência de ressentimento. “Entendo, é claro, por que você pensa assim. Mas não foi por isso que fiz o que fiz. Como disse a você ainda há pouco no hotel, era a você, na verdade, que eu queria ver.”

Por um instante Maisie experimentou a mesma sensação que tinha quando, no quintal da casa de sua mãe, ele empurrava com toda a força o balanço — bem alto, bem alto — que havia instalado ali para ela, e que acabou quebrando-se quando a cozinheira teve a extravagante ideia de impor-lhe seu peso. “Que bom. Mas para verme e depois ir embora outra vez?”

“Se eu vou embora ou não, é justamente o problema. Ainda não sei... depende.”

“Da senhora Beale?”, perguntou Maisie. “*Ela* não vai embora.” Sir Claude terminou sua xícara de café e em seguida, depois que a largou na mesa, recostou-se no espaldar; então Maisie percebeu que ele sorria para ela. Isso só fez reforçar a impressão de que seu amigo estava em apuros, que apesar da dor estava tentando mudar de posição, experimentar outras soluções. Ele continuava sorrindo, e a menina prosseguiu: “O senhor não sabe disso?”.

“Sei; é melhor confessar-lhe que sei disso tão bem quanto você. *Ela* não vai embora. Vai ficar.”

“Vai ficar. Vai ficar”, Maisie repetiu.

“Pois é. Quer mais café?”

“Quero, sim, por favor.”

“E mais um pãozinho?”

“Também, obrigada.”

Ele fez sinal para o garçom, o qual circulava por perto e logo aproximou-se, com uma cornucópia reluzente em cada mão e muita simpatia pela *mademoiselle*. “*Les tartines sont là.*” As xícaras foram enchidas mais uma vez, e enquanto observava, quase absorto, as

bolhas na mistura fragrante, sir Claude repetia: “Pois é... pois é. É muito constrangedor!”, exclamou depois que o garçom afastou-se.

“Ela não ir embora?”

“É... tudo! Ora, ora!” Porém conteve-se; voltou a comer. “Vim para perguntar-lhe uma coisa. Foi por isso que voltei.”

“Eu sei o que o senhor quer me perguntar”, disse Maisie.

“Tem certeza mesmo?”

“Quase absoluta.”

“Então pode arriscar. Você não quer que só eu arrisque sempre, não é?”

A força dessa observação impressionou-a. “O senhor quer saber se eu ficaria feliz com *elas*.”

“Com aquelas duas senhoras apenas? Não, não, rapaz: *vous n’y êtes pas*. Errou!” E riu.

“Bem, então o que é?”

Em vez de responder, ele estendeu o braço e pôs a mão sobre a da menina, segurando-a como se fosse levado a esse gesto por uma ideia.

“A senhora Wix ficaria com *ela*?”

“Sem o senhor? Ah, sim... agora.”

“Por causa da mudança de atitude da senhora Beale, como você contou-me ainda há pouco?”

Maisie, com seu senso de responsabilidade, pesou tanto a mudança de atitude da sra. Beale quanto a fraqueza humana da sra. Wix.

“Acho que ela a convenceu.”

Sir Claude pensou por um momento. “Ah, a pobre!”

“O senhor se refere à senhora Beale?”

“Não, não; à senhora Wix.”

“Ela gosta que os outros tentem convencê-la; gosta de ser tratada como uma pessoa qualquer. Ah, ela gosta muito de cortesia”, afirmou Maisie. “Isso tem um efeito enorme sobre ela.”

Sir Claude, para sua surpresa, discordou um pouco. “Tem, sim — até certo ponto.”

“Ah, até qualquer ponto!”, Maisie retrucou, enfática.

“Pois bem, eu não tenho sido cortês com ela?”

“Muitíssimo; e ela adora o senhor.”

“Então, minha querida, por que ela não me deixa em paz?” Desta vez não havia dúvida: sir Claude enrubesceu. Antes, porém, que Maisie pudesse responder a essa pergunta, o que sem dúvida teria exigido muito tempo, ele prosseguiu, em outro tom de voz: “A senhora Beale acha que provavelmente conseguiu vencer-lhe a resistência. Mas está enganada”.

Embora ele falasse como se tivesse certeza, Maisie estava convicta da impressão que acabava de comunicar, e que reafirmou em seguida. “Ela a convenceu.”

“Ah, sim; convenceu-a a aceitá-la, mas não a aceitar a mim.”

Ah, Maisie não suportava ouvi-lo dizer tal coisa! “O senhor? Então não acredita que ela o adora?”

Sir Claude ficou a pensar no que acreditava. “Claro que sei que ela é maravilhosa.”

“Ela ama o senhor tanto quanto eu, sem tirar nem pôr”, disse Maisie. “Ela mesma me disse ontem.”

“Ah”, ele apressou-se a observar, “então ela tentou influenciá-la, sim! Eu não amo a *ela*, você entende? Eu lhe faço justiça”, prosseguiu, “mas não a amo como amo você, e estou certo de que você não poderia esperar de mim tal coisa. Ela não é minha filha — ora, rapaz! Não é nem mesmo minha mãe, embora talvez tivesse sido melhor para mim se fosse. Faço por ela o que faria por minha mãe, porém não mais.” Seu nervosismo traía-se numa necessidade de explicar-se e justificar-se, ainda que tentasse insistentemente corrigi-lo e disfarçá-lo com risos e bocados de pão e outras familiaridades inúteis. De repente interrompeu-se, limpando o bigode com puxões vigorosos, e voltou à sra. Beale. “Ela tentou convencer *você* também?”

“Não — a mim disse muito pouco. Muito pouco, mesmo”, prosseguiu Maisie.

Este fato aparentemente surpreendeu-o. “Então foi só com a senhora Wix que ela foi tão doce?”

“Doce como açúcar!”, exclamou Maisie.

Ele pareceu achar graça na comparação, mas não a contestou; pelo contrário, emitiu, num tom de anuência, um pequeno ruído inarticulado. “Eu sei o quanto ela o pode ser, quando quer. Mas de

nada lhe valeu. A senhora Wix não vai se convencer. É isso que torna a situação tão delicada.”

Maisie sabia que a situação era delicada; percebeu agora que já sabia disso havia algum tempo e que sentia mais urgência de saber outra coisa. “O que foi que o senhor veio até aqui para me perguntar?”

“Era justamente disso que eu ia falar”, disse sir Claude. “Devo avisar que vou surpreendê-la.” Maisie já havia terminado de comer e voltara a recostar-se no espaldar; aguardava em silêncio o que ele tinha a lhe dizer. Sir Claude havia afastado um pouco para o lado os objetos à sua frente, a fim de apoiar na mesa os cotovelos. Desta vez, a menina pensou, sabia o que estava por vir e, mais uma vez, preparando-se para o impacto, tal como fizera com a sra. Wix no quarto do hotel, prendeu a respiração e semicerrou as pálpebras. Sir Claude ia dizer que ela teria de abrir mão dele. Seu amigo olhou-a fixamente outra vez; em seguida, fez um esforço e disse: “Você seria capaz de ficar sem ela?”.

Maisie ficou perplexa. “Ela...?”

“A senhora Wix. Isso na pior das hipóteses. Você seria capaz de sacrificá-la? Claro que sei o que estou lhe pedindo.”

Maisie voltou a abrir os olhos por completo; aquilo era muito diferente do que ela esperava. “E ficar só com o senhor?”

Ele empurrou mais um pouco sua xícara. “Comigo e com a senhora Beale. Claro que seria um tanto estranho; mas tudo na nossa história é mesmo um tanto estranho, não é? O que poderia ser mais extraordinário do que ser abandonada pelos dois pais, como ocorreu com você?”

“Ah, não há nada mais extraordinário que isso!”, concordou Maisie, aliviada por ouvir uma proposição com a qual podia concordar de todo.

“É claro que não seria nada convencional”, prosseguiu sir Claude. “Quer dizer, a pequena família que nós três formaríamos; mas essas preocupações já ficaram para trás, não é? Já ficaram para trás há muito tempo. Seja como for, ficaremos no estrangeiro — assim é muito mais fácil: afinal, nossa vida não é da conta de ninguém. Não me refiro à senhora Wix, coitada — a ela faço justiça. Respeito-a; sei

de suas intenções; ela tem sido muito boa para mim. Mas os fatos são estes. Não há o que fazer. Eis-nos aqui, e ela não muda de opinião. Ela tem razão, de seu ponto de vista. Estou lhe dizendo as coisas mais extraordinárias — vivo lhe dizendo as coisas mais extraordinárias, não é? Quem nos ouvisse haveria de pensar que você tem sessenta anos de idade e que eu... eu não sei o que haveriam de pensar de mim. Que sou um rematado canalha!”, arriscou. “Ando muitíssimo preocupado, e foi a isso que cheguei. Você sempre foi tão boa para nós, e há de continuar a ser, para sempre, não é mesmo? Não podemos abrir mão de você — você é tudo. São esses os fatos, como já disse. Ela é sua mãe agora, a senhora Beale, por força do que aconteceu, e eu sou seu pai. Ninguém pode negá-lo, e não há como mudarmos essa situação. Minha ideia seria ficarmos em algum lugar agradável — para os lados do Sul — onde ela e você poderiam viver juntas, como qualquer outra família. E eu também, entende? Só que eu não moraria com vocês, mas ficaria bem perto — no mesmo quarteirão, seria a mesma coisa. Minha ideia é agir às claras, com total franqueza. *Honi soit qui mal y pense*, sabe? Você é a melhor coisa — você e o que podemos fazer por você — que nós dois já conhecemos.” Sir Claude insistia nesse ponto. “Quando lhe digo: ‘Desista dela, vamos’, ela me devolve na cara: ‘Desista você!’. É o mesmo círculo vicioso de sempre — e quando digo ‘vicioso’, não estou fazendo nenhum trocadilho. A senhora Wix é o obstáculo; quer dizer, se ela chegou a influenciá-la. A *mim* ela influenciou, e no entanto... Nunca me vi em tamanha enrascada: creia-me, é só por isso que estou lhe dizendo estas coisas. Minha querida, não é essa — para pôr as coisas nesses termos — a única saída possível? Foi o que me ocorreu ontem, em Londres, depois que a senhora Beale partiu: foi um dia infernal para mim. ‘Vá direto lá e fale com ela: deixa-a escolher, livremente, o que ela preferir.’ É o que estou fazendo, minha velha. Você pode mesmo escolher livremente?”

Essa longa falação, enunciada devagar, com interrupções de tiques e pausas, hesitações e retomadas, por um rosto enrubescido, com olhos envergonhados porém súplices, atingiram a criança tão de perto que, passado o choque inicial, foi-lhe possível acompanhar de forma muito clara sua direção, segui-la ponto a ponto, ainda mais porque

acabou chegando de volta ao ponto de partida. Uma palavra ressoava durante todo esse tempo. “O senhor fala em ‘sacrifício’?”

“Com relação à senhora Wix? Chame-o do que quiser. Não vou me esquivar — não estou me esquivando, estou? Encaro a proposta com toda sua baixeza. Você acha mesmo vil de minha parte afastar você dela e trazê-la aqui, suborná-la com sofismas e pãezinhos para convencê-la a traí-la?”

“Traí-la?”

“A separar-se dela, então.”

Maisie deixou que a pergunta esperasse; a imagem concreta que apresentava era o que tinha de mais vívido. “Se eu me separar dela, para onde ela vai?”

“Para Londres.”

“Mas o que ela vai fazer?”

“Ah, quanto a isso não vou fingir que sei a resposta. Não sei. Todos nós temos nossos problemas.”

Esse fato, para Maisie, foi neste momento mais surpreendente do que jamais fora antes. “Então quem há de me ensinar?”

Sir Claude riu. “O que ensina a senhora Wix?”

Maisie sorriu um pouco; entendeu o que ele queria dizer. “Não é muito, muito, não.”

“É muito, muito pouco”, retrucou ele, “tanto assim que isso é uma questão a se considerar. Será difícil lhe arranjar outra governanta. Antes de mais nada, porque não teríamos como encontrar uma... uma governanta que *realmente* interessasse. Quer dizer, as que realmente interessassem... não estariam interessadas”, foi a curiosa explicação que ele deu. “Quer dizer, elas não haveriam de querer ficar — que maçada! Nós mesmos cuidaríamos de você. Eu, em particular. Como você vê, agora eu posso; não tenho mais que me preocupar com... com o que me preocupava. Não preciso mais me esconder — ela pode aparecer *comigo*. Nossa relação, sob todos os aspectos, está mais regular.”

Parecia mesmo perfeitamente regular, tal como ele a apresentava; não obstante, por mais que Maisie se esforçasse para examinar a situação do modo mais judicioso possível, a imagem que ela via por algum motivo continuava a ser bem diversa: uma anciã e uma menina

sentadas, imersas num silêncio profundo, sentadas num velho banco junto ao bastião da *haute ville*. Fora naquela hora exata, na véspera; as duas haviam derretido juntas. “Creio que o senhor ainda não entende o quanto ela lhe é apegada”, disse Maisie por fim.

“Entendo, entendo, sim. Mas assim mesmo...!” E, cômico do quanto se expunha, soltou um suspiro impaciente havia muito contido, o suspiro — até mesmo sua amiga era capaz de percebê-lo — de um homem acostumado a ouvir aquele argumento, um homem que queria de todos os modos ser razoável, mas que, se de fato levasse em conta tantas coisas, terminaria incapacitado de agir. O que ficou claro era que ele entendia, sim, perfeitamente. Se a sra. Wix lhe era apegada, era mais motivo ainda para livrar-se dela.

Essa visão da situação em que ela o havia colocado ocupou os pensamentos de nossa amiguinha enquanto sir Claude, para perguntar o quanto devia, chamou o garçom e entregou-lhe uma moeda de ouro, que ele levou para buscar o troco. Tendo esperado que o homem se afastasse, prosseguiu: “Que mulher teria menos motivo para queixar-se de um homem? Quer dizer, com relação a ela”.

Maisie considerou a pergunta. “É verdade. Não poderia ter menos motivo. Então o que o leva a ter certeza de que ela vai embora?”

“Mas você certamente sabe por quê — não ouviu o que ela disse três dias atrás? Como poderia ela não ir embora — depois do que disse? Fiz o que ela aconselhou-me a não fazer — com toda a razão, aliás. Pois aí é que está. Se ela agora gosta da senhora Beale, como você diz, é por si só motivo suficiente, ainda que haja outros, para que ela fique, por você, sem mim; não é motivo suficiente para que fique, nem mesmo por você, *comigo* — para que engula o que ela não pode engolir, você entende? E quando você diz que ela gosta de mim tanto quanto você, creio que posso, se for o caso, fazer-lhe um desafio quanto a esse ponto. *Você* seria capaz de ficar só com elas, sem mim?” O garçom voltou com o troco, o que deu a Maisie um pouco de tempo. Mas depois que ele se afastou com a gorjeta, recolhida com um agradecimento educado, após um movimento sutil do indicador de sir Claude, este, enquanto embolsava o dinheiro, retomou o apelo. “Você a deixaria convencê-la a ficar com a senhora Beale?”

“Sem o senhor? Nunca”, respondeu Maisie por fim. “Nunca”, repetiu.

Essa resposta fê-lo sentir-se triunfante, e ela própria ficou impressionada com o simples som de sua voz. “Então você não está, como ela, tão disposta a abrir mão de mim!” Em seguida retomou sua pergunta original. “Você pode mesmo escolher? Ou seja, resolver a questão com sua resposta? Você fica conosco sem ela?”

Foi neste momento que Maisie sentiu, verdadeiramente, o frio do terror, e de súbito percebeu que sabia de que tinha medo, tal como sabia de que sir Claude tinha medo. O que ela temia era a si própria. Encarou seu amigo de tal modo que, percebeu, surgiu no rosto dele uma expressão de assombro, porém um assombro contido por sua sincera intenção de jogar limpo com ela, de não explorar suas vantagens, não apressá-la nem forçá-la — apenas enunciar suas opções de modo claro e delicado. “Posso pensar?”, pediu ela por fim.

“Claro, claro. Mas por quanto tempo?”

“Ah, só um pouquinho”, disse ela, humilde.

Por um momento, sir Claude pareceu desejar encarar essa espera como a melhor coisa no mundo. “Mas o que faremos enquanto você pensa?” Disse isso como se esse pensar fosse compatível com quase qualquer diversão.

Havia uma única coisa que Maisie desejava fazer, e após um instante ela mencionou-a. “Temos que voltar para o hotel?”

“Você quer?”

“Não, não.”

“Não há a menor necessidade disso.” Consultou o relógio; sua expressão agora era muito séria. “Podemos fazer praticamente qualquer outra coisa.” Olhou-a de novo, quase como se estivesse a ponto de dizer que poderiam, por exemplo, partir para Paris. Mas no momento em que a menina considerava essa possibilidade, ele recuou de súbito. “Podemos dar uma volta.”

Maisie estava pronta, mas ele permaneceu imóvel como se ainda tivesse algo mais a dizer. Contudo, também isso não foi dito; assim, foi ela quem falou. “Acho que eu gostaria de falar com a senhora Wix antes.”

“Antes de tomar a decisão? Está bem — está bem.” Já havia colocado o chapéu, porém precisou ainda acender um cigarro. Fumou por um minuto, com a cabeça jogada para trás, olhando para o teto; em seguida, disse: “Lembre-se de uma coisa: tenho direito de chamar-lhe a atenção para ela: não há dúvida de que nós dois somos os substitutos de seus pais. Foi a deserção deles, a extraordinária vileza deles, que nos deu essa responsabilidade. Nenhuma criança jamais foi confiada a outrem de modo tão direto”. Ele parecia estar dizendo isso virado para o teto, em meio à fumaça, um pouco para esclarecer a situação para si próprio. Após uma pausa, foi um pouco mais longe: “É bem verdade, porém, que foi a cada um de nós separadamente”.

Neste momento, e com essa atitude, ele deu a Maisie de tal modo a impressão de querer estar do seu lado — do lado do que seria sob todos os aspectos o melhor, o mais sensato, o mais encantador para ela — que a menina sentiu uma vontade súbita de provar que não era menos delicada e magnânima, não menos ciosa dos interesses dele. E o que seriam esses interesses senão a “regularidade” a que ele aludira pouco antes? “Foi mesmo a cada um de vocês dois separadamente”, ela concordou, com muita seriedade. “Mas o senhor não se lembra? Fui eu que aproximei vocês dois.”

Ele levantou-se de um salto, rindo de prazer. “Se me lembro? E como! Você nos aproximou; você nos aproximou. Vamos!”

Maisie passeou com ele por um espaço de tempo a respeito de cuja duração a menina só poderia dizer que não foi suficiente para ser o que ela gostaria que fosse — um intervalo, uma barreira indefinida, intransponível. Caminhavam sem pressa, olhando as vitrines; faziam todas as coisas de antes exatamente como se estivessem tentando recuperar a antiga sensação de segurança, encontrar nelas o que outrora encontravam sem fazer esforço. Agora tudo que conseguiam encontrar era a consciência acentuada de sua busca e seu subterfúgio. O mais estranho de tudo era o que acontecera de fato com a antiga sensação de segurança. O que acontecera era que sir Claude estava “livre” e a sra. Beale estava “livre”, e no entanto as novas circunstâncias eram por algum motivo ainda mais opressoras que as antigas. Maisie percebia que sir Claude concordava com ela que a sensação opressora seria pior no hotel, onde, enquanto não se chegasse a uma decisão, sentiriam falta de algo — e o que seria senão a definição de um relacionamento? A questão da decisão ganhava magnitude para Maisie: pois dependia, fora-lhe deixado claro, exclusivamente dela. Sua escolha, como dissera seu amigo, impunha-se a ela, como uma conta impossível de resolver numa lousa, uma conta de que, apesar de ter pedido tempo para considerá-la, ela apenas se esquivava enquanto estivesse passeando com ele. Antes de falar com a sra. Wix, não poderia fazer a conta; assim sendo, quanto mais adiasse o encontro com ela, mais distante permaneceria sua provação. Por ora, nada lhe era exigido; limitava-se a mergulhar, para esquivar-se, cada vez mais fundo na companhia de sir Claude. Não via nada do que já vira antes — nenhum toque naquele cenário estrangeiro que, de início, sempre estivera à sua frente. O único toque novo era o da mão de sir Claude, e sentir que sua mão estava contida na dele era para ela uma resistência silenciosa à passagem do tempo. Maisie caminhava às

cegas, como se tivesse os olhos vendados e ele a guiasse. Se tinham medo de si próprios, eram a eles próprios que iriam encontrar no hotel. A menina tinha certeza agora de que o que os aguardava era um almoço com a sra. Beale. Todos os seus instintos levavam-na a esquivar-se desse almoço, prolongar o passeio, encontrar pretextos, levá-lo até a praia, levá-lo até a extremidade do cais. Sir Claude não lhe disse mais nenhuma palavra a respeito do assunto sobre o qual haviam conversado durante o café da manhã, e Maisie percebia vagamente que o modo como ele não a fazia sentir que estava aguardando algo da parte dela faria com que qualquer um que tomasse conhecimento de sua conduta — por exemplo, a sra. Wix — o julgasse mais do que nunca um perfeito cavalheiro. Era bem verdade que uma ou duas vezes, no molhe, na areia, sir Claude encarou-a por um minuto com olhos que pareciam convidá-la a partir com ele de imediato para Paris. Isso, porém, não equivalia a lembrá-la de suas responsabilidades. Sem dúvida, ele queria procrastinar tanto quanto ela; não tinha a menor pressa de voltar para o hotel. Maisie, neste momento, era capaz de, em seu íntimo, ser impiedosa com a sra. Wix — a ponto, ao menos, de não se importar se seu desaparecimento já começava a preocupá-la, e até mesmo a levava a suspeitar que os dois fujões talvez houvessem encontrado a solução. Sua falta de piedade com a sra. Beale era ao menos igual; pois a preocupação e a suspeita desta senhora seriam tão maiores quanto o era o objeto a que se dirigiam. Quando, por fim, chegando à extremidade da *plage*, que já haviam atravessado uma vez, em meio à multidão multicolorida, sir Claude, tendo consultado o relógio, comentou de súbito que era hora, não da *table d'hôte*, mas de ir à estação para comprar os jornais de Paris — quando ele disse isso, Maisie ficou a pensar, com intensa curiosidade, o que a sra. Beale e a sra. Wix diriam. A caminho da estação, a menina chegou mesmo a imaginar padraсто e enteada juntos numa cidadezinha no Sul, enquanto governanta e madrasta, num lugarzinho ao norte, permaneciam unidas pela ignorância comum e pela infinidade de comentários a que tal ignorância daria origem. Os jornais de Paris haviam chegado, e seu amigo, com uma estranha extravagância, comprou nada menos que onze: isso levou algum tempo, na banca de livros da plataforma apinhada de gente,

onde havia uma fileira de livrinhos todos amarelos e rosados, e uma das velhinhas favoritas de Maisie, com uma de suas toucas favoritas, convenceu sir Claude, de modo irrecusável, a comprar três. Assim, tinham tanta coisa a levar para casa que teria parecido mais simples, munidos de tanto material de leitura para uma confortável viagem pela França, simplesmente “pular” — foi o termo que a menina empregou em sua mente — para dentro do trem que, a pouca distância dali, estava prestes a partir. Perguntou a sir Claude aonde ia aquele trem.

“A Paris. Imagine só!”

Ela podia imaginar muito bem. Ficaram parados, sorrindo, ele com um maço de jornais debaixo do braço, ela com os três livros, um amarelo e dois cor-de-rosa. Sir Claude dissera que os rosa eram para ela e o amarelo era para a sra. Beale, dando a entender, dessa maneira curiosa, que era essa a divisão natural, vigente na França, entre leituras para crianças e para adultos. Maisie sabia que pareciam preparados para embarcar no trem e terminou por dizer a seu amigo: “Era tão bom se a gente pudesse ir! O senhor me leva?”.

Ele continuou a sorrir. “Você iria mesmo?”

“Ah, iria, sim. Experimente só.”

“Você quer que eu compre as passagens?”

“Quero, sim.”

“Sem bagagem alguma?”

Maisie apontou para os jornais e livros, sorrindo para ele tal como ele sorria para ela, porém cônica de estar sentindo o maior medo de sua vida, tanto assim que tinha a impressão de ver sua própria palidez, como se num espelho. Então deu-se conta de que era a palidez de sir Claude que ela via: ele estava tão apavorado quanto ela. “Isto não é bagagem suficiente?”, indagou. “Compre as passagens — não dá tempo? A que horas parte o trem?”

Sir Claude virou-se para um carregador. “A que horas parte o trem?”

O homem olhou para o relógio da estação. “Dentro de dois minutos. *Monsieur est placé?*”

“*Pas encore.*”

“*Et vos billets? — vous n’avez que le temps.*” Em seguida, após olhar para Maisie: “*Monsieur veut-il que je les prenne?*”.

Sir Claude virou-se para a menina. “*Veux-tu bien qu’il en prenne?*”

Era a coisa mais extraordinária do mundo: na intensidade de sua excitação, Maisie não apenas entendeu, numa iluminação súbita, tudo que os dois diziam em francês como também falou com perfeição. Virou-se para o carregador: “*Prenny, prenny. Oh prenny!*”.

“*Ah, si mademoiselle le veut...!*” E ficou à espera do dinheiro.

Mas sir Claude ficou olhando — olhando fixamente para ela, com seu rosto pálido. “Quer dizer então que você optou? Você abre mão dela?”

Maisie voltou os olhos ansiosos para o trem, onde, em meio a gritos de “*En voiture, en voiture!*”, cabeças surgiam nas janelas, e portas batiam com força. O carregador pressionava-os. “*Ah, vous n’avez plus le temps!*”

“Está partindo — está partindo!”, exclamou Maisie.

Ficaram a ver o trem dando a partida, saindo do lugar; então o homem foi embora, dando de ombros. “Partiu!”, disse sir Claude.

Maisie caminhava com passos lentos pela plataforma; de costas para seu amigo, acompanhava o trem com os olhos, contendo as lágrimas, abraçada aos livros coloridos. Havia passado por um grande susto, porém caíra de volta na terra. O mais estranho de tudo era que, com a queda, seu medo havia se espatifado. Desaparecera. Por fim parou e olhou para trás, para sir Claude, e viu que o dele não havia desaparecido. Continuava com ele, no banco junto à parede da estação, onde seu amigo havia encontrado refúgio, e onde, com um ar que Maisie achou um tanto estranho, ainda esperava. Ela aproximou-se, e ele continuou a oferecer-lhe sua frágil intenção de jocosidade.

“Optei, sim”, disse-lhe Maisie. “Eu abro mão dela... se o senhor...”

Hesitou; mais que depressa ele insistiu: “Se eu, se eu...?”.

“Se o senhor abrir mão da senhora Beale.”

“Ah!”, exclamou ele; e neste instante Maisie deu-se conta do quanto era intenso, era absoluto, o medo dele. No café, ela imaginara que ele temia sua própria rebelião, suas razões crescentes; mas como poderia ser essa a explicação se as tentações dele — por exemplo, a do

trem que acabavam de perder — eram, afinal de contas, tão pequenas? A sra. Wix tinha razão. Ele tinha medo de sua própria fraqueza — de sua própria fraqueza.

Mais tarde Maisie não teria conseguido relatar como fora a volta para o hotel: só saberia dizer que, mesmo depois da estação, não haviam seguido em linha reta, porém mais uma vez haviam vagado, sem pressa, e no decorrer da caminhada viram-se à beira do cais onde o barco com destino a Folkestone estava à espera — ao que parecia, a partida só se daria meia hora depois. Aqui hesitaram, tal como na estação; aqui voltaram a trocar silêncios, porém apenas silêncios. No convés havia pessoas pontuais, escolhendo lugares, pegando os melhores; algumas já satisfeitas, bem acomodadas, envoltas em xales, viradas para a costa da Inglaterra, servidas pelo comissário, o qual, incumbido neste dia de tarefas mais leves, cobria os pés das senhoras e abria garrafas ruidosamente. Os dois observavam essas coisas sem trocar uma palavra; chegaram mesmo a escolher dois lugares bons que restavam a sotavento de um bote salva-vidas; e se essa hesitação se prolongou de modo um tanto absurdo, sem que se decidissem a embarcar nem a ir embora, era sir Claude tanto quanto ela que permanecia indeciso. Era sir Claude que cultivava a suprema imobilidade através da qual ela percebia o que ele queria dizer melhor do que de qualquer outra maneira. O que ele queria dizer era apenas que sabia tudo que ela queria dizer. Mas agora não havia qualquer pretensão de jocosidade: seus rostos estavam graves e cansados. Quando, por fim, começaram a afastar-se, foi como se o medo dele, o medo de sua própria fraqueza, se apoiasse pesadamente nela enquanto seguiam ao longo do cais. No saguão do hotel, ao entrarem, viram uma caixa velha e surrada que Maisie reconheceu, um receptáculo venerando com etiquetas dependuradas que ela conhecia e um grande W pintado, recentemente reforçado e personalíssimo, que parecia olhar para a menina com reconhecimento e até mesmo com uma certa suspeita. Também sir Claude reparou na caixa, e ambos ficaram abalados ao verem esse objeto em trânsito. Estaria a sra. Wix indo embora, desse modo aliviando sua aluna, num átimo, de toda a responsabilidade? A aluna e seu amigo, petrificados por um momento, trocaram, em presença daquele presságio, comunicações mais intensas

do que haviam trocado diante do trem para Paris e do navio para Folkestone; em seguida, ainda sem nada dizer, foram direto para a escada. Lá, porém, no patamar, longe das vistas das pessoas no saguão, de tal modo fraquejaram que se viram obrigados a apoiar-se um no outro: simplesmente sentaram-se no degrau de cima enquanto sir Claude apertava a mão de sua enteada com tal força que, em circunstâncias outras, ela teria gritado. Os livros e jornais espalharam-se pelo chão. “Ela acha que você a abandonou!”

“Então preciso falar com ela — preciso falar com ela”, disse Maisie.

“Para despedir-se?”

“Preciso falar com ela — preciso falar com ela”, a criança limitou-se a repetir.

Ficaram sentados ali mais um minuto; sir Claude, ainda apertando a mão da enteada, olhava não para ela mas para baixo, de onde, além da curva, vinham os zumbidos das campainhas elétricas e uma agradável aragem marinha. Por fim, soltando a mão da menina, levantou-se devagar; Maisie acompanhou-o. Caminharam juntos pelo corredor, mas antes que chegassem à sala ele parou de novo. “Se eu abrir mão da senhora Beale...?”

“Eu saio direto com o senhor outra vez e só volto depois que ela for embora.”

Ele pareceu não entender: “Depois que a senhora Beale...?”

Ele falara como se a coisa toda fosse uma brincadeira de mau gosto. “Depois que a senhora Wix partir — naquele navio.”

Sir Claude ficou com uma expressão quase parva no rosto. “Ela vai mesmo naquele navio?”

“Creio que sim. Não vou nem mesmo despedir-me dela”, prosseguiu Maisie. “Eu fico na rua até o navio partir. Vou lá para o velho bastião.”

“O velho bastião?”

“Fico sentada naquele banco velho de onde a gente vê a Virgem dourada.”

“A Virgem dourada?”, ele ecoou, confuso. Mas voltou a olhar para a menina, como se, após um instante, conseguisse ver o lugar e o

objeto por ela mencionados — como se pudesse vê-la sentada lá, sozinha. “Enquanto eu termino com a senhora Beale?”

“Enquanto o senhor termina com a senhora Beale.”

Ele exalou um suspiro fundo e sufocado. “Antes preciso falar com ela.”

“Não vai fazer como eu? Sair e esperar?”

“Esperar...?” Mais uma vez, parecia não entender.

“Até as duas irem embora”, explicou Maisie.

“Desistindo de *nós*?”

“Desistindo de *nós*.”

Ah, a expressão com que, por um momento, ele imaginou essa possibilidade! No instante seguinte, porém, não pôde senão caminhar até a porta e, com a mão na maçaneta, permanecer imóvel, como se escutando vozes. Maisie tentou escutá-las, mas não ouviu nada. Tudo que ouviu, pouco depois, foi a voz de sir Claude, baixa porém não audível dentro da sala, dizendo: “A senhora Beale jamais irá”. Em seguida, abriu a porta e Maisie entrou com ele. A sala estava vazia, mas ao ouvi-los entrarem a senhora que ele acabava de mencionar apareceu à porta do quarto. “Ela está indo embora?”, sir Claude perguntou.

A sra. Beale aproximou-se, fechando a porta ao sair do quarto. “Tive uma cena e tanto com ela. Ontem ela me disse que ficava.”

“E minha chegada aqui alterou a situação?”

“Ah, levamos isso em conta, sim!” A sra. Beale estava corada, o que nunca tinha o efeito de embelezá-la; seu rosto era um testemunho vivo da cena a que fizera menção. Sem dúvida, porém, não fora ela a derrotada; levantou a cabeça, sorrindo, e esfregou as mãos, como se imitando a *patronne*. “Ela tinha me prometido que ficava mesmo se você viesse.”

“Então por que mudou de ideia?”

“Porque é uma megera. O motivo que ela alega é que vocês sumiram por muito tempo.”

Sir Claude arregalou os olhos. “Mas o que tem uma coisa a ver com a outra?”

“Vocês realmente sumiram”, prosseguiu a sra. Beale; “eu não fazia ideia do que havia acontecido com vocês. A manhã inteira”, exclamou

ela, “e já passou a hora do almoço há muito!”

Sir Claude parecia indiferente a esse fato. “A senhora Wix desceu com você?”, foi tudo que perguntou.

“Ela? Nem pensar!” E, pareceu a Maisie, enrubesceu ainda mais. “Ficou lá, emburrada, e nem se dignou a vir falar comigo; e quando mandei convidá-la a descer, simplesmente recusou-se a vir. Disse que não queria nada, e desci sozinha. Mas quando voltei, por sorte um pouco tocada” — e neste ponto a sra. Beale sorriu, um sorriso sutil de peleja —, “encontrei-a aqui!”

“E vocês tiveram uma tremenda briga?”

“Tivemos uma tremenda briga” — concordou, com uma franqueza proporcional. “E você me deixou para enfrentar tudo sozinha! Gostaria de saber onde foi que você se meteu!” Fez uma pausa para ser respondida, mas sir Claude limitou-se a olhar para Maisie; esse movimento na mesma hora teve o efeito de acentuar o desafio. “Afim, que espécie de travessura você andou fazendo?”

“Pelo visto, você está tão zangada quanto a senhora Wix”, retrucou sir Claude.

“Zango-me quando bem entendo, e você não respondeu a minha pergunta.”

Mais uma vez sir Claude olhou para Maisie — como se pedindo sua ajuda; em resposta, a menina sorriu para a madrastra e disse: “Andamos por toda a cidade”.

A sra. Beale, porém, nada lhe disse em resposta, desse modo acentuando a sensação de surpresa que já tocara nossa amiguinha de leve. Ela não havia sido brindada com nenhuma saudação, nem sequer um olhar, mas talvez isso fosse ainda menos notável do que a omissão de qualquer sinal de boas-vindas dirigido a sir Claude, de quem havia se separado em Londres dois dias antes. O mais extraordinário de tudo era aquela promessa da sra. Wix que a sra. Beale agora revelava, e que até então não fora comunicada a sua aluna. Em vez de reconhecer a presença dessa testemunha, a sra. Beale prosseguiu, áspera: “Certamente você devia ter pensado que alguma coisa ia acontecer”.

Sir Claude consultou o relógio. “Não imaginava que fosse tão tarde, nem que tivéssemos demorado tanto tempo na rua. Não

estávamos com fome. Para nós, o tempo passou muito depressa. Afinal, o que foi que aconteceu?”

“Aconteceu que ela está indignada”, disse a sra. Beale.

“Com quem?”

“Com Maisie.” Mesmo agora, não olhou para a criança, que permanecia parada, ao mesmo tempo envolvida e excluída. “Por não ter senso moral.”

“E como ela poderia ter?” Sir Claude tentou, mais uma vez, sorrir para sua companheira de passeio. “Seja como for, por que motivo ela dar uma volta comigo implica isso?”

“Não pergunte a *mim*; pergunte àquela mulher. Quando ela não está esbravejando, só faz dizer sandices”, afirmou a sra. Beale.

“E ela vai abandonar a menina?”

“Vai abandonar a menina”, disse a sra. Beale, com muita ênfase, olhando mais do que nunca por cima da cabeça de Maisie.

Neste momento, de súbito, ocorreu uma mudança em sua expressão, causada, como os outros viram em seguida, pelo aparecimento da sra. Wix à porta, que Maisie, ao entrar atrás de sir Claude, deixara entreaberta. “*Não* vou abandonar a menina, não! Não vou!”, trovejou ela da soleira, avançando em direção aos três, porém dirigindo-se diretamente a Maisie. Estava preparada — podia-se mesmo dizer, arreada — para a partida, usando o mesmo traje que envergara ao chegar, e armada com uma pequena bolsa de malha metálica, gorda e enferrujada, a qual ela brandia, quase como se fosse uma acha-d’armas, para enfatizar suas palavras. Sem dúvida, vinha direto de seu quarto, onde, Maisie adivinhou na mesma hora, teria mandado buscar os pertences da menina. “Só vou depois de lhe dar mais uma oportunidade. Você vem comigo?”

Maisie virou-se para sir Claude, que lhe pareceu haver se afastado cerca de uma milha. Não se virou para a sra. Beale, tal como não o fizera a sra. Wix: sentia que a discórdia entre elas já viera à tona. O que teria sido revelado a esse respeito na cena entre as duas mulheres? Fosse o que fosse, o que se revelava agora já era suficiente, como ela deixou claro para seu padraço. “O senhor vem? O *senhor* vem?”, insistiu, como se ainda não tivesse percebido que teria de abrir mão

dele. Era o último lampejo de seu sonho. A esta altura, Maisie não tinha mais medo de nada.

“Eu imaginava que você fosse orgulhosa demais para pedir!”, comentou a sra. Wix. Ela própria, via-se claramente, era orgulhosa demais para tal.

Mas diante das palavras de Maisie, a sra. Beale havia como que saltado. “E me largar, Maisie?” Foi um gemido de desânimo e censura, o qual fez sua enteada perceber, atônita, que não houvera nela nenhuma hostilidade consciente, e que, portanto, se ela parecera tão soberba, não fora por suspeita, mas por estranhos constrangimentos de modéstia.

Sir Claude dirigiu à sra. Beale uma expressão de náusea inconfundível. “Não é *assim* que se fala com ela!” De fato, houvera algo no tom da sra. Beale, e por um momento nossa amiguinha lembrou-se dos tempos de outrora, em que tantas de suas amigas ficaram “comprometidas”.

Essa amiga corou; estava diante da sra. Wix e, embora contrafeita, aceitou a repreensão. “Não, não é assim.” Então demonstrou que sabia a maneira correta de falar. “Não diga mais bobagens, minha querida; vá direto para o seu quarto e espere até que eu possa ir falar com você.”

Maisie não fez nenhuma menção de obedecer, mas a sra. Wix levantou a mão de modo a impedir qualquer evasão. “Não se mexa até me ouvir. Eu vou, sim, mas primeiro preciso ter certeza. Você o perdeu outra vez?”

Maisie examinou — em busca de alguma perda palpável — a imensidão do espaço. Depois respondeu, fraca: “Tenho a impressão de que perdi tudo”.

A sra. Wix parecia feroz. “Quer dizer então que você perdeu o que encontramos com tanta dificuldade dois dias atrás?” Como sua aluna não respondesse, prosseguiu: “Quer dizer que você já esqueceu o que encontramos juntas?”

Maisie lembrava-se vagamente. “Meu senso moral?”

“O seu senso moral. Não lembra que eu não consegui fazê-lo manifestar-se?” Falava como jamais falara nem mesmo na sala de aula, com o livro na mão.

A criança lembrou-se das ocasiões em que não lograva lembrar-se na sexta-feira da frase que soubera tão bem na quarta, e era com muita fraqueza e melancolia que enfrentava aquela passagem difícil. Sir Claude e a sra. Beale eram como dois visitantes assistindo a um exame oral. De fato, por um instante Maisie chegou a sentir o tênue perfume da flor que a sra. Beale afirmava ter colhido e que agora lhe enfiava, com um gesto peremptório, no nariz. Em seguida, a sensação desapareceu, e, como se ela estivesse escorregando num penhasco, sacudiu os braços de repente. O que esse gesto representava era o espasmo de algo dentro dela ainda mais profundo que o senso moral. Maisie encarou a examinadora; olhou para as visitas; sentiu aflorarem as lágrimas que havia contido na estação. Não tinham nada — não, absolutamente nada — a ver com seu senso moral. Só lhe restava a velha e vergonhosa desculpa da má aluna. “Não sei — não sei.”

“Então você o perdeu.” A sra. Wix parecia fechar o livro enquanto apontava os corretivos para sir Claude. “O senhor arrancou-a em botão. Matou-a quando começava a viver.”

Era uma nova sra. Wix, mais nova do que nunca, uma sra. Wix alta e grandiosa; mas sir Claude, afinal, não permitiu que o tratassem como um menininho que não estudou a lição. “Não matei nada”, retrucou; “pelo contrário, creio que produzi vida. Não sei como chamá-la — nem sei como devo lidar com ela, abordá-la; mas, seja o que for, é a coisa mais bela que já vi — é magnífica, é sagrada.” Tinha as mãos nos bolsos, e, embora talvez ainda restasse ali um vestígio de náusea, seu rosto virou-se com extraordinária doçura para as duas amigas que ele estava prestes a perder. “A senhora sabe o que voltei para fazer?”, perguntou à mais velha.

“Creio que sei!”, exclamou a sra. Wix; por estranho que parecesse, não havia amolecido nem um pouco, e ainda ardia em sua fronte o calor da batalha recém-travada com a sra. Beale. Esta, como se um pouco salpicada por todos esses movimentos da maré, emitiu um grito alto e inarticulado de protesto e, desviando a vista, postou-se por um momento à janela.

“Voltei com uma proposta”, disse sir Claude.

“Para mim?”, perguntou a sra. Wix.

“Para Maisie. Que ela abraze mão da senhora.”

“E ela aceita?”

Sir Claude hesitou. “Fale com ela!”, exclamou então para a criança, também se virando para o outro lado, como se para lhe dar oportunidade. Mas a sra. Wix e sua aluna permaneciam frente a frente, em silêncio, Maisie mais branca do que nunca — mais constrangida, mais rígida, e no entanto mais muda. Trocaram um olhar duro, e como nenhuma das duas disse nada, sir Claude virou-se de novo. “Você não vai dizer a ela? Não consegue?” Maisie continuou calada; em seguida, dirigindo-se à sra. Wix, ele explodiu, numa espécie de êxtase: “Ela recusou! Ela recusou!”.

Foi então que Maisie recuperou a voz. “Não recusei. Não recusei”, repetiu.

Isso fez a sra. Beale voltar direto a ela. “Você aceitou, meu anjo — você aceitou!” Jogou-se na criança e, antes que Maisie pudesse resistir, afundou com ela no sofá, abraçada a ela, circundando-a. “Você já a abandonou, você a abandonou para sempre e agora você é nossa, só nossa, e quanto mais depressa ela se for, tanto melhor!”

Maisie havia fechado os olhos, mas quando sir Claude falou, eles se abriram. “Solte a menina!”, disse ele à sra. Beale.

“Jamais, jamais, jamais!”, exclamava a sra. Beale. Maisie sentiu-se mais apertada ainda.

“Solte a menina!”, repetiu sir Claude, com mais ênfase que antes. Estava olhando para a sra. Beale, e havia algo em sua voz. Maisie sentiu, com o afrouxamento dos braços que a apertavam, que a sra. Beale deu-se conta do que era; ela lentamente levantou-se do sofá e a criança pôs-se de pé de novo, mais uma vez largada e dividida. “Você é livre — você é livre”, prosseguiu sir Claude; Maisie sentiu então nas costas um empurrão que exprimia ressentimento e que a colocou outra vez no centro do quarto, o alvo de todos os olhares, sem saber para que lado virar.

Com esforço, virou-se para a sra. Wix. “Eu não me recusei a abrir mão da senhora. Eu disse que o faria se ele abrisse mão...!”

“Da senhora Beale?”, exclamou a sra. Wix.

“Da senhora Beale. Não é mesmo magnífico?”, sir Claude perguntou a todos, inclusive à senhora mencionada, falando com prazer intenso, como se uma linda obra de arte ou da natureza tivesse

de súbito surgido diante deles. Estava se recuperando depressa, com base nessa apreciação estética. “Ela impôs sua condição — com que discernimento! Era a única condição correta.”

“A única correta?” — devolveu a sra. Beale. Pouco antes, havia sido humilhada por ele, mas desta vez não ia engolir o orgulho. “Como você pode dizer uma tal bobagem, e como pode dar razão à impertinência dessa menina? O que foi que você fez com ela para ela ser capaz de pensar uma coisa assim?” Estava possuída de profunda indignação moral; voltava os olhos ferozes para o círculo a seu redor. Maisie enfrentou-os em cheio, sabendo que por fim chegara o momento mais importante. Mas, com relação à sua enteada, a sra. Beale limitou-se a uma pergunta suavíssima: “Mas você impôs mesmo, filhinha, uma condição dessas?”.

De algum modo, o grande momento, agora que surgira, não parecia tão difícil assim. O que ajudava a criança era ela saber o que queria. De tanto aprender e aprender, ela terminara por aprender isso; assim, se esperou um momento antes de responder, foi apenas movida pelo desejo de ser delicada. A perplexidade havia desaparecido, ou ao menos estava desaparecendo a passos largos. Por fim respondeu: “A senhora abre mão dele? Abre?”.

“Ah, deixe-a em paz — deixe-a, deixe-a!”, murmurou sir Claude, numa súplica súbita, para a sra. Beale.

No mesmo instante, a sra. Wix encontrou outra apóstrofe. “Já não basta, madame, a senhora tê-la levado a discutir sobre as suas relações?”

A sra. Beale não respondeu ao apelo de sir Claude, porém a pergunta da sra. Wix inflamou-a. “Minhas relações? O que sabe você, sua criatura horrenda, a respeito das minhas relações, e que direito você tem de falar delas? Saia daqui imediatamente, sua velha horrorosa!”

“Acho mesmo melhor a senhora ir embora — seu navio já vai partir”, disse sir Claude, constrangido, à sra. Wix. Agora estava de fora, ou ao menos queria estar; sabia do pior e o aceitara: sua preocupação agora era impedir, dissipar as vulgaridades. “Por favor, vá embora — vá embora depressa.”

“Com a menina, agora mesmo. Sem ela, não.” A sra. Wix estava inflexível.

“Então por que você mentiu para mim, sua bruxa?”, a sra. Beale quase urrou. “Por que me disse uma hora atrás que abria mão dela?”

“Porque havia perdido as esperanças com relação a ela — porque achava que ela havia me abandonado.” A sra. Wix virou-se para Maisie. “Você estava com eles — envolvida com eles. Mas agora seus olhos estão abertos e eu levo-a comigo.”

“Não leva, não!”, e a sra. Beale, com um tremendo salto feroz, agarrou a enteada. Segurou-a pelo braço e, completando um movimento instintivo, rodopiou-a num outro salto em direção à porta, que fora fechada por sir Claude no momento em que suas vozes se levantaram. Parou de encontro à porta e, na incoerência da paixão, ao mesmo tempo que acusava a sra. Wix e a afastava com o braço, mantinha-a fechada. “Não leva coisa nenhuma, você é que vai embora: ela fica com a família dela e se livra de você! Nunca ouvi coisa mais monstruosa!” Sir Claude havia libertado Maisie e agora a segurava à sua frente, pousando as mãos muito de leve em seus ombros e encarando as ruidosas adversárias. O rosto da sra. Beale não estava mais vermelho; ela empalidecera com sua ira magnífica. Continuava a protestar e a despachar a sra. Wix; pressionava as costas contra a porta para impedir a fuga de Maisie; expulsava a sra. Wix pela janela ou pela chaminé. “Essa é boa — você falar das minhas ‘relações’ e ‘envolvimentos’ conosco e outros insultos! Qual a relação que nos une senão o amor que temos a essa criança que é nosso dever e nossa vida, a ela que nos mantém unidos tal como nos aproximou no início!”

“Eu sei, eu sei!”, disse Maisie com sofreguidão. “Fui eu que os aproximei.”

Um riso dos mais estranhos partiu de sir Claude. “Você nos aproximou — você nos aproximou, sim!” Suas mãos acariciavam os ombros da menina.

A sra. Wix de tal modo dominava a situação que tinha um comentário ácido para cada um. “Está vendo, eu não disse?”, foi a observação significativa que dirigiu à sua aluna.

“Mas a senhora abre mão dele?”, insistiu Maisie com a sra. Beale.

“Por *você*, seu horrorzinho abominável?”, indagou a senhora em questão, indignada, “e essa bruxa velha e louca que envenenou a sua cabecinha nefanda com toda a maldade dela? Quer dizer então que você foi uma hipocritazinha durante todos esses anos que eu me sacrifiquei tanto para conquistar o seu amor e acreditei, iludida, que havia conseguido?”

“Eu amo sir Claude — é a ele que eu amo”, respondeu Maisie, sentindo, um tanto sem graça, que o dizia num tom que parecia significar que dava mais ou menos na mesma. Sir Claude continuava a acariciá-la, e na verdade ela estava respondendo a suas carícias.

“Ela odeia você — odeia”, sir Claude explicou, com uma voz curiosamente tranquila, à sra. Beale.

Esta tranquilidade enfureceu-a. “E você lhe dá razão nisso e me entrega aos insultos?”

“Não; apenas insisto que ela é livre — livre.”

A sra. Beale arregalou os olhos — um olhar feroz. “Livre para morrer de fome com essa mulher louca e miserável?”

“Farei mais por ela do que a senhora jamais fez!”, retrucou a sra. Wix. “Hei de matar-me de tanto trabalhar.”

Maisie, com as mãos de sir Claude ainda em seus ombros, sentiu, tal como sentia a entrega sutil que elas exprimiam, que, por cima de sua cabeça, ele olhava de uma maneira especial para a sra. Wix. “A senhora não vai precisar”, a menina ouviu-o dizer. “Ela tem meios.”

“Meios? Maisie?”, gritou a sra. Beale. “Meios que o ladrão do seu pai roubou!”

“Vou consegui-los de volta — vou conseguir. Vou examinar esse assunto.” Sorriu e acenou com a cabeça para a sra. Wix.

Isso teve um efeito tremendo sobre sua outra amiga. “Então eu não examinei nada? Não examinei e encontrei um abismo? É inconcebível sua crueldade comigo!”, explodiu ela, com lágrimas quentes nos olhos.

Sir Claude dirigiu-se a ela num tom muito delicado, quase como se a lisonjeasse. “Vamos examinar outra vez; faremos isso juntos. É mesmo um abismo, mas pode-se conseguir alguma coisa de Beale — ou de Ida. Pense no dinheiro que eles estão ganhando!”, riu. “Ela tem razão, ela tem razão”, ele prosseguiu. “Não estaria certo — não

estaria certo. Nós não seríamos capazes. É a pura verdade — ela é única. Nós não somos bons o suficiente — não somos, não!” E, exuberante, riu outra vez.

“Nós não somos, mas aquela fera é?”, berrou a sra. Beale.

Por um momento, fez-se silêncio na sala, e no meio dele sir Claude respondeu à pergunta caminhando com Maisie em direção à sra. Wix. Quando a menina deu por si, estava ao lado dessa senhora, que lhe segurava um dos braços com firmeza. A sra. Beale continuava guardando a porta. “Deixe-as passar”, disse sir Claude por fim.

Ela, porém, não arredava pé; Maisie viu que os dois se entreolhavam. Então a sra. Beale virou-se para ela. “Eu sou sua mãe agora, Maisie. E ele é seu pai.”

“É exatamente esse o problema!”, suspirou a sra. Wix, com um efeito de ironia distanciado e filosófico.

A sra. Beale continuava a dirigir-se à sua jovem amiga, e seu esforço de ser razoável e carinhosa era, a seu modo, notável. “Nós representamos, você sabe, o senhor Farange e sua ex-esposa. Essa pessoa só representa presunção e ignorância. A lei está do nosso lado.”

“Ah, a lei, a lei!”, zombou a sra. Wix, soberba. “Seria bom mesmo a lei tomar conhecimento de vocês!”

“Deixe-as passar — deixe-as passar!” Sir Claude pressionava sua amiga com insistência; implorava.

Contudo, ela continuava a concentrar seus esforços em Maisie. “Você me odeia mesmo, meu anjinho?”

Maisie olhou-a com olhos novos, porém respondeu tal como antes. “A senhora abre mão dele?”

A sra. Beale demorou a responder, porém sua resposta, quando veio, foi nobre. “Você não devia falar comigo de tais coisas!” Estava chocada, escandalizada a ponto de chorar.

Para a sra. Wix, porém, era a sua discriminação que era indelicada. “A senhora devia ter vergonha!”, exclamou.

Sir Claude fez um apelo supremo. “Você poderia ter a bondade de permitir que esses horrores terminem?”

A sra. Beale fixou os olhos nele, e de novo Maisie os observou. “É preciso fazer-lhe justiça”, disse a sra. Wix. “Sempre fomos dedicadas a

ele, eu e Maisie, e ele sempre demonstrou que gosta de nós. Ele gostaria de agradar a Maisie; creio até que gostaria de agradar a mim. Mas não abriu mão da senhora.”

Continuavam a confrontar-se, padrasto e madrasta, ainda sob a observação de Maisie. Essa observação nunca fora tão aprofundada quanto neste momento em particular. “É verdade, querida, não abri mão de você”, disse sir Claude à sra. Beale por fim, “e se quiser que eu tome nossas amigas aqui como testemunhas solenes, estou disposto a dar minha palavra de honra que jamais o farei. Pronto!”, exclamou, audaz.

“Ele não consegue!”, comentou a sra. Wix, trágica.

A sra. Beale, ereta e viva em sua derrota, virou de súbito o rosto belo. “Ele não consegue!”, zombou, literal.

“Ele não consegue, ele não consegue!” A ênfase jocosa de sir Claude era esplêndida.

A sra. Beale observava tudo isso e no entanto mantinha-se firme; assim sendo, Maisie dirigiu-se à sra. Wix. “Não vamos perder o navio?”

“É, vamos perder o navio”, comentou a sra. Wix para sir Claude.

Entrementes, a sra. Beale encarava Maisie em cheio. “Não sei o que pensar de você!”, disparou.

“Adeus”, disse Maisie a sir Claude.

“Adeus, Maisie”, respondeu sir Claude.

A sra. Beale afastou-se da porta. Lançou um “Adeus!” para Maisie, atravessou a sala e desapareceu no quarto adjacente.

Sir Claude foi até a outra porta e abriu-a. A sra. Wix já havia saído. No limiar, Maisie deteve-se; estendeu a mão para o padrasto. Ele tomou-a e segurou-a por um momento, e trocaram um olhar de duas pessoas que fizeram uma pela outra o que puderam. “Adeus”, ele repetiu.

“Adeus.” E Maisie saiu atrás da sra. Wix.

Pegaram o vapor, que estava quase partindo, e, atravessando a prancha de embarque às pressas, viram-se no tombadilho tão ofegantes e assustadas que passaram metade da viagem deixando que as emoções se aquietassem. Esse processo se deu de modo lento e imperfeito; mas por fim, no meio da travessia, cercada de águas

tranquilas, a sra. Wix teve coragem de voltar ao assunto. “Eu não olhei para trás; você olhou?”

“Olhei. Ele não estava lá”, disse Maisie.

“Nem na sacada?”

Maisie esperou um momento; em seguida, limitou-se a repetir: “Ele não estava lá”.

Também a sra. Wix calou-se por alguns instantes. “Ele estava com *ela*”, observou por fim.

“Ah, eu sei!”, respondeu a criança.

A sra. Wix olhou-a de esguelha. Ainda conseguia se surpreender com o que Maisie sabia.

Cronologia

- 1843 15 DE ABRIL: HJ nasce em 21 Washington Place, na cidade de Nova York, o segundo dos cinco filhos de Henry James (1811-1882), teólogo especulativo e pensador social, cujo pai, um empresário rigoroso, havia acumulado uma fortuna estimada em três milhões de dólares, uma das dez maiores dos EUA na época; e de sua mulher Mary (1810-1882), filha de James Walsh, comerciante de algodão nova-iorquino de origem escocesa.
- 1843-5 Acompanha os pais a Paris e Londres.
- 1845-7 A família James volta aos EUA e vai morar em Albany, estado de Nova York.
- 1847-55 A família fixa residência na cidade de Nova York; HJ estuda com professores particulares e em escolas particulares.
- 1855-8 A família viaja pela Europa: Genebra, Londres, Paris, Boulogne-sur-Mer. De volta aos EUA, vai morar em Newport, Rhode Island.
- 1859-60 A família volta à Europa: HJ estuda numa escola de ciências, depois na Academia (a futura Universidade) de Genebra. Aprende alemão em Bonn.
- SETEMBRO DE 1860: A família volta para Newport. HJ faz amizade com o futuro crítico T. S. Perry (segundo o qual HJ “vivia escrevendo histórias, em sua maioria de caráter romântico”) e o artista John La Farge.
- 1861-3 Sofre lesão na coluna ajudando a apagar um incêndio em Newport e é dispensado do serviço militar durante a Guerra de Secessão (1861-5).
- OUTONO DE 1862: Ingressa na Faculdade de Direito de Harvard, onde cursa um período. Começa a enviar contos para revistas.
- 1864 FEVEREIRO: Primeiro conto, “A tragedy of error”, publicado anonimamente na *Continental Monthly*.
- MAIO: A família se muda para 13 Ashburton Place, Boston, Massachusetts.
- OUTUBRO: Publica resenha não assinada na *North American Review*.
- 1865 MARÇO: Primeiro conto assinado, “The story of a year”, publicado na *Atlantic Monthly*. Artigos de crítica de HJ saem no primeiro número da *Nation* (Nova York).
- 1866-8 Continua a escrever resenhas e contos.
- VERÃO DE 1866: W. D. Howells, romancista, crítico e jornalista influente, torna-se seu amigo.
- NOVEMBRO DE 1866: A família muda-se para 20 Quincy Street, perto de Harvard Yard, em Cambridge, Massachusetts.
- 1869 Viaja por motivo de saúde para a Inglaterra, onde conhece John Ruskin, William Morris, Charles Darwin e George Eliot; vai também à Suíça e à Itália.
- 1870 MARÇO: Morre, nos EUA, sua querida prima Minny Temple.
- MAIO: HJ, ainda doente, volta contra a vontade para Cambridge.
- 1871 AGOSTO-DEZEMBRO: Primeiro romance breve, *Watch and ward*, é publicado como folhetim na *Atlantic Monthly*.

- 1872-4 Vai com a irmã doente, Alice, e a tia Catherine Walsh (“tia Kate”) à Europa em maio de 1872. Publica escritos de viagem na *Nation*. Entre outubro de 1872 e setembro de 1874, passa temporadas em Paris, Roma, Suíça, Bad Homburg e Itália sem a família.
PRIMAVERA DE 1874: Inicia o primeiro romance mais longo, *Roderick Hudson*, em Florença.
SETEMBRO DE 1874: Volta aos EUA.
- 1875 JANEIRO: Publica *A passionate pilgrim, and other tales*, sua primeira obra a sair em formato de livro. Seguem-se *Transatlantic sketches* (escritos de viagem) e *Roderick Hudson*, em novembro. Passa seis meses na cidade de Nova York (111 East 25th Street), depois três meses em Cambridge.
11 DE NOVEMBRO: Chega a 29 rue de Luxembourg, Paris, como correspondente do *New York Tribune* ao voltar para a Europa.
DEZEMBRO: Inicia novo romance, *The American*.
- 1876 Conhece Gustave Flaubert, Ivan Turguêniev, Edmond de Goncourt, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant e Émile Zola.
DEZEMBRO: Muda-se para Londres e fixa residência em 3 Bolton Street, bem perto de Piccadilly.
- 1877 Viaja a Paris, Florença e Roma.
MAIO: Publica *The American*.
- 1878 Conhece William Gladstone, Alfred Tennyson e Robert Browning.
FEVEREIRO: Uma coletânea de ensaios, *French poets and novelists*, é o primeiro livro que HJ publica em Londres.
JULHO: A novela *Daisy Miller* sai como folhetim na *Cornhill Magazine*; em novembro sai na *Harper's*, nos EUA. A novela firma a reputação de HJ nas duas margens do Atlântico.
SETEMBRO: Publica o romance *The Europeans*.
- 1879 DEZEMBRO: Publica o romance *Confidence* e o estudo crítico *Hawthorne*.
- 1880 DEZEMBRO: Publica o romance *Washington Square*.
- 1881 OUTUBRO: Volta aos EUA; vai a Cambridge.
NOVEMBRO: Publica o romance *The portrait of a lady*.
- 1882 JANEIRO: Morre a mãe. Vai a Nova York e Washington, DC.
MAIO: Viaja à Inglaterra, mas volta aos EUA, com a morte do pai, em dezembro.
- 1883 VERÃO: Volta a Londres.
NOVEMBRO: Edição de sua obra ficcional reunida em catorze volumes é publicada pela Macmillan.
DEZEMBRO: Publica *Portraits of places* (escritos de viagem).
- 1884 Sua irmã Alice muda-se para Londres e vai morar perto de HJ.
SETEMBRO: Publica *A little tour in France* (escritos de viagem) e *Tales of three cities* (contos); seu importante texto crítico “The art of fiction” é publicado na *Longman's Magazine*.
Torna-se amigo de Robert Louis Stevenson e Edmund Gosse. Escreve à sua amiga americana Grace Norton: “Jamais me casarei. [...] Sinto-me ao mesmo tempo suficientemente feliz e suficientemente infeliz tal como estou”.
- 1885-6 Publica dois romances como folhetins, *The Bostonians* e *The Princess Casamassima*.
6 DE MARÇO DE 1886: Muda-se para apartamento em 34 De Vere Gardens.

- 1887 PRIMAVERA E VERÃO: Vai a Florença e Veneza. Continua amizade (iniciada em 1880) com a romancista americana Constance Fenimore Woolson.
- 1888 Publica o romance *The reverberator*, a novela *The Aspern papers* e *Partial portraits* (crítica).
- 1889 A coletânea de contos *A London life* é publicada.
- 1890 O romance *The tragic muse* é publicado.
- 1891 Adaptação para o teatro de *The American* é apresentada em curta temporada no interior e em Londres.
- 1892 FEVEREIRO: Publica *The lesson of the master* (coletânea de contos).
MARÇO: Morte de Alice James em Londres.
- 1893 Três volumes de contos publicados: *The real thing* (março), *The private life* (junho) e *The wheel of time* (setembro).
- 1894 Mortes de Constance Fenimore Woolson e R. L. Stevenson.
- 1895 5 DE JANEIRO: A peça *Guy Domville* é recebida com vaias e aplausos ao estrear no St. James's Theatre; HJ para de escrever para o teatro por muitos anos.
Viagem à Irlanda. Começa a andar de bicicleta. Publica dois volumes de contos, *Terminations* (maio) e *Embarrassments* (junho).
- 1896 Publica o romance *The other house*.
- 1897 Dois romances, *The spoils of Poynton* e *What Maisie knew*, são publicados.
FEVEREIRO: Passa a ditar em vez de escrever, devido a problemas com os pulsos.
SETEMBRO: Aluga a Lamb House, em Rye, Sussex, Inglaterra.
- 1898 JUNHO: Muda-se para a Lamb House. Entre seus vizinhos em Sussex incluem-se os escritores Joseph Conrad, H. G. Wells e Ford Madox Hueffer (Ford).
AGOSTO: Publica *In the cage* (romance curto).
OUTUBRO: "The turn of the screw", história de fantasmas incluída em *The two magics*, é sua obra de maior sucesso desde *Daisy Miller*.
- 1899 ABRIL: O romance *The awkward age* é publicado.
AGOSTO: Torna-se proprietário de Lamb House.
- 1900 Raspa a barba.
AGOSTO: Publica a coletânea de contos *The soft side*.
Faz amizade com a romancista americana Edith Wharton.
- 1901 FEVEREIRO: Publica o romance *The sacred fount*.
- 1902 AGOSTO: Publica o romance *The wings of the dove*.
- 1903 FEVEREIRO: Publica a coletânea de contos *The better sort*.
SETEMBRO: Publica o romance *The ambassadors*.
OUTUBRO: Publica livro de memórias *William Wetmore Story and his friends*.
- 1904 AGOSTO: Viaja aos EUA, pela primeira vez em 21 anos. Vai à Nova Inglaterra, Nova York, Filadélfia, Washington, o Sul, Saint Louis, Chicago, Los Angeles e San Francisco.
NOVEMBRO: Publica o romance *The golden bowl*.
- 1905 JANEIRO: É convidado pelo presidente Theodore Roosevelt a ir à Casa Branca. É eleito para a American Academy of Arts and Letters.
JULHO: De volta a Lamb House, começa a revisar suas obras para "edição nova-iorquina" de obras reunidas, *The novels and tales of Henry James*.
OUTUBRO: Publica *English hours* (escritos de viagem).

- 1906-8 Selecciona, revisa, escreve prefácios e encomenda ilustrações para a “edição novaiorquina” (publicada em 1907-9, 24 volumes).
- 1907 JANEIRO: Publica *The American scene* (escritos de viagem).
- 1908 MARÇO: Peça teatral *The high bid* montada em Edimburgo.
- 1909 OUTUBRO: Publica *Italian hours* (escritos de viagem). Problemas de saúde.
- 1910 AGOSTO: Vai aos EUA com o irmão William, que morre uma semana após chegarem.
OUTUBRO: Publica *The finer grain* (contos).
- 1911 AGOSTO: Volta à Inglaterra.
OUTUBRO: Publica *The outcry* (romance adaptado de peça teatral). Começa a escrever autobiografia.
- 1912 JUNHO: Recebe doutorado honorário da Universidade de Oxford.
OUTUBRO: Aluga apartamento em 21 Carlyle Mansions, Cheyne Walk, Chelsea; sofre crise de herpes-zóster.
- 1913 MARÇO: Publica *A small boy and others* (primeiro volume da autobiografia). Seu retrato é pintado por John Singer Sargent como presente de aniversário ao completar 70 anos.
- 1914 MARÇO: Publica *Notes of a son and brother* (segundo volume da autobiografia).
AGOSTO: Começa a Primeira Guerra Mundial; HJ envolve-se profundamente com a causa britânica e ajuda refugiados belgas e soldados feridos.
OUTUBRO: Publica *Notes on novelists* (crítica).
- 1915 Nomeado presidente honorário da American Volunteer Motor Ambulance Corps.
JULHO: Torna-se cidadão britânico.
Escreve ensaios sobre a guerra, recolhidos em *Within the Rim* (1919), e o prefácio para *Letters from America* (1916) do poeta Rupert Brooke, que morrera no ano anterior.
2 DE DEZEMBRO: Sofre um derrame.
- 1916 É agraciado com a Ordem do Mérito nas condecorações de Ano-Novo.
28 DE FEVEREIRO: Morre. Após funeral na Chelsea Old Church, suas cinzas são clandestinamente levadas para os EUA por sua cunhada e enterradas no túmulo da família em Cambridge.

Cinco resenhas (1897) de *Pelos olhos de Maisie*

1.

RESENHA NÃO ASSINADA,
MANCHESTER GUARDIAN
(28 SETEMBRO DE 1897)

O problema das possibilidades que a vida abre para uma menina cujos pais encontraram no divórcio apenas um recurso para dar mais vazão a suas proclividades e seus vícios, embora provavelmente repugnante para a maioria das pessoas, é suficientemente complexo para atrair um analista psicológico da categoria do sr. Henry James. Em *Pelos olhos de Maisie* (W. Heinemann, 304 p., 6 xelins), o sr. James de tal modo triunfou sobre as dificuldades do tema que nos apresenta uma imagem verossímil da inocência infantil, preservada em meio ao mal gritante não pela obtusidade, e sim por uma rara combinação de sensibilidade, tato e terno poder de dedicação. Trata-se de uma vitória e tanto, pois, ainda que em grande parte graças à habilidade inigualável do autor nas artes de aludir indiretamente e patinar em gelo fino, percebemos que a dialética verbal por si só não poderia ter salvado da conspurcação esta pequena vítima impotente do acaso e das más paixões. De outros pontos de vista, como, por exemplo, o prazer do leitor, o sucesso é mais questionável. Mais até do que em algumas das outras obras do autor, somos atormentados pela impressão de que é o contexto espinhoso da fruta, mais do que sua suculência, que o tentou a se apoderar dela. Temos aqui um estudo, não uma história nem um drama. A porção da vida de Maisie coberta pelo livro é apenas uns poucos anos da infância, que podem ser resumidos de modo aproximado como um duelo pela posse de sua pessoa. De um dos lados, as forças da respeitabilidade são representadas pela sra. Wix, uma governanta idosa e fisicamente grotesca, porém inteiramente dedicada, e por sir Claude, o segundo marido da mãe de Maisie, que está determinado a retirar a criança de uma atmosfera da qual ele próprio não tem força moral para escapar; do outro lado se dispõem (mais em sucessão do que lado a lado) o pai e a mãe de Maisie, e a mulher que se torna primeiro madrasta da menina e depois amante de sir Claude. Essas pessoas, hostis sob todos os outros aspectos, têm em comum a prática de utilizar Maisie como um mero instrumento, empunhado ou largado conforme seus interesses do momento. O ponto crucial da complicação decorre da *liaison* entre dois membros das forças opostas — a madrasta e o padrasto — para os quais a própria criança, com seu vivo afeto por ambos, atuou como um instrumento inocente. A batalha e o livro se encerram quando a sra. Wix leva Maisie para o outro lado do canal da Mancha numa fuga triunfal, mas o horizonte do futuro permanece obscurecido por nuvens. Dada a natureza do caso, o livro é monótono, e, apesar do diálogo

cambiante e das deliciosas percepções sobre a mente infantil que abundam em todas as páginas, esta monotonia pesa muito no leitor antes do final. Sentimos que o autor levou a cabo sua tarefa de um modo como nenhum outro talvez pudesse fazê-lo. Contudo, por mais que o livro possa proporcionar em termos de entretenimento ou admiração, não conseguimos imaginar que alguém o leia pela segunda vez. Sem dúvida, trata-se de uma obra de arte, mas não do tipo que gostamos de pendurar em nossas paredes.

2.

EXTRAÍDO DE UMA RESENHA NÃO ASSINADA,
PALL MALL GAZETTE
(11 DE OUTUBRO DE 1897)

Este mais recente romance do sr. James parece, fora de qualquer dúvida, representar o seu auge. É uma obra muito difícil de criticar, muito desconcertante para avaliar. Acima de tudo, porém, o que nela se destaca é sua surpreendente inteligência. É impossível ignorar que, se esta palavra tem algum sentido, e se podemos em alguns momentos usá-la, estamos diante da genialidade. Trata-se de uma obra genial, tanto quanto as melhores criações do sr. Meredith, ainda que seguindo uma linha humana muito diversa, o que nem é necessário lembrar aos leitores desses dois autores. E a observação seguinte que pode ocorrer a um leitor, ao terminar a leitura do livro, é a de que o autor generosamente, voluntariamente, quase impiedosamente, prejudicou a si próprio. Ele havia selecionado uma estranha mistura de intriga sórdida, em que alguns personagens vívidos e curiosos executam as momices daquela comédia humana sobre a qual o sr. James se debruça com tanto amor quanto seu grande contemporâneo. Era uma *partie carrée*, um grupo por si só difícil de conceber, apresentar e iluminar com a sutileza à qual o autor nos habituou. Conceber, porém, por que essa mistura, essa complexidade de motivações, esse emaranhado confuso de emoções, fossem todos transmutados, refletidos, determinados através da mente de uma menininha de oito anos! Seria, dir-se-ia, um absurdo. Afinal, o que Maisie poderia saber a respeito de todo esse terrível imbróglio humano? Ela não sabia nada — claramente, essa é a conclusão que o sr. James quer que tiremos de sua narrativa; e o próprio fato de que ela não sabia nada, na verdade não tinha consciência de nada, de que ela enxergava a vida com olhos infantis e inocentes, contemplava esse monturo com sua visão incompleta e perplexa — esse fato constitui a surpreendente dificuldade da tarefa do sr. James. Apresentar ao leitor as ações e motivos através da mente de Maisie, e ao mesmo tempo não deixar naquele espírito virginal nenhuma mácula nem sombra de compreensão — tal foi o feito do autor. Seu sucesso é proporcional à dificuldade. De todas as figuras que percorrem o labirinto da história — Farange, o pai da menina; a sra. Beale; sir Claude; até mesmo a própria Ida — nenhuma delas se fixa de modo tão indelével, marcada com tanta personalidade, quanto a criança. Os enredos do sr. James não suportam a análise pedestre de uma resenha; há que apreendê-los no contexto. A todo aquele que estiver disposto a deixar de lado os livros de Hall Caine e Marie Corelli por algum tempo e se dar o trabalho de ler esta obra até o fim, cada ato e sentimento da criança parecerá pateticamente convincente. A imundície e esqualidez das vidas desses personagens impressionam o leitor.

Contudo, jamais tocam Maisie. Ela não é, evidentemente, uma heroína; é aquilo que sua vida antinatural fez dela — fraca, submissa, um pouco insincera, debilmente afetuosa, porém acima de tudo ignorante, desejosa de paz e possuída por uma exausta ânsia por repouso, um lar e alguém a quem possa se apegar. Quanto a este último item, Maisie é derrotada, e mesmo quando a sra. Wix a leva embora triunfante, não estamos muito certos de que ela de fato conseguiu realizar seu desejo mais profundo.

O que sabia Maisie? Ela ouvira quase tudo. Todo personagem vaidoso, egoísta ou covarde do livro lhe faz confidências ao pé do ouvido. Ela própria disse ao pai, orgulhosa, que sabia tudo; ela gostava de saber. Mas o mais patético da situação, e o melhor também, era que, como já afirmamos, Maisie nada sabia. Já ressaltamos as surpreendentes dificuldades que o sr. James impôs a si próprio; e no entanto não deve nos causar espanto a constatação de que o autor concebeu o livro precisamente em torno dessa figura central e seu problema perturbador. Ele está acostumado a se impor tarefas difíceis, e leva-as a cabo independentemente do interesse que desperte ou deixe de despertar nos leitores. Desta vez ousamos dizer que ele realizou algo que há de causar impressão até mesmo naquela entidade misteriosa e dispersiva, o leitor comum. E no entanto, talvez não; caso contrário, pelo menos terá enriquecido o legado de nossos descendentes.

3.

EXTRAÍDO DE UMA RESENHA NÃO ASSINADA,

THE ACADEMY

(16 DE OUTUBRO DE 1897)

Li este livro atônito e deliciado: atônito diante de sua suprema delicadeza; deliciado ao constatar que o autor, apesar do desânimo que talvez lhe advenha da falta de aclamação popular, mantém um compromisso inflexível com uma consciência literária que o impede de produzir uma única frase desleixada, ou deslocar uma única palavra de seu devido lugar. Como preveem os admiradores do sr. James — pois o sr. James tem um grupo de admiradores dedicados, que acompanham cada linha por ele escrita — o enredo da história é dos mais simples. [...]

No entanto, expor o enredo de um livro do sr. James é não dizer quase nada. Ele não se ocupa com eventos, e sim com os eventos tal como eles se espelham nos pensamentos, nos impulsos momentâneos, de seus personagens. Graças a uma intuição psicológica rara, ele põe a nu o avesso de sua história. E neste livro todo o drama sórdido das emoções mesquinhas — ciúme, rancor, malícia e vacilação — se desenrola para a diversão de Maisie. O leitor acompanha a narrativa pela mente de Maisie; vê e ouve apenas aquilo que ela viu e ouviu; e no entanto, tal é a combinação de humor com páthos da apresentação que acaba sabendo muito mais do que Maisie jamais poderia saber, muito embora ela tivesse lá a sua aritmética moral infantil, por meio da qual era capaz de concluir que dois e dois são quatro. [...]

Com certeza, não há nenhum escritor vivo que tenha realizado o feito que o sr. James realiza aqui, analisando e purificando as paixões mais vis de nossa natureza ao fazê-las passar pela mente pura de uma criancinha.

4.
RESENHA NÃO ASSINADA,
THE SPECTATOR
(30 DE OUTUBRO DE 1897)

Em *Pelos olhos de Maisie*, o sr. Henry James nos apresenta o espetáculo nada edificante de um homem de grande talento e sutileza, que claramente está do lado dos anjos, entregando-se com persistência incansável e atenção desesperada à tarefa de retratar de modo detalhado meia dúzia de almas das mais repugnantes e esquálidas — apesar de seu meio sofisticado e aparências vistosas — que já tivemos a infelicidade de encontrar em toda a ficção moderna. A melhor imagem que nos vem à mente é a de uma criança muito bem-vestida fazendo com todo o cuidado uma torta de lama na sarjeta. A torta de lama é uma obra de arte, e a criança continua a manter as mãos e as roupas impolutas. Mas no final das contas, o resultado não passa de uma torta de lama. Maisie é filha única de pais totalmente desclassificados, que no início da narrativa acabaram de divorciar-se. Fica combinado que Maisie passará metade do tempo com o pai e metade com a mãe. Contratam-se governantas, e o pai casa-se com a mais jovem, mais bela e incomparavelmente mais ordinária das duas. A mãe também volta a se casar, com uma criatura frouxa e invertebrada cujo nome é sir Claude. Assim, Maisie, o tempo todo jogada de um lado para outro, como uma peteca, pelos membros desse quarteto indigno, torna-se o meio inocente de aproximar sua madrasta e seu padrasto, com resultados que facilmente podem ser imaginados. É bem verdade que o sr. James não chega ao cúmulo de fazer que o pai e a mãe voltem a se casar um com o outro. Isso o teria exposto à acusação de tentar rivalizar com o final horrendo de *Jude the obscure*. Mas não poderia ter tornado o livro mais desagradável do que é. A engenhosidade complexa com que essa infeliz criança é rodeada de parentes indesejáveis tem o efeito, na nossa opinião, de anular por completo o páthos de que o autor pretendia investi-la. Maisie escapa no fim, graças à implacável determinação da governanta feia, bem como à gradual formação do senso moral da criança. Há muitas passagens do livro que claramente se pretendem humorísticas. Por exemplo, quando se relatam os procedimentos de divórcio: “O pai, o qual, embora respingado de lama da cabeça aos pés, havia conseguido se impor, conquistou, em consequência dessa vitória, o direito de ficar com ela: não que o caráter da mãe tivesse sido atingido de modo mais absoluto, mas o brilho de uma tez feminina (e a desta senhora em particular foi, durante o julgamento, alvo de todas as atenções) talvez tivesse o efeito de tornar as nódoas mais visíveis”. De modo algum conseguimos ver alguma graça nisso, ainda que sem dúvida esse tom chistoso forçado tenha seus admiradores. Observamos, concluindo, que alguns dos nomes — Wix e Moddle, por exemplo — trazem à mente Charles Dickens. Contudo, apressamo-nos a acrescentar, fazendo justiça ao sr. Henry James, que não há absolutamente mais nada no livro que nem sequer o mais fanático catador de plágios poderia dizer que guarda a mais remota semelhança com o estilo ou a temática do imortal “Boz”.

5.
RESENHA NÃO ASSINADA,

LITERARY WORLD
(BOSTON, 11 DE DEZEMBRO DE 1897)

Consta que o sr. Henry James teria dito recentemente a um amigo que havia atingido um ponto em sua carreira literária em que podia escrever exatamente o que quisesse. Os primeiros frutos da utilização por ele feita dessa liberdade recém- -obtida são, a nosso ver, lamentáveis; sendo a primeira um artigo sobre Du Maurier [“George Du Maurier”, *Harper’s New Monthly Magazine* (setembro de 1897)], um pronunciamento órfico que só se torna inteligível para os iniciados, e a segunda um romance cujo nome intitula o presente artigo.

Pelos olhos de Maisie é de uma qualidade inacreditável em se tratando de um escritor que, até agora, sempre foi irreprochável do ponto de vista moral. No que ele afirma, e mais ainda no que dá a entender, o livro se situaria, não fosse fundamentalmente maçante ao extremo, no nível das piores escolas da ficção francesa. Maisie é uma criança pequena, com cinco ou seis anos de idade no máximo, quando seus pais se divorciam, ficando acordado que ela passará partes iguais de cada ano com cada um deles. Nos seis meses que ela vive com seu pai desprezível, Maisie ouve diariamente o nome de sua mãe sendo associado a xingamentos e às acusações mais grosseiras. De lá saindo para a casa da mãe igualmente desprezível, ela é informada, numa linguagem um pouco menos corrupta e suja, que seu pai é um canalha devasso. Nenhum dos genitores poupa a criança de ouvir o menor detalhe chulo por apiedar-se de sua tenra idade. Após algum tempo, a bela governanta contratada pela mãe acompanha Maisie à casa do pai e dele se torna amante. Pouco depois, a mãe se casa em segundas núpcias. O marido no 2, um homem bondoso, tão fraco e dissoluto quanto seu predecessor, porém menos violento que ele, afeiçoa-se à menininha, que passa a adorá-lo. Ela também adora a ex-governanta, amante e depois esposa de seu pai. Quando, portanto, o pai no 1 abandona a esposa no 2 e vai viver com (e às custas de) uma terceira senhora, e a mãe no 1, tendo provado uma variedade de amantes (sempre com o conhecimento e a conivência de Maisie), foge com o mais recente, e o pai no 2 e a mãe no 2 se unem, Maisie, que a essa altura terá cerca de nove anos, não vê nada de mau nisso tudo. Ela discute a situação com sua governanta, estando preparada para aceitá-la de bom grado.

Este enredo parece inconcebível. O autor não manifesta a menor piedade ou desânimo diante do espetáculo dessa criança, que tem a corrente pura de sua vida envenenada na fonte. Para ele, a menina é apenas a *raison d’être* de uma situação curiosamente complicada, que ele pode torcer e destorcer para os fins de sua ficção. Sente-se, no decorrer da leitura, que todo sentimento viril, toda possibilidade de empatia generosa, toda compreensão dos padrões mais elevados, tornaram-se atrofiados na natureza do sr. James por falta de uso, e que toda e qualquer relação entre ele e seus semelhantes pereceram, senão com o fim de lhe servir, friamente, de “material”.

Nem é preciso dizer que o estilo do livro é espasmódico e incoerente. Os personagens, inclusive a própria Maisie, falam através de insinuações vagas, e, como nenhuma resposta é prometida “no próximo número”, os leitores dessa história — espera-se que venham a ser poucos — provavelmente jamais compreenderão com certeza o que os personagens envolvidos disseram, fizeram ou pretenderam. O que é até bom, pois o pouco que é possível entender repugna igualmente ao bom gosto e ao sentimento, à lei e ao evangelho.

Henry James comenta *Pelos olhos de Maisie*

OS CADERNOS (1892-6)

34 DE VERE GARDENS,
W., 12 DE NOVEMBRO DE 1892

— Dois dias atrás, num jantar na casa de James Beyce e sua esposa, a sra. Ashton, irmã da sra. Bryce, falou-me sobre uma situação de que ela ficara sabendo, a qual imediatamente me pareceu poder ser utilizada numa narrativa. Uma criança (tanto pode ser um menino quanto uma menina, porém eu vejo uma menina, o que tornaria a situação diferente de *The pupil*) foi *dividida* por seus pais como consequência do divórcio. O tribunal, por algum motivo, não deixou a criança, como poderia ter feito, exclusivamente com um dos dois, porém decidiu que ela deveria dividir seu tempo em partes iguais entre eles — ou seja, alternadamente. Pai e mãe contraíram segundas núpcias, e a criança ficava com um deles um mês, ou três meses — encontrando com o pai uma nova mãe, e com a mãe um novo pai. Não seria possível tirar algo da ideia de uma relação curiosa e específica surgindo primeiro entre a criança e cada um desses novos pais, e depois entre os dois novos pais, através da criança — justificada, motivada e mediada pela criança? Imagine-se que os pais verdadeiros morrem etc. — então os novos pais se casam a fim de cuidar dela etc. A base de quase qualquer história, qualquer desenvolvimento, seria a criança gostar mais do novo marido e da nova esposa do que dos antigos; ou seja, que os antigos se tornassem (a partir do momento em que deixam de *brigar* por causa dela) indiferentes a ela, enquanto os outros se tornam interessados e apegados, e por fim apaixonadamente ligados a ela. O melhor de tudo talvez seria fazer com que a criança se torne um novo pomo da discórdia, uma nova fonte de situações dramáticas, *du vivant* dos pais originais. A indiferença *deles* faz com que os novos pais, por conta de um sentimento comum, se unam. Daí um “flerte”, uma relação amorosa entre eles que desperta suspeitas, ciúmes, uma nova separação etc. — com a criança inocente no meio de tudo.

26 DE AGOSTO, 1893
(DE VERE GDNS.)

Estou começando a levar adiante a minha ideia da historinha sobre o tema da filha *partagée* de pais divorciados — a respeito da qual já fiz uma anotação aqui. A pequena *donnée* haverá

de render mais, creio eu — mais efeito irônico, e é isso que é o mais importante de tentar aqui — se os pais antigos, os pais originais, permanecerem *vivos*, em vez de morrerem, e entregarem a menininha às pessoas com quem cada um deles casou *en secondes nocces*. Isso, no mínimo, é o que pergunto a mim mesmo. Não seria possível combinar o interesse irônico com o *outro* (o “toque de ternura” — ou doçura — ou empatia ou poesia — o que quer que seja a coisa necessária), por uma concepção do seguinte tipo: que Hurter e sua ex-esposa se casem de novo e deixem de se importar com a criança — tal como eu havia imaginado originariamente, tão logo não a tenham mais como motivo para brigar? O novo marido e a nova esposa passam então a interessar-se por ela, e encontram-se com base nesse interesse comum. Os Hurter brigam com *eles* por isso, e se separam: isto é, cada um dos Hurter se separa do novo cônjuge. E se *Hurter* morrer? Sua primeira esposa sobrevive e fica cheia de ciúmes da segunda. Preciso levar em conta que se Hurter morre, a situação se desfaz, pois então sua mulher passa a ser a única responsável por Maisie; isso, não. Não, os dois permanecem vivos.

22 DE DEZEMBRO

Prometendo a H. Harland 10 000 [palavras] (10 000 *mesmo*) para a *Yellow Book* de abril, comecei a levar adiante o temazinho da criança, a menininha, cujos pais se divorciam, voltam a se casar e depois morrem, deixando-a dividida entre o segundo marido da mãe e a segunda esposa do pai. Mas antes de prosseguir é necessário calcular mais, extrair mais o tema, o drama — se de fato tal coisa há. *Voyons un peu* — qual o pequeno drama que há nisso? — Percebo, percebo: agarro a cauda da açãozinha latente *qu’il recèle*. Enganei-me, acima, ao pensar — ao dizer — que os pais divorciados “morrem”: eles vivem — a própria essência do tema está nisso. Tomando como meu ponto de vista, minha *linha*, a consciência, a percepção tênue, doce, sagrada, perplexa, dependente, da criança, chega-se mais ou menos a *isto*. Os pais se tornam indiferentes a ela tão logo deixam de tê-la como pretexto para brigar; então voltam a se casar. O pai *primeiro* — é a nova esposa dele quem primeiro se interessa pela criança. Mas deixe-me explicitar a coisa, [em] 8 ou 10 pequenos capítulos.

I. 12 ½ páginas sobre os pais.

II. 10 páginas: a visão que a criança tem da situação de início — suas dúvidas, perplexidades, então pouco a pouco sua percepçãozinha inteligente do que é necessário fazer. Boyd [Beale] primeiro fica com ela — suas pretensões referentes à sua vida em relação a ela, suas simulações de estar ocupado com ela e dedicar-se a ela. Suas falas com ela a respeito da mãe — terror que ela sente de ficar com a mãe. Então a ida para a casa da mãe — as carícias loucas da mãe, que extrai da criança tudo que o pai disse a seu respeito. Os resultados disso — o comportamento dela quando volta para o pai etc. Os resultados não se manifestam na primeira vez: ela repete ao pai o que a mãe disse, tal como repetiu para a mãe o que o pai disse. Então, na segunda estada com a mãe, resolve *não* dizer nada — Ela começa a perceber, em sua mentezinha prematuramente preocupada e aguçada, o que pode fazer no sentido de promover a *paz*. Isso decepciona e irrita a mãe na segunda estada — de modo que, como suas ações deletérias diminuem, a mãe a negligencia, e muito, e ela fica ansiosa para voltar para o pai. Quando isso acontece, ela encontra lá uma governanta. Ou é a MÃE que contrata a

governanta? Começo a ver motivos para isso. A mãe contrata a governanta para os três últimos meses da estada — mas deixa claro que não tolerará que ela vá para a outra casa com a criança. Ela terá de esperar para gozar seus seis meses depois — foi sob esse entendimento que ela foi contratada. Porém ela de tal modo se apega a Maisie que rompe a promessa e vai, sabendo a que se expõe, oferecendo seus serviços a Boyd. Ele fica horrorizado, ao saber que ela vem de sua esposa — de Maisie sob aquele teto. Fica, porém, aplacado quando é informado de que ela quebrou a promessa, e impõe-lhe uma outra promessa de não voltar para lá. *Ela* concorda — seu objetivo agora, secreto, é manter a criança na casa do pai. Ela apaixonou-se por Boyd. A cena entre Boyd e a governanta se dá na presença de Maisie. Tudo isso ocorre em II.

III. Relações entre Maisie e a governanta. Então Maisie volta mais uma vez para a mãe, e fica lá sem a governanta — com uma outra, que também se atrapalha por conta dela. A mãe a *abandona*, depois dessa terceira estada, e ela vai ficando — mais e mais. Um jovem vai à casa do pai na ausência deste para informar-se sobre ela. O jovem é o novo marido de sua mãe. Ele foi enviado para lá — atizado pela governanta atrapalhada — a qual adora a criança e quer que ela volte, senão *ela* é que vai ficar com a menina. A essência do pequeno drama é esta — a ação estranha, fatal, complicadora da adorabilidade da criança. Ocorre-me, porém, que em vez de fazer o jovem vir sozinho, diretamente (um pouco forçado e *invraisemblable*), seria melhor que a “governanta atrapalhada” — a segunda, mais velha, feia — venha ela própria, ansiosa, desesperada, para ver se a criança *não* vai voltar para a mãe. Ela vem para falar com Boyd Farange, mas ele não está em casa. Ela vê a governanta *dele*, a bonita, minha segunda “heroína”; e a cena entre as duas mulheres ocorre diante de Maisie. A governanta feia, mal-ajambrada e honesta, *fala* sobre o casamento da sra. Farange — é a primeira vez que elas ficam sabendo da história. Ela desposou um certo capitão Fulano [sir Claude] — ela diz quem ele é: ela está no estrangeiro — o casamento foi em Florença. Ela escreveu para a mal-ajambrada, um gesto bem seu — enviando o retrato do *sposo* — mais moço do que ela, muito bonito. (A governanta “bonita” não deve ser bonita demais — excesso de beleza — apenas um tipo bem marcado.) *Os SPOSI estão voltando para casa* — daí a missão oficiosa e patética da pobre mulher. Sua paixão pela criança salta à vista. Ela agarra a criança, abraça-a. Ela tem que ser viúva — sra. de Tal: ela perdeu sua única filhinha. Movimento entre as mulheres leva a mais jovem a anunciar o lugar que ocupa — a autoridade com que fala: está noiva de Boyd Farange.

IV. É preciso tomar liberdades com os anos — tratar meus *intervalos* com arte e coragem; dominar os pequenos segredos com relação à expressão da duração — ser superior, em outras palavras, quanto à questão do tempo. Maisie volta, sim, para a mãe — conhece seu novo padrasto — fica lá um ano. O novo padrasto — o capitão — apega-se muito a ela. Um sujeito simples, bom, bem-humorado, dominado e massacrado pela esposa, que é destinado, disso já tem certeza, ou pelo menos é o que teme, a não ter um filho seu: o motivo principal pelo qual foi desposado — *não* desposado, e sim agarrado e capturado, pela sra. Farange. (Preciso encontrar um nome, um primeiro nome, para a sra. F. desde cedo — para não ter que falar dela com um sobrenome *diferente*.) Ocorre-me que será bom que Ida tenha uma gravidez — *muito*, muito cedo — como resultado da qual o capitão perca qualquer esperança de paternidade. Ela adoece muito — a criança morre — a convalescença é prolongada — sua atitude a respeito da possibilidade de viver outro episódio semelhante é inconfundível. É durante este período — para ele — de preocupação e solidão que o capitão se aproxima de

Maisie, tão “solitária” quanto ele — *délaissée* de um modo que o toca. Ela passa o ano com a mãe para compensar o tempo em que Ida NÃO insistiu para ficar com ela, antecipadamente ao evento. É o capitão, na verdade, que, por estar afeiçoado à criança, quer que o tempo seja compensado, faz questão, exige. Marcar do modo mais vívido, *enfatizar*, a *queda*, a entrega cínica, da responsabilidade de cada um dos *pais verdadeiros* — sua consciência e suas pretensões em relação a isso, e sua tolerância do ônus resultante. Assinalar o ponto em que a mudança se dá *por completo* — a mudança que deixa apenas o padrasto e a madrasta sustentando a situação. Por exemplo, é o capitão agora que fica com Maisie — apenas o capitão. Tudo isso na seção IV. A seção IV deve terminar com a ida da segunda esposa à casa do capitão para *retomar* a criança. Este é o encontro deles — a 1ª vez em que se veem face a face diante de Maisie. A cena se dá diante de Maisie — TUDO SE DÁ DIANTE DE MAISIE. Isso faz parte da essência da coisa — isso, com a ternura que ela inspira, o resto da essência, o segundo dos fios de ouro da minha *forma*. Maisie acaba ficando mais — muito mais — do que um ano com o capitão e sua mãe. É como esposa de Boyd Farange — casada agora *depuis bientôt 2 ans* — que a bela governanta se apresenta. Também ela se deu conta de que não vai ter filhos. Ela pode ter engravidado (sim, é isso) e perdido sua filhinha. Sim, sim, ela *conta* isso ao capitão. Este primeiro encontro deles assinala praticamente o meio de minha história. Não tenho certeza, agora, se vai ser bom que ela — no final de III — tenha ANUNCIADO para a governanta mal-ajambrada que estava noiva de Boyd. E no entanto, por que não? Quando posso preparar tão pouco, e preciso dar tais saltos, toda essa preparação pode ser valiosa para mim. *Nous verrons bien*. Esta relação estabelecida entre os dois pais substitutos evidentemente, de qualquer modo, se prolonga na seção V.

A SEÇÃO V consiste, portanto, no estabelecimento nítido e vívido do contato em questão e mais:

(b) A segunda visita da segunda esposa ao capitão para *continuar* a tentativa de apossar-se de Maisie. Ida não está presente — Boyd não está presente: isto assinala o que vem a se tornar um dever *deles*. O capitão está em algum balneário — em aposentos alugados — com a criança: por exemplo, em Brighton. A segunda esposa, nesta segunda vez, vai até Brighton. A governanta mal-ajambrada reaparece com a menininha — agora com 10 anos de idade. Ela recorreu a ela [apesar de tudo? (colchete de James)] — agarra-se a ela: ela é sua única protetora *de verdade*. Ela vê o que vai acontecer entre os dois jovens — MOSTRAR que ela o vê.

(c) A volta de Maisie ao pai e à madrasta.

(d) Visita do capitão para ver a menina. *Boyd consente* — acha ótimo, de ver o quanto também ele está insatisfeito com Ida. Esse *rapprochement* entre os dois homens tem lugar na presença da criança. A governanta mal-ajambrada, enquanto isso, é proibida de entrar na casa por ordem da segunda esposa — que tem ciúmes e desconfia dela, tem também uma vaga ideia, um prenúncio, do que talvez venha a acontecer, intui a percepção que a velha tem da situação, o que a faz mantê-la afastada. A velha entra imediatamente — para dizer o que pensa a Maisie. Isto é, ela formula à criança exatamente o que *eu* acabo de formular. Tudo é formulado e formulável à criança. Não seria possível dar fim a essa fórmula em V? — ficando VI praticamente reservada ao *crescimento* da extraordinária relação entre padrasto e madrasta tal como é testemunhada por Maisie? Sim, isso mesmo. A fórmula expressa pela mal-ajambrada no final de V torna *mais fácil* para mim fazer a criança testemunhar o fenômeno em questão — prepara o espelho, a chapa, em que ele é representado tal como refletido. Temos, portanto: —

VI. (*sexto*) A liberdade, a facilidade, do padrasto e da madrasta unidos em torno da criança. *Cela se passe chez Boyd* — já que o capitão pode ir lá. *Descrição da cena através da imagem do vago entendimento da criança*. Termina com a súbita entrada de Ida — uma explosão de ciúme. O capitão foi com Maisie a algum lugar em Kensington Gardens — *saiu com ela, vindo da casa de Boyd* — e lá subitamente encontram Ida, que está acompanhada de um cavalheiro estranho — estranho para Maisie, mas conhecido, muito bem conhecido, pelo capitão. Cena de ciúme de Ida com o objetivo de antecipar, *ESVAZIAR*, a desconfiança do segundo marido (o capitão) quanto a suas relações com o cavalheiro estranho. O cavalheiro estranho afasta-se para dar um passeio com Maisie — atendendo a um pedido de Ida. Esse momento é, em três linhas, relatado (*o cavalheiro TOTALMENTE SILENCIOSO* — Maisie também), e a situação que a criança encontra ao voltar para junto dos outros. VI termina com Maisie voltando para a mãe, que precisa ficar com ela para compensar a acusação que fez ao capitão, mas na verdade não tem nenhum interesse em ficar com ela, ou então ela estar lá tem apenas o efeito de manter o capitão mais presente — ou *talvez* o faça: um estado de coisas que não é do interesse dela, já que ela precisa receber o amante e ficar com ele. Porém o capítulo termina com a menininha voltando a morar com a mãe.

VII inclui: — (a) Tudo que circulei em vermelho logo acima. (b) O veto do capitão imposto à mal-ajambrada faladeira. (c) O incidente em que Maisie sai com a madrasta — tendo saído da casa da mãe — e encontra (como contraparte do incidente em VI) o pai com uma senhora estranha, uma senhora estranha para Maisie mas conhecida, bem conhecida por seu padrasto. As mesmas coisas de antes acontecem. Ocorre a mesma cena entre os dois *sposi*. Maisie é levada pela senhora estranha para dar um pequeno passeio — só que a senhora estranha é extremamente loquaz, palra de uma maneira quase violenta. O *bout de scène* sendo que, diante da criança, Boyd faz com sua esposa, é uma cena de *ciúme insincero* — tal como a cena que Ida fez com o capitão. Mas antes de introduzir o incidente é preciso deixar claro que o capitão proibiu a governanta mal-ajambrada de ir à sua casa — mantém distância dela. Maisie fica sabendo do porquê disso pelo próprio capitão — sabe que, para estar bem com Ida e ter acesso à criança (já que a segunda senhora Farange a expulsou — bateu a porta na cara dela), ela (a mal-ajambrada) transmitiu a Ida o que ela pensa a respeito dos dois pais substitutos. Isso para fazer com que Ida traga a criança para casa, onde ela (a mal-ajambrada) pode ficar com ela. Só que ela não levou em conta a percepção do capitão (ou uma informação por ele obtida *através* de Ida) nem seu ressentimento, que não a mantém de fora. Ele diz que *ele* vai ensinar Maisie.

Em VIII, Ida “foge” com o cavalheiro estranho. O capitão formula isso a Maisie. Ele a leva à casa da madrasta e lá ela fica sabendo — através de uma formulação da madrasta — que Boyd Farange fugiu com a senhora estranha.

Em IX, Maisie vê seus pais substitutos se unirem em caráter muito definitivo — unem-se em sua dedicação a ela. *Eles* vão cuidar dela, e vão fazê-lo juntos — eles para ela serão ambos tudo que ela perdeu. Ela fica maravilhada e encantada com isso — vê-los como de fato *engrandecidos e magníficos*; e aceita a ideia, diz a eles que de fato os prefere etc., e prepara-se para se entregar de todo a eles. Então, em —

X. A governanta velha e mal-ajambrada chega, intervém, realiza sua grande cena com eles, *leur dit leur fait*, de modo grandioso e vívido (diz tudo que tem a dizer), e leva consigo a criança, para resgatá-la, para salvá-la. *Ela* é que vai criá-la.

THE VICARAGE, RYE,
22 DE SETEMBRO DE 1896

Consegui desenvolver minha historinha de “Maisie” a tal ponto que de agora em diante devo poder seguir em frente com ela de modo bem direto, o ponto em que a criança volta para o pai e a srta. Overmore domesticada *depois* de seu primeiro período com a sra. Wix na casa da mãe. As relações entre a srta. Overmore e Beale existem — ela se tornou amante dele. Esta é a seção V, constato, e ela precisa incluir o prolongamento da estada de Maisie e a visita da sra. Wix, tal como anotei *supra*.

34 DE VERE GARDENS,
26 DE OUTUBRO

Desenvolvi a historinha de Maisie até um ponto em que na verdade um roteiro bem detalhado do resto é indispensável para que seja possível avançar de modo direto e confiante até o fim. Que eu não venha — não que, Deus é minha testemunha, seja esta a minha *inclinação!* — a fraquejar na observância rigorosa desse método forte e benéfico — esse esquema preliminar intensamente estrutural, intensamente provido de dobradiças e articulações. Quanto mais vago for o esquema, mais eu pago diretamente pela vagueza; quanto mais detalhado e acabado ele for, mais eu ganho e me jubilo com sua força. Sir Claude — em VII — vai à casa da sra. Beale buscar a criança e a leva para a casa de sua mãe. Qual então a função de IX? Desenvolver a relação entre Maisie e sir Claude e, através dela, entre ele e a sra. Beale. É preciso retratar um pouco o *intérieur* de Ida — a relação entre o pobre sir Claude e *ela* — a relação entre ela e Maisie etc. Ela está muito apaixonada por sir Claude. Ela não deve ser demasiadamente monstruosa com Maisie — é preciso que ela a receba bem de início. A sra. Wix está presente — a sra. Wix precisa explicar as coisas à criança. Ela adora — elas DUAS adoram — sir Claude. Ele deve ser muito simpático, muito encantador para Maisie, mas deve ficar um pouco cansado dela. Como toda a coisa está em ação, assim esse pequeno capítulo é uma pequena *parte* da ação; e até que ponto essa ação deve ser levada por ele? *Voyons, voyons*. Não seria melhor que toda a coisa fosse refletida nas falas, nas confidências, nas interações da sra. Wix? Alguma coisa muito interessante pode sair daí — ela avançando um pouquinho mais, um pouquinho mais, em termos de comunicação, no que diz respeito à “cruza”, com a criança, mais do que permitem seu próprio mísero senso de decência, sua consciência antiquada — seus patéticos suspiros de impotência diante do que ela *tem* de contar a ela, diante do que Maisie *já* viu e ficou sabendo — de modo que *ela* não a torna mais iniciada — não a torna “pior”: etc. etc., e assim serve como uma espécie de refletor pálido e torto das condições que desejo apresentar da parte dos outros. O resto de minha história — *voyons* — consiste na anotação aguçada, numa série de momentos, dessas condições. Cada pequeno capítulo *é*, assim, um momento, uma etapa. Do quê, pois, este IX é um momento, uma etapa? Bem, de um *cynisme* mais *apresentado*, mais visível, da parte de todos. Mas que *etapa* a ação desempenha nele? *A do desligamento de sir C. de Ida — do da sra. Beale de Beale* — POR CONTA da pequena oportunidade e pretexto de Maisie. Ademais, a nítida e

indiferente entrega de Maisie pelos pais. Beale praticamente a “entregou” em VIII — sua mãe, obtendo-a de volta através de sir Claude — e aturando-a, para agradá-lo, de início (apresentar isso através da sra. Wix à criança), sua mãe explode e ressent-se da presença da menina — ou melhor, ressent-se de ver que Beale se esquiva — por fim. Sim, é assim que eu *vejo*, creio eu, esse pequeno *ato* do meu pequeno drama. Ah, essa concepção *divina* das pequenas massas e períodos à luz cênica — como ATOS completos, essa aplicação paciente, dedicada, nobremente “vingativa” [*vindictive*, “vingativa”, emendado por James para *vindicating*, “que justifica”, numa nota na página manuscrita] da filosofia e do método cênicos — sinto que ele ainda tem muito a dar, e pode me levar até onde vão meus sonhos! Deus sabe até onde — aprofundando-se no dia que morre, avermelhado — eles vão! *De part et d’autre* Maisie tornou-se um incômodo para seus pais — e a sra. Wix ajuda a provar isso. É necessário que eles continuem a odiar-se mutuamente, e Ida deve sentir um ciúme furioso — da sra. Beale. Já Beale é mais indiferente, porém recusa-se (até onde pode fazê-lo) a aceitar a volta de Maisie. O que IX faz é unir sir Claude e a sra. B. em torno de “Mas o que diabo eles hão de fazer com a criança?”. Sir Claude diz que Ida por fim exige que Beale fique com ela pelo prazo combinado, tendo chegado sua vez; a sra. Beale diz que seu marido está extremamente recalitrante. Então eles se *unem* — assumindo a responsabilidade pela criança. *Eles* têm seu momento juntos, com este fim — o momento que me parece ser o clímax apropriado de IX. Preciso *enjamber* meu período — meu tempo da criança com a mãe — desde o início: estender a minha xícara — deste ano — e depois verter meu pequeno capítulo — exprimir meu pequeno ato — dentro dela. Deve “vir à tona” que a visita de Claude à sra. Beale, sua tentativa de obter Maisie, permanece “desconhecida” para Ida. Essa sua maneira de agir — muito sincero e generoso e realmente terno em relação à criança — com sua natureza bela, amável, fraca, intimidada, por fim enojada — enojado de Ida, é claro. Ida recusa-se a ver Maisie de início — e a sra. Wix a põe *au courant*. Então Ida recua e o que Maisie vê — o Ídolo pintado, aquela mãe esperta, exibicionista, a questioná-la com ferocidade. Ela “arranca” a verdade de Maisie — a cena na casa da sra. Beale. É a maneira como a coisa foi feita — ele ter ido visitar aquela mulher — que a deixa indignada. Mas com a criança de início ela finge ser carinhosa. É preciso, porém, AFASTAR sir Claude bastante de início — através de sua absorção nele — sua paixão por ele. Ele fica indignado ao vê-la negligenciar a criança e resolve agir de modo a compensar isso: vai até o quarto dela ou ao quarto de estudos, melhor ainda, para visitá-la, encanta a sra. Wix cada vez mais (ela está apaixonada por ele), desafia o ridículo saindo com elas sempre que pode, levando-as ao teatro etc. Então vem a transição, a mudança. Ida comete uma infidelidade. Beale comete uma infidelidade. Sir Claude e a sra. Beale se unem em torno disso e de “O que fazer com Maisie?”. Creio que é necessário manter a sra. Beale AFASTADA por um ano. Mostro isso através da fala da sra. Wix dirigida à criança. A sra. Wix mostra a Maisie que é impossível que ela venha. Maisie sabe muito bem o quanto sua mãe tem ciúme dela (da sra. B.). Assim, há um intervalo após o início, o qual mostrei em VIII, das relações entre a sra. Beale e sir Claude. O clímax do ato, então, a *volta* dessas relações, o confronto do casal (em Brighton?), o “Você aceita ficar com ela?”, o “Você não pode ficar com ela?” etc. É preciso que antes disso eles tenham trocado cartas — em torno do final do ano — A RESPEITO dela. A sra. Wix a *agarra*. Mas sir Claude, apesar da sra. Wix, e não querendo de modo algum magoá-la, porém *tendo* de agir, fazer alguma coisa, e querendo encontrar-se de novo — por amor à Maisie — com a sra. Beale, em cuja ternura por ela ele *acredita* — Claude *age*, sai com ela sozinho, leva-a para Brighton.

X

Então o que é que X me dá? Basicamente, duas coisas: uma delas é que Maisie *volta* para a casa do pai; a outra é que, até o final, eu me livro da sra. Wix. *Preciso* livrar-me da sra. Wix, para dar força à sua volta *no final*, quando tudo o mais fracassou. E preciso substituir Maisie na casa do pai como a única base possível para o desenrolar da intriga entre seus pais substitutos. Claude pode ir lá — a sra. Beale jamais poderia ir à casa de Ida. Claude agora é amante da sra. Beale, e é neste X que preciso criar a cena em Kensington Gardens — a explosão de “ciúme” de Ida quando ela — estando lá com seu amante — encontra o marido e a filha. Já esbocei esta cena *supra* — e neste ponto refiro-me a ela. A cena deve constituir o *início* de X — pois a breve cena da *fréquentation* de sir Claude à casa de Beale deve vir *depois* dela — baseando-se nela. Beale nunca está em casa — sempre correndo atrás de sua amante; e este X deve conter uma passagem com ele e Maisie. Mas qual o clímax de X? O do capítulo — esta cena da filha com o pai? Ou será que isso deve vir *DEPOIS* da cena que faz *pendant* com a precedente — a cena em que Maisie sai com a sra. Beale e encontra Beale com uma senhora estranha, tal como, saindo com sir Claude, ela *encontrou* Ida com um cavalheiro estranho? Acho que *tem* de vir depois de XI (sinopse), deve consistir neste segundo episódio e na passagem da criança com o pai. Esta última, creio eu, pode ser *excelente* na sua representação da brutalidade do cinismo e da vileza de Beale. Ela prepara o “sumiço” e é o clímax do pequeno capítulo. Agora preciso *deixar* Maisie na casa dele — não posso levá-la de novo para a casa da mãe. Contudo voltamos a *ver* Ida? — depois da cena do encontro? *Creio* que sim — creio que podemos tirar um efeito disso. Sim, Maisie tem sua cena com o pai — tem sua cena com a mãe. Então, se aquela, vindo após o *segundo* encontro, constitui o clímax de XI, esta tem de ser o *início* de XII. Imagino Ida indo — isso mesmo, isso mesmo, de modo aberto e descarado, indo ver a criança *na casa* de Beale para dizer-lhe que — bem, ela está cansada da brigar — ela entrega a menina ao pai. Ela está estranha — chora, mente, abraça a filha tal como fazia outrora — e desaparece. Esta é a primeira metade de XII. A próxima coisa que Maisie “sabe” é que sua mãe “fugiu”. Sir Claude chega à casa do pai dela, onde ela está, para dar essa notícia à sra. Beale. Ele é um “homem livre”, porém recebe a notícia como uma trapaça suprema que ela pregou em Beale — a respeito da criança; tornando-se incapaz — por efeito de seu ato — de voltar a se importar com a filha. Sir Claude, com base nisso, pergunta a Maisie se ela agora quer morar — ficar com ele: ele cumprirá a vez da mãe em relação a ela. Ela certamente terá tido, como efeito da fuga da mãe, uma explosão de dor e vergonha — sua *única* MANIFESTAÇÃO de violência perceptiva: ela chora, ela explode. Sua *única* explosão. Isso *comove* sir Claude; faz com que aumente sua vontade de ficar com ela. Ele a *pressiona* — mas neste ponto a sra. Beale protesta. Não — *ela* é que vai ficar com a menina: ele irá visitá-la em sua casa. A coisa quase se transforma numa disputa entre eles. Tenho de deixar claro que a sra. Beale *realmente* está apegada à criança em parte pelo afeto antigo, o encantamento da criança (formular isso à criança — *para* o leitor, *através* da sra. Wix ou de sir Claude, este encantamento que gera tantas complicações e envoltimentos para os outros); e em parte porque a presença da menina é uma maneira de *atrair* sir Claude e estabelecer um vínculo *com* ele. No entanto, ele é a pessoa que, depois da sra. Wix, mais ama a menina, e ele consegue tirá-la da sra. Beale — por uma semana; consegue levá-la para a casa vazia, onde, abandonados por Ida, os dois ficam a andar de um lado para o outro, sem rumo, ternamente, juntos. Isto é, eu *acho* que ele a leva para a casa vazia para fixar, para *creuser*. *Voyons*,

voyons — arrangeons un peu cela. O que quero, creio eu, é que ocorra um pequeno intervalo antes da revelação de que Beale também fugiu com uma “amásia”. Se eu conseguir fazer isso — isto, é *tornar* isso realmente dramático, talvez se torne um pequeno triunfo. A sra. Beale tem de ir a algum lugar *para* encontrar-se com sir Claude e Maisie, para dar sua grande notícia a ele e dizer “Agora estamos livres!”. Meu clímax é que o que esta liberdade significa para eles é a liberdade de viver juntos — fazer agora o que quiserem — com a consciência um tanto perplexa e ligeiramente envergonhada de que agora, responsáveis pela criança, se ficarem com ela estarão envolvendo-a em sua *malpropreté*, sua ligação ilegítima. O constrangimento, a vergonha, a ironia, o *cynisme*, a comédia melancólica, ou lá como se queira qualificar a coisa. *Neste ponto* chega a pobre sra. Wix — indignada, ganhando poder, manifestando a eles o horror (para *ela*, ao menos) do que eles estão fazendo; o modo, em suma, como *elle leur dit leur fait*, com o desfecho de que é ela quem *leva* Maisie para sua casa e sua vida tão pobres e mesquinhas — é ela quem salva a menina, declarando que *ela* fará isso por ela. Esse é, claramente, meu clímax e *dénouement*; PORÉM o que pergunto a mim mesmo é se eu não poderia obter um certo efeito, mais ainda, se não *deveria* representar um pequeno aparecimento prévio da sra. Wix, *depois* da fuga de Ida e *antes* da de Beale — no intervalo que sou obrigado a fazer (Colocar isso no episódio da casa vazia?). Não é só porque esse intervalo — a espera pelo efeito da chegada da sra. Beale com a notícia *dela*, a notícia sobre o que aconteceu na casa *dela* — não é só porque este pequeno intervalo precisa ser preenchido; há também duas outras razões. Uma delas é que, dada a atitude já atribuída à sra. W. a respeito de sir Claude, quer-me parecer que ela não deve condená-lo, romper com ele *tout d’un coup*. A outra é que seria bom dar a ela uma oportunidade de dirigir um *apelo* a ele — bom do ponto de vista da formosura dramática e do páthos. Não haveria um páthos grotesco, em particular, na chegada dela ao saber (preciso decidir *como* ela fica sabendo — com relação à Ida *isso* é fácil de resolver de modo muito natural) da fuga de milady e ir lá correndo para dizer a ele que aproveite essa oportunidade de beleza e virtude (de comportamento) que tem à sua frente. Ela percebe de que modo o acontecido fatalmente o jogará nos braços da sra. Beale, e *elle se démène contra* isso. Ela o faz ver sua oportunidade — sua oportunidade de ir agora com Maisie e com *ela*. Eles ficarão juntos — formarão um *trio*. O pequeno detalhe estranho e tocante (dada sua paixão secreta por ele) de a sra. Wix se oferecer *a si própria* como um modo de ele fugir de sua tentação, a relação imprópria com a sra. Beale. Isso é ADMIRÁVEL. Ele resiste — ele ainda não compreende; e ela *tem* de ir embora, preparando, por assim dizer, sua volta, sua próxima entrada em cena. Vejo esta cena, creio eu, fora da cidade — em Brighton, num balneário *quelconque*. Vejo a sra. Wix chegando; — vejo a sra. Beale chegando; vejo a sra. W. chegando outra vez. Ela vai embora, levando consigo Maisie. A sra. Beale e sir Claude vão para o *estrangeiro*. Sim, ela volta com a criança para Londres. Eles ficam lá — largados — juntos: para embarcar juntos rumo ao continente. Não seria um bom efeito a cena se passar em *Folkestone*? É para *Folkestone* que sir Claude levou Maisie, e depois que a sra. Beale, após a “fuga” de Beale, vai para lá, *é lá*, um lugar muito bom, creio eu, que eles se veem diante do problema de ficarem com a criança numa relação adúltera. Pensei em fazer com que a sra. Wix chegasse lá no mesmo dia que a sra. Beale — na parte da tarde — mas creio que fortaleço o efeito fazendo com que ela chegue apenas três *ou* quatro dias depois. Parte dessa comediazinha feia consiste em os dois — o “casal culpado” — *examinando*, com um misto de entusiasmo e tristeza, a situação com que se deparam — e preciso dar um pouco de tempo para que isso — alguns dias — transcorra. Eles ficam a

zanzar com ela — pensando na França e no “estrangeiro” — nesse ínterim; e é esta situação *estabelecida* que a sra. Wix interrompe ao chegar. Susan Ash também está com a criança — Susan Ash acompanhou a menina e sir Claude quando este foi para Folkestone apossando-se de *Maisie* após a fuga de Ida. E Susan Ash *também* é uma desavergonhada, a quem a sra. Wix também *dit son fait* — direta ou indiretamente.

21 DE DEZEMBRO,
34 DE VERE GDNS., W.

Dou-me conta — e já não era sem tempo — de que o método *cênico* é minha salvação absoluta, imperativa, *única*. O *andamento da ação* é a coisa a que, mais e mais, eu me *apego*: é a única coisa que realmente, para *mim*, ao menos, há de *produire L'OUVRE*, e L'OUVRE é, por Deus, o que importa para mim. Bem, o esquema cênico é o único em que *eu* confio, com minhas tendências, para apegar-me ao andamento de uma ação. Lendo o esplêndido *John Gabriel* de Ibsen um ou dois dias atrás (em provas tipográficas), isso ficou, finalmente e para sempre, claro para mim! Agora preciso, tenho total consciência disto, recorrer de modo esplêndido a ele para conseguir sair desta selva, desta interminável pequena *Maisie*; da qual ainda me falta fazer *mais 10 000 palavras*. Elas podem se tornar magníficas em movimento se eu, de modo resoluto e triunfante, assumir esse caminho com elas, e *somente se eu o fizer*.

Prefácio à edição nova-iorquina, volume IX, 1908

Na primeira destas três narrativas^[1] vejo mais um exemplo do proverbial “grande carvalho” que cresce a partir de uma pequena bolota; pois *Pelos olhos de Maisie* é, no mínimo, uma árvore que se espalha muito além do que seu pequeno germe poderia ter antevisto de início. Fora-me relatada, por acaso, a situação de uma pobre criança, filha de pais divorciados, de que foi testemunha ocular meu informante, quando um de seus pais casou-se — já não me lembro qual; pois, tendo o padrasto ou madrasta manifestado pouco apreço pela criança, era apenas com dificuldade que os direitos de sua pequena existência, ora na companhia do pai, ora na da mãe, alternadamente, podiam afirmar-se. Se de início cada um dos pais, por vingança, fizera o possível para negar ao outro o contato com a criança, o que havia casado de novo agora tentava, pelo contrário, dela livrar-se — ou seja, deixá-la tanto quanto possível, além dos horários e prazos estipulados, nas mãos do adversário; atitude esta de que, naturalmente, o outro ressentia-se e vingava-se por meio de igual traição. A infeliz criança, portanto, viu-se como que renegada, voando de uma raquete a outra como se fora uma bola de tênis ou peteca. Essa imagem não poderia senão açodar-me a imaginação, como início de uma história — uma história que oferecia uma abundância de desenlaces possíveis. Lembro, porém, de ter pensado de imediato que, para manter a simetria adequada, o outro ex-cônjuge deveria também contrair segundas núpcias — o que, no caso que me fora relatado, parecia estar prestes a ocorrer de fato, e era, fosse como fosse, o que o ideal da situação exigia. Bastaria que o novo padrasto ou madrasta se ressentisse de suas obrigações com relação ao rebento de um odiado predecessor para que a infelicidade da pequena vítima se tornasse exemplar. Seria uma situação bem triste; no entanto, creio que não teria tido tanto interesse para mim se não me viesse à mente logo em seguida a ideia de que o desagradável dos fatos, quando relatados ou encarados dessa forma, de modo algum constituía todo o seu atrativo.

Assim, a luz da imaginação por eles provocada necessariamente emitiu um raio adicional, graças ao qual se tornou visível a curiosa constatação de que a nova situação conteria para a criança, tanto quanto a possibilidade de sofrimento e prejuízo, a de felicidade e lucro, pois a seu redor a vida se manifestaria em toda a sua complexidade, sutileza e riqueza — e que, de fato, bastaria que tal ocorresse para a criaturinha ver-se imersa na segurança e no conforto. Apenas esboçados por alto, tais elementos já emitiam aquela vaga luminosidade pictórica que desperta na consciência do pintor o interesse inicial por um “tema” vivo; porém esse clarão intensificava-se à medida que a análise aprofundava-se. A análise aprofundada é, de resto, quase sempre a tocha do êxtase e da vitória, quando a mão do artista a empunha e brande — refiro-me, é claro, ao êxtase sufocado e à vitória obscura, desfrutados e comemorados não nas ruas, e sim diante do mais íntimo dos santuários; e em quase qualquer situação há menos de

um por cento de possibilidade de que se chegue por meio de vias fáceis ao *melhor* resíduo de verdade. Era esse o encanto palpável da imagem que me apareceu de início, com traços ainda indistintos; e os elementos envolvidos não poderiam senão aflorar, trazendo consigo uma ironia mais profunda do que o mero óbvio. Jazia oculto na crueza do postulado como um odor quase imperceptível; quando mais concentrada a atenção, mais perceptível a fragrância. Acresce-se que, quanto mais eu arranhava e penetrava a superfície, mais potente, para as narinas do intelecto, tornava-se esta essência. Por fim, atingido o resíduo, como o designei, vi-me na presença da chispa viva e rubra que ardia no cerne de minha visão, a qual, quando nela assoprei de leve, passou a arder com mais vigor e clareza. Essa preciosa partícula era a verdade irônica *integral* — o detalhe mais interessante a ser detectado na situação da criança. Em outras palavras: para satisfazer o espírito, seria necessário resgatar aquela pequena consciência em formação, torná-la apresentável como registro de impressões; e resgatá-la pela vivência de certas vantagens, de algum lucro auferido e alguma confiança obtida, e não embrutecida, confundida, esterilizada, pela ignorância e pelo sofrimento. Essa vantagem, para a jovem criatura, consistiria no exercício de uma função que não a de desconcertar o egoísmo de seus pais — o que, à primeira vista, parecia ser a única coisa que lhe era reservada como forma de criticar sua separação. A relação primordial seria substituída por outra; em vez de apenas submeter-se aos laços inatos e à complicação imposta, e sofrer tais condições, nosso pequeno agente miraculoso criaria, sem premeditação, elementos novos dessa ordem — ou seja, contribuiria para a formação de vínculos novos, dos quais então (de um modo tal que, para qualquer observador externo, pareceria diabolicamente premeditado) auferiria lucros abundantes.

Em suma: a luz que permitiu que a visão fosse rapidamente apreendida em sua integridade era a das segundas núpcias de ambos os pais, bastando que o pai, liberado pelo divórcio, desposasse outra mulher, e que a mãe, igualmente livre, tomasse outro marido, para que a situação ao menos começasse a equilibrar-se com certa elegância. Uma lógica perfeita determinaria então o que haveria de seguir-se — mesmo que fosse atribuída uma certa sensibilidade (ainda que uma mera finura relativa) a um dos novos cônjuges. Por exemplo, se a causa primeira para que uma das partes — melhor ainda, ambas — tentasse esquivar-se de uma vez por todas de suas obrigações para com a filha fosse uma incapacidade inata para assumir *qualquer* ônus, uma intolerância estrutural: nesse caso, teríamos um motivo que não exigiria, porém dispensaria perfeitamente, qualquer excesso de perversidade da parte do padrasto ou da madrasta. E se a criança criasse, pelo simples fato de seu desamparo, uma relação entre padrasto e madrasta — quanto mais íntima, melhor, para os fins da trama; se a criança, pela simples atenção despertada por seu estado de abandono e a mera consciência do alívio, tecesse, com toda a boa-fé deste mundo, a trama densa da sofisticação; se a criança se tornasse centro e pretexto de um novo sistema de transgressão, sistema esse que, ademais, tenderia por sua própria natureza a espalhar-se e ramificar-se: *esta* a ironia “integral”, este o tema promissor em que haveria de desabrochar logicamente o germe da ideia original. Os temas mais humanos são os que nos revelam, em meio à confusão da vida, a íntima relação entre delícia e dor, entre o que nos ajuda e o que nos prejudica, sempre a balançar ante nossos olhos aquela medalha, dura e reluzente, de uma estranha liga metálica, que traz em uma das faces a fortuna de uma pessoa e, na face oposta, o infortúnio de outra. Assim, viver com toda intensidade, perplexidade e felicidade num pequeno mundo terrivelmente contraditório seria o papel de minha interessante criaturinha; unir pessoas que seria ao menos mais apropriado

deixar separadas; manter separadas pessoas que seria ao menos mais apropriado deixar unidas; prosperar, de certo modo, ao preço de muitas convenções, e mesmo de preceitos morais; no fundo, manter aceso a archote da virtude numa atmosfera que tudo faz para extingui-lo; em suma, no fundo tornando a confusão ainda pior ao introduzir uma leve fragrância de ideal em meio ao cheiro do egoísmo, ao semear em areias estéreis, pelo simples fato de sua presença, a semente de uma existência moral.

Tudo isso implicava — logo percebi — que minha leve nau de consciência, a balouçar-se em tal borrasca, não poderia ser, a preservar-se a verossimilhança, um rude menino, já que, além do fato de os meninos nunca estarem tão “presentes”, a sensibilidade do sexo feminino, em tenra idade, é indubitavelmente maior, e meu plano exigiria da personagem central uma sensibilidade infinita. Não seria extravagância de minha parte atribuí-la em quantidades tais a uma menininha cujas faculdades estivessem bastante abaladas; porém a clareza da narrativa dependeria de tal modo de sua atuação que eu seria obrigado a mostrá-la, acima de qualquer dúvida, como naturalmente intensa. Com esse fim, seria necessário, é claro, que fossem imputadas a minha heroína atributos promissores, porém mais do que tudo haveria que investi-la de uma percepção facilmente, e quase infinitamente, excitável. Com tais dotes, ainda que de modo a não afrontar de maneira excessiva as probabilidades, ela poderia servir à perfeição o meu propósito — que me parecia mais atraente quanto mais eu o examinava, e mais valioso quanto mais fascinantes se afiguravam suas dificuldades implícitas — de fazer com que a consciência limitada dessa protagonista constituísse a totalidade de meu campo, garantindo cuidadosamente, ao mesmo tempo, a integridade dos objetos representados. Assim sendo, o atrativo dessa possibilidade fez com que o projeto Maisie ganhasse forma e corpo — pois qualquer projeto ganha corpo, devo dizer, a partir do momento em que a lei da expressão integral se apossa de nós. Creio já ter observado em outra ocasião que, em toda a minha obra, não me lembro de nenhum tema o qual, em alguma etapa de sua elaboração, e sempre graças à associação ou ao acaso apropriado, não tenha se recusado de modo categórico a permanecer humilde, mesmo (ou talvez principalmente, por uma reação de ressentimento) quando foi escolhido por sua humildade consciente e inelutável. Ao ver-se livre, como um cão cuja índole não permite a domesticação, ele foge ao controle de qualquer assobio e vaga de um lado para o outro, e caça, e busca, e “vê” a vida; só é possível trazê-lo de volta à força, e dar-lhe uma surra vã. Pois uma ideia, vista à luz a que ora a exhibo, não poderia aceitar que lhe negassem seu valor devido — pois como poderia o valor de um plano tão fértil *não* ser elevado? O único registro a ser apresentado de toda a complexidade seria a confusa e obscura notação da criança; e no entanto o todo deveria estar contido ali, de modo inconfundível, e íntegro, visto através da débil inteligência, ou ao menos atestado pela presença imponderável, e mesmo assim anunciar seu sentido.

Lembro que minha primeira visão dessa interessante possibilidade voltou-se para o problema associado da restrição do quadro (sem prejuízo, como já disse, da integridade e da coerência) ao que seria concebível que a criança pudesse *compreender* — pudesse interpretar e avaliar. Reflexões e experimentos ulteriores revelaram-me que meu tema seria sufocado se o rigor fosse extremo. Mesmo na melhor das hipóteses, a visão infantil conteria grandes hiatos e vazios, de modo que, por mais sistemática que fosse a superfície, faltaria clareza ao sentido. Eu teria de incluir também o que minha testemunha intrigada *via*, concreta e inevitavelmente, boa parte do qual ela ou não compreenderia ou entenderia de modo equivocado — e desse modo, e apenas desse modo, minha tarefa poderia ser realizada a contento. Assim sendo,

lançei-me à tarefa de apresentar *tudo*, toda a situação ao redor da criança, porém apenas por meio das ocasiões e conexões de sua proximidade e sua atenção; apenas as coisas tal como poderiam aparecer diante dela e interessá-la, tocá-la e afetá-la, bem ou mal, contribuindo para sua percepção ou prejudicando-a, de modo que nós, testemunhas como ela, menos presentes porém mais críticos que ela, nos sentíssemos em posse da totalidade da situação. Um tal plano seria, antes de mais nada, de aplicação absolutamente definida e mensurável — o que, por si só, já constitui um fator de beleza; e, tendo reexaminado a obra realizada, constato que ela de fato está imbuída de tal graça controladora. Nada poderia ser mais bem realizado, creio eu, à luz de sua feliz intenção; e isso apesar de uma aparência que, por vezes, obscurece minha coerência. As crianças têm muitas percepções que não podem traduzir em palavras; sua visão é sempre muito mais rica, sua apreensão é constantemente mais forte do que seu vocabulário imediato ou não. Assim, ainda que de início me parecesse divertida a hipótese de limitar-me não só à experiência da criança como também a sua expressão verbal, logo tornou-se claro que essa tentativa estaria fadada ao fracasso. As palavras de Maisie desempenham seu devido papel — pois que suas conclusões simplificadas delas dependem; mas nosso comentário constantemente intervém e amplifica. É por isso, sem dúvida, que volta e meia tem-se a impressão de que de tal modo investigamos os “bastidores” do espetáculo da criança que exageramos a importância de sua relação com eles. A diferença aqui é não mais que uma nuance: o que determina todo nosso interesse é a relação com a criança, é sua atividade mental; só que aproveitamos essas coisas melhor do que o faz ela própria. Porém, muito embora seja o interesse da criança o que mais determina o nosso interesse na questão, não podemos senão registrá-lo numa notação que ela ainda não domina, e que não obstante se torna necessária sempre que os aspectos a respeito de si própria e de sua experiência que ela compreende se fundem com as áreas mais obscuras que, para sua aflição, estão fora de seu alcance. Tudo isso me proporcionava uma lógica elevada e firme a ser observada, investia-me de forças indispensáveis a quase todo aquele cuja tarefa é desenredar um emaranhado, puxar fios cujo valor intrínseco é palpável, por serem fortes, finos e íntegros.

Naturalmente, além desse atrativo havia outro, quase a sua altura — muito embora fosse quase independente da difícil, da infinita questão da construção e da expressão. Era a questão, bem diversa, da forma específica de verdade de resistência que eu poderia imputar a minha figura central — pois *alguma* intensidade, alguma continuidade de resistência faria naturalmente parte da essência do sujeito. Resistir com êxito (resistir, entenda-se, à tensão da observação e à agressão da experiência) — o que seria isso, em se tratando de pessoa tão jovem, senão permanecer nova e fresca, e revelar esse frescor até mesmo em suas comunicações? Assim, Maisie ofereceria a seus amigos o delicioso espetáculo dos objetos embalsamados em seu maravilhamento. Em outras palavras, seu maravilhamento vai até o fim — o fim de sua infância, propriamente falando; depois do quê (com a inevitável mudança, mais cedo ou mais tarde, sofrida por seu ponto de vista) sua situação mudará e se tornará coisa bem diversa, sujeita a outras mensurações, com um novo centro. A reação específica que a terá levado até esse ponto, e que foi particularmente interessante examinar nela, terá então se extinguido; haverá outra escala, outra perspectiva, outro horizonte. Nesse ínterim, nossa tarefa será extrair da sua reação atual tudo que nela houver de valor; e, para esse fim, nela reconhecemos o maior interesse. Em verdade, se o tema não tivesse outra beleza, bastaria esta, rara e distinta, de exprimir de tal modo a variedade dos valores da criança. Ela é não apenas o extraordinário “centro irônico” a que já me referi; tem também a importância maravilhosa de

emitir uma luz muito além do alcance de seu entendimento; de investir as pessoas e coisas mais pobres, pelo simples fato de estarem relacionadas com ela e em virtude da escala especial que ela lhes cria, um precioso elemento de dignidade. Sem dúvida, chego a perder-me ao considerar meu tema à luz do que Maisie faz, graças a seu “frescor”, com aparências que são, por si só, vulgares e vazias. À medida que Maisie lida com elas, elas se transformam em matéria de poesia, tragédia, arte; basta que ela volte seu maravilhamento, como o chamei, para essas aparências para que elas passem a ter significados, aspectos, solidez, relações — relações com o “universal!” — que nem sequer poderiam ambicionar. Ida Farange, ou Beale, por si só — ou seja, sem a relação com Maisie — que “objetividade” (o grau de ser mais desenvolvido que é concebível para eles) poderiam ter? De que modo poderiam recompensar o favor da atenção que lhes dedicamos?

Maisie torna-os importantes graças a sua boa-fé; acima de tudo, torna sua mãe, a meu ver — a menos que eu tenha fracassado de todo na tentativa de exprimi-lo —, concreta, imensa e terrível; de modo que apreendemos, para nosso ganho, e por meio de uma economia de processos intrinsecamente interessante, a criatura retratada de forma integral, o símbolo notável. Quer me parecer que em dois pontos, em particular, desfrutamos ao máximo esse efeito da magia das associações. A passagem em que se apresenta a relação de seu pai com a senhora insinuante, porém muito estranha e pouco atraente, que ele tem a detestável leviandade de ir visitar com Maisie tarde da noite, é um exemplo notável das maneiras quase incalculáveis como o interesse pode ser constituído. Os fatos em questão são: Beale Farange é ignóbil; a amiga a quem ele apresenta a filha é deplorável; e o contato entre as duas, enquanto tal, é coisa que preferiríamos não presenciar. No entanto, basta que a coisa se torne parte da perplexidade da criança para que essas pequenas esterilidades desapareçam e a *cena* se manifeste e predomine — vívida, especial, dura, com a dureza do inesquecível, a cena que é exatamente o que Beale e Ida e a sra. Cuddon, e até mesmo sir Claude e a sra. Beale, jamais teriam conseguido fazer com que suas presenças de importância quase injustificada se tornassem: algo *apreciável*. Vejo outro exemplo no episódio em que Maisie, caminhando no parque com sir Claude, encontra por acaso sua mãe com seu ludibriado acompanhante, o ansioso, o suplicante “capitão”, a cujos cuidados esta senhora confia a menina por vinte minutos enquanto se ocupa do segundo marido. Nessa passagem, a substância humana poderia parecer à primeira vista pobre demais para ser aproveitada, as três figuras “maduras” foscas demais, estúpidas demais (que estupidez, da parte de sir Claude, casar-se com Ida!), vaidosas demais, frágeis demais, para ter alguma aplicação prática; porém imediatamente a importância da criança, espalhando-se e agindo de modo contagioso, impõe um valor *total* bem diverso. Nada, sem dúvida, é mais familiar para o observador dos costumes e pintor da vida que a grotesca ênfase com que termos como “doloroso”, “desagradável” e “repulsivo” são com frequência aplicados aos resultados a que ele chega; a tal ponto, de fato, que o uso repetitivo e generalizado desses epítetos categóricos tem o efeito de reforçar o juízo que ele faz do senso crítico dos círculos onde tais termos proliferam com tamanha ingenuidade. É natural, pois, que, dada essa superstição, pontualmente me fosse observado que envolver uma criança em qualquer situação desagradável tornava-a ainda mais desagradável, e que nada poderia ser mais repulsivo do que atribuir a Maisie um “conhecimento” tão íntimo das imoralidades gritantes a seu redor.

A única coisa a dizer a respeito de tais observações é que, por mais que já “descontemos” de antemão, de uma vez por todas, sua radiância geral, ficamos desapontados quando, no

momento exato, elas não se manifestam — de tal modo nos trazem à mente elementos que até mesmo o mais sóbrio filósofo há que levar em conta. De fato, o pintor da vida tem uma tarefa e tanto a realizar quando parte considerável da vida se oferece com o disfarce de tal sapiência. O esforço de ver de verdade e representar de verdade não é coisa fácil, tendo-se em vista a força *constante* que tudo confunde. O mais notável, afinal, é que o estado de confusão é ele próprio uma das mais nítidas realidades, com cor, forma e caráter próprios, com uma comicidade larga e rica, muitos dos atributos e valores do apreciável. Assim, por exemplo, claro estava que aquilo que mais torna Maisie interessante, seu frescor intacto, em outras palavras aquela vivacidade de inteligência que a faz vibrar numa atmosfera corrupta, florescer em seu mundo imoral, poderia ser visto como uma coisa estéril e sem sentido, ou, na melhor das hipóteses, como algo insignificante. Para todo aquele que *de imediato* vê a vida, em si, como uma coisa interessante, as vibrações menores, mais finas, mais tímidas, mais ansiosas, tornadas finas e tímidas e ansiosas pela paixão que precede o conhecimento, nunca são insignificantes: o que é, sem dúvida, um dos muitos motivos pelos quais a passagem em que a criança e o cavalheiro bondoso, simpático e feio que, sentado com ela sob um árvore frondosa em Kensington Gardens, fala-lhe de sua mãe como jamais alguém o fez, e desse modo nela desperta sentimentos filiais e morais que jamais tinham sido nela despertados, é a que mais ressalta, pelo menos a meu ver, o aspecto sob o qual é mais forte o sujeito, e torna-se a passagem paradigmática — não sem o concurso, é certo, de outros atributos seus — para a manifestação de sua beleza. O maravilhamento, como o designei, ativo, contribuidor, perscrutador, no qual a identidade da criança é guardada e preservada, e que torna seu caso notável precisamente em função do peso com que o onera, empresta-lhe distinção, vitalidade e variedade, através do ônus imposto — que relativamente pouco faria por nós se não fosse monstruoso. Sem dúvida, seria uma pena que nos fosse negada essa justa reflexão.

[1]Na chamada “edição de Nova York” das obras de James, para a qual foi escrito este prefácio, *Pelos olhos de Maisie* [*What Maisie knew*] saiu no mesmo volume (o décimo primeiro) que o romance *In the cage* e o conto “The pupil”. (N. T.)

Comentários

SOCIEDADE

Uma das características da força de James é a cortesia prudente que ele demonstra em relação a seus leitores, não nos exigindo conhecimentos específicos, por exemplo, quanto à história social. Como todo bom escritor, ele consegue transmitir até mesmo para os não iniciados a natureza do mundo em que tem o prazer de nos guiar. Tome-se, por exemplo, a comédia social das boas maneiras à mesa:

[A] srta. Overmore, ao contrário de Moddle, jamais usava avental, e à mesa, quando levantava o garfo, dobrava o mindinho. A menina, que a observava em inúmeras ocasiões, fazia-o particularmente nestas. “A senhora é muito bonita”, dizia-lhe com frequência; nem mesmo a mamãe, que também era muito bonita, sabia segurar o garfo com tanta graça.

Isso é suficiente para destacar a afetação de refinamento, de maneira nada áspera e um pouco triste, e dispensa comentários — a nota que alguns editores incluem. Talvez essas poucas páginas minhas devessem intitular-se não “comentários”, e sim “comentários?”.

De modo mais amplo, nas primeiras páginas aparece uma realização específica de Ida Farange, pela qual ela paga um preço:

A única imperfeição na beleza de Ida era o comprimento excessivo dos braços, graças ao qual, talvez, ela derrotara o ex-marido tantas vezes na mesa de bilhar, jogo em que ela manifestava uma superioridade que era, em sua opinião, uma das causas do ressentimento manifestado por Beale através de atos de violência física. O bilhar era a maior realização de Ida e a primeira distinção mencionada sempre que seu nome vinha à baila.

James insinua um toque de surpresa com referência a uma questão de gênero (e de classe?). Na edição da Penguin Classics de 1985, Paul Theroux observa: “O bilhar está associado a clubes de cavalheiros, à masculinidade e à privacidade — a sala de bilhar, na mansão rural inglesa, é essencialmente um reduto masculino. Algumas mulheres, porém, já praticaram o esporte. Quando, em 1576, Maria Stuart foi aprisionada em Pontefract, ela ‘queixava-se de ser privada de sua mesa de bilhar’”. De modo complementar, nas notas à edição da Oxford World’s Classics (1996), Adrian Poole faz um apanhado da vida e da ficção oitocentistas, destacando que a “o bilhar nunca foi exclusivamente uma diversão masculina” e investigando a insinuação, que ocorre mais adiante no romance, de que talvez seja por dinheiro que Ida jogue uma ou outra partida ocasional. Tais notas são valiosas, e no entanto *Pelos olhos de Maisie* sempre dá um jeito de fazer com que, quando não sabemos uma coisa,

fiqemos desconfiados. James nos ajuda a perceber detalhes. O mesmo se aplica ao vício de fumar de sir Claude. Theroux fornece a observação intrigante de que “sir Claude talvez seja o primeiro personagem da literatura inglesa a fumar compulsivamente”. A breve história do cigarro da década de 1850 à de 1880 que ele então nos apresenta sem dúvida é interessante, porém a ausência dessa nota não impediria que o leitor percebesse a compulsão do personagem (“sir Claude fumava o tempo todo”).

Podemos traçar um paralelo entre as insinuações imaginativas de James e suas insinuações anotativas, levando em conta esta observação extraída de uma resenha favorável de *Pelos olhos de Maisie*: “A maioria de seus leitores obtusos hão de julgar o sr. James reticente: ele não o é. Há pingos em todos os *ii*; só que os pingos são muito pequenos: por exemplo, numa passagem uma senhora demonstra ‘deficiência quanto à atmosfera de lua de mel’, e noutra um cavalheiro esquece sua bengala” (*Saturday Review*, 20 de novembro de 1897). Boa parte da perícia inesquecível de James reside no fato de que ele não insiste na necessidade de se saber muita coisa para se poder ler *Pelos olhos de Maisie*. Muitas vezes o autor atua como seu próprio anotador, e esclarece (por exemplo) aquelas distinções de classe que têm como veículo os veículos. “A berlinda já era um sinal de harmonia, das delícias que seu pai desta vez lhe ofereceria: antes ele costumava vir buscá-la num cabriolé, seguido de um coche de quatro rodas para as bagagens”. A ordem hierárquica está bem clara, mesmo que o leitor não saiba muito bem que uma berlinda [*brougham*] é “uma carruagem fechada puxada por um único cavalo, com duas ou quatro rodas, para duas ou quatro pessoas” (*Oxford English dictionary*); que o cabriolé [*hansom*] é uma “carruagem baixa de duas rodas para duas pessoas, em que o cocheiro se instala numa boleia ou num banco elevado atrás, e as rédeas passam por cima da carroceria”; e que “coche de quatro rodas” [*four-wheeler*] refere-se em particular a veículos de aluguel. Já a “senhora de idade que passou numa vitória” [*victoria*] utiliza um coche de quatro rodas de classe superior, “uma carruagem de quatro rodas leve e baixa com cobertura dobrável, com bancos (normalmente) para duas pessoas e uma boleia à frente para o cocheiro” (*Oxford English dictionary*).

O termo *hansom* é derivado do nome de um arquiteto; *brougham*, de um lorde; *victoria*, da rainha.

É a palavra *carriage* [“carruagem”] que atravessa toda uma classe de veículos, chegando ao dinheiro que põe tudo isso em movimento. “À pobre Ida, que já dera cabo de tudo que possuía, só restavam a carruagem e o tio paraplético” [*]. (Com um leve trocadilho referindo-se ao porte impressionante da personagem, que em breve se tornará uma *lady*.) Contemplando o Hyde Park, James já havia comentado em “The suburbs of London”, um ensaio escrito em 1877:

Se os espectadores dão testemunho do lazer dos ingleses, as carruagens o dão em particular das rendas dos ingleses. O custeio de uma carruagem e uma parelha em Londres chega, creio eu, a cerca de quinhentas libras por ano; o número de pessoas que se locomovem nestes veículos desafia qualquer poder de cálculo do forasteiro contemplativo. (*Collected travel writings: great Britain and America*, p. 279)

Não se trata apenas de um personagem: todos os personagens do livro dão cabo de tudo que possuem, e sempre se veem às voltas com a “questão financeira”. Quando Maisie se decepciona com relação à moeda que sua mãe realmente parecia estar prestes a lhe dar,

ouvimos um som que reaparece com variações ao longo deste romance implacavelmente terra a terra: “o estalido seco que assinalava o fechamento da carteira”. O termo francês [no original, *portemonnaie*], que denota “uma bolsa chata de couro” (*Oxford English dictionary*), não é grifado por James, pois já havia sido adotado pela língua inglesa cinquenta anos antes. O próprio romance, porém, é uma espécie de carteira, e o dinheiro é o que move a narrativa do início ao fim. O início, uma vez que o ponto nevrálgico de todo o divórcio é a decisão judicial segundo a qual “ele deveria reembolsar à ex-esposa as duas mil e seiscentas libras por ela entregues, cerca de três anos antes”. O fim, porque o último capítulo inclui este diálogo entre sir Claude e sua amante:

“Ela tem meios.”

“Meios? Maisie?”, gritou a sra. Beale. “Meios que o ladrão do seu pai roubou!”

“Vou consegui-los de volta — vou conseguir. Vou examinar esse assunto.”

Com relação ao dinheiro que circulava no final do período vitoriano, faz-se necessário identificar algumas das moedas (sem entrar aqui no cálculo do valor equivalente hoje). O *xelim* valia doze *pence*, e vinte xelins davam uma libra esterlina. “Não havia ‘um tostão’ para nada” [“*two-and-tuppence*”, no original]: a quantia, pífia para os ricos, de dois xelins e dois *pence*. A *meia-coroa* valia dois xelins e seis *pence*; quatro coroas equivaliam a uma libra. O *soberano* era uma moeda de ouro com o valor de uma libra.

Há que considerar também o lado monetário de outros aspectos do admirável mundo novo vitoriano. Em matéria de educação, “era possível fazer muita coisa por pouco mais que o preço da passagem do metrô”. O metrô foi inaugurado em 1863, e Poole nos brinda com uma nota deliciosa sobre a relação de James com esse meio de transporte. De Paris vem um belo presente dado por sir Claude, “um esplêndido aparelho para pintar aquarelas”, quase tão exótico a seu modo quanto a magia da lanterna mágica, mencionada no primeiro parágrafo do capítulo 1. O que Tennyson em “Locksley Hall” (1842) havia denominado — cheio de respeito sincero — “os contos de fada da ciência” aqui são românticos tanto sob o aspecto oriental quanto sob o ocidental. Referindo-se ao fascínio de Maisie quando ela chega à casa da condessa, Theroux observa: “Ao que parece, a condessa tem luz elétrica, sinal de riqueza numa época em que a eletricidade custava oito *pence* por unidade (o preço de duzentos gramas de manteiga da melhor qualidade)”. De fato, a luz surge diante de nossos olhos, embora sua aparência súbita seja anunciada por uma velha fórmula romântica, uma versão profana de “faça-se a luz”:

Quando seu pai ajudou-a a saltar do fiacre, que se afastou, e ela ouviu na porta da casa o estalido eficiente da chave, as *Mil e uma noites* a envolveram por completo.

A partir daí, houve um toque de maravilhoso em tudo, principalmente no “abre-te sésamo” instantâneo e na partida do fiacre, um vazio ruidoso, cheio da ausência dos pais postiços; na brancura vívida, quase ofuscante, da luz que surgiu quando seu pai tocou num pequeno botão de bronze na parede, num lugar que, do alto de uma pequena escada, pareceu-lhe o mais belo que jamais vira em sua vida.

Em vez do som que ouvimos antes, “o estalido seco que assinalava o fechamento da carteira”, temos agora um estalido igualmente associado ao dinheiro, só que não fecha, e sim abre, uma porta para um mundo de riqueza que transcende os sonhos dos mais avaros, “o estalido eficiente da chave”. Nesse ínterim, as narrativas lendárias das *Mil e uma noites* se encaixam dentro de uma noite inglesa.

TOPOGRAFIA

As notas de Paul Theroux e Adrian Poole fazem bom uso do guia de maior sucesso da época: o Baedeker. Poole utiliza a décima edição (1896), *Baedeker's London and its environs*, e então — quando a ação passa da Inglaterra para a França — de *Baedeker's Northern France: handbook for travellers* (segunda edição, 1894). Assim, quando James menciona a hora em que sir Claude e Maisie se veem “nos caminhos do parque” [*“on the Row and by the Drive”*, no original], Poole consulta seu Baedeker: “No Drive veem-se filas ininterruptas de carruagens elegantes e cavalos de raça com belos arreios, indo sem parar de um lado para o outro, destacando-se as coches luxuosas com lacaios empoados, ocupadas por algumas das mulheres mais belas e mais bem-vestidas do mundo. No Row encontram-se numerosos cavaleiros e amazonas, que exibem seus corcéis fogosos e reluzentes para a multidão de admiradores, sentados ou a caminhar”.

Sem dúvida, o comentário é bem-vindo. Mais uma vez, porém, eu diria que, embora o Baedeker confirme a essência do Drive e do Row, a evocação do guia por si só não é essencial para um leitor do romance. Ainda que não o soubéssemos, seria possível imaginá-lo ou senti-lo. Pois James já coloriu a cena para nós com sua frase inicial: “O parque de Maisie, mais para o norte, era bem mais perto, porém seguiram rumo ao oeste num cabriolé porque, em finais de tarde de dias bonitos de junho, era para lá que iam todas as pessoas que valia a pena ver”. Mais uma vez, se o leitor não sabe muito bem o que é “a Serpentine”, o sentido fica perfeitamente claro quando nos é dito que sir Claude e Maisie iam “para as margens da Serpentine”. Também Kensington Gardens se descortina para o leitor que não esteja familiarizado com o cenário: “depois que saíram do parque e começaram, sob o encantamento do lugar e da estação, a passear em Kensington Gardens”.

São esses os grandes parques de Londres, entre eles o Hyde Park e o Regent's Park. São essas as ruas poderosas, entre elas a Oxford Street, com suas belas lojas. Mas a frase em que aparece Oxford Street encontra lugar para suas lojas: “contemplações de vitrines” — e se “Kensal Green” pode causar estranheza por um momento, é apenas por um momento: “Era a mesma sensação de segurança que lhe inspirava Clara Matilda, a qual estava no céu e, no entanto — coisa constrangedora —, também estava em Kensal Green, onde elas duas foram ver sua pequena e tímida sepultura”. Mesmo para o leitor que não saiba muito bem o que é a National Gallery, o nome por si só já é suficientemente informativo, ainda mais porque a frase em que aparece menciona “uma sala cheia de quadros”, concentrando-se então em “manchas douradas e cataratas purpúreas, com santos rígidos e anjos angulosos”. O leitor não sabe o que é o Crisântemo? Mas é claro que sabe. “Ele foi ao clube — o Crisântemo. Está vendo?” “A noite toda? Você não sabe que as flores fecham de noite?”, exclamou Susan Ash”.

Há um registro nos *Notebooks* de Geoffrey Madan (organização de J. A. Gere e John Sparrow, 1981) que nos lembra o interesse de James pela questão da linguagem — manifestada em “The question of our speech”, conferência proferida por James em 1905 — inclusive pelas diferenças nacionais que a fala revela:

Estrangeiros:

1. Italiano que permaneceu em silêncio porque estava frio demais para tirar as mãos dos bolsos.
2. Dois espanhóis que interrompiam de vez em quando a caminhada, porque tinham necessidade de todo o corpo para conversar.

James, que não é espanhol, não sente necessidade de parar para se dirigir ao leitor (ou melhor, conversar com ele), porém continua andando, transmitindo o que é necessário — o realmente imprescindível, e não o suplemento apenas agradável — de modo que tudo flui, com muita graça, na companhia do sentimento e da observação. Até um termo de gíria como *thingumbob* [“negócio”, “troço”] torna-se gracioso.

“Hoje à noite vamos ver aquele negócio lá em Earl’s Court”, um pronunciamento cuja importância se revelou quando ela explicou estar se referindo à grande exposição que acabava de ser aberta no bairro em questão, uma coleção de coisas estrangeiras extraordinárias expostas em jardins magníficos, com luzes, bandas, elefantes, montanhas-russas e outras atrações, bem como uma grande multidão em meio à qual elas talvez encontrassem uma pessoa conhecida.

Por vezes um lugar é tão conhecido — por exemplo, Piccadilly — que James pode contar com a apreensão do ritmo por parte do leitor. No prólogo do romance, somos informados de que Beale Farnage outrora tivera ambições diplomáticas: “Na juventude, fora encaminhado para a diplomacia e estivera temporariamente vinculado, sem salário, a uma missão diplomática, circunstância esta que lhe permitia dizer com frequência: ‘No tempo em que eu estive no Oriente...’. Porém a história contemporânea, ao que parecia, não precisara de seus préstimos, passara por ele célere e deixara-o perpetuamente em Piccadilly”. A expressão [“*in perpetual Piccadilly*” no original] evoca *perpetual damnation* [“danação perpétua”]. Com uma manobra esperta, mais adiante, o autor evoca uma atmosfera bem diferente, quando sir Claude faz um passeio encantador com Maisie e a sra. Wix: “Quando as encontrava a pegar sol em Piccadilly, alegrava-se, virava-se e caminhava com elas, heroicamente reprimindo sua consciência das distâncias sociais”. Como companhia, sir Claude é tão diferente de Beale Farnage quanto *in sunny Piccadilly* [literalmente, “no ensolarado Piccadilly”] o é de *in perpetual Piccadilly*.

Um caso em que uma nota é estritamente necessária (e não apenas um acréscimo feliz) talvez seja o momento em que Maisie entende erradamente um nome. A sra. Beale, sua madrasta e ex-governanta, está tentando promover a instrução de Maisie, “pois o sonho de assistir a palestras em instituições havia por fim se concretizado”.

A instituição — havia uma magnífica num bairro que a menina pouco conhecia — tornou-se, neste contexto, um lugar emocionante, e a caminhada da estação até lá, pela Glower Street (um logradouro que fizera a sra. Beale rir de sua amiguinha uma vez que ela errou na pronúncia do nome), era pontuada por discussões sobre as mais diversas “matérias”.

James brinca com o leitor, propondo-lhe um pequeno enigma, tal como a sra. Beale brinca com Maisie. Mas não é difícil adivinhar que o nome correto é Gower Street.

Seja como for, a contextualização proporciona muitos prazeres. A precisão de Baedeker se soma à precisão dos escritos de viagem do próprio James. Em *English hours* (1905) encontramos dois ensaios abrangentes sobre a capital, “London” (1878) e “London at midsummer” (1877), e há também três outros que o autor não incluiu em nenhuma coletânea: “London sights” (1875), “The suburbs of London” (1877) e “London in the dead season” (1878). O tom desses ensaios é mais suave do que o de *Pelos olhos de Maisie*, por motivos perfeitamente compreensíveis, levando-se em conta o que ocorre no romance, porém os ensaios nos fornecem informações complementares sobre o mundo londrino. Basta que um jovem “atravesse Hyde Park Corner para que se veja novamente diante de um caminho todo gramado. Tenho uma fraqueza pela expansão conveniente, familiar, nua de árvores, ou quase isso, do Green Park, e o papel simpático que ele desempenha como uma espécie de estímulo à Piccadilly. Gosto tanto de Piccadilly que me sinto grato com relação a todo aquele ou qualquer coisa que lhe preste ajuda [...]” (*English hours* (1905), *Collected travel writings: great Britain and America*, p. 29). E temos também essas divagações jamesianas, que superam o próprio Baedeker:

Todos em Londres, é o que se diz, vão ao Hyde Park nas tardes belas; é de se esperar, portanto, que o espetáculo seja impressionante.

Diante do espectador temos o Drive, apinhado de fileiras de carruagens; atrás, o Row, com sua paisagem nebulosa de terra avermelhada, e cavalos a trotar ou galopar; entre os dois, uma ampla alameda em que os outros observadores se reúnem em cadeiras densamente amontoadas ou perambulam por entre elas, dirigindo-lhes olhares melancólicos.

Há que dizer que Kensington Gardens contém algumas das mais belas paisagens rurais da Inglaterra. Se não formasse um imenso parque urbano, constituiria o admirável parque de um nobre. Passar uma hora sentado ao pé de um dos grandes olmos e ficar a vê-los destacando-se da grama ao seu redor em paisagens que, como a visão não alcança seus limites, podem se estender até onde o desejarmos, é um dos métodos mais acessíveis, bem como um dos mais agradáveis, de passar uma tarde de junho. (“The suburbs of London”, *Collected travel writings: great Britain and America*, pp. 277-8)

Como romancista, James domina um dos métodos mais acessíveis, bem como um dos mais agradáveis, de passar nossas horas.

Pelos olhos de Maisie muitas vezes dirige um olhar melancólico, por vezes desconfiado, ao “globo inexplorado”. A srta. Overmore, que em breve se transformará em sra. Beale, é altamente “qualificada” como governanta, pois “sabia dizer um monte de datas (enquanto a menina segurava o livro para conferir), sabia onde ficava Malabar, sabia tocar seis peças sem

olhar a partitura e, quando fazia um desenho, sabia como ninguém esboçar as árvores, as casas e todos os detalhes difíceis”. Malabar representa o estrangeiro. O leitor fica tão ignorante quanto Maisie a respeito de sua localização exata.

Existe um mundo lá fora. “Estou pensando em ir para a África do Sul, mas isso não é da sua conta”, o pai de Maisie diz a ela. “A África do Sul é uma maravilha, pelo que dizem” — uma maravilha, bem entendido, para os negócios, ou melhor, para as negociatas. A condessa, por quem Maisie sente repulsa (e no entanto o livro manifesta piedade pela condessa, ainda que não se apiede dela) — a condessa tenta fazer com que Maisie goste dela. “‘Você não gostaria’, perguntou a condessa, sedutora, ‘que eu a levasse a Spa?’”. Uma utilização engenhosa da interrupção da fala da personagem — pois a sequência permite a interposição de um pedido momentâneo: “Você não devia gostar de mim?” (ver a obra excelente de Mark Lambert, *Dickens and the suspended quotation*, 1981). Embora eu creia que James com sua arte nos diz o que mais precisamos saber, sinto-me grato pela nota de Theroux e Poole, segundo a qual o substantivo comum “*spa*” deriva da localidade de Spa (na Bélgica, perto de Liège).

Mas é a França que atrai os contendores do romance. Boulogne (porto, balneário, cidade comercial no norte da França) abrigava na época — a informação é fornecida por Poole — aproximadamente mil moradores ingleses na sua população total de 46 mil habitantes. Num ensaio de viagem intitulado “Occasional Paris” (*Collected travel writings: the Continent*, p. 276), James diverte-se apreciando os homens, os homens e as mulheres de Boulogne, vistos do “belo cais de Boulogne, em meio a soldados e *douaniers* em azul e vermelho, os homenzinhos feios com batas azul-celeste, as encantadoras peixeiras, com seus lenços dobrados na cabeça e chapéus com babados, saias curtas listradas, meias compridas justas e tamancos que estalam quando andam —” (calma, meu amigo, digo eu). Já sir Claude contentou-se com a visão de uma única peixeira, esquecendo-se da presença de Maisie, acompanhando “com uma espécie de olhar desligado — isto é, desligado dos problemas *dela* —, os passos ágeis e membros reluzentes de uma jovem peixeira que acabava de sair de dentro d’água com uma cesta cheia de camarões. Seus pensamentos voltaram-se para a menina antes de seu olhar”. “Dela” refere-se a Maisie, que só reaparece no final da passagem, pois no meio entra em cena uma outra figura feminina, a da cesta cheia de camarões. Cinco linhas abaixo, os pensamentos de James mais uma vez se voltam para os pensamentos de sir Claude: “Finalmente, sir Claude parou de olhar para a peixeira — e considerou a pergunta de sua amiga. ‘Ah, você sabe!’”.

EM FRANCÊS

As expressões em francês espalhadas pelo romance não vão muito além dos rudimentos do idioma (o qual, porém, é muito bem utilizado); talvez valha a pena apresentar aqui algumas traduções simples das expressões, seguindo a ordem em que aparecem nos últimos capítulos do livro:

CAPÍTULO 20

table d’hôte, mesa comum dos hóspedes num hotel ou restaurante

éclairage, iluminação

CAPÍTULO 22

plage, praia

petits verres, taças de licor (literalmente “copinhos”)

déjeuner, almoço

CAPÍTULO 24

salon de lecture, salão de leitura

CAPÍTULO 25

haute ville, cidade alta

“*Adieu, mesdames!*”, “Adeus, senhoras!”

CAPÍTULO 28

omelette aux rognons, omelete de rins

poulet sauté, frango sauté

Établissement [“*des Bains*”], complexo de atrações turísticas, incluindo banhos, em Boulogne

CAPÍTULO 29

“*Et bien soigné, n’est-ce-pas?*”, “E bem caprichado, está bem?”

“*Soyez tranquille*”, “Não se preocupe”

patronne, gerente, proprietária

“*Et pour madame?*”, “E para a senhora?”

“*Rien encore?*”, “Nada, ainda?”

CAPÍTULO 30

café au lait, café com leite

“*Les tartines sont là*”, “Eis o pão com manteiga”

“*vous n’y êtes pas*”, “você não entendeu”

CAPÍTULO 31

coupé, carruagem

“*Monsieur est placé?*”, “O senhor já tem lugar?”

“*Pas encore*”, “Ainda não”

“*Et vos billets? — vous n’avez que le temps*”, “E suas passagens? — está em cima da hora”

“*Veux-tu bien qu’il, en prenne?*”, “Você quer mesmo que ele as compre?”

“*Monsieur veut-il que, je les prenne?*”, “O senhor quer mesmo que eu as compre?”

Nesta cena crucial do último capítulo, em que sir Claude e Maisie quase fogem juntos, o francês desempenha seu papel. “*Monsieur est placé?*” A pergunta discretamente evita

qualquer referência a mais de uma pessoa, e só então aparece a forma plural *billets*. Além disso, a forma *Vous n'avez* usada pelo funcionário contrasta com o tratamento mais íntimo usado por sir Claude para dirigir-se a Maisie: *Veux-tu*.

Era a coisa mais extraordinária do mundo: na intensidade de sua excitação, Maisie não apenas entendeu, numa iluminação súbita, tudo que os dois diziam em francês como também falou com perfeição. Virou-se para o carregador: “*Prenny, prenny. Oh prenny!*”.

“*Ah, si mademoiselle le veut...!*”, “Ah, se a senhorita o deseja!”

Não era necessário que Maisie soubesse francês: ela simplesmente *sabia*. Por efeito de uma iluminação, a menina compreendeu tudo que foi dito em francês. Por efeito de uma iluminação, os leitores de James compreendem tudo que ele diz em inglês.

“*En voiture, en voiture!*”, “Todos a bordo!”

“*Ah, vous n'avez plus le temps!*”, “Ah, vocês não têm mais tempo!”

Não há mais tempo. O romance está prestes a partir. Um dez páginas depois, Maisie e a sra. Wix vão embora, a bordo do navio.

[*] *Carriage* também significa “porte”, “postura”. (N. T.)

Notas

1. “Henry James” (1918), *Literary essays of Ezra Pound*, org. de T. S. Eliot (Londres: Faber and Faber, 1954), p. 297.
2. Ver *The complete notebooks*, org. de Leon Edel e Lyall H. Powers (Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1987). Sobre a relação entre as anotações dos cadernos e *Maisie*, ver “Henry James comenta *Pelos olhos de Maisie*” (pp. 375-90).
3. Ver Philip Horne, “Henry James and the economy of the short story”, *Modernist writers and the marketplace*, org. de Ian Willison, Warwick Gould e Warren Chernaik (Londres: Macmillan, 1996).
4. *Literary criticism: essays on literature, American writers, English writers*, org. de Leon Edel e Mark Wilson (Nova York: Library of America, 1984), p. 637.
5. Ver “Cinco resenhas (1897) de *Pelos olhos de Maisie*” e “Henry James comenta *Pelos olhos de Maisie*” (pp. 365-72 e 373-88).
6. James escreveu sobre Louisa M. Alcott, *Eight cousins*: “O tom satírico mordaz é o menos indicado quando se trata de descrever para crianças as pessoas mais velhas e mais dignas de respeito [*their elders and betters*] e os mistérios sociais que as cercam. A srta. Alcott parece ter um entendimento particular com as crianças retratadas em seus livros, às custas dos pastores e professores [*their pastors and masters*]” (*Nation*, 14 de outubro de 1875; *Literary criticism: essays on literature, American writers, English writers*, pp. 195-6). Mas um dos tons adotados em *Pelos olhos de Maisie* (um romance sobre os mistérios sociais que cercam as crianças) é o satírico mordaz. Os pares de rimas de James ressoaram em meus ouvidos: *elders and betters, pastors and masters?* Uma mestra do tom satírico, mais próximo de James do que de Alcott, é a autora de *Elders and betters* (1944) e *Pastors and masters* (1925), Ivy Compton-Burnett.
7. *Nation* (1o de fevereiro de 1866); *Literary criticism: essays on literature, American writers, English writers*, pp. 831-2.
8. “The art of fiction”, *Longman’s Magazine* (setembro de 1884); *Literary criticism: essays on literature, American writers, English writers*, p. 61.
9. *Literary World* (11 de dezembro de 1897).
10. *The Spectator* (30 de outubro de 1897).
11. *Literary World* (11 de dezembro de 1897).
12. *The Academy* (16 de outubro de 1897).
13. Com relação às *Mil e uma noites* e à abordagem muito diferente de James, ver “Comentários”, p. 399-412. E quanto à sua abordagem muito diferente do tema do balanço, ver Capítulo 30, em que o balanço quebra “quando a cozinheira teve a extravagante ideia de impor-lhe seu peso”. Pelo menos o peso e a ideia extravagante não foram de Deus.

14. “In memory of Henry James”, *The Egoist* (janeiro de 1918), reimpresso em *Little Review*, vol. 5, n. 4 (agosto de 1918), p. 46.
15. *Aphorisms*, trad. de R. J. Hollingdale (Londres: Penguin, 1990), p. 113.
16. Thomas Carlyle, *Sartor resartus* (1833-4), livro 2, cap. 7.
17. James tinha um bom ouvido para efeitos sonoros, como se percebe em “*Beale’s was a house in which no decent woman would consent to be seen*” [“a casa de Beale era um lugar onde nenhuma mulher decente podia ser vista”] (p. 50), em “*the dingy decencies, of Maisie’s simple instructress*” [“a moralidade surrada daquela governanta simplória”] (p. 97) e em “*Have I lost all delicacy, all decency*” [“Será que perdi toda minha delicadeza, decência”] (p. 282). O desânimo estilizado também se ouve nas aliteraões de “*‘They’re a pretty pair of parents!’ Mrs. Beale exclaimed*” [“‘Que belo par de pais!’, exclamou a sra. Beale”] (p. 85).
18. Carta à sra. John Chandler Bancroft, 21 de março de 1898; ver *Henry James: a life in letters*, org. de Philip Horne (Londres: Penguin, 1999), pp. 299-300.
19. “The lesson of Balzac”, *Atlantic Monthly* (agosto de 1905); *Literary criticism: French writers; other European writers; the prefaces to the New York Edition*, p. 139.
20. *Saturday Review* (19 de dezembro de 1857).

Copyright da introdução e dos comentários
© 2010 by Christopher Ricks
Copyright da cronologia © 2007 by Philip Horne

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

What Maisie Knew

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro e Cláudia Warrak

PREPARAÇÃO

Ciça Caropreso

REVISÃO

Huendel Viana

Daniela Medeiros

ISBN: 978-85-63397-58-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br